



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS – CECH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

JOSÉ LUÍS MAGAÇO MUCHANGA.

“SUBURBANAS, IRREVERENTES E *MANA-MOÇAS*”:

- Uma Pesquisa Sociológica sobre a Prostituição Feminina de Rua em um Bairro da Elite Moçambicana, na Cidade de Maputo.

São Carlos

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS – CECH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

JOSÉ LUÍS MAGAÇO MUCHANGA.

“SUBURBANAS, IRREVERENTES E *MANA-MOÇAS*”:

- Uma Pesquisa Sociológica sobre a Prostituição Feminina de Rua em um Bairro da Elite Moçambicana, na Cidade de Maputo.

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientador: *Prof. Doutor* Jorge Leite Júnior

São Carlos

2022

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar,

Processamento Técnico com os dados fornecido pelo autor

MUCHANGA, José Luís Magaço

“SUBURBANAS, IRREVERENTES E *MANA-MOÇAS*”:

- uma Pesquisa Sociológica sobre a Prostituição Feminina de Rua em um Bairro da Elite Moçambicana, na Cidade de Maputo. – São Carlos: UFSCar, 2022. 244, p.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, 2022.

1. Prostituição, 2. Moradoras e Moradores, 3. Sommerschild, 4. Estigma.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do candidato José Luis Magaço Muchanga, realizada em 10/02/2022.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Jorge Leite Junior (UFSCar)

Profa. Dra. Adriana Gracia Piscitelli (UNICAMP)

Profa. Dra. Natânia Pinheiro de Oliveira Lopes (UFF)

Profa. Dra. Jacqueline Sinhoretto (UFSCar)

Prof. Dr. Valter Roberto Silverio (UFSCar)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.
O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Dedicatória

Dedico a minha Tese a todo o moçambicano e moçambicana residente de Nangade, Muidumbe, Kissanga, Macomia, Palma, Afungi e Mocímboa da Praia, hoje desabrigado/as e vítimas inocentes das profundas desigualdades sociais, e da complexa e muito difícil “trajectória (...) abraçada pela história recente de meu país¹”!

¹ U.S. *apud* B.L.N.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador da Tese, o Prof. Doutor Jorge Leite Júnior, que com sua paciência, humildade e seriedade infinitas ajudou-me a tornar este trabalho possível. Palavras não são suficientes para descrever a minha enorme gratidão por si, Professor!

Também agradeço a Prof^ª. Doutora Jacqueline Sinhoretto e Prof^ª. Doutora Natânia Lopes, pelas importantes observações feitas durante o Exame de Qualificação da Tese, pois, ajudaram-me a ampliar o horizonte de reflexões em torno desta pesquisa.

Quero estender o meu especial agradecimento a todos os Professores, Professoras, funcionários e funcionárias do Departamento de Sociologia da UFSCar, pela rica e harmoniosa convivência que mantivemos na UFSCar durante todo o período da minha formação acadêmica. Sou eternamente grato ao Prof. Doutor Valter Silvério, Prof. Doutor Gabriel Feltran, Prof. Doutor Jacob Lima, Prof^ª. Doutora Fabiana Luci de Oliveira, Prof^ª. Doutora Samira Marzochi, Prof. Doutor Fábio José Bechara Sanchez, e à Silmara Dionízio (por ajudar-me na administração dos processos burocráticos junto ao PPGS-UFSCar), pessoas de sem cujo contributo eu teria feito muito menos da minha vida pessoal e acadêmica no Brasil.

Um *obrigado caloroso* a todos e todas as colegas do meu grupo de pesquisa na UFSCar, (sobre Gênero, Sexualidade, Entretenimento e Corpo). Foram muitos anos de trabalho, partilha, desafios e maturidade acadêmica. *Foi super!*

Agradeço do fundo do meu coração, por todo o apoio que me foi prestado pela Prof^ª. Doutora Stella Duarte e seu esposo, o Prof. Doutor Juliano Bastos, ambos moçambicanos formados no Brasil, e falecidos em Moçambique muito precoce e recentemente. *Terei em vós uma eterna fonte de inspiração acadêmica !*

Obrigado (*Ndatenda,*) aos meus e minhas colegas do curso de Doutorado em Sociologia (PPGS-UFSCar) - geração de 2018, pessoas que ajudaram a tornar a minha experiência e os meus dias de trabalho ainda mais maravilhosos no Brasil.

Ao meu grande *Mazza*, Joaquim Miranda Maloa, já doutorado em Sociologia pela UFSCar, e intelectual muito prestativo ao seu país de origem, aqui vai o meu grande (*Kanimambo*) obrigado por tudo... e que Deus continue abençoando a nossa caminhada!

É com enorme dose de satisfação que agradeço aos meus pais, avôs, tios, irmãos, primos, sobrinhos e amigos que sempre acreditaram em mim e transmitiram-me forças durante toda a minha trajetória acadêmica, por sinal, marcada por imensas ausências e enorme solidão. Perdão!

Por fim, registo aqui o meu (*Zikomu kwambire*,) enorme agradecimento ao Programa de Estudante Convênio de Pós-graduação, da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (PEC-PG/Capes), pela bolsa de estudos que me foi atribuída, tendo tal benefício permitido a realização da minha pesquisa de doutorado e garantido a minha estadia e manutenção no Brasil! *Obrigado, Brasil.*

Resumo

A presente pesquisa explorou o fenômeno da prostituição feminina de rua, na Cidade de Maputo. Problematizando o actual quadro de produções sociológicas referentes à matéria da prostituição de rua em Moçambique, o objectivo deste trabalho foi de compreender as dinâmicas sociais que circunscrevem a ocorrência e reprodução do referido fenômeno em um bairro da elite moçambicana (denominado Sommerschild), em um contexto de estigma relegado à actividade. Com base numa metodologia de pesquisa qualitativa, e a adopção da pesquisa de campo e das teorias pós-coloniais, os principais resultados deste trabalho indicaram para o facto de, a prostituição feminina de rua ocorrer no bairro da Sommerschild “graças” ao assentimento directo ou indirecto conferido às prostitutas de rua pelos residentes e outros intervenientes relevantes do referido bairro. Com efeito, o contributo da pesquisa consistiu em ampliar a reflexão em torno da temática aqui em referência, no meio urbano moçambicano, visando a uma maior gestão de conhecimentos sobre os modos de vida, as interfaces e os conflitos decorrentes da actividade, em um contexto marcado por claras relações de desigualdades sociais, mas também por intensas negociações, criatividade e resistência.

Palavras-chaves: *Sommerschild, Moradores e Moradoras, Prostituição e Estigma.*

Abstract

This research explored the phenomenon of female street prostitution in Maputo City. Problematizing the current framework of sociological productions referring to the matter of street prostitution in Mozambique, the objective of this work was to understand the social dynamics that circumscribe the occurrence and reproduction of the referred phenomenon, in a neighborhood of the Mozambican elite (Sommerschild), in a context of stigma relegate to the activity. Based on a qualitative research methodology, and the adoption of field research and post-colonial theories, the main results of this work pointed to the fact that female street prostitution occurs in the Sommerschild neighborhood thanks to direct or indirect consent given to street prostitutes, by residents and other important stakeholders in the neighborhood. In fact, the research sought to broaden the reflection on the subject in question here, in the Mozambican urban context, aiming at greater knowledge management about the ways of life, interfaces and conflicts arising from the activity, in a social context marked by relationships of social inequalities, but also by intense negotiations, creativity and resistance.

Keywords: *Sommerschild, Residents, Prostitution and Stigma.*

LISTA DE MAPAS

Mapa de África e Moçambique.....	20
Mapa simplificado da Cidade de Maputo.....	27
Mapa detalhado da Cidade de Maputo.....	31
Mapa do bairro da Sommerchield.....	34
Mapa da Avenida do Zimbábwe (bairro da Sommerschield).....	44

LISTA DE QUADROS

Perfil sociodemográfico das prostitutas do bairro da Sommerschield	107
Perfil sociodemográfico dos residentes do bairro da Sommerschield.....	190

LISTA DE FIGURAS

Relação dos preservativos em uso em Moçambique, (e na Cidade de Maputo)...	176-185
--	---------

SUMÁRIO EXECUTIVO:

INTRODUÇÃO	13
 CAPÍTULO I:	
DESCRIÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA (Avenida do Zimbábwe).....	19
<i>Sobre Moçambique</i>	21
<i>Sobre a Cidade de Maputo</i>	27
<i>A actual estrutura administrativa da Cidade de Maputo</i>	31
<i>Bairro da Sommerschield (origem, caracterização e dinâmicas actuais)</i>	33
<i>Sobre a entidade do Secretário do Bairro</i>	40
<i>A avenida do Zimbábwe, (no bairro da Sommerschield)</i>	44
<i>Prostitutas de rua na avenida do zimbábwe:</i>	45
 CAPÍTULO II:	
REVISÃO DE LITERATURA.....	51
<i>Sobre o fenómeno da Prostituição em Moçambique:</i>	52
<i>A prostituição adulta e feminina de rua, em Moçambique: Um Debate Bibliográfico</i>	62
<i>O Problema de pesquisa</i>	91
Considerações etnográficas de uma compreensão sobre o campo da pesquisa.....	93
 CAPÍTULO III:	
CONFLITOS, PAPÉIS SOCIAIS, NEGOCIAÇÃO E OUTRAS DINÂMICAS INTERACTIVAS NO BAIRRO DA SOMMERSCHIELD.....	105
<i>Sobre a prostituição (breve contextualização e tentativa de conceitualização)</i>	106
<i>As prostitutas de rua no bairro da Sommerschield: perfil e origens</i>	108

<i>Da acumulação social da violência, à acumulação social da exclusão (das prostitutas,) em Moçambique: notas de uma breve analogia.....</i>	115
<i>As transformações observadas em relação ao papel da família, (e do seu provedor) no contexto moçambicano.....</i>	119
<i>Sommerschild: um campo fértil para o ofício da prostituição de rua.....</i>	122
<i>Sobre as Associações das prostitutas em Maputo.....</i>	150
 CAPÍTULO IV:	
IDENTIDADE, PRÁTICAS E PERCEPÇÕES NO BAIRRO DA SOMMERSCHIED.....	165
<i>Vós sóis trabalhadoras de sexo, ou prostitutas?.....</i>	166
<i>Vamos “brincar!”: notas de uma reflexão sobre o emprego do termo, no campo da prostituição de rua.....</i>	171
<i>Dinâmicas de interpretação e uso do preservativo no contexto da prostituição de rua, (na avenida do zimbábwe).....</i>	173
<i>Percepções dos moradores do bairro da Sommerschild, face à prática da prostituição de rua decorrente de seu bairro.....</i>	194
<i>Sobre os guardas residenciais do bairro da Sommerschild.....</i>	201
<i>Sobre as percepções do Secretário do bairro da Sommerschild.....</i>	204
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	214
<i>Constrangimentos de pesquisa.....</i>	217
 BIBLIOGRAFIA.....	223
ANEXO, (poemas do escritor moçambicano José Craveirinha).....	235

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, e corresponde a uma actividade de exigência académica do curso de Doutorado em Sociologia, na Universidade Federal de São Carlos – Brasil, em vista a defesa de Tese. O mesmo subordina-se ao seguinte tema: “Suburbanas, Irreverentes e *Mana-moças*: - uma pesquisa sociológica sobre a prostituição feminina de rua, em (Sommerschield) um bairro da elite moçambicana, na Cidade de Maputo”, e enquadra-se na linha de pesquisa subordinada a questão da *Cultura, Diferenças e Desigualdades sociais*, em vigor no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da universidade supracitada.

Tratando-se de uma pesquisa realizada sobre a prostituição, antes de tudo o resto importa referir que, a ocorrência do fenómeno em epígrafe pode ser descrita a partir de três fases distintas que marcaram a História de Moçambique: a colonial ou *segregacionista* (1895-1975), na qual, a maior parte das praticantes eram mulheres brancas e estrangeiras, exercendo abertamente a actividade, num contexto de clara imposição de condicionalismos à mobilidade dos nativos e nativas pelas cidades; seguido da fase socialista ou *proibicionista* (de 1975-1990), na qual, observou-se uma aparente interrupção da prática da prostituição na esfera pública moçambicana, uma vez considerada de actividade criminosa por parte do “então” governo moçambicano; e por último, a fase que parte desde a *instauração da democracia no país* (em 1992,) aos dias actuais, na qual, uma vez introduzidos um conjunto de direitos, reformas e liberdades políticas e sociais no Estado moçambicano, incluindo a descriminalização da prostituição, o exercício da prática passou a ser mais notória no quotidiano (rodoviário) nacional, sendo predominantemente praticada por mulheres negras e nacionais.

Partindo de uma constatação feita à *morfologia* dos estudos sociológicos realizados sobre a prostituição de rua em Moçambique, a presente pesquisa surge com o intuito de desmitificar as idéias ali sedimentadas, que tendem a associar a manifestação da actividade da prostituição de rua unicamente às "*regiões morais*", isto é, aos espaços tradicionalmente "rotulados" como específicos ao exercício da actividade em Moçambique, nomeadamente, as vias de acesso rodoviário (ou seja, corredores de

trânsito) *transfronteiriços*; vias de acesso localizadas nas proximidades dos cais; um pouco pelas ruelas e avenidas de maior circulação (e referência histórica) das cidades; e por extensão, os estabelecimentos comerciais (pensões, bares e *quartinhos*) localizados nas proximidades dos locais mencionados, nos bairros periféricos e em alguns focos do meio urbano.

A questão de fundo é que, volvidas décadas de manifestação da actividade pelo país, actualmente o fenómeno já assume novos traços, que rompem com as históricas fronteiras e configurações associadas à determinadas classes territoriais, tornando assim, os bairros da elite moçambicana (o caso específico da Sommerschild – na Cidade de Maputo), também palcos de acolhimento da prática. Aliás, de acordo com (Michel MISSE, 2010, pág. 33), “(...) não é improvável a hipótese de que, o submundo [da prostituição,] tal como existia antes, está desaparecendo enquanto um lugar separado, tornando-se cada vez mais poroso e menos delimitado do que antes”. Pelo que, escasseiam estudos sociológicos em Moçambique que tenham destacado esta observação *técnica*, ou então, orientado debates que levassem em conta tal evolução do fenómeno pelo país.

Para se compreender as razões ligadas a tal lacuna, Michel Alcoforado (2016), aponta um conjunto de desafios e constrangimentos situados no domínio do desenvolvimento de estudos sociológicos junto às comunidades e bairros das elites. De acordo com este autor, a integração do pesquisador (das Ciências sociais) nas comunidades das elites requer um enorme investimento de sua parte, tanto seja em matérias de ordem financeira, quanto a cultural ou metodológica, pois, em primeiro lugar, os membros das elites são pessoas de restrito acesso. Em segundo, porque o pesquisador deve dispor de uma significativa capacidade financeira, bem como de determinadas influências ou capitais sociais para poder circular e seguir (mesmo que temporariamente) os “rastos” e o padrão de vida daqueles actores sociais, e assim poder estudar a fundo seus comportamentos. Por fim, sucede que, a maior parte das universidades brasileiras praticamente não dispõe de linhas de pesquisas orientadas ao estudo sobre os comportamentos e modos de vida dos membros das elites, facto que complica ainda mais a alocação de meios para o desenvolvimento de pesquisas na área.

Escusado seria referir que, Alcoforado desenvolveu a sua pesquisa no Brasil, num território inserido numa realidade culturalmente distinta da africana (com ênfase para

Moçambique). Nos contextos africanos, as elites nacionais geralmente derivam ou pelo menos se constituem em forte articulação com a reprodução do Estado e das forças armadas. Nesse sentido, uma parcela significativa das elites deste continente tende a acumular, simultaneamente, o capital econômico, político, cultural e principalmente o “militar”, configurando um segmento de dominação estrutural, e só para dizer, de ainda maior difícil acesso pelas pessoas ou camadas sociais “menos abastadas” (tal como foi o caso do pesquisador da tese).

Bem, Sommerschild é o nome atribuído a um bairro situado na Cidade de Maputo, localizado especificamente no distrito municipal de Kampfumo, sendo considerado um dos bairros residenciais mais “nobres” da cidade, no qual, actualmente reside uma população predominantemente detentora de um *capital global*² (*político, econômico, social, e não só*). A avenida do zimbábwe³, local aonde a pesquisa de campo decorreu, situa-se no interior desse bairro. Trata-se de uma via rodoviária pública, totalmente asfaltada, usada pelos residentes do bairro e demais utentes (principalmente durante o período diurno) para fins de transitabilidade, e no período noturno, amplamente ocupado pelas prostitutas.

De referir que, embora actualmente a prática da prostituição não configure um crime⁴ em Moçambique, o que sucede é que alguns Artigos de Lei patentes do Código Penal moçambicano⁵ são claramente aplicáveis às actividades levadas a cabo pelas prostitutas de rua, no decurso de práticas e actos decorrentes de seu ofício: o caso do atentado ao “pudor”, que tende a ser uma questão bastante notória no mundo da prostituição de rua na Sommerschild, enquadrando-se na tipificação criminosa punível com a pena de prisão e multa. E sobre este assunto específico cabem ainda outras sanções derivadas dos instrumentos administrativos de regulação da postura urbana.

Ora, num contexto em que a prostituição se revela uma actividade predominantemente estigmatizada pela sociedade moçambicana, a mesma aparenta não causar “desconforto”

² De acordo com Pierre Bourdieu (1998), significa a soma no indivíduo ou grupo, dos vários tipos de capitais.

³ Mais detalhes sobre o bairro e a rua são avançados no capítulo referente à caracterização do campo da pesquisa.

⁴ A prática da prostituição, em si só, não constitui um crime no país. Mas o seu fomento (lenocínio), sim.

⁵ A lei moçambicana tipifica claramente os crimes e contravenções decorrentes do convívio público em contexto urbano. Mais detalhes sobre a questão são apresentados no campo referente à problematização da pesquisa.

aos residentes de um determinado bairro residencial da cidade de Maputo no qual a actividade ocorre, não obstante o facto de seus moradores se encontrarem ao abrigo da lei, e disporem de suportes jurídicos e vários outros recursos significativamente suficientemente para interditarem a ocorrência do fenómeno em seu bairro⁶ residencial: na Sommerschild. Esse quadro de situação desafiou a pesquisa a compreender os processos sociais que envolvem a referida actividade (da prostituição), num espaço territorial marcado por visíveis desigualdades de capitais sociais entre os participantes do campo, em claro contexto de estigma relegado à prostituição de rua.

Mais especificamente, procurou-se descrever o campo da realização da pesquisa, (a avenida do zimbábwe, que sita no bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo - Moçambique), também apresentou-se uma revisão bibliográfica sobre a temática da prostituição (feminina) de rua em Moçambique, visando revestir a pesquisa de uma maior cientificidade. Para o efeito, o pesquisador acedeu à algumas fontes de consulta nas bibliotecas Brazão Mazula, São Tomás de Aquino e ao Arquivo Histórico de Moçambique, ambos localizados na Cidade de Maputo, o que o possibilitou de explorar informações relacionadas com a história e origem do seu campo de pesquisa, e de igual forma, analisar todos os estudos sociológicos e antropológicos referentes à temática da prostituição (*adulta e feminina*) de rua no país.

A pesquisa explorou as dinâmicas de interacção observadas entre as prostitutas e demais actores sociais (na avenida do zimbábwe), captou o perfil e as condições por aquelas apresentadas para a adesão à prática da prostituição de rua, o perfil dos moradores da Sommerschild e os fundamentos das suas condutas em relação à referida prática, o papel das associações das prostitutas, bem como dos demais *colaboradores* pela administração e segurança do bairro, tudo isto visando responder a seguinte preocupação: *Como é possível ocorrer prostituição feminina de rua em (Sommerschild,) um bairro da elite moçambicana, em um contexto generalizado de estigma relegado à prática?*

⁶ Os estudos sociológicos existentes sobre a matéria também ficaram limitados ao desenvolvimento de uma perspectiva de análise predominantemente micro e meso-contextual, ao darem enfoque aos “principais” intervenientes envolvidos no campo da prostituição de rua (profissionais de sexo, clientes, polícias e guardas residenciais), como se a reprodução ou “vivência” da prática se reduzisse e afectasse apenas às categorias de actores sociais em apreço. E os residentes dos bairros?

Constando dos objectivos do Programa Quinquenal do Governo moçambicano, 2015-2019⁷, (nomeadamente: *Garantir a integração da perspectiva de género nas políticas e estratégias do desenvolvimento do País; Promover a capacitação das mulheres e homens em matérias de equidade e igualdade de género; e Assegurar a assistência e integração social das pessoas em situação de pobreza e de vulnerabilidade*), relacionados com a necessidade do Desenvolvimento Humano e Social dos moçambicanos e, de igual modo, com a importância do empoderamento e inclusão dos cidadãos, independentemente da sua condição (económica, social e política)⁸, a presente pesquisa tencionou contribuir para a compreensão académica sobre as dinâmicas sociais caracterizantes do contexto da prostituição de rua, em vista a proporcionar uma maior gestão de conhecimento sobre as especificidades que circunscrevem a actividade na Cidade de Maputo, e assim influenciar na planificação e definição de estratégias públicas ainda mais inclusivas. Fundamentalmente, o recorte metodológico que esta pesquisa abarca propõe alargar o âmbito de estudos sobre o fenómeno da prostituição (*adulta e feminina*) de rua, decorrente do contexto moçambicano.

Foram adoptadas para a pesquisa as técnicas da entrevista directa e observação participante, e as análises teóricas fundamentalmente embasadas nos estudos pós-coloniais e no interaccionalismo simbólico, amparadas por uma perspectiva bourdesiana (*do campo*), buscando explorar a partir dos próprios agentes sociais as relações e processos inseridos no mundo social *da* e orientados *para* a prostituição. A bibliografia adoptada para esta pesquisa é pós-colonial, em razão traduzida da disponibilidade das fontes de consulta identificadas sobre a prostituição feminina de rua em Moçambique, mas também porque tais estudos contrapõem-se às concepções teóricas universalizantes (e ocidentais), que pouco se ajustam à realidade dos contextos africanos (e locais). Os estudos pós-coloniais procuram explorar os discursos, práticas, concepções e contradições *in locu*.

Por fim, importa referir que esta Tese apresenta a seguinte estrutura de organização: primeiro, é apresentada uma Introdução da pesquisa, na qual constam

⁷ Programa Quinquenal é um plano do governo moçambicano, no qual constam as metas de governação por cada mandato no poder do Estado. As *alíneas deste Programa político e administrativo realçadas pela pesquisa são: A, B, e G, do número 36.*

⁸ Os referidos objectivos do Programa Quinquenal do governo moçambicano, encontram-se em harmonia com o *Décimo Objectivo do Desenvolvimento Sustentável – 2030*, da ONU.

fundamentalmente os objectivos, a justificativa, o problema e a apresentação geral da pesquisa. Em seguida, é apresentado o primeiro capítulo, no qual consta uma caracterização administrativa do bairro da Sommerschield e a avenida do zimbábwe (na Cidade de Maputo), local no qual a pesquisa de campo decorreu.

O segundo capítulo da Tese é referente à pesquisa bibliográfica, que culminou com um breve resumo sobre as lições apreendidas do exercício, a formulação do problema, a elaboração da pergunta de partida da pesquisa, e alguns pormenores etnográficos sobre o campo da pesquisa e o mergulho do pesquisador ao local. Na seqüência é apresentado o terceiro capítulo, abordando sobre os conflitos, papéis sociais, negociações e outras dinâmicas de interação decorrentes da avenida do Zimbábwe, no bairro da Sommerschield. O último capítulo explora a questão das identidades, usos, práticas e diversidade de percepções inseridas no mesmo bairro. Finalmente, é apresentada uma consideração final e constrangimentos de pesquisa, ao que se segue uma bibliografia e anexos. De referir que, a base de registo das informações captadas pela pesquisa ocorreu com recurso a um diário de campo do pesquisador, bem como com a retenção de memória, (tal como será detalhado ao longo do trabalho).

CAPÍTULO I:

Descrição do campo da pesquisa (Avenida do Zimbábwe – bairro da Sommerschield).

Apresentação geral:

O presente capítulo versa sobre a descrição do campo, no qual a pesquisa empírica desta Tese decorreu (avenida do Zimbábwe). Assim sendo, interessa apontar que, a referida avenida (inserida no contexto territorial moçambicano, da cidade de Maputo, no bairro da Sommerschield), mais do que tratar-se de um espaço físico, figura-se também pela multiplicidade de actores, sociabilidades e representações sociais que o compõem. A ordem moral dominante da sociedade moçambicana encontra nessa avenida, a expressão mais frontal do contraste, ruptura e tipicidade social. A disposição de *capitais* constitutivos de poder (político, económico, social, e simbólico, por parte de alguns actores), no sentido atribuído por Pierre Bourdieu (1996), costura graus de relativo consenso com as representações e práticas socialmente consideradas de "pouco exemplares e amorais" (o caso da prostituição de rua), num cenário que tende a tornar o bairro da Sommerschield, de per si, num território, afinal, ambivalente.

Uma vez que, a realidade social produzida na avenida do Zimbábwe é inscrita em um determinado tempo e espaço sociais⁹, nas páginas que se seguem são apresentados, uma

⁹ Situar um fenómeno social no tempo e espaço constitui dos maiores desafios com que as Ciências Sociais se deparam, dada a forte influência exercida pelo fenómeno da globalização, actualmente. Ora, se por um lado, ao discutir sobre as consequências da Modernidade, Anthony Giddens (1991), alerta sobre a questão da globalidade e localidade que envolve os fenómenos sociais, ao mesmo tempo em que, avança com a formulação da ideia, segundo a qual, as realidades sociais só podem ser produzidas a partir de um contexto (temporal e espacial específicos) de vivência, usos e significações. Corroborando com Giddens, António Cipriano Gonçalves (2018), pesquisador moçambicano pós-colonial, e Professor Universitário na Universidade Eduardo Mondlane - em Moçambique -, realça, no seu estudo sobre as *Modernidades moçambicanas na Educação*, a importância do contexto (temporal e espacial) na análise dos fenómenos sociais. A esse respeito, no que se refere ao fenómeno da Modernidade, Gonçalves (2018), aponta que Moçambique vivenciou duas fases dela. A primeira: a *Modernidade Socialista* (marcada entre os anos de 1975-1992, cujo regime político do país assumiu uma orientação socialista, marcada por uma gestão económica e governação centralizados), e a segunda: *Modernidade Liberal* (marcada de 1992 aos dias

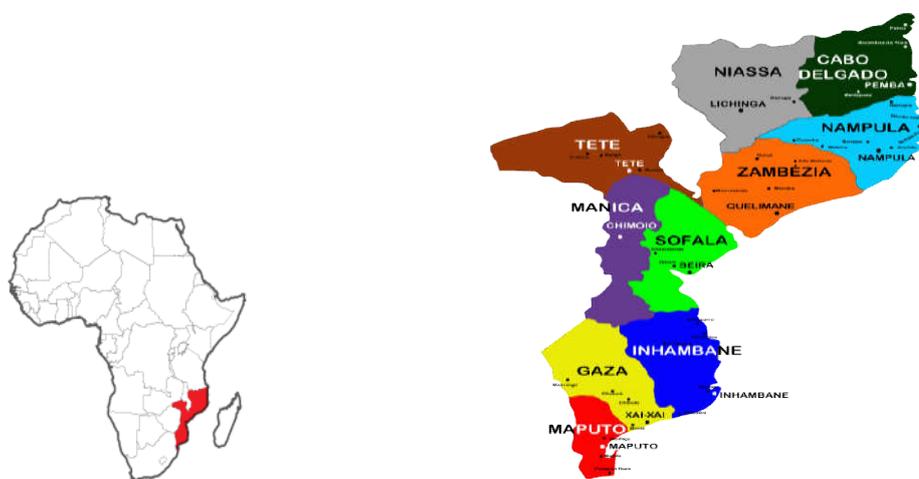
breve narrativa sobre a história política do país (Moçambique), seguido da história da Cidade de Maputo, seguido ainda da descrição sobre o bairro da Sommerschield, sua gestão administractiva, e a morfologia da prostituição de rua ali decorrente, (especificamente na avenida supracitada: Zimbábwe). Os aspectos históricos revelaram-se importantes na pesquisa, para a compreensão das dinâmicas administrativas e não só, caracterizantes do bairro definido para a pesquisa.

actuais, no qual, o país adoptou um regime político democrático, e concedeu um conjunto de aberturas e liberdades ao seu povo). Portanto, tanto Giddens (1991), quanto Gonçalves (2018), atribuem relevo à especificidade contextual e local, na análise dos fenómenos sociais, daí a relevância de tais dimensões, para a pesquisa.

SOBRE MOÇAMBIQUE:

Em seguida, é apresentado um breve retrato sobre a história política de Moçambique, desde o período da sua colonização efectiva iniciada por Portugal (em 1895/8), até à conquista da sua independência política (em 1974/5), e a introdução do multipartidarismo (1990/2), como forma de melhor situar ao leitor sobre as dinâmicas que terão contribuído para a construção do actual contexto sociocultural, político e económico no país.

Mapa de Moçambique¹⁰:



¹⁰ Mapa de Moçambique, com a ilustração nominal das suas províncias. (ver fonte de informação: https://www.google.com/search?q=mapa+de+mocambique&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=wgaAdm_POUwV8M%253A%252CAQhSS9IOPSG9bM%252C_&vet=1&usg=AI4_kTH4xYF5hJovdo0ThuXOD065PBpA&sa=X&ved=2ahUKEwilo43cmYXpAhWkA9QKHUNIDfEQ9QEwAHoECAsQEg#imgrc=aBggCm-BOVAfwM). As imagens e dados aqui destacados também podem ser achados no portal do governo moçambicano, contudo, informações reactivamente mais organizadas a respeito do assunto, também podem ser exploradas na Wikipédia.

Do lado esquerdo da página pode-se visualizar o mapa de África contendo a ilustração do território moçambicano, pintado à vermelho, para destacá-lo dos outros países. (Ver Fonte de informação em: https://www.google.com/search?q=mapa+de+mo%C3%A7ambique+%C3%A1frica&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=zSWG3M3Og553eKM%253A%252CNTngy_rbxVfrfM%252C_&vet=1&usg=AI4_kS6V2rsH_sfXjCqZ74KTEReUTkJg&sa=X&ved=2ahUKEwjD0uTJwMHPAhWVILkGHYstA9YQ9QEwAXoECAoQHQ#imgrc=zSWG3M3Og553eKM:).

Moçambique é um Estado unitário, que conquistou sua independência política no ano de 1975. Seu actual regime político é democrático (de sistema presidencialista), e seu actual presidente da República chama-se Filipe Jacinto Nyussi. Actualmente o país possui 11 províncias distribuídas em 3 regiões específicas: Norte, Centro e Sul. Maputo é a capital do país, e situa-se na região sul. Seu idioma oficial é o português, apesar de possuir várias línguas nacionais¹¹. A sua população é estimada em cerca de 27.233.790 habitantes, e seu PIB corresponde à cerca de 37.09 bilhões de dólares americanos, (de acordo com os dados da agência Index Mundi, - <https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=21&c=mz&l=pt>). O sistema econômico do país é considerado de aberto, e o Metical é a unidade de moeda em vigor.

Localizado na costa oriental da região Austral do continente africano, o país partilha fronteiras com a África do Sul, Swazilândia, Zimbabwe, Malawi, Zâmbia e Tanzânia. A sua economia é predominantemente assegurada através dos sectores primário e terciário, nomeadamente: a exploração e exportação do carvão e gás mineral, exportação dos recursos marinhos, desenvolvimento do sector de serviços (hotelaria e turismo, exportação da energia eléctrica, serviços inseridos na economia informal), e a ajuda Externa internacional. Anícia Lalá (2003)¹², é um autor que permite compreender o enquadramento histórico, que culminou com a formação do país actual (considerado de democrático). Tal enquadramento pode ser dividido em três fases distintos, a saber:

(A primeira fase), com o advento da Conferência do Berlim (1884-7), praticamente todos os países do continente africano foram colonizados pelos países europeus. Dentro de um mesmo continente, enquanto que as colónias francesas e britânicas se tornaram independentes a partir dos anos de 1960, Portugal sob a ditadura de António Salazar, e

¹¹ O português é a língua oficial de Moçambique, desde a conquista da sua independência, em 25 de Junho de 1975. Actualmente, existem pelo menos 43 línguas nacionais no país, distribuídas em suas 3 regiões administrativas. Na região Norte, a língua nacional Emácia é a mais dominante. Na região Centro do país, o Sena e o Nda são as línguas nacionais mais dominantes, e na região Sul é o Tsonga, (ver https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_de_Mo%C3%A7ambique).

¹² Lalá é especialista em Estudos de Paz e Desenvolvimento, e actualmente desempenha funções como Directora Adjunta para África, no projecto Global Facilitation Network for Security Sector Reform, sediado em Cranfield University, no Reino Unido. Leccionou no Instituto Superior de Relações Internacionais (em Moçambique,) desempenhou, igualmente, funções no Ministério da Defesa de Moçambique. A sua pesquisa tem-se centrado nas áreas de democratização e reforma no sector de segurança, em Moçambique.

mais tarde Marcelo Caetano, não se prontificou a conceder a independência às suas então províncias ultramarinas: Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, e São-Tomé Príncipe.

É curioso apontar que, enquanto que as elites nativas nas colónias francesas e inglesas beneficiaram do acesso à formação académica (até aos escalões mais elevados,) em seus respectivos países e metrópole, Portugal manteve um regime corporativista e autocrático nas suas 05 colónias africanas, auxiliado pela Igreja Católica e a PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), que privavam os direitos fundamentais aos povos nativos, com base numa pirâmide de estratificação social assente em classes sociais e, automaticamente, raciais. Nessa ordem de idéias, os direitos dos indivíduos iam se ampliando em função da sua condição racial, o que significa que, na escala dos privilégios distribuídos, em primeiro lugar beneficiavam os brancos (portugueses), depois os assimilados, e por último os povos nativos.

Lalá (2003), aponta que, terá sido por esta razão que o povo moçambicano resolveu organizar-se melhor a partir da década de 1960, com vista a fazer frente ao regime colonial por via da luta armada de libertação nacional, que teve o seu início no mês de Setembro do ano de 1964. O Movimento político-partidário que se encarregou de gerir a organização e os rumos dessa luta designou-se de FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Nessa década formaram-se vários Movimentos de contestação social e política similares, em praticamente todas as províncias ultramarinas¹³ de Portugal. As formas de resistência popular estabelecidas partiam desde as greves e sabotagem, até à desobediência civil e poesias de combate. A luta armada permitiu que a Frelimo alcançasse a independência do país e o poder político, que foi iniciado por um processo de transição política em 1974, e consumada em Junho de 1975. Actualmente, muita da legitimidade conferida à Frelimo, assim como, à MPLA (Movimento Popular pela Libertação de Angola) em Angola, associa-se ao seu papel histórico na libertação de seus países.

(Sobre a segunda fase:), com a conquista da sua independência, várias transformações políticas, económicas, identitárias e institucionais foram introduzidas no país, em

¹³ Províncias ultramarinas correspondem a uma divisão administrativa criada por Portugal e atribuída às suas colónias, a partir da década de 30 do século passado. Tais províncias passariam desde então, a representar oficialmente a extensão do território português.

cumprimento dos ideais da revolução ora triunfada. O governo (da Frelimo) não procurou construir a sua legitimidade mediante a realização de eleições livres e democráticas no país. Instalou um Regime político monopartidário, de economia centralizada, inspirado no Socialismo de orientação marxista-leninista. Nessa ordem de idéias, a inexistência de livre concorrência e participação políticas tornou-se característica principal do sistema político moçambicano e, praticamente em todas as antigas províncias ultramarinas de Portugal situadas em África. A partir dessa altura (1975/76), as forças da oposição política existentes no país tiveram que recorrer ao exílio, ou optar por uma nova luta armada, para se expressarem.

O Socialismo (marxista-leninista) implantado em Moçambique tinha como um dos seus desafios formar o "Homem Novo", e isso implicava demonstrar certa aversão com relação às práticas religiosas, tradicionais e culturais africanas. Nesse sentido, o papel das autoridades tradicionais (no meio rural) foi abolido por decretos e substituído por Comitês locais do partido Frelimo. Esse quadro geral de situação só permitiu piorar os níveis de descontentamento que caracterizava a população moçambicana, num contexto em que, o processo da inclusão política, econômica e social tendia a envolver, cada vez mais, características patrimoniais que tornavam o Estado (entre outras coisas,) numa fonte de acumulação de privilégios, de acordo com Lalá, (2003).

O estado de descontentamento, praticamente generalizado pelo país inteiro, foi capitalizado pelo então Movimento de guerrilha, Renamo (Resistência Nacional de Moçambique), para formar a sua própria base de apoio político partidário no seio da população moçambicana e, a partir daí criar condições para dar início a uma Guerra Civil que durara cerca de 16 anos (1976-1992), cujos prejuízos materiais, identitários e simbólicos, provavelmente a História do país e do continente jamais absolverão.

Com efeito, durante a década de 1980, o governo liderado pelo partido Frelimo via-se confrontado com os crescentes constrangimentos econômicos (resultantes da economia de guerra), e diante duma situação de seca e desertificação generalizada pelo país, facto que o obrigou a recorrer "sutilmente" ao apoio internacional, submetendo-se assim à forte pressão desta, com vista a pôr fim à guerra civil no país e realizar eleições livres, entre outros termos. A partir desse momento começam a ocorrer mudanças estruturais no campo político e econômico em Moçambique. Contudo, a ajuda financeira Externa diminuía e o Programa de Reajustamento Estrutural, (cujo processo de negociação e

implementação teria se iniciado no período anterior à morte do primeiro presidente da República de Moçambique, substituído por Joaquim Chissano,) não obtinha sucesso no alívio à pobreza das populações. Outro factor agravante se situava no facto de, em Novembro do ano de 1989, a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas)¹⁴ anunciava que, deixaria de prestar apoio à Moçambique. Diante desse quadro de situação, durante a realização do seu Quinto Congresso político, em 1989, o partido Frelimo decidiu que separaria definitivamente, o Estado do partido político, e retiraria as referências do Marxismo-Leninismo dos estatutos do seu partido.

Durante os inícios da década de 90, iniciam-se as negociações entre a Frelimo e a Renamo, no sentido de se colocar termo ao conflito armado que perdurava há mais de uma década. Paralelamente às tais conversações de paz com a Renamo, o Governo Moçambicano iniciou com o processo de liberalização política. Deste modo, a nova Constituição da República produzida em finais de 1990 abrangeu, finalmente, tudo aquilo que a Renamo “dizia estar a lutar, para alcançar”, nomeadamente: a garantia dos direitos básicos individuais, tais como, liberdades de crença, de opinião e associação; pluralismo partidário; independência dos tribunais; eleições livres e secretas; e a eleição directa do Presidente da República. Traços que não existiam até então. Inicialmente, estas reformas conduzidas pela Frelimo tiveram um impacto negativo nas conversações de paz com a Renamo, realizadas em Roma, durante um período de tempo de 2 anos consecutivos (1990-1992). Mas as negociações prosseguiram, culminando com o Acordo Geral de Paz, celebrado a 04 de Outubro de 1992. Esses acordos possibilitaram a transformação estrutural do país e o fim da guerra civil dos 16 anos.

(Terceira fase:), constatadas dificuldades iniciais na implementação dos acordos de paz no país, e a desmilitarização e integração dos homens da Renamo na vida civil e nas forças armadas de defesa nacional, a ONU conseguiu desmobilizar, com êxito, ambas as forças (da Renamo e da Frelimo) e preparar as eleições gerais em Outubro de 1994, cujo vencedor foi a Frelimo. Ora, embora actualmente existam vários partidos políticos no país, durante muito tempo o quadro institucional do processo da democratização ficou determinado pelos antigos beligerantes: partido Frelimo, e Renamo.

¹⁴ Os contornos da Guerra civil ocorrida em Moçambique (1976-1992), não devem ser dissociados do contexto político internacional, no qual, o advento da guerra fria era evidente durante o período de 1947-1990. No caso específico de Moçambique, a Rússia apoiava a Frelimo, e os Estados Unidos da América, a Renamo.

Toda a maneira, depois de 1992, Moçambique empenhou-se na edificação do seu processo de democratização através do acordo de paz firmado em Roma, procurando paulatinamente garantir um conjunto de direitos aos seus cidadãos. Porém, a credibilidade dos processos eleitorais que se seguiram durante vários períodos (incluindo os de 2019), foram cercadas por problemas técnicos durante a contagem dos votos, tendo a ausência generalizada de transparência elevado as suspeitas políticas e, conduzido a um clima de permanente tensão política, baseada em ameaças de retorno à guerra por parte da Renamo. Desde então, embora o ambiente político do país pudesse ser caracterizado como sendo de pacífico, a Renamo, como forma de pressionar o governo em relação a algumas preocupações, de forma sistemática tem estado a encetar guerrilhas¹⁵ em algumas regiões do país. Com a morte do seu principal líder, actualmente a Renamo encontra-se anda mais *desorganizada*.

Na tentativa de se reconstruir o país após a eclosão de uma guerra civil que durou de 1976-1992, o governo decidiu introduzir um sistema de economia aberta, o que levou ao fim do Estado assistencialista, e à privatização de várias empresas estatais (como recomendação institucional do FMI e Banco Mundial, por ocasião da sua adesão à estas instituições), cuja gestão acabou por produzir efeitos inesperados para o Estado, o que levou a uma acentuação dos níveis de desigualdades e pobreza no país, dando origem e intensificação de algumas práticas no país, a saber: assaltos de esquina, mendicidade, o *boom* da prostituição de rua, e muito mais. Uma descrição sobre a prostituição será ainda melhor detalhada nos próximos capítulos.

A situação de vulnerabilidade dos cidadãos tem permitido aos partidos políticos da oposição nacional, capitalizar a sua base de apoio, ao procurarem demonstrar "sensibilidade" e preocupação com relação aos *excluídos*. À par dessa situação, desde o ano de 1994 até à actualidade, a dinâmica política moçambicana transformou-se de tal modo que, contrariamente ao cenário habitualmente caracterizado pela bipolarização entre os partidos Frelimo e Renamo, no ano de 2009 surgiu um novo partido político no país, com assento parlamentar estabelecido: o MDM (Movimento Democrático de

¹⁵ Durante o processo da desmobilização militar protagonizada pela ONU (em 1992), ficou acordado que a Renamo (embora transformada em partido político) poderia continuar armada durante algum tempo. Essa situação criou sérias controvérsias fundadas no receio de que ela retomasse à guerra a qualquer momento.

Moçambique)¹⁶. O referido partido é constituído por uma liderança política sem um histórico político belicista, e, mais do que procurarem exercer pressão sobre o governo, também tem influenciado a camada juvenil a exercer os seus direitos de cidadania.

Exposta esta breve descrição sobre a História "mais recente" de Moçambique pôde-se agora compreender que, a transição para o seu actual *contexto democrático*, só foi possível graças a um longo processo de luta, situado à três níveis de construção do Estado: o primeiro - *Colonial* (1895 - 1975), o segundo - *Socialista* (1975 - 1992), e o terceiro - "*Democrático*" (1992 - actualidade), cujas conquistas deste último contexto permitiram garantir as liberdades política, de opinião, imprensa, e direitos humanos, apesar dos desafios enfrentados para a sua consolidação. Deste modo, a trajectória política de Moçambique coaduna, de alguma forma, com a perspectiva defendida por Karl Marx, segundo a qual, os conflitos constituem dos importantes elementos do processo de transformação social, (embora, essa não seja a única via de alcance a esse objectivo). Porém, alguns autores neomarxistas, o caso de Ralph Dahrendorf (1974) questiona a posição de Marx, demonstrando que a sociedade é um campo complexo de relações sociais e transformações, que não implicam propriamente um curso linear de dinâmicas.

Nas páginas que se seguem, são narrados alguns processos relacionados com a trajectória de uma das cidades do país, (Maputo,) aludindo sobre a sua formação, transformação histórica e territorial, e sobre o complexo de interações que caracteriza a gestão e as dinâmicas quotidianas de um dos seus bairros urbanos mais importantes, tanto seja, sob o ponto de vista económico, político e simbólico.

SOBRE A CIDADE DE MAPUTO

¹⁶ Coincidentemente, ou não, os três partidos políticos possuem um laço de percurso histórico paralelo, tornando, até certo ponto, complexa uma distinção categórica entre os mesmo, visto que, os membros fundadores do partido Renamo foram dissidentes da Frelimo, e por sua vez os fundadores do MDM foram dissidentes da Renamo. Com efeito, a história do país aponta que, durante o período em que vigorou o socialismo no país, os progenitores dos fundadores do partido MDM ocuparam posições de grande importância e confiança no partido Frelimo, até que, à determinada altura acabaram fuzilados (ou decapitados) por ordem da própria Frelimo, acusados de alta traição ao regime em vigor. A popularidade do MDM tende a ser questionada nos últimos anos.

*Mapa "simplificado" da cidade de Maputo*¹⁷



As informações abaixo apresentadas (sobre a Cidade de Maputo,) foram exploradas da obra do historiador Aurélio Rocha, et al (2009)¹⁸. De acordo com este autor é inegável o interesse que, Maputo e a sua baía exercem sobre quem as visita, dado o fascínio da sua bela paisagem. Tal como em outras cidades de Moçambique, apesar da sua formação mais tardia, Maputo também remete para múltiplas heranças socioculturais, cujo legado se traduz nas formas arquitectónicas, como também nas manifestações expressas na diversidade dos traços culturais, como são os trajes, a culinária, os clubes e associações, os museus e os locais de culto. A cidade está situada na extremidade sul do país, no litoral interior da baía com o mesmo nome. A baía forma um estuário onde desaguam os rios Matola, Umbelúzi, e Maputo.

Tendo sido elevada à categoria de Cidade há 10 de Novembro do ano de 1887, Maputo, até ao ano de 1975 se chamou Lourenço Marques. Os grupos humanos presentes na região de Maputo resultaram de um gradual processo de ocupação que se terá iniciado no primeiro milénio de nossa Era, tendo-se organizado em várias unidades políticas, e desenvolvido uma língua comum, o xi-rongha. Nesse intercruzamento, constituíram-se grupos diversos e linhagens importantes, reconhecidas ainda hoje nas principais famílias da cidade e região: o exemplo dos Matola, Tembe, Boane, entre outros.

Rocha, et al (2009), refere ainda que, a chegada dos primeiros portugueses à baía de Maputo, no século XVI, não foi seguida de contactos regulares entre estes e os habitantes do local. Nos primeiros tempos, o comércio era feito nas praias e, mais tarde,

¹⁷ Ver a fonte de informação ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Maputo_\(prov%C3%ADncia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maputo_(prov%C3%ADncia))). De referir que, um mapa mais detalhado da cidade é apresentado nas próximas páginas.

¹⁸ Rocha é historiador moçambicano, Professor universitário da Universidade Eduardo Mondlane, e pesquisador do Centro de Estudos Africanos, que funciona na mesma universidade.

em acampamentos a que chamavam de feitorias, cercadas por paliçadas de caniço e casas de palha, que normalmente eram abandonadas depois de terminada a troca. Foi só na primeira metade do século XIX que contactos mais frequentes e intensos se verificaram, com o estabelecimento, com carácter definitivo, de um presídio e da primeira comunidade de colonos e comerciantes portugueses que vinham ao comércio do marfim, e ali se fixaram. Isso significa que, Maputo como fixação dos portugueses, começou por ser um presídio, simultaneamente feitoria e fortaleza, de pequena dimensão, a que foi dado o nome de Lourenço Marques, e elevada à vila e cidade, em 1876, e 1887, respectivamente. Em 1898 passou a ser a capital de Moçambique, herança recebida da histórica Ilha de Moçambique¹⁹, que tinha sido, até tal ano, a sede política e administrativa dos estabelecimentos portugueses da África Oriental.

Foram a sua localização geográfica e a sua natureza portuária, que levaram ao surgimento de Maputo como pólo de desenvolvimento económico, e um importante centro urbano. O progresso que já se fazia notar em Lourenço Marques, se traduzia no estabelecimento regular de ligações através de vapores de companhias marítimas internacionais, com mercadorias para o Transval (na África do Sul). O progresso trouxe consigo a expansão, mas também a influência britânica, que se começou a fazer sentir na esfera social, na construção e na estética arquitectural. Lourenço Marques tomava assim o aspecto de uma cidade nova e moderna, que se descrevia pela diversidade cultural.

A paisagem urbana começou a diferenciar-se claramente entre a região da Baixa, centro comercial e de serviços, e a parte alta, ainda essencialmente residencial. Outro aspecto da fisionomia da cidade era a distribuição da sua população por grupos somáticos, dando a clara indicação da segregação racial na ocupação dos espaços. Nesse sentido, na Baixa da cidade de Maputo, se concentrava o essencial da estrutura pública e do

¹⁹ A Ilha de Moçambique é uma cidade insular situada na província de Nampula, na região norte de Moçambique. O nome do país foi conferido em tributo a esta cidade, tendo sido ali, a sua primeira capital. O nome Moçambique há-de ter derivado do homónimo de um comerciante e sultão: Mussa Al-Mbique, que se estabelecera no actual território moçambicano, provavelmente por volta dos séculos VI - X d.C, personagem sobre quem se sabe muito pouco. Mais tarde, por volta do século XVIII, a exportação de escravos se tornou no principal comércio da Ilha de Moçambique, contudo, com a independência do Brasil, no século XIX, que era o principal destino deste comércio, então ocorreu um colapso económico, tendo aberto um forte precedente para que, Lourenço Marques se afirmasse como a nova capital moçambicana, (ver https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_de_Mo%C3%A7ambique).

comércio; os bairros Central e do Alto-Maé, uma área simultaneamente comercial e residencial do estrato média-baixa da população. A região da Polana²⁰, e a Ponta vermelha, espaços eminentemente residenciais, eram reservados ao estrato social mais elevado, mas onde também se localizavam alguns serviços públicos. Por fim existiam os subúrbios, vasta área de concentração dos estratos populacionais pobres, negros na sua maioria, constituído por trabalhadores dos diversos serviços públicos e privados da cidade e respectivas famílias.

Terá sido, sobretudo, a partir dos anos de 1950 que a estrutura da cidade tornou-se naquilo que é actualmente. A Baixa da cidade viu surgirem os grandes blocos de vários andares, que lhe deram uma impressionante perspectiva comercial e moderna, enquanto a zona alta adquiriu um estilo cada vez mais residencial, com moradias vistosas e modernas, muitas vezes numa combinação harmoniosa entre área residencial e comercial. Os anos cinquenta registaram uma forte expansão demográfica e urbanística, afirmando a tendência de Maputo como cidade moderna, com abertura de novas Avenidas, como a Kenneth Kaunda, espaços verdes e novos bairros como a Sommerschild, e ao mesmo tempo acentuando as diferenças entre a cidade de cimento, a mais rica, e a cidade do caniço, da gente pobre e que continuava desprovida de infra-estruturas sociais básicas.

Entre os anos de 1975 e 1980, a fisionomia da cidade alterou-se profundamente, principalmente quanto à composição da sua população. Com as atenções do Novo Estado moçambicano (independente desde o ano de 1975), de orientação política socialista, virada para a melhoria das condições de vida dos habitantes, permitiu que, (mais de trinta mil pessoas puderam melhorar as suas condições de vida e habitação na cidade de Maputo,) a esmagadora maioria²¹ destas pessoas, oriundas dos principais

²⁰ (A região do bairro da Polana também abarcava a localização do bairro Sommerschild, antes deste último desmembrar-se administrativamente do primeiro, - *Comentário do autor da presente Tese* -) .

²¹ É preciso realçar que, com a conquista da independência do país, o processo da mobilidade social tendo em vista a ocupação das infraestruturas do meio urbano, não foi propriamente acompanhado dum processo de internalização de valores urbanos, e criação de recursos ou instituições suficientes que, permitissem a maior racionalização dos recursos existentes, e o debate sobre os desafios que a vida urbana representava. Ora, volvidos alguns anos após a independência, o então presidente da República de Moçambique identificou e reconheceu a existência de constrangimentos resultantes do processo de imigração urbana nacional, contudo, a forma que encontrou para contornar a situação foi, a criação da Lei 05/83, que consistia em identificar indivíduos considerados de vagabundos, prostitutas, ou bandidos,

bairros suburbanos acessem às cidades de cimento, instalando-se nas casas e prédios anteriormente habitados por uma população branca (portuguesa), que retornara ao seu país de origem (aquando da independência de Moçambique). Nesse contexto procedeu-se à alteração do nome da cidade capital moçambicana que, a 03 de Fevereiro de 1976, passou a chamar-se Maputo.

Por fim, ainda de acordo com Rocha, et al (2009), a Cidade de Maputo é também chamada de “cidade das acácias”, não por esta ser a única espécie de árvore ali existente, mas por ser a que caracterizou e mais acompanhou a implantação do traçado que lhe deu forma. O traçado das avenidas e ruas, as praças e jardins e a sua tipologia edificatória constituem traços característicos da cidade de Maputo. Alguns deles adquiriram o estatuto de autênticos monumentos, não apenas pela beleza arquitectónica que ostentam, mas também pelo papel estruturador que desempenham no tecido urbano.

A ACTUAL ESTRUTURA ADMINISTRATIVA DA CIDADE DE MAPUTO:

Maputo tem como seu actual presidente²² do Município, o Senhor Enêas da Conceição Comiche. A cidade "possui uma área de 346,77 km²²³ e faz fronteira com o distrito de Marracuene, à norte; o município da Matola, à noroeste e oeste; o distrito de Boane, à oeste; e o distrito de Matutuíne, ao sul"²⁴. Os dados do Instituto Nacional de Estatísticas de Moçambique (referentes ao ano de 2017), apontam que, residem no Município/Cidade de Maputo, cerca de 1.080.277 habitantes²⁵.

(embora os critérios dessa classificação nunca tenham sido devidamente esclarecidos), e deslocá-los para as zonas de "regeneração", numa operação que ficou conhecida por, operação produção. Vários excessos por parte do Estado foram cometidos.

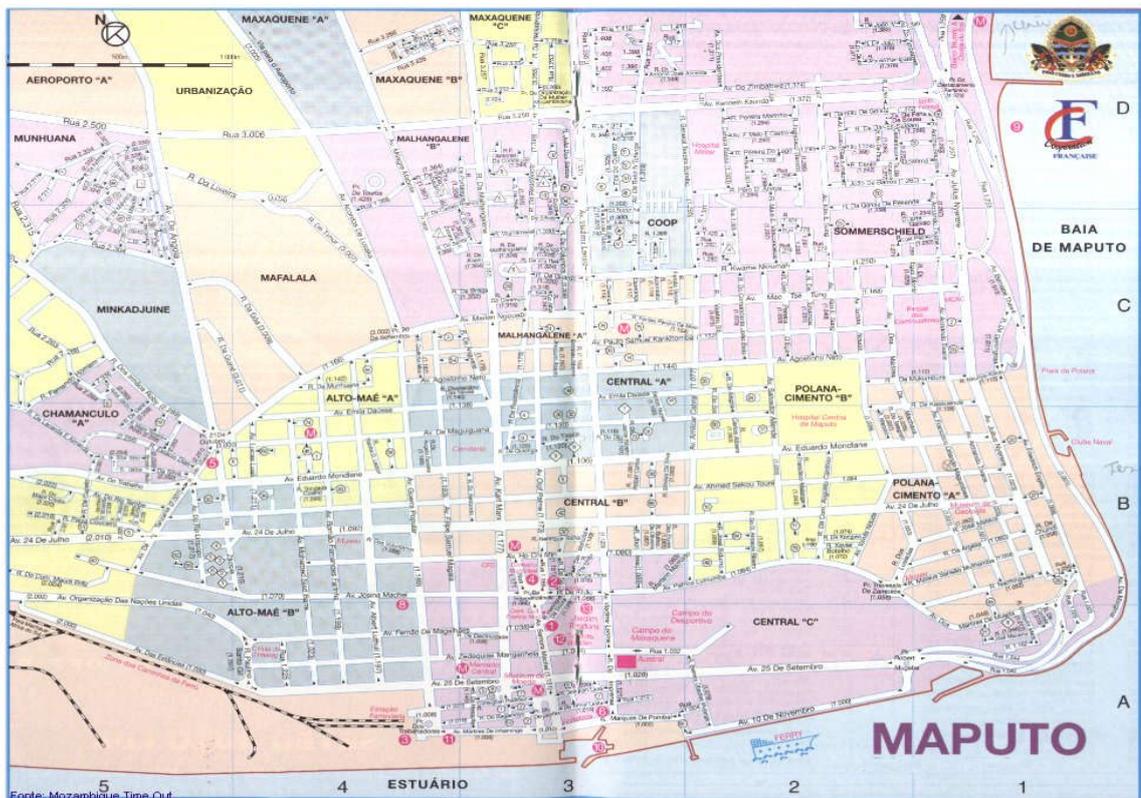
²² O cargo de Presidente de Município (em Moçambique,) seria equivalente ao de Prefeito, no Brasil.

²³ O quilómetro quadrado, representado pela sigla km², é uma unidade de superfície, que corresponde à área de um quadrado medido em quilómetro de lado. Com efeito, 1 km² corresponde à 1.000.000.000.000 mm² (de acordo com <https://pt.justcnw.com/superficie/quilometros-quadrados-hectares/>).

²⁴ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maputo>.

²⁵ (ver a fonte de informação <http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/maputo-cidade/quadro-4-populacao-por-idade-segundo-nacionalidade-e-sexo-maputo-cidade-2017.xlsx/view>).

Abaixo é apresentado o *Mapa detalhado da cidade de Maputo*²⁶:



Apesar de Maputo ser uma das cidades menos populosas do país, ela é a que mais contribui para o PIB de Moçambique, devido à concentração de alguns serviços e actividades comerciais consideradas de central importância, (Sedes dos Bancos comerciais, Agências internacionais, algumas actividades industriais), associado a uma rede de transportes e comunicação, que pode ser considerada de, mais ou menos bem instalada.

Em entrevista ao Assistente do Secretário do Presidente do Conselho Municipal da cidade de Maputo, este disponibilizou um documento que permitiu compreender que, ao abrigo da Resolução N° 19/2000, de 15 de Junho, a Assembléa Municipal da cidade de Maputo aprovou uma estrutura territorial do Município, subdividida em Distritos

²⁶ <https://www.google.com/search?q=mapa+da+CIDADE+DE+MAPUTO&tbm=isch&ved=2ahUKEwia4NWFmoXpAhVeG7kGHSjeAyUQ2->

Municipais e bairros. Assim sendo, 7 distritos municipais foram formalmente criados, tendo sido estabelecidos para cada um, a designação das seguintes unidades administrativas: Distritos Municipais números 1, 2, 3, 4, 5, Distrito Municipal da Catembe, e Distrito Municipal de Inhaca.

No Distrito Municipal de Kamphumu, que corresponde ao Distrito Municipal N° 1, encontram-se localizados o bairro do Alto-Maé A e, B, Bairro Central A e, B e C, Bairro da Polana Cimento A e, B, Bairro da Coop, Bairros da Malhangalene A e B, e o Bairro da Sommerschield. Foi neste último bairro que a pesquisa de campo decorreu. E as páginas que se seguem, foram reservadas ao entendimento sobre a sua estrutura administrativa, configuração (externa do bairro), e outras dinâmicas sociais que caracterizam o território, com enfoque para o fenómeno da prostituição de rua²⁷.

Deveras, o distrito Municipal N° 1 é dos mais antigos da Cidade de Maputo. Nele, (principalmente nos bairros Central e Malhangalene,) funciona uma parte significativa de serviços comerciais, tais como lojas, bares, supermercados, bem como, algumas Sedes empresariais. Com a excepção de Sommerschield (considerado o bairro nobre da cidade), e Polana Cimento (de classe média-alta), os restantes bairros apresentados são predominantemente compostos por uma população de classe social média.

BAIRRO DA SOMMERSCHIELD (Origem, caracterização e dinâmicas actuais):

António Cabral (1975)²⁸, aponta que, o médico norueguês, Óscar Somerschield andou pela África do Sul e África Central, e durante o século XIX esteve em Lourenço Marques (actual Maputo), local no qual se tornou concessionário de uma antiga quinta (e atribuiu-a o sobrenome da Família, Sommerschield). Com o passar dos anos, esta concessão foi atalhada e tornou-se num lindo bairro laurentino, com belas moradias e

²⁷ De referir que, a prostituição de rua é um fenómeno que também se encontra presente no meio urbano e suburbano da cidade de Maputo, tal como consta do capítulo I, relacionado com a revisão bibliográfica.

²⁸ Cabral foi um geógrafo e pesquisador, autor de um amplo trabalho de sistematização toponímica em Moçambique, tendo originado um dicionário de nomes geográficos de Moçambique. Seu dicionário representa uma das obras raras sobre a toponímia de Moçambique, e que apenas pode ser achada no Arquivo Histórico de Moçambique, localizado na capital do país (Maputo).

com as ruas muito estreitas. O médico instalou ali a sua clínica durante anos, e escreveu cartas oficiais para diversas instituições do Estado, ora apresentando-se como Sommerschield, ora, Sommerchield, e por vezes mesmo, Somerchield. Daí a variação da escrita do nome do bairro, que tem caracterizado as pessoas e instituições nos dias actuais, embora, escrever-se "Sommerchield" seja o mais comum. Contudo, ambas terminologias são consideradas correctas. "Posteriormente, ocorreram as obras de parcelamento e urbanização que deram origem a um bairro residencial a partir de 1960²⁹".

Actualmente, Sommerschield é considerado um dos bairros residenciais mais nobres da cidade de Maputo, localizado no distrito municipal Kampfumo. Neste bairro reside uma população maioritariamente detentora de um *capital global* (político, econômico e social e simbólico)³⁰.

Abaixo é apresentado o *Mapa do bairro da Sommerschield*³¹

²⁹ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sommerschield>.

³⁰ Somerschield concentra a maior parte das Sedes das embaixadas existentes no país, incluindo a do Brasil. A residência Oficial do Presidente do maior partido de oposição política do país encontra-se igualmente localizada neste bairro. Outro aspecto digno de nota é que, o Gabinete Oficial do Presidente da República, e a residência Oficial da Presidente da Assembléia da República de Moçambique ficam sediados na mesma região. O edificio Sede do partido político *Frelimo* localiza-se no mesmo bairro. Portanto, os traços deste bairro, acima indicados, representam símbolos de poder (institucional, econômico, político e simbólico) em Moçambique, susceptíveis de exercer influências não apenas sobre a vida política e social dos cidadãos, mas também sobre o sector imobiliário, entre outros aspectos.

³¹ Fonte de informação: Conselho Municipal da Cidade de Maputo, (disponibilizada através da Secretaria do bairro da Sommerschield, no segundo semestre de 2019).



Quanto à sua actual caracterização (física), importa salientar que, o carácter dominante das construções de moradias no bairro é do tipo: rés-do-chão e 1º andar. Notam-se espaços verdes (especificamente árvores de porte maior, plantadas ao longo dos passeios das avenidas). A paisagem do bairro é variada, sendo predominantemente composta por muros de casas pintados à branco, cinzento, castanho, e verde intercalado com branco³², ou seja, um tipo de pintura que parece representar a ideia de

³² Ana Fani A. Carlos é uma Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (no Brasil). Nos últimos anos, a pesquisadora tem desenvolvido estudos ligados às questões urbanas: linguagens, práticas e modos de entender a cidade e o urbano. Para Carlos (2018), a metrópole espelha a diversidade que se constitui a partir das culturas particulares que criam bairros diferenciados, com formas diferenciadas de apropriação do espaço. Nessa ordem de ideias, as cores das pinturas das habitações denunciam a classe social ocupada pelos indivíduos. Uma maior variação das cores de pintura das casas, ou a presença de cores consideradas indiscretas [e "berrantes"] num determinado bairro residencial,

"simplicidade e discrição". Durante o período do dia, dificilmente se observam crianças brincando pelas ruas e avenidas da Sommerschild, pelo que, a ocupação de tais espaços acaba sendo relegada à permanente circulação de veículos, e algumas pessoas adultas em marcha, (dentre moradores e não moradores do bairro). As características apresentadas nos últimos dois períodos deste parágrafo simbolizam, de acordo com Carlos (2018), alguns dos traços dos espaços urbanos habitados pela classe social alta.

Sommerschild é um bairro cujo território encontra-se devidamente parcelado e delimitado, composto por 38 quarteirões, e distribuídos em blocos de residência, e ocupados por cidadãos nacionais e estrangeiros. Cada quarteirão do bairro é composto por aproximadamente 100 famílias. À esse propósito importa referir que, após a conquista da independência nacional, o Ministério da Defesa Nacional atribuiu as residências do bairro Sommerschild aos antigos combatentes da luta armada pela libertação do país ao jugo colonial, por sinal, combatentes estes provenientes das mais variadas províncias do país. De acordo com o Secretário do bairro³³, "*os dados do último Censo realizado no ano de 2017, indicam que o bairro é composto por 6.698 habitantes*".

No bairro da Sommerschild encontram-se sediadas 10 representações de Alto Comissariado (dos mais diversos países), 30 Embaixadas (incluindo a do Brasil), e 15 Consulados. Adicionalmente, encontram-se baseadas nesse bairro, 11 representações de Organizações Internacionais, e Agências de Cooperação, nomeadamente: Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados; Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento; Fundo das Nações Unidas para a População; Organização Mundial da Saúde, Programa Mundial de Alimentação; Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura; Fundo Monetário Internacional; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; Organização das Nações Unidas

permitiriam considerar a possibilidade de, tal se tratar dum território ocupado por uma população de classe social baixa. O inverso desse cenário, isto é, a pintura das casas por cores mais discretas, traduziria então, o contrário: bairro ocupado por uma população de classe social alta. Com efeito, durante a pesquisa de campo constatou-se que, vedações residenciais pintadas à vermelho, azul, preto, ou amarelo (isto é: "cores menos discretas") são praticamente inexistentes no bairro da Sommerschild. O que se observa são cores que remetem à idéia de discrição (na perspectiva da autora).

³³ O Secretário do bairro é uma entidade administractiva do bairro. Maiores detalhes sobre o seu papel serão apresentados nas próximas páginas.

para Educação, Ciência e Cultura; Organização das Nações Unidas para a Infância, e para o Desenvolvimento Industrial; e a Organização Interna para o Desenvolvimento.

Outras infraestruturas sediadas no território do bairro incluem, as residências universitárias (da Universidade Eduardo Mondlane) n.º 3 e 5; Centro social, e a Direcção da mesma Universidade; Direcção da Justiça; Ministério da Presidência da República; Ministério da Segurança; Ministério da defesa; Direcção da Pesca; Correios de Moçambique; Emissora da TV Mira Mar; Emissora da Rádio TV Portuguesa em África; e o Centro de Conferência Joaquim Chissano. De referir que, as forças de patrulhamento policial que abrangem o bairro são, a 3ª e 4ª Esquadras (ou Delegacias), sendo a primeira, responsável pelos assuntos ou conflitos civis, e a outra, à questões diplomáticas.

É de referir que, o bairro da Sommerschield, *de per se*, não se encontra vedado a ponto de ser confundido com um condomínio (no sentido propriamente dito). Todavia, a existência de muros de altura elevada, e outros tipos de vedação que "protegem" cada uma das residências do bairro, associado a um sistema de vigilância de 24 horas (traduzido em forma de segurança privada e sistemas de televigilância e alarme, bem como a edificação de alguns muros altos, e outros tipos de vedação: eléctrica e de arame), estabelecem claramente uma barreira simbólica entre este local, e as características e paisagem dos demais bairros residenciais (civis) da cidade.

Os preços estipulados para o arrendamento ou compra das moradias no bairro variam em função do contexto económico, e conjuntura situacional. De acordo com as informações fornecidas por um Corrector de imóveis contactado em Maputo (para efeitos da pesquisa), ficou patente que, o arrendamento de uma moradia que comporte 3 ou 4 compartimentos, medindo cada um cerca de 10 a 15 m², e dispondo (ou não) de piscina, chega a custar entre 3.000 e 5.000 dólares americanos, ao mês. A compra de uma moradia que apresente tais características custa entre 500 e 600 mil dólares americanos. De acordo com o mesmo Corrector, a presença ou não de jardins, espaços verdes, e o ambiente geral do bairro, também jogam papel importante na valorização imobiliária.

O Corrector de imóveis contactado deixou claro ainda que, os filhos³⁴ dos moradores (nacionais) do bairro da Sommerschield habitam em uma área próxima desta, designada de bairro da Polana Cimento A³⁵. Esta informação se revelou bastante útil, na medida em que permitiu, de alguma forma captar as possíveis lógicas (ou "gênese") da articulação e composição da estrutura de poder (econômico, e territorial) instalado na cidade de Maputo. Ou seja, sabe-se que o Instituto Nacional de Estatísticas de Moçambique é a instituição responsável pelo registo da evolução demográfica e socioeconômica da população moçambicana, e ao desenvolver tal actividade, a princípio tal instituição tende à preocupar-se em, compreender a variável família enquanto uma unidade fixa de coabitação, produção e partilha dos seus recursos. Ora, a realidade do bairro da Sommerchield deixou claro que, afinal, a instituição social família, também se revela responsável pelo alargamento e distribuição do seu capital social e simbólico para os outros bairros (e outras famílias) que compõem a cidade de Maputo.

Os (progenitores) residentes no bairro da Sommerschield tendem a comprar habitações para os seus filhos no bairro da Polana Cimento A, tal como foi apontado. Isso significa que, alguns habitantes que passam a compôr o último bairro aqui citado, transportam consigo um conjunto de recursos (nominal³⁶, económicos, e outros) que permitem

³⁴ Filhos que já tenham atingido a sua maioridade etária. Em Moçambique, tal quesito é estabelecido a partir dos 18 – 21 anos.

³⁵ Polana Cimento A é um bairro também prestigiado da cidade de Maputo. Contudo, à título comparativo, o arrendamento de apartamentos no local, comportando dimensões aproximadas as do bairro da Sommerschield chega a custar entre, 1,5 e 2 mil dólares americanos, ao mês. A compra de um apartamento no mesmo local, que compreenda as características supracitadas custa entre, os 100 e 150 mil dólares americanos. Na maior parte das vezes, quem arrenda os imóveis (tanto no bairro da Sommerschield, assim como, no da Polana,) são cidadãos estrangeiros – europeus -, de côr da pele branca, e sexo masculino (casados, e solteiros). Ao passo que, os cidadãos nacionais, da côr de pele negra, e de sexo masculino constituem a maior parte dos proprietários dos apartamentos e moradias localizados em ambos bairros.

³⁶ É preciso considerar que, a região sul de Moçambique (aonde Maputo se localiza) é caracterizada pela predominância de uma linhagem (de parentesco) patrilinear. Não obstante a esse aspecto, a lei do direito civil em Moçambique concede, apenas ao homem, o poder de transferência do seu sobrenome à esposa e filhos/as. Nesse contexto, uma vez tendo ficado claro que, os proprietários das moradias do bairro da Sommerschield são maioritariamente homens, isso significa que, o processo da transferência de poderes e, principalmente, do sobrenome aos seus filhos e filhas (residentes nos bairros circunvizinhos), há-de atender aos mesmos preceitos. Deste modo, a reputação ou sobrenome de um pai numa determinada região, (por exemplo), pode acabar por se difundir aos diversos espaços do território (por meio dos seus

estreitar e até mesmo garantir a manutenção da valorização das representações sociais que giram em torno do seu bairro, o Polana Cimento A³⁷, e neste caso, também originadas do bairro da Sommerschield. Vista a questão nesse sentido, poderia afirmar-se, então, que Sommerschield não é apenas um bairro residencial *nobre* da cidade de Maputo. Este é, também, o próprio epicentro da manutenção do poder (e de reprodução reputacional) de alguns territórios do meio urbano da cidade capital de Moçambique, o que significa que, a *vinculação consangüínea* (existente entre moradores) pode ser uma base que permita a compreensão sobre a gênese das desigualdades (simbólicas), que se estruturam e perpetuam entre os bairros residenciais de Maputo.

Alguns empresários residentes no bairro da Sommerschield já foram alvos de tentativas, e até mesmo consumação de seqüestros (ocorridos no bairro, e não só). Essa situação constitui das maiores preocupações dos moradores do bairro. Mas apesar disso, de acordo com o Secretário do bairro³⁸, Sommerschield pode ser descrito como sendo um dos bairros mais seguros da cidade de Maputo, não só devido ao aparato de segurança que os moradores têm instalado em suas residências, mas também pelo facto de, o sistema de gestão administrativa, sob o controle do Secretário do bairro continuar activa, o que se traduz no reforço do sistema de patrulhamento policial, e por vezes, de fixação de equipas da polícia civil no bairro, no intuito de tentar controlar a situação da segurança civil.

Desta forma, não restam dúvidas de que, o papel do Secretário do bairro parece revelar-se fundamental na "gestão da vida" e das relações sociais nas comunidades ou bairros. Contudo, resta ainda saber, quem afinal é a entidade *Secretário do bairro*, quais são as responsabilidades específicas do seu cargo, em que contexto formou-se a sua categoria

filhos ou filhas), acarretando determinadas representações para a natureza das relações, situações e lugares, em que estes últimos estiverem baseados, a idéia de *capital social*, ou até mesmo *simbólico*, de acordo como Bourdieu (1996).

³⁷ O Corrector de imóveis esclareceu que, "neste sector, à medida em que, os clientes vão se mostrando disponíveis para pagar um certo valor (*digamos que...meio alto*) por determinado bem, maiores são as possibilidades desse bem (no caso, um imóvel) e a região por ela ocupada, valorizar-se no mercado".

³⁸ Os Secretários dos bairros da cidade de Maputo reúnem-se às segundas feiras, junto da vereadora da cidade de Maputo, com a finalidade de prestarem relatórios semanais e discutirem idéias relacionadas com o desenvolvimento dos bairros. Por sua vez, a Vereadora se encarrega de transmitir o relatório ao Presidente do Município, para a tomada de medidas cabíveis.

profissional, e, uma vez se tratando de um cargo de carácter público, como é que se pode analisá-lo quanto à legitimidade e neutralidade do seu papel ? Estes pontos são discutidos nas próximas páginas.

SOBRE A FIGURA DO SECRETÁRIO DO BAIRRO

Secretário do bairro é uma entidade revestida de competências administrativas claras em Moçambique, para zelar sobre as dinâmicas de vida de uma área territorial (no caso, um bairro). É através desta entidade que as autoridades de um município mantém a sua articulação com a população do bairro (implementação de políticas públicas, obtenção de informações sobre a população, entre outras funções). Mas, para se compreender melhor sobre o seu papel, revela-se necessário recorrer à história do país, para captar as condições que deram origem à sua formação e transformação.

Durante o período da colonização efectiva portuguesa em Moçambique, 1898 – 1974, as lideranças nativas (incluam-se, os reis) das mais diversas regiões ou reinos moçambicanos, viram o seu status social e político ser reduzido à uma entidade designada de régulo³⁹, uma vez que, tendo sido o território moçambicano considerado uma simples propriedade e extensão da coroa portuguesa, não podia dispôr de dois reis. O rei oficialmente reconhecido só podia estar baseado em Portugal. Doravante, à mando das entidades Oficiais portuguesas que ocupavam o território moçambicano, o régulo passou a encarregar-se de cobrar impostos à população nativa, e recrutar mão de obra local para o trabalho forçado nas plantações de algodão, tabaco e sisal, (cuja finalidade era reproduzir a cadeia da economia e consumo internacional). Nesse sentido, o régulo que não cumprisse com as tarefas ou metas definidas, era preso e substituído por um nativo que, fosse capaz de agir de acordo com os interesses do estado colonial.

Elísio Jossias (2004)⁴⁰, defende que, uma vez conquistada a independência do país, em 1975, o governo moçambicano (encabeçado pelo partido político Frelimo), impôs ao

³⁹ O termo régulo foi instituído pelos portugueses durante a ocupação colonial de Moçambique, e seu significado é: pequeno rei, ou pequena liderança nativa.

⁴⁰ Jossias é Professor universitário e pesquisador moçambicano, na Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de Arqueologia e Antropologia. Doutorando em Antropologia Social e Cultural, no

novo Estado, um Regime de orientação Marxista-Leninista, de partido único e economia centralizada. Tal Regime implicava, entre outras coisas, combater e negar a tradição, religião, e outras práticas culturais, consideradas de um perigo à construção do Estado Moderno que se pretendia moldar. Nessa ordem de ideias, a entidade *régulo*, e todas outras autoridades tradicionais nativas, que estiveram presentes durante a história de Moçambique foram destituídas de poder, e até perseguidas. O reconhecimento pelo status social e relevância desempenhados pelos régulos (principalmente, antes do período colonial) passou a ser, no Novo Estado moçambicano, atribuído aos Grupos dinamizadores, sob a alegação de que, os régulos teriam servido a estrutura da administração colonial, facto que, de acordo com a Frelimo, isso representava grave traição para com o povo moçambicano.

Elísio Jossias (2004), refere ainda que, no ano de 1979 realizou-se o primeiro encontro sobre as cidades e bairros em Moçambique, com o objectivo de analisar os problemas sociais, políticos e económicos que caracterizavam as 20 maiores cidades do país, e propôr formas de solucioná-las. A constatação foi de que, um dos maiores problemas que caracterizava as cidades, se prendia com a falta de clareza existente entre, o papel desempenhado pelos Grupos dinamizadores, e o pelas Células do partido Frelimo⁴¹, (que praticamente passaram a ser as mesmas).

No encontro, foi então decidido que, os Grupos dinamizadores deveriam se redimensionar, passando a ser grupos de organização e mobilização de massas em nível dos bairros, e seus membros deveriam ser eleitos por uma assembleia dos residentes, e tais grupos deveria ser encabeçados por uma entidade a ser designada de, Secretário do bairro. Os Grupos dinamizadores, então, passaram a ser constituídos pelo Secretário do bairro, seu assistente, e 10 membros eleitos à diferentes níveis de classificação.

Assim sendo, o Secretário do bairro passa a ser uma figura importante na administração dos bairros, e (em encontros populares organizados ordinária ou extraordinariamente,)

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Especialista em pesquisas qualitativas, sua área de interesse relaciona-se com questões sobre a posse de terra, relações de propriedade, e programas de desenvolvimento em Moçambique.

⁴¹ Células do partido eram as unidades mais específicas de representação do partido Frelimo nas empresas, e instituições do Estado. Esse papel entrava em colisão com aquele também desempenhado pelos grupos dinamizadores.

sua eleição ou reeleição era definida em função da sua idoneidade, que devia estar vinculada à sua capacidade de influência e organização das populações, seu estado de empregabilidade, e conduta exemplar. Uma vez que, em 1979 ainda vigorava o sistema monopartidário em Moçambique, os Secretários dos bairros passaram a assumir o papel administrativo e de representação do partido Frelimo nos bairros.

Ao fim da guerra civil instalada no país, a partir dos anos de 1992 passou a vigorar um Regime multipartidário em Moçambique. Este novo contexto político significou a concessão de maiores liberdades individuais por parte do Estado, tanto seja, no que se refere aos direitos de expressão, participação política, assim como, à de fiscalização da máquina do Estado. Foi nesse contexto que, ocorreu uma actualização sobre os papéis do Secretário do bairro e líderes tradicionais no país, através do decreto 15/2000 de 20 de Junho, que passa a reconhecer o “estatuto” dos Secretários do bairro como sendo autoridades comunitárias e locais. O seu cargo, pelo menos sob o ponto de vista formal, actualmente não se encontra vinculado à nenhum partido político, mas sim ao Estado, e com o passar dos últimos 20 anos, alguns ajustes e actualizações técnicas foram sendo realizados em relação ao seu papel, bem como, a atribuição de algumas responsabilidades ao Chefes de quarteirão, (que na escala hierárquica corresponderiam à posição subalterna do Secretário do bairro).

Tendo como base a *Resolução número 50/AM/2010 de 15 dezembro, do Estatuto Orgânico dos Serviços Técnicos e Administrativos do Município de Maputo e o Quadro de pessoal*, instrumento normativo Oficial em vigor em Moçambique, que actualiza sobre os termos e responsabilidades atribuídos aos Secretários dos bairros, e Chefes de quarteirão, éis que constatou-se que, ao abrigo do seu Artigo nº 31, as tarefas do Secretário do bairro são:

- a) Dirigir e controlar as actividades do bairro.
- b) Providenciar e dinamizar a construção e a manutenção de infraestrutura nos bairros.
- c) Acompanhar o cumprimento do horário do comércio no bairro.
- d) Convocar e dirigir as reuniões com o colectivo do bairro, e reunir periodicamente com os munícipes.
- e) Dinamizar todo o tipo de actividades de produção.

- f) Criar comissões de trabalho sempre que necessário para o bom desempenho das actividades do bairro
- g) Divulgar as leis, deliberações, posturas municipais e outras informações sobre o Município.
- h) Garantir o cumprimento das posturas Municipais, em coordenação com a Polícia Municipal.
- i) Pronunciar-se caso necessário sobre os terrenos requeridos pelos Municípes.
- j) Assegurar a higiene do bairro organizando campanhas de limpeza, saneamento e educação cívica sobre as melhores formas de preservação do meio ambiente e prevenção de doenças.
- k) Controlar e coordenar o abate de árvores, caça, pesca, actividades agropecuárias em zonas de protecção e queimadas descontroladas.
- l) Assegurar o bom relacionamento e articulação entre as autoridades admininstructivas locais e as autoridades tradicionais, bem como outras organizações existentes no bairro.
- m) Organizar e dinamizar actividades culturais, desportivas, recreativas e organizar campanhas de alfabetização.
- n) Mobilizar os municípes para o registo e recenseamento dos moradores dos bairros e das infraestruturas.
- o) Organizar os conselhos de policiamento comunitário e dinamizar o seu funcionamento.
- p) Emitir declarações para vários efeitos, pedidas pelos moradores sempre que estes pretendam tratar assuntos de seu interesse.
- q) Garantir a gestão e a correcta utilização dos fundos do bairro.
- r) Colaborar activamente na cobrança do imposto pessoal autárquico (IPA) Imposto predial autárquico (IPRA), taxa por actividade econômica (TAE) e de outras taxas.

É de destacar que, embora nos últimos 45 anos Moçambique tenha atravessado várias etapas de transformação política (isto é, do monopartidarismo – de 1975-92 , ao multipartidarismo – de 1992 – aos dias actuais -,) que deram origem aos papéis reservados ao Secretário do bairro, e sua transformação admininstructiva e ideológica, a questão é que, o processo da observação directa desenvolvido durante a recolha de dados do campo em Maputo, há-de ter demonstrado que, o Secretário do bairro

continua, de alguma forma, a ocupar posições (executivas) de privilégio e poder na gestão territorial dos bairros. Esse traço pode ser constatado, não apenas pela quantidade e exclusividade de responsabilidades que lhe são oficialmente relegadas.

Se, por um lado, as funções técnicas do Secretário do bairro, (que por sinal trata-se de um cargo *público*), não devem ser relacionados aos anseios de qualquer que seja o partido político, (basta analisar cada uma das funções que lhe são atribuídas), sucede que, durante o desenvolvimento da pesquisa de campo foi possível constatar que, reactivamente à alínea D do Artigo 31 da Resolução n° 50/AM/2010, (reservada à responsabilidade de convocação, e direcção de reuniões com o colectivo do bairro, e a organização de reuniões periódicas junto dos munícipes, por parte do Secretário do bairro), afinal cabem aí inúmeras interpretações, que os permitem acomodar confortavelmente os anseios particulares de determinados partidos políticos (em detrimento dos outros), tais como, a mobilização e caça ao voto dos moradores do bairro, fundamentalmente, durante os períodos eleitorais. "*Não é obrigatório participar na reunião, mas de vez em quando temos realizado aqui, reuniões de sensibilização e alinhamento com o partido...*", de acordo com o próprio Secretário do bairro⁴².

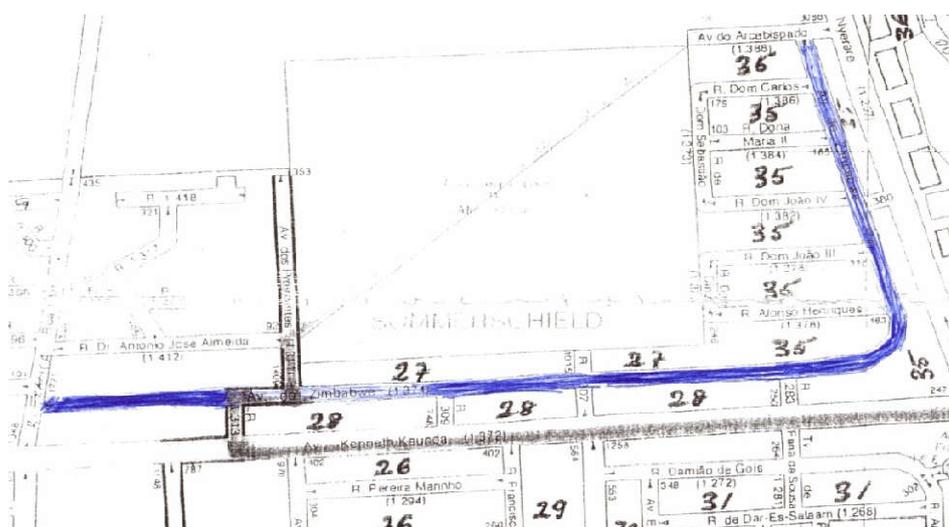
A AVENIDA DO ZIMBÁBWE, (no Bairro da Sommerschield).

O local específico, no qual decorreu a recolha dos dados do campo da pesquisa fica situado na parte interior desse bairro, exactamente na avenida do Zimbábwe. Trata-se de uma via rodoviária pública, totalmente asfaltada, usada pelos residentes do bairro e demais utentes, delimitada pelas avenidas da França, à Leste, bem como, pela avenida Kenneth Kaunda, à Norte, a Julyus Nyerere, à Oeste, e pela rua Arcebispo, à sul. A sua extensão é de aproximadamente 1 km (de comprimento), que se inicia em formato de uma linha recta, a partir do entroncamento junto da avenida da França, e vai se encurvando ao longo do seu trajecto, até à Avenida do Arcebispo. (Destacada com a cor azul) A travessia da avenida do Zimbábwe pelo bairro estabelece uma separação entre

⁴² O Secretário do bairro da Sommerschield é um cidadão de nacionalidade moçambicana, residente do bairro militar (extensão da Sommerschield), de idade superior aos 50 anos, antigo combatente da luta pela libertação nacional, negro, e homem.

dois aglomerados residenciais. Por um lado encontram-se, as residências inseridas nos blocos da numeração 27 e 35, e por outro, nos de 28 e (apenas um) de 35.

O Mapa da Avenida do Zimbábwe⁴³:



É de referir que, ao longo de toda a avenida do Zimbábwe podem ser identificados vários postes de iluminação eléctrica (em funcionamento), o que torna a parte interior do bairro da Sommerchild predominantemente iluminado durante o período da noite, apesar de também ser possível observar-se uma claridade reduzida cercando algumas e pequenas regiões da avenida durante esse mesmo período do dia, devido a existência de árvores plantadas na área reservada aos passeios da Zimbábwe, barrando assim, a iluminação projectada pelos postes.

PROSTITUTAS DE RUA NA AVENIDA DO ZIMBÁBWE:

⁴³ Fonte de informação: Conselho Municipal da Cidade de Maputo, (disponibilizada através da Secretaria do bairro da Sommerschild, no segundo semestre do ano de 2019). De referir que, a enumeração das residências (apresentada a manuscrito) patente do mapa é da autoria das próprias autoridades municipais.

As prostitutas começam a fazer-se presentes à avenida do Zimbábwe, (seu local de actividades prostitucional), durante o início do período nocturno, entre as 18 e 19 horas. A título estratégico pautam por chegar ao bairro sempre à pé, para não deixar explícito ao público sobre o destino das suas viagens (bairro da Sommerschield), já que a natureza das suas actividades laborais nocturnas não é por elas revelado a seus familiares, situação que implica uma permanente auto-vigilância das próprias prostitutas, no que se refere aos seus movimentos (quais são os espaços que frequentam, em quais locais descem de chapa/ônibus, etc., *gerenciando* constantemente as suas *impressões*). De igual modo, as prostitutas valorizam a marcha da viagem que realizam partindo de seus bairros residenciais ao da Sommerschield, pois, isso permite com que durante o seu percurso acessem alguns artigos de uso e consumo (especialmente, bebidas alcoólicas, preservativos), visando seu uso na Sommerchield (durante as suas actividades laborais). Elas chegam a Sommerschield sozinhas ou em grupos formados por duas ou três mulheres, sempre trajadas de vestes que encobrem a maior parte dos seus corpos, tais como: vestidos longos, saias com a altura abaixo do joelho e blusas de alça, calças do tipo jeans, e outros, e noutras vezes, cingidas à capulana⁴⁴. Em todas as ocasiões, tais mulheres se fazem acompanhar de bolsas ao ombro ou mochilas.

Uma vez chegadas ao seu local de actividade, seus trajes iniciais são totalmente substituídos pelos trazidos em suas mochilas e bolsas, (e nalgumas vezes, isso ocorre na via pública do bairro – isto é: ao longo da avenida do zimbábwe, e noutras, em garagens residenciais do bairro). Essas mulheres, de idades compreendidas entre os 22 e 45 anos, de estatura e volume corporal distintos, isto é, umas mais altas e magras, do que as outras mais baixas, de média estatura, e porte forte, e corpulentas. Contudo, apesar dessas distinções, ambas coincidem no que se refere à descrição do tom das suas peles, na sua maioridade civil, e na identificação de gênero, isto é, todas elas são negras, e para além de terem revelado (durante as entrevistas,) serem maiores de idade (por possuírem mais de 21 anos), também apontaram serem mulheres cisgêneras, visto identificarem-se com o gênero sexual de sua nascença (o feminino).

⁴⁴ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capulana>, Capulana "é o nome que se dá em Moçambique, a um tecido de pano que, tradicionalmente, é usado pelas mulheres para cingir o corpo, e por vezes a cabeça, costurar saias, podendo ainda cobrir o tronco". Importa referir que o seu uso no contexto moçambicano costuma ir muito além da *moda*, pois, entre outras funções, também permitem carregar trouxas, e serem usadas como cortinas, pano de mesa, encapar livros e cadernos.

É preciso não perder de vista que, no contexto actual, o debate sobre *ser homem* ou *ser mulher* revela-se bastante discutível. A esse respeito, no artigo intitulado *o conceito de cisgeneralidade e a produção de deslocamentos nas políticas feministas contemporâneas*, Rafaela Leonardo, et al (2015), por um lado, questionam sobre, até que ponto, todas as mulheres seriam representadas pela expressão "nós mulheres," amplamente difundida pelos movimentos feministas. Por outro, as autoras analisam em que medida o mesmo discurso, não terá contribuído apenas para garantir a manutenção de privilégios no interior dos Movimentos sociais. Na concepção das autoras, a mulher não pode ser reduzida a sua condição biológica, pois, esta não seria suficiente para determinar sua identidade. Nesse sentido, as mesmas ainda esclarecem:

“é possível pensar que esse conceito [de cisgênero], também é forma de tensionar os dispositivos discursivos que colocam mulheres cisgêneras como sendo o único sujeito político possível do feminismo e pode servir de argumento para contestar concepções que apresentam uma verdade sobre o que é “ser mulher”. Também é possível supor que tal conceito existe para que uma série de violências impetradas às pessoas trans possam estar dentro do campo de discussão feminista, não como um elemento apenas de ‘inclusão’, mas como elemento que define os termos da agonística do gênero, raça e sexualidade no feminismo”, (LEONARDO, et al, 2015, s/p).

(Biatriz BAGAGLI, 2018, pág. 57), corroborando com Leonardo, et al, aponta em seu artigo intitulado, *Cisgênero nos discursos feministas: uma palavra tão defendida, tão atacada, mas tão pouco entendida*, que,

Existe um “efeito de opacidade em relação à palavra [cisgênero]. Nesta forma de dizer, a palavra (...) é nitidamente marcada na cadeia discursiva ao mesmo tempo em que é feito uso: a palavra é explicitamente marcada, se destacando em relação ao resto da cadeia enunciativa linear e posta sob diversas formas de avaliação quanto à sua significação. O efeito produzido é do enunciador sendo observador e analista de suas próprias palavras.”

Com os apontamentos reflexivos acima indicados, fica clara a controvérsia que a identidade social *mulher* é capaz de gerar. Contudo, a auto-identificação das prostitutas da Sommerschild enquanto mulheres (cisgêneras,) enquadra-se no domínio da última referência analítica apresentada por Bagagli, segundo a qual, as enunciantoras (no caso,

as prostitutas,) são elas próprias observadoras e analistas de seus discursos e identidades de gênero. Ao se identificarem com o seu gênero sexual e se declararem mulheres, a descrição feita pelas prostitutas é acompanhada por algumas formas específicas de andar, vestir e falar, atribuídas ao gênero sexual feminino (no contexto moçambicano). Por exemplo, tal como será descrito com mais detalhes ainda neste trabalho, as prostitutas procuram adoptar linguagens alegóricas (e “sutis”) no mundo da prostituição de rua, (o caso de *brincar*, no lugar de transar, por exemplo, para se referirem às relações sexuais,) entre outros aspectos⁴⁵.

Chegadas à avenida do Zimbábwe, na Sommerschild, as prostitutas substituem seus trajes iniciais, por boxas ou calcinhas, saias ou vestidos com a altura acima do joelho, e geralmente blusas sem alças, que deixem a maior parte do seu corpo descoberto. Ao conjunto dos *operadores de settings*⁴⁶ supracitados, associam-se também os sapatos de salto alto que tais mulheres passam a calçar no local, a aplicação de uma maquiagem “destacável” no rosto, e aplicação de batôn nos lábios (em cores “mais destacáveis”). Dependendo das condições climáticas registadas durante o dia de trabalho, os trajes mencionados, (fundamentalmente as saias e vestidos com o tamanho acima do joelho) costumam ser parcialmente substituídos por calças “apertadas”, que no mundo da prostituição, tanto exercem a função estética-laboral, assim como, a *prática*.

A primeira função indicada associa-se à questão da demarcação dos contornos (das coxas, glúteos e pernas) que as calças permitem realçar sobre o corpo das prostitutas no contexto da prostituição de rua, por sinal, considerada uma estratégia central para a capitalização do interesse dos clientes, já que, na actividade da prostituição a exposição do corpo (feminino) também é associada à idéia de busca pelo prazer e excitação, de acordo com José Muchanga (2011). A segunda função indicada tem a ver com as possibilidades identificadas pela prostituta no local da sua actividade laboral, de proteger-se do frio por meio dela (no caso, a calça), principalmente em dias em que as temperaturas registadas sejam muito baixas. Este cenário é revelador de que, o campo

⁴⁵ O debate referente a identidade cisgênero, transgênero na prostituição ainda não se encontra estabelecida em Moçambique.

⁴⁶ Termo cunhado por Erving Goffman (2002), para se referir a um conjunto de indicadores que permitam as pessoas reconhecerem um determinado cenário: da prostituição, por exemplo.

da prostituição de rua representa tanto um espaço de produção de socialibilidades erótica, quanto econômica, cultural, climática e ambiental. Um *fenômeno social total*.

Nalgumas vezes, o cenário acima reportado, referente à troca de peças de roupa (ao relento) e a marcação de pontos de actuação por parte das prostitutas, também ocorre na via pública do bairro da Sommerschield – avenida da Sommerschield, facto que, ao abrigo do *Artigo 225 do Código Penal moçambicano*, constitui crime de ultraje público ao pudor⁴⁷. Fora à este último, também deve ser apontado o facto de que, durante as suas actividades laborais (na Avenida do Zimbábwe), as prostitutas geralmente tendem a agrupar-se e perfilar-se na parte exterior dos muros e vedações das residências da Sommerchield, e noutros casos, elas posicionam-se debaixo das árvores localizadas ao longo do passeio da referida avenida.

Todo o cenário exposto no parágrafo acima, ocorre às vistas dos moradores do bairro, que para além de observarem uma parte desta cena a partir das varandas de suas residências, também o fazem durante a sua circulação pelo do bairro por meio de seus automóveis, e até mesmo, na sua condição de pedestres. De referir que, estes moradores também dispõem de um capital global que os permite influenciar as políticas públicas (seja, por via do Secretário do bairro⁴⁸), ou até mesmo, accionando directamente as suas forças de segurança privada, bem como, a Polícia civil que por ali realiza as suas actividades de patrulhamento e de protecção das residências de alguns dirigentes do país ali residentes, no sentido de estancarem⁴⁹ a ocorrência do fenómeno no local. Contudo,

⁴⁷ O ultraje público ao pudor, cometido por acção, ou a publicidade resulte do lugar ou de outras circunstâncias de que o crime for acompanhado, e posto que não haja ofensa individual da honestidade de alguma pessoa, será punido com a pena de prisão até seis meses e multa até um mês.

⁴⁸ O Secretário do bairro encontra-se totalmente ciente da actuação das prostitutas de rua pelo bairro, durante o período nocturno. O facto deste ter afirmado que, "os guardas dos moradores são quem concede o espaço para as prostitutas exercerem as suas actividades, em troca de alguma recompensa econômica", é apenas uma dessas demonstrações captadas durante a pesquisa de campo. O Secretário do bairro referiu ainda, não precisar sobre o ano do início daquela actividade no local. Mas, referiu tratar-se de um fenómeno reactivamente recente, "*uma situação, mais ou menos, dos últimos 05 anos, 2014. É mais ou menos a partir desse momento, que as tenho visto por aí*", acrescentou a mesma fonte.

⁴⁹ Importa deixar claro que, a constatação e ilustração aqui feita pelo pesquisador da Tese, não assume uma pretensão moralista (ou embasada em um juízo de valor). Seu objectivo se prende com a necessidade

tal situação nunca ocorreu, apesar do claro cenário de contravenção e *estigma* relegados à prática. Esta situação torna claramente questionável a categorização de Sommerschild enquanto um bairro completamente "nobre" da Cidade de Maputo, visto que, a sua configuração social, no fundo parece traduzir-se fundamentalmente híbrida.

O quadro de situação acima apresentado despertou o interesse pela problematização sobre a racionalidade dos processos e actores circunscritos ao contexto da prostituição na Sommerschild, inclusive, mais detalhes sobre a origem da prostituição em Moçambique, suas principais características, e contribuições teóricas produzidas sobre a temática. É sobre este último ponto (das contribuições teóricas sobre a temática,) que o próximo capítulo se debruçará.

de, compreender as motivações que fazem com que, a realidade reportada, se traduza nos termos apresentados, e não de outra forma, num contexto em que, é preciso não perder de vista que, a prostituição é encarada pela grossa maioria da sociedade moçambicana, como se tratando duma prática "desonrante, e a-moral". Embora actualmente ela não seja criminalizada, (a verdade é que, durante o período em que vigorou o sistema Socialista no país, esta chegou a enquadrar-se no conjunto das práticas que foram severamente punidas, pois, no entendimento do Regime instalado, a sua existência poderia comprometer os triunfos da Revolução, e a formação do Homem Novo, de acordo com a Lei 05/1983 de 17 de Abril. Adicionalmente, algumas ONGs que lutam contra à infecção pelo HIV/Sida na mulheres do país, (o caso da Aids Found), reportaram que, as leis moçambicanas actualmente impõem barreiras para a legalização de associações que almejem lutar pelos direitos das prostitutas no país, já que, em Moçambique é claramente definido que, a formação de uma associação deve atender ao quesito da preservação dos valores morais da sociedade.

CAPÍTULO II:

REVISÃO DE LITERATURA

Apresentação geral:

Com recurso a uma perspectiva de análise histórica, este capítulo apresenta um conjunto de informações contidas na literatura moçambicana, que retratam sobre o fenómeno da prostituição (com ênfase para a prostituição feminina⁵⁰ de rua) no país. A leitura e análise de livros, poesias, artigos científicos, Dissertações, análise documental, e a exploração de outras publicações disponíveis em bibliotecas, e demais buscas de informação realizadas em sítios da internet permitiu a materialização desse desiderato.

Tendo sido Moçambique, o lugar no qual, a pesquisa de campo para esta Tese decorreu, neste capítulo do trabalho procurou-se apresentar uma literatura de origem predominantemente moçambicana, direccionada à discussão sobre o fenómeno da prostituição, no intuito de enquadrar ao leitor ou leitora sobre o estado do debate académico que circunscribe a temática no país, e através desse exercício identificar lacunas (analíticas e metodológicas), que viriam a abrir espaços para o desenvolvimento de novas problemáticas em torno da matéria.

⁵⁰ A referência à prostituição feminina de rua mencionada neste trabalho diz exclusivamente respeito àquela praticada por mulheres adultas (em idade igual ou superior a 21 anos), já que, em se tratando de praticantes menores de idade, então a actividade deixaria de designar-se de prostituição, para passar à *exploração* (infantil ou adolescente). Tal não foi o caso deste estudo.

Sobre o fenômeno da Prostituição em Moçambique: *Considerações preliminares*

Desde a altura da sua independência nacional, vários projectos de carácter social, político e económico, incluindo estudos de natureza científica foram concebidos e implementados em Moçambique. Nessa ordem de idéias, no que se refere à temática da prostituição no país, três momentos caracterizaram o desenvolvimento sistemático de práticas neste campo, que serão apresentados já a seguir.

O primeiro, remonta ao tempo colonial, reportado em poesias e nalguns retratos dos fotojornalistas, que procuraram abordar sobre a questão da segregação racial que vigorava no país, e que reserva apenas aos brancos e brancas o usufruto de determinados direitos, incluindo o de livre e total circulação pelas cidades, sendo tal direito claramente limitado e condicionado aos mestiços e negros. Nesse sentido, os bordéis e casas nocturnas (reservadas à prostituição, entre outras práticas) eram muitas vezes ocupados por prostitutas brancas e seus respectivos clientes (praticamente todos brancos). Mas é preciso esclarecer que, o cruzamento sexual entre negras e brancos também ocorria com alguma frequência. O eminente poeta José Craveirinha é, a título de exemplo, fruto de um cruzamento entre um homem branco (europeu), e uma mulher negra (da periferia da Mafalala). Embora, claro, pouco se fale sobre as reais situações ou contexto, no qual, os pais de Craveirinha se tenham conhecido e gerado o visado.

A segunda fase remonta ao período que se inicia com a proclamação da independência do país (ano de 1975), marcada por uma política de Estado centralizado, de orientação marxista-leninista, o que significou o empreendimento de uma investida nacional levado a cabo por parte do "novo Estado", no sentido de devolver aos nativos (negros e mestiços) o seu direito de liberdade e autonomia, a saber, a liberdade de circulação pela cidade sem impedimento, (na verdade, esta última medida política teve uma duração muito curta), e o acesso e socialização dos recursos materiais e simbólicos existentes no país. A prática da prostituição nessa época tornou-se num objecto de caça e erradicação por parte do Estado, que a entendia como sendo uma característica da sociedade burguesa e capitalista. Muitas prostitutas acabaram abrangidas pela Operação Produção.

Joaquim Maloa (2019)⁵¹, esclarece que, a Operação Produção foi uma ofensiva política lançada pelo governo moçambicano (especificamente pelo Presidente Samora Machel), a 21 de Maio de 1983. Tal ofensiva consistia numa prática de *higienização* de elementos e sujeitos considerados de impuros para a sociedade moçambicana, dentre eles, os desempregados e desempregadas (em idade activa,) das áreas urbanas e nos bairros mais populares. O recrutamento era fundamentalmente feito de forma coercitiva e violenta, sendo as pessoas deslocadas da cidade para o campo, para trabalharem a terra, aprenderem a ser revolucionárias, e se regenerarem.

Para este último autor, a operação produção estava orientada para a produção agrícola em aldeias comunais. De referir que, a evolução de tais aldeias dependeu da nacionalização de terras abandonadas pelos colonialistas portugueses. No total foram mais de 1.6 milhões de hectares de solos para a produção de grande escala da monocultura de cana-de-açúcar, sisal, chá, algodão, e copra. Tais terras funcionavam como garantia de produção para a exportação, abastecimento dos agroindústrias locais e dos centros urbanos.

“Dentro deste contexto, muitas mulheres foram acusadas de prostitutas [em Moçambique]. A prostituição era vista como algo degradante e humilhante para a mulher, Samora Machel apontava que esse fenômeno era muito freqüente nas cidades (...)”, (*Idem*, pág. 57). Nesse sentido, o *Daily News*, um jornal tanzaniano, “apontou que no dia 03 de Novembro de 1975, foram deportadas das cidades moçambicanas, mais de 3000 mulheres acusadas de vagabundagem, consumo de drogas, e prostituição”, (*Idem*, pág. 59).

Escusado seria apontar que, toda a criminalização dos considerados “inimigos do povo e da revolução socialista” acabou recaindo sobre as camadas menos favorecidas da sociedade moçambicana, que em sua maioria, não pôde disfrutar do acesso ao direito à escolarização formal, durante o período colonial. Maloa (2019), aponta ainda que, estima-se que pelo menos 100 mil pessoas tenham sido “evacuadas” da cidade de

⁵¹ Joaquim Miranda Maloa é cidadão moçambicano, formado em Sociologia pela Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique, e doutorado no mesmo curso, pela Universidade Federal de São Carlos, no Braisl. Sua principal área de interesse em pesquisa prende-se com a questão da violência na sociedade moçambicana pós-colonial.

Maputo para os campos de produção. E importa aqui recordar que, o simples facto da pessoa não apresentar uma carteira de identificação ou de trabalho era suficiente para as autoridades o enquadrarem como criminoso. Adicionalmente, nesse período a chicotada em público era considerado um *trunfo de controle* pelo governo, que consistia em marcar (*física, simbólica e psicologicamente*) a vítima, visando desestimular aos demais cidadãos a pautarem pelas práticas rejeitadas pelo governo. Os indivíduos “contemplados ao chicote” eram acusados de ostentar comportamento contrário aos valores socialistas, dentre eles: os comerciantes itinerantes, alcoólatras, pessoas consideradas de vadias e suspeitas de praticar prostituição, entre outras.

Embora ainda sejam escassos os registos referentes à temática da Operação Produção, o longa-metragem produzido pelo cineasta (brasileiro, radicado em Moçambique, e realizador de vários filmes moçambicanos,) Licínio de Azevedo, intitulado *a virgem margarida*, de alguma forma auxilia na compreensão sobre os exageros cometidos pelo Regime implementado pela Frelimo, durante os anos que se seguiram à independência do país, (Ver a peça do filme disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7K4EL-KotMc>). A propósito do filme moçambicano “Virgem Margarida”, (Ana Cristina PERREIRA, 2017), doutoranda em Estudos Culturais no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (CECS/UM), ao desenvolver uma investigação sobre o cinema, raça e gênero aponta que:

“*Virgem Margarida* é a primeira longa-metragem de ficção (com a duração de 90 minutos,) do autor mais premiado e reconhecido internacionalmente do cinema feito em Moçambique. “*Virgem Margarida*” conta a história de um grupo de prostitutas que foi levado para um campo de reeducação socialista, depois da independência de Moçambique (...). Nesses campos, as mulheres não são a ser ensinadas a ler, a escrever ou a pensar mas, sim, a fazer machambas (pequenas hortas), a cozinhar, lavar, para serem boas esposas e mães e dessa forma úteis à construção da nova sociedade (...). Num filme onde quase todas as personagens são mulheres prostitutas, não existem cenas de sexo, nem sequer de particular sensualidade (...). Não é dada a personagens masculinas a condução da acção, nem a possibilidade, por parte do público, de identificação com este tipo de herói (...). *Virgem Margarida* revela o fracasso da mente colonizada em se emancipar – o poder político rejeita categoricamente toda a herança colonial portuguesa, mas, talvez sem se aperceber, segue códigos de conduta moral

burgueses. Portanto, mais do que a substituição de um modelo de opressão por outro, o que se vê em *Virgem Margarida* é a reformulação do modelo de opressão patriarcal, em que as principais vítimas continuam a ser as mulheres. A opressão escala quando além de serem mulheres são pobres, pouco instruídas (ou mesmo analfabetas) e pertencentes a minorias étnicas”, págs., 93 a 95.

Por fim, sobre a "última fase" da história política de Moçambique (que parte de 1992 à data actual), importa referir que, o país adoptou o regime político democrático, facto que entre outras coisas implicou, a assimilação de valores e práticas políticas "ocidentais" associadas a idéia de direitos de livre mercado, livre opinião, remoção da pena de morte na Constituição da República, entre outros aspectos. Esse momento de grande transformação social observado no país foi amplamente orientado e conduzido pelas ONGs e instituições internacionais. Assim sendo (nos inícios da década de 90), a prática da prostituição começa a ganhar maior visibilidade no dia à dia do país, e ainda nesse mesmo período, os (elevados) índices de prevalência pela pandemia do HIV/Sida no país começam a ser destacados.

Foi a partir do último contexto apontado que, as prostitutas começaram a ser amplamente associadas à grupos de risco face às infecções de transmissão sexual, incluindo o vírus do HIV/Sida, aspecto que passa a justificar ou até mesmo reforçar a importância da presença e actuação de algumas ONGs (tais como a PSI⁵² e a MONASO⁵³, entre outras) no país. Até onde se tem registo, os estudos e relatórios

⁵² O PSI/Moçambique (significa: Population Services Internacional, em Moçambique) criada em 1994 para ajudar o Ministério da Saúde de Moçambique a ampliar a prevenção do HIV/Sida. A PSI/Moçambique adicionou a prevenção da malária ao seu portfólio em 2000, introduziu um programa de água potável em 2004 e lançou sua franquia de planeamento familiar em 2014, O memorando de entendimento do PSI/Moçambique com o Ministério do Interior e com muitas outras ONGs ajuda a expandir o alcance das campanhas de comunicação e distribuição de produtos para populações prioritárias, particularmente em áreas rurais com infraestrutura comercial fraca, de acordo com a Fonte: <https://www.psi.org/country/mozambique/#about>.

⁵³ Fonte: <http://redesida.web.ua.pt/ver.asp?id=26&tipo=2>, MONASO é uma Organização Não Governamental de coordenação das acções da sociedade civil de luta contra o HIV/SIDA. Suas actividades preconizam o envolvimento da sociedade civil na prevenção e atendimento comunitário, numa base voluntária e uso de recursos locais. Em 1988, o Governo Moçambicano criou, em resposta à problemática do HIV/SIDA no país, o Programa Nacional de Combate ao Sida, no Ministério da Saúde, o

desenvolvidos sobre a prostituição nesse período assumiram, por um lado, o carácter predominantemente tecnicista (estudos descritivos, cujos objectivos geralmente eram definidos em função dos critérios e "imposições" das agências internacionais), estando a preocupação dos referidos estudos predominantemente associado à questão do mapeamento de lugares e grupos considerados de *vulnerabilidade*, face à infecção pelo vírus do HIV/Sida. Mas por outro lado, tais estudos assumiram o carácter político-estratégico, pois, se centravam na concepção de planos e estratégias nacionais de prevenção e assistencialismo – definidos à médio e longo prazos pelo governo nacional, em sintonia com as ONGs e algumas instituições internacionais -, em vista a fazerem face às doenças sexualmente transmissíveis, por parte das prostitutas e da população em geral.

Os referidos estudos e relatórios, não traduziam propriamente uma abordagem de carácter académico sobre a realidade, (com ênfase virado para os estudos sociológicos ou antropológicos, baseados na compreensão ou análise em profundidade, sobre as razões que movem os actores sociais envolvidos em uma determinada situação). Até porque, é preciso recordar que, durante a década de 90, existiam pouquíssimos quadros superiores em Moçambique, para poderem fazê-lo. As primeiras graduações no curso de Ciências Sociais e, no de Sociologia de forma particular, só ocorreram durante os primeiros anos do presente século XXI (entre os anos de 2002 em diante). Com a formação de estudiosos (nacionais) na área das Ciências Sociais, o quadro de pesquisas sobre o fenómeno da prostituição no país passa a ser simultaneamente caracterizado por uma abordagem técnica e político-estratégica, por um lado, e por abordagens de cariz académica (sociológica), por outro.

Até onde se tem registo oficial (ou público), o primeiro estudo académico (sociológico,) a ocupar-se especificamente do entendimento sobre o fenómeno da prostituição adulta feminina e de rua, na sua relação com a problemática do HIV/Sida, somente ocorreu no ano de 2009, pela autoria de Baltazar Muianga⁵⁴. Só a partir desse período é que vários

qual coube a MONASO desempenhar um papel preponderante no desenho do Plano Estratégico Nacional (2000-2003) .

⁵⁴ Muianga é cidadão moçambicano, formado em Sociologia, e em Estudos Africanos e Desenvolvimento. Actualmente é docente no Departamento de Sociologia - na Universidade Eduardo Mondlane (Maputo), e

outros estudos de carácter académico relacionados especificamente com a temática da prostituição tem vindo a realizar-se no país. As principais linhas de pesquisa, ou seja, perspectivas de análise que tais estudos têm assumido ancoram-se às questões de *Identidades sociais, Risco, Representações e Percepções sociais, e Mobilidade social transnacional*.

Nas próximas páginas são apresentadas uma contextualização mais detalhada sobre o surgimento da prostituição no contexto moçambicano, seguido de um debate bibliográfico relacionado com a temática da prostituição. Realizado esse exercício, alguns parágrafos foram reservados à apresentação dos elementos de argumentação, que culminaram com a construção do problema e pergunta de partida desta Tese.

De acordo com Muianga (2009), terá sido com a descoberta das minas de ouro na África do Sul (um país que faz fronteira com Moçambique), bem como, com a construção da linha-férrea de Moçambique para o Transvaal, e a descoberta das minas de diamantes de Kimberley (na África do Sul) que, por volta dos anos de 1860, Lourenço Marques (actual cidade de Maputo,) conheceu um movimento de homens provenientes de vários pontos geográficos, que arriscavam as suas vidas em busca de melhores condições de trabalho nos portos de Moçambique, e minas da África do sul, longe de suas famílias. Nesse sentido, ainda de acordo com Muianga (2009), a ideia de bar servia de cobertura para a negociação do amor carnal. O bar continha álcool e mulheres. Mulheres que se vendiam em leilão, por cima das mesas dos bares, oferecendo-se ao cliente que mais libras pagassem.

As mulheres que se prostituíam nesses bares e casas nocturnas, eram, a princípio, de origem europeia, recrutadas de países como Portugal, França e Itália, pelos proprietários dos estabelecimentos mais aparatosos, respondendo os requisitos de padrão internacional de casas de *boite* imposto pela clientela dos Estados Unidos e Europa. A maioria desses bares encontrava-se situada próximo da rua de Araújo. Assim sendo, a rua Araújo rapidamente se tornou o grande fascínio dos homens. Uns que detinham o dinheiro e não tinham mulher, e outros que eram homens do meio suburbano, os

tem se dedicado ao desenvolvimento de pesquisas nas áreas da saúde e doença, gênero, e sexualidade, no contexto moçambicano.

cantineiros, que ao cabo de alguns meses de trabalho nas lojas de zinco (nos subúrbios da então Lourenço Marques,) vinham à cidade realizar compras e amortizar as suas letras, e deixavam algumas sobras em libras nos bares próximos da rua Araújo, em troca de lazer, Muianga, (2009).

Para além dos locais de prostituição acima referenciados, existia também a prostituição de casa, com destaque para as famosas casas de Maria e Sara, que eram patroas de tantas meninas nos bairros suburbanos. Havia uma tabela de preços definidos para a realização do acto, por hora ou por noite. Esta prática era visível nos bairros periféricos de caniço, nos anos de 1940 e 50, onde se concentrava a população negra (nativa), especialmente nos bairros da Mafalala e Xipamanine, *Idem*.

A respeito desta última indicação, Fátima Ribeiro (1995), apresenta um resumo das principais idéias referentes à prostituição, contidas nos poemas do poeta moçambicano José Craveirinha, durante o período colonial (em Moçambique). Craveirinha é descrito pela autora como sendo um observador atento da interpretação de dois mundos antagônicos em Moçambique: a cidade e o subúrbio. Nesse sentido, seus poemas tornam-se numa espécie de denúncia das injustiças do sistema colonial, especialmente durante as décadas de 1950 à 1970. O tema prostituição surge de forma explícita nos poemas "Mulata e Margarida", "Zita mulata com três recrutas", e "Quistos à janela", "Felismina", História das Lagoas, "Ode à Teresinha", "Prato de arroz", e a "buzinadela do táxi". Mais adiante, serão analisadas algumas das poesias de Craveirinha (sobre a temática da prostituição em Moçambique,) aqui apontadas.

Citando Ribeiro (1995)⁵⁵, mais uma vez pode se compreender que, o poeta Craveirinha terá constatado que, apesar da repressão colonial estar em voga em Moçambique (1895-1975), a prostituta moçambicana também deslocava-se dos bairros suburbanos para o cais, à rua de Araujo (actualmente designada de Rua de Bagamoyo), ao bar Luso, e aos cabarés da cidade de Maputo tendo em vista a procura de emprego e clientes, sendo que, nalgumas vezes eram estes últimos que se dirigiam aos subúrbios, aonde se

⁵⁵ Fátima Ribeiro é formada em Línguas e Literaturas Modernas, Professora de ensino da língua portuguesa em Moçambique. Membro da Associação moçambicana da língua Portuguesa, e da Associação Internacional de Lusitanistas. Autora dedicada ao estudo da língua portuguesa, e da sua evolução em Moçambique.

encontravam com prostitutas, pagando seus serviços a preços mais baixos. Craveirinha não se limitou a fazer uma simples descrição da realidade que caracterizava o país naquele período, e foi mais longe, apontando uma solução para o problema da prostituição (a partir de uma perspectiva meramente proibicionista e futurologista), prevendo um futuro no qual, só uma transformação social profunda seria capaz de libertar todo o povo moçambicano e, como parte dele, as prostitutas. Mas, conquistada a proclamação da independência de Moçambique, a prostituição continuou presente no país, com outros contornos e dinâmicas.

De referir que, o longa-metragem espanhol intitulado *Mujeres Libres*⁵⁶ retrata o quanto as mulheres prostitutas tendem a tornar-se, aos olhos dos ditos revolucionários políticos, um objecto de salvação e purificação, aliás, redenção esta que só pode ser alcançada através do seu engajamento armado e envolvimento na frente revolucionária. O filme mostra também que, na Espanha as mulheres contribuíram significativamente para os processos de tentativa de mudança (política) revolucionária no país, em uma sociedade ditatorial e marcada por fortes bases patriarcais e religiosas, mas que apesar disso, as discriminações baseadas no gênero prevaleceram por entre os ditos aspirantes da revolução (principalmente nos acampamentos de guerra). Isso revela o quanto a idéia de revolução nem sempre condiz com a realidade (de mudança e ruptura de valores e práticas) que ela própria acaba por estabelecer.

Muianga (2009), refere que, a proclamação da independência do país, no ano de 1975, abriu espaços para que o governo do partido Frelimo (responsável pelo comando e gestão do Estado moçambicano,) tentasse construir uma sociedade organizada, adoptando uma série de medidas que incluíam a operação produção, que tinha em vista inverter os fluxos migratórios e a transferência forçada para o campo, de todos os desempregados, improdutivos urbanos e prostitutas, considerados uma fonte de instabilidade social e delinquência nas grandes cidades. Em consequência dessas medidas "drásticas", entre os anos de 1976 e 88 nota-se uma aparente interrupção da prostituição no país, o que não significa necessariamente que ela deixasse de ocorrer.

⁵⁶ *Mujeres Libres* é um filme espanhol, que retrata sobre um grupo de prostitutas durante a guerra civil espanhola. Trata-se de um longa-metragem dos gêneros drama, guerra e ficção histórica, produzido em 1996, tendo contado com a direcção de Vicente Aranda. O filme possui uma duração total de 125 min.

Fáima Ribeiro (mencionada nas páginas anteriores), entre outros autores reforçam este ponto.

Entretanto, durante as décadas de 1980 e 90 o país vivia, por um lado, um interno conflito armado, e por outro, era assolado por uma séria calamidade natural, e uma crise de abastecimento de bens de consumo em todo o país. Neste sentido, o governo começou a incrementar um programa de reformas económicas, que ficou designado como Programa de Reajustamento Económico, conduzidos pelo FMI e Banco Mundial, e vendo-se assim, obrigado desde então a obedecer as políticas destas instituições.

Num contexto em que, os Programas do FMI e Banco Mundial orientam-se na base duma lógica neoliberal, e não propriamente de justiça social, sucedeu que, a abertura económica e as políticas criadas pelo Programa de Reajustamento Económico em Moçambique produziram resultados contrários aos esperados, pois, o processo da privatização das empresas e fábricas imposto pelo FMI e o Banco Mundial elevaram os índices de desemprego, e as adversidades do dia à dia acentuaram-se, criando um ambiente mais tolerante para a prática da prostituição, e outras actividades moralmente consideradas de, "anomalias sociais", tal como os assaltos de esquina, entre outras. Em decorrência dessa conjuntura política, económica e social, nos últimos anos o "exército" da prostituição foi ganhando maior visibilidade no contexto moçambicano, *Idem*.

O programa Hands Off⁵⁷ (2016), produziu um relatório de avaliação institucional, no qual, procurava apresentar o quadro das necessidades referentes ao trabalho de sexo e violência em Moçambique. Ali consta um Inquérito Integrado Biológico e Comportamental entre Mulheres Trabalhadoras de Sexo de Moçambique, que estima que, cerca de 27.285 trabalhadoras do sexo operam actualmente nas três principais cidades e regiões de Moçambique, (Maputo, Beira e Nampula), sendo que, praticamente a metade deste número (isto é: cerca de 13.554 trabalhadoras de sexo) encontra-se concentrada em Maputo - cidade capital do país. Com efeito, Larissa Pelúcio e Richard

⁵⁷ Hands Off é um programa de intervenção social implementado pela ONG (holandesa) *Aids Fonds*, e voltado para a redução da violência contra as trabalhadoras do sexo na África Austral (região da qual, Moçambique também faz parte), por meio de actividades de prevenção e apoio às trabalhadoras de sexo. O referido programa trabalha com grupos liderados por trabalhadoras do sexo, centros jurídicos, e outras organizações não-governamentais nacionais e internacionais, que trabalham com direitos humanos.

Miskolci (2017), ao falarem sobre a *prevenção e dispositivo da aids: a repatologização das sexualidades dissidentes*, demonstram que a ideia da AIDS estar vinculada ao risco foi uma construção acusatória e fortemente difundida pela medicina.

De acordo com os últimos autores aqui citados, “para as travestis, a *aids* tem sido termo de acusação e, como tal, é atribuída para sujar (...) e desvalorizar a/o acusada/o. Pode ser também (...) marcada por uma sexualidade exacerbada e pelo rompimento das normas”, pág. 145. “Assim, a *aids* pode ser silenciada e até mesmo negada, sendo quase um tema tabu sobre o qual as travestis se calam, tornando-o impronunciável”, *Ibidem*. Adicionalmente, os autores apontam que:

“Associadas ao risco e ao perigo, no sentido de serem “ameaçadoras” para a sociedade, as travestis vivem em risco e perigo justamente pelo rechaço que sofrem por parte daqueles e daquelas que as vêem como ameaçadoras. Viver em risco faz parte do cotidiano de muitas travestis, sendo o HIV apenas mais um, e nem sempre o mais premente”, pág. 147. “Elas tendem a reverter a acusação quando se vêem acuadas e apontadas como disseminadoras da *aids*, não mais aceitando serem apontadas como vetores da doença, [e repetem:] “Eu me cuido!””, pág. 146.

“Na atualidade, o discurso preventivo não se circunscreve somente à prevenção da *aids*; trata-se de um conjunto de normas, parâmetros e diretrizes que permeiam a visão médica, pautando condutas para os indivíduos evitarem agravos à saúde. Inserido nas políticas públicas de saúde, esse discurso está no marco da “estatização do biológico e, assim, do biopoder”, pág. 127. [Fortemente associada à questão da homossexualidade, no início da década de 80 do século passado] “a *aids* apresentava-se como uma espécie de Holocausto gay. Ao invés dos campos de concentração, a proposital falta de políticas públicas ou tratamento durante os primeiros anos da epidemia, sobretudo nos Estados Unidos. Ao invés da perseguição política e militar, a marcação da população por meio de políticas de saúde centradas nos testes, no controle e no “tratamento”. Ao invés do encarceramento em campos, a exposição a processos contínuos de estigmatização, solidão e individualização”, pág. 136.

Enfim, no entendimento dos autores,

“a heterossexualidade reprodutiva é a perspectiva não-explicitada que constrói a prevenção como eixo central do dispositivo da *aids*. Em uma ironia mortal, o foco preventivo no sexo público e não-heterossexual deixou escapar onde provavelmente se dá a maioria das contaminações, ou seja, as relações privadas, estáveis e possivelmente reprodutivas”, pág. 153.

Portanto, recrudescimento do número de prostitutas em Moçambique associa-se a um conjunto de factores, motivações e dinâmicas que tem suscitado interesse de estudo por parte de pesquisadores/as das áreas de Sociologia e Antropologia. Abaixo se apresentam os estudos de cariz sociológico, até então realizados no país (Moçambique), à volta do tema.

A PROSTITUIÇÃO ADULTA E FEMININA DE RUA, EM MOÇAMBIQUE: Um Debate Bibliográfico.

Tal como foi abordado no campo sobre a contextualização do fenómeno da prostituição em Moçambique, algumas correntes de pensamento passaram a associar a referida prática à propagação do vírus do HIV/Sida, pelo facto de se considerar as prostitutas (mais especificamente as prostitutas de rua,) como sendo um grupo social de risco. Mas, que seja permitido a esta pesquisa pontuar que, é preciso tomar-se cuidado em relação à divisão de escalões que é feita sobre a prostituição (de rua, de luxo, de bar, entre outros tipos), pois, a linha que distingue uma prática da outra é bastante tênue, para além de, tal como refere Natânia Lopes (*em prelo*), a divisão de escalões atribuída à prática pode gerar situações de, ainda maior preconceito em relação a actividade. Isso significa que, o termo de prostituição de rua implica, antes de tudo, a uma elaboração ou compreensão captada por uma questão de reflexão analítica. A definição mais ou menos precisa (mas sempre em aberto,) da prostituição de rua e de outros conceitos são identificados no campo referente à conceitualização⁵⁸ da pesquisa.

Muianga (2009), tendo adoptado como seu campo de estudos a *Rua de Bagamoyo* (sita na região da baixa da cidade de Maputo, na capital do país), produziu pela primeira vez em Moçambique um estudo de orientação sociológica, no qual, procurou em primeiro lugar identificar as estratégias que as trabalhadoras de sexo recorrem para fazer face ao risco de infecção pelo vírus do HIV/SIDA, e por outro lado, compreender a eficácia

⁵⁸ Adicionalmente, ao longo do trabalho, o leitor/a poderá deparar-se com um volume significativo de notas de esclarecimento conceitual, e noções sociológicas. Sua função é pedagógica, e associa-se a questões de ordem metodológica do trabalho (tentando tornar mais inteligível a leitura da matéria estudada), bem como a necessidade de atrair curiosidades pela disciplina, e contribuir assim, para o reforço da ampla institucionalização da disciplina em Moçambique.

destas respostas face aos condicionalismos sociais que influenciam significativamente na gestão de risco e saúde nesta categoria social.

Tendo este último autor adoptado uma metodologia de estudos qualitativa, a conclusão a que chegou no seu estudo foi de que, as trabalhadoras de sexo dispõem de um “stock de conhecimentos” (mecanismos de prevenção, entre outras informações,) referentes à questão do HIV/SIDA, que orienta as suas vidas e comportamento sexual no dia à dia laboral. Assim sendo, a problemática do HIV/Sida para esta categoria social se coloca em torno das condicionantes estruturais que propiciam práticas de risco. Face à tais condicionalismos, as trabalhadoras de sexo pautam por desenvolver práticas e saberes de prudência, com vista a minimizarem os perigos subjacentes à sua actividade, o que significa que, no contexto da prostituição, o recurso à essas estratégias de prudência e defesa confere a estas mulheres, certo nível de controlo, e uma relativa autonomia em relação à negociação pelo uso do preservativo.

Contudo, refere ainda Muianga, que no domínio da esfera da sexualidade “privada”, na qual a relação sexual ocorre entre as trabalhadoras de sexo e seus parceiros sexuais regulares, o mesmo rigor na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis não é observado, devido ao envolvimento emocional e as relações de confiança que ali se estabelecem, tornando por isso, esta esfera de sexualidade privada mais propensa ao risco face à infecção pelo HIV/Sida, quando comparado com o campo da prostituição de rua.

Corroborando com o posicionamento do último autor citado, José Muchanga (2011)⁵⁹, no seu texto subordinado ao tema *Rua dos Macondes, um epicentro do HIV/Sida ?*, procurou compreender as motivações sociológicas da prática da prostituição adulta e feminina de rua, na Rua dos Macondes, numa das 11 províncias que actualmente compõem o país – a província de Tete -, situada na região Centro de Moçambique. O

⁵⁹ Muchanga (autor desta tese,) é natural da região centro de Moçambique, pertencente à “classe social média”, negro, graduado em Sociologia pela Universidade Eduardo Mondlane (na região sul de seu país), e Activista social voluntário (em Moçambique e na região da América Latina). Participou de pesquisas científicas relacionadas com a questão do gênero, saúde e doença no contexto moçambicano, e outras relacionadas com a prostituição feminina de rua, no mesmo território. Actualmente, Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos, no Estado de São Paulo – Brasil.

Estudo decorreu na cidade de Tete. No referido estudo, o autor adoptou uma metodologia de pesquisa qualitativa, que o permitiu constatar que, o fenómeno da pobreza urbana e rural, associada aos conflitos políticos registados nalguns países da região da África Austral, com os quais Moçambique faz fronteira, sem dúvidas exercem influência no registo de fluxos migratórios que, acabam por arrastar grande parte das mulheres envolvidas nesses processos, para a prática da prostituição de rua, no centro da cidade de Tete, com o intuito de garantirem o seu sustento.

Com efeito, a problemática da vulnerabilidade face à infecção pelo vírus do HIV/Sida, por parte dessas mulheres encontra-se presente tanto na esfera da sexualidade pública, assim como a privada, pois, as práticas que concorrem para o risco face à infecção pelo vírus do HIV/Sida, fundamentalmente encontram-se presentes em ambas esferas de sexualidade, dependendo das condicionantes racionais ou estruturais presentes em cada contexto.

Contudo, apesar de tal vulnerabilidade encontrar-se presente em ambas esferas de sexualidade, o factor risco de infecção pelo vírus do HIV/Sida encontra-se reactivamente menos presente na esfera da sexualidade pública, devido a existência de um Estoque de conhecimento relacionado à questão do HIV/Sida, de que as trabalhadoras de sexo dispõem, o que lhes coloca em estado de alerta constante no seu campo de actividade, permitindo-lhes negociar quase que regularmente o uso do preservativo nas suas relações sexuais com os clientes. A constatação desses resultados permitiu questionar, pelo menos parcialmente, as declarações da opinião pública difundidas por alguns veículos de comunicação social na cidade de Tete, segundo as quais, a prática da prostituição adulta e feminina de rua (na Rua dos Macondes), representava um risco para a saúde pública e sexual na cidade.

Na intenção de compreender as complexidades que caracterizam o factor risco no contexto da prostituição, à semelhança de Muianga (2009), e Muchanga (2011), o autor José Tinta (2013)⁶⁰, em seu texto intitulado *a vida atrás dos riscos: uma análise*

⁶⁰ Tinta é cidadão moçambicano, formado em Antropologia, pela Universidade Eduardo Mondlane. Participou de actividades e pesquisas relacionadas com a questão da saúde e doença no contexto moçambicano. Conduziu uma pesquisa relacionada com a prática da prostituição de rua, em Moçambique.

antropológica da prática da prostituição na Cidade de Maputo identificou a Avenida Olof Palme como seu local de pesquisa, sita na região central da cidade, o qual considera tratar-se de realmente extenso, sendo observável a existência de pensões, barracas, edifícios construídos de tijolo e cimento que comportam entre um e quatro andares (e vedados de muros feitos de tijolo e cimento,) em todo o perímetro da sua esfera de abrangência. A pesquisa desenvolveu-se com recurso ao método etnográfico, bem como, às técnicas da observação directa, entrevistas semi-estruturadas, e histórias de vida, com o principal objectivo de analisar as práticas e riscos profissionais patentes entre as prostitutas que operam naquela avenida.

Os resultados do estudo apontaram para o facto de, as prostitutas se encontrarem submetidas à variadas situações de risco (com ênfase para a segurança física), a partir do momento em que se inseriram na actividade da prostituição, motivadas por questões de vulnerabilidade económica, profundamente atrelada à situação de desemprego, incapacidade de auto-sustento, divórcio e estado social de viuvez. Contudo, as mesmas também dispõem de noções sobre os riscos que acompanham as suas actividades profissionais, (conhecimentos estes, proporcionados por algumas ONGs que trabalham com as prostitutas no país), o que as permite adoptarem uma cultura defensiva em determinadas situações específicas, através das suas experiências construídas no contexto da prostituição (tais como a tentativa de manutenção de relações sexuais desprotegidas pelos clientes, e nalguns casos, a violência policial). O autor recorda que, é importante perceber que embora as prostitutas detenham de tais noções, as suas estratégias de defesa vão sendo adoptadas de acordo com as situações reais com as quais se deparam. Portanto, para Tinta (2013), tal constatação remete claramente a uma compreensão sobre o carácter contextual que a concepção de risco representa.

Por seu turno, preocupado em compreender sobre a construção e afirmação da identidade entre mulheres praticantes da prostituição, e os riscos que esta actividade representa para elas, Alberto Mahumana (2016)⁶¹, desenvolveu um estudo subordinado ao tema *Afirmação da identidade na prática da prostituição de rua*. O local

⁶¹ Mahumana é cidadão moçambicano, formado em Antropologia, pela Universidade Eduardo Mondlane, no Departamento de Arqueologia e Antropologia. Conduziu uma pesquisa relacionada com a prática da prostituição de rua, em Moçambique.

seleccionado para o estudo foi a rua de Bagamoyo, sita na região central da baixa da Cidade de Maputo (capital do país). Tendo-se baseado na adopção do método de pesquisa etnográfica, aliado às técnicas da observação directa, entrevistas semi-estruturadas e histórias de vida, os resultados do estudo apontaram para o facto de, os riscos no contexto da prostituição estarem relacionados com a própria prática do acto sexual no local em que as mesmas ocorrem, uma vez que, nas ruas, as praticantes são aliciadas pelos clientes à manterem relações sexuais sem o uso do preservativo, em troca de somas avultadas de valores monetários àqueles propostos inicialmente pelas prostitutas, facto que, ainda na visão do próprio autor, acaba representando uma certa vulnerabilidade por parte destas, face à contaminação de doenças sexualmente transmissíveis, e gravidezes indesejadas. O autor advoga tal posição como se, tais circunstâncias (e pressões) também não fossem observadas em outros espaços.

O outro factor de risco patente na referida actividade, de acordo com o último autor citado, se relaciona com a situação de assaltos e furtos a que as prostitutas tem sido constantemente alvo na rua, bem como, as agressões perpetradas por parte de clientes que solicitam os seus serviços sexuais em suas residências ou pensões, distantes da rua do Bagamoyo. O trabalho analisa ainda, a forma como as prostitutas se identificam (nominalmente) durante a sua actividade laboral, e como fazem a gestão dos riscos aos quais se encontram expostas no seu local de trabalho. O autor destaca que, os motivos que levam as mulheres a aderirem à prática da prostituição variam de uma para outra, nem sempre estando associados à situação de carência económica ou falta de emprego, mas sim, aos convites e influências exercidas por suas amigas, que actuam no ramo da actividade há mais tempo.

Ora, interessa esclarecer que, a argumentação acima apresentada parece ser bastante simplista para a complexidade que as motivações de adesão à prática da prostituição representam. Com efeito, a partir da análise feita a algumas práticas e costumes desenvolvidos por estas prostitutas na rua do Bagamoyo, o autor compreendeu que, a identidade da prostituta é uma construção social, conjugada com certo grau de negociação pessoal de outras identidades assumidas no seu dia à dia, pois, apesar da mesma assumir várias identidades (como a de mãe, esposa, filha, estudante, e muito mais), no momento em que se faz presente à sua actividade profissional, se considera “puta”.

Ora, a atribuição da terminologia "puta", nem sempre colhe consenso por entre as trabalhadoras de sexo. À título de exemplo, a activista social, e prostituta Gabriela Leite considera que, no Brasil, por uma questão de transparência e frontalidade, o termo "puta" reflecte de forma mais objectiva os desafios e situações críticas as quais as referidas mulheres ("trabalhadoras de sexo") se vêem submetidas no exercício das suas actividades. Entretanto, algumas vendedoras de sexo (no Brasil,) são da opinião de que, as designações mais adequadas para si, no contexto actual são: garota de programa, trabalhadora de sexo, acompanhantes, entre outros termos, pois, estas designações reivindicam uma ideia de integração e valorização das vendedoras de sexo ao mercado de trabalho formal, facto que implicaria o seu reconhecimento, em termos de direitos e deveres legais.

Adriana Piscitelli (2016), chama atenção para o facto de que, uma mudança mais efectiva de paradigma visando o alcance desse complexo objectivo, talvez passasse também pela necessidade de se captarem e articularem as dinâmicas da prostituição, numa escala mais abrangente: a mundial. É exactamente em torno do debate sobre o fenómeno da prostituição à escala global, e sobre as ambivalências que o conceito de prostituta representa, que o autor a seguir discute.

Na sua pesquisa intitulada *Exploração ou gratidão? Patronagem íntima e a gramática moral das trocas sexuais económicas entre jovens curtidoras e europeus mais velhos, expatriados, em Maputo*, Groes-Green (2016)⁶², explorou uma categoria particular de mulheres inserida em sistemas de intercâmbio locais, assim como, na paisagem urbana transnacional de trocas íntimas. A partir de uma constatação feita em torno dos encontros íntimos estabelecidos entre, mulheres jovens moçambicanas (que se consideram curtidoras,) e homens europeus brancos, mais velhos e ricos (considerados de patrocinadores), o objectivo do autor consistiu em estudar a forma com que, as curtidoras em Maputo mostram o poder do seu erotismo feminino, e como tal erotismo

⁶² Groes-Green é cidadão norueguês, formado em Antropologia, e doutorado em Assuntos de Género. Actualmente, Professor Associado no Departamento de Cultura e Identidade, da Universidade de Roskilde, na Noruega. Suas áreas de interesse em pesquisa relacionam-se fundamentalmente com, os circuitos afectivos, e as migrações africanas para a Europa. O autor conduziu uma pesquisa relacionada com o sexo transaccional, e prostituição em Moçambique.

se conecta com o parentesco, as dinâmicas de gênero e as moralidades de intercâmbio à escala global. Os patrocinadores em referência são homens de negócios, empreendedores, consultores, ou empregados pelas indústrias do desenvolvimento como funcionários das Nações Unidas ou Organizações não-governamentais, cujos países de origem são: Portugal, Itália, Alemanha, Espanha, França, Inglaterra, Estados Unidos, Irlanda, Holanda e países da Escandinávia. Alguns deles são casados.

Por sua vez, as curtidoras são descritas pelo autor como sendo, mulheres que saem intencionalmente para encontrar homens e engajar-se no sexo transaccional. Quando os cafés, bares e discotecas da cidade de Maputo abrem, à noite, elas acedem a um micro-ônibus – localmente designado de chapa –, em direção à cidade de Maputo. Caminham de lugar em lugar com outras curtidoras, à procura de patrocinadores abastados capazes de presentear-las com roupas da moda, jantares, bebidas e apoio financeiro. A expectativa delas é que, se estabeleçam relacionamentos de carácter casual e temporário, contudo, nada as obsta que um romance ou casamento ocorram, abrindo assim, caminhos para a sua mobilidade social, e a migração para os países desses homens.

Ainda em sua pesquisa antropológica, Groes-Green refere que, as curtidoras descrevem a si mesmas como sendo "mulheres de classe", que adoram a excitação da vida noturna e os homens, e que percebem o que fazem como sendo uma escolha de vida, e não uma consequência de necessidade ou ganância. Nesse sentido, na qualidade de um grupo social específico, embora as curtidoras desempenhem praticamente as mesmas actividades que as outras vendedoras de sexo, com frequência elas se distanciam das outras mulheres a quem designam de prostitutas, vagabundas ou putas, criticando-as por não serem inteligentes ou atraentes o suficiente para seduzir um homem que as sustente financeiramente. Desta forma, o autor avança com a ideia, segundo a qual, na relação estabelecida entre as curtidoras e os patrocinadores, constata-se uma complexidade de estruturação em relação a algumas noções e conceitos, que podem ser observados pela forma oposta com que cada um dos referidos actores concebe aquilo que considera ser prostituição, exploração e gratidão.

Enquanto os patrocinadores vêem o pagamento de sexo em dinheiro ou em presentes como um sinal de prostituição e compra de corpos, muitas curtidoras acreditam que, não

dar dinheiro a uma mulher com quem se tenha mantido relações sexuais é, uma forma de exploração, pois, esses homens não estão demonstrando sua gratidão, oferecendo aquilo que elas esperam e de facto merecem como mulheres. Todavia, importa referir que, de acordo com as curtidoras, a obrigação dos homens de dar dinheiro às mulheres como compensação pela intimidade sexual, por vezes não se aplica à todos homens, especialmente se, eles forem pessoas atraentes e seu status for baseado na beleza, na juventude e estilo. Nessa ordem de idéias entende-se aqui que, os preceitos socioculturais defendidos pelas curtidoras não são absolutos, pois, também constituem um objecto de reestruturação quando isso lhes interessa.

No que se refere à questão do parentesco, este último autor citado, explica ainda que, as curtidoras, com frequência sentem a necessidade de redistribuir parte considerável do que ganham de seus patrocinadores para seus parentes, especialmente para as mulheres (tias, avôs, mães), em troca de seu apoio e conselho de sedução no sentido de atraírem e prenderem o interesse dos patrocinadores em relação a si, e isso significaria poder de garantir uma clientela que as apoiaria financeiramente na maior parte do tempo, tanto à si, como aos seus familiares carenciados, através da concessão de mesadas, e outras formas de auxílio. Este ponto sugere claramente a idéia da transmissão de poderes eróticos baseados no conhecimento cultural (das mulheres: mães, avôs e tias das curtidoras), e sua articulação com o campo da prostituição à uma escala global, tornando os patrocinadores (casados e solteiros,) homens provedores e chefes de família global. Mas tal condição só perdura enquanto estes homens não se apercebem de que, algumas curtidoras por vezes os manipulam, com recurso à duras narrativas ou histórias de vitimização sobre sua infância, e condição socioeconômica.

Num contexto em que, é sabido que o processo migratório acaba por causar implicações, tanto no ponto de partida, assim como no do destino dos envolvidos, o fenômeno da prostituição aqui em análise, também apresenta várias configurações (no quadro da sua articulação à escala mundial), nalgumas vezes envolvendo relações entre clientes expatriados e prostitutas nativas, e contribuindo assim para os processos de mobilidade social de algumas mulheres e suas respectivas famílias no país de acolhimento, tal como foi reportado na pesquisa de Groes-Green. Mas a situação não se resume a isso. Noutros casos, a configuração fica assente numa relação que envolve clientes expatriados e prostitutas também expatriadas, baseados em um país de

acolhimento no qual acabam por semear ambientes de tensão social e concorrência, tal como consta dos apontamentos de pesquisa do próximo autor.

José Meihy (2017)⁶³, no seu texto intitulado *Imigração subterrânea: prostitutas brasileiras em Maputo* começou por contextualizar ao leitor sobre o facto de, as abordagens sobre os fluxos imigratórios, em geral, não levarem em conta os contingentes de mulheres e homens que deixam o Brasil em busca de espaço de trabalho na prostituição no exterior do país. Daí surgiu a necessidade do autor buscar perceber em sua pesquisa, sobre o deslocamento dessas pessoas, sob o conceito de "emigração subterrânea", captando a experiência singular das prostitutas brasileiras em Maputo, que prestam o atendimento sexual exclusivo a uma clientela brasileira, de trabalhadores de firmas que executam grandes obras de engenharia em Moçambique. Essa pesquisa sobre a prostituição em Maputo insere-se num âmbito mais amplo de investigação levada a cabo pelo autor, em alguns países da Europa, dos Estados Unidos da América, e da África.

Meihy colecionou cerca de 72 longas entrevistas baseadas na técnica de *histórias de vida*, organizadas em um projeto que previa conversar com “colaboradores” mulheres e homens que viviam (e vivem) da atividade sexual, mas também com agentes/cafetões, pessoal da Polícia Federal brasileira, e algumas pessoas e instituições que se dispõem a dar amparo aos implicados. Nesse contexto, o autor concebe o conceito de “prostituição subterrânea”, que foi inspirado pela idéia de “memória subterrânea” do sociólogo francês Michel Pollak, e justificado por dois motivos combinados: o primeiro, relacionado com a necessária camuflagem da atividade sexual levada à condição do contexto de sociedades que hierarquizam posições sociais. Em segundo lugar, relacionado ao vigor de manifestações que dialogam, embora inconformadas com a ordem estabelecida, muitas vezes travestidas de preceitos religiosos, morais e éticos. No caso da prostituição, o mundo subterrâneo só existe e se justifica em função do

⁶³ Meihy é cidadão brasileiro, Professor de Pós-graduação interdisciplinar em Letras e Ciências Humanas, na Universidade do Grande Rio. Professor aposentado da Universidade de São Paulo, e actuou como Professor Visitante em Universidades dos Estados Unidos da América, e em África. Tem desenvolvido pesquisas relacionadas com o processo migratório, com ênfase no deslocamento de brasileiros fora do Brasil. O autor desenvolveu uma pesquisa relacionada com a prostituição em Moçambique.

“oficial”, como uma espécie de, a outra face da moeda, o que significa que, de algum modo actuam conjuntamente.

A partir da observação de factos captados pelo autor (em Maputo, no ano de 2011,) reactivamente às dinâmicas que configuram a prática da prostituição transnacional, o último autor citado aponta claramente que, a precariedade de afinidades identitárias entre os brasileiros que ali se encontravam a trabalho era marcada pela quase ausência de elos de solidariedade entre os grupos sociais. O que ocorria mais concretamente era que, o facto de se ser funcionário de uma empresa ou de outra, era suficiente para distanciar os brasileiros e, até colocá-los como rivais, competidores, como se estivessem em uma disputa empresarial. O mais surpreendente nisso tudo, eram as dinâmicas que o mercado da prostituição transnacional ia assumindo à par dessas lutas, visto que, as moças brasileiras que serviam a empregados de uma determinada companhia, não deveriam atender a clientes de outra, significando assim, que as lógicas de rivalidade ou concorrência empresarial, também se estendiam ao domínio da vida sexual dos envolvidos na relação.

Ao conjunto de todo este cenário apresentado por Meihy, também acrescenta-se o facto de, os homens da alta sociedade moçambicana, em algum momento também se mostrarem interessados pelas prostitutas brasileiras, e esse tipo de abordagem afectava favoravelmente na maximização do preço definido para prestação dos programas e serviços sexuais destas, facto que, se por um lado as beneficiava, por outro, criava um ambiente de reactiva tensão e rivalidade entre elas (os grupos de prostitutas brasileiras) e os seus clientes "naturais" (brasileiros).

Sem avançar muitos detalhes sobre a faixa etária do seu grupo alvo de pesquisa, Meihy refere ainda que, as brasileiras que praticam a prostituição no continente africano são sempre mais velhas, e nalgumas vezes, sem êxito tentam concorrer com as prostitutas nacionais (especificamente na baixa da cidade de Maputo, nos bares entorno da Rua de Bagamoyo). Ora, mesmo assim, estas (as prostitutas brasileiras), por vezes acabam procurando adoptar a nacionalidade dos países africanos nos quais se encontrem, concebidos como seu "ponto final". É exactamente neste último aspecto de referência que se efectiva o conceito de “emigração subterrânea”, que pode ser entendida como sendo camuflada de legalidades possíveis. Nessa ordem de idéias, a título de sua própria

segurança ou de alguma melhoria de vida, essas brasileiras acabam decidindo contrair casamentos locais.

Destarte, o texto de Meihy expõe alguns dos desafios que a actividade da prostituição (à escala global) representa para as prostitutas. Todavia, tal como ficou patente na bibliografia analisada até este momento, de alguma forma seria unilinear e parcial se, se afirmasse que as prostitutas sejam apenas uma categoria social vitimizada pelos processos histórico e económico que caracterizam as sociedades, visto que, elas também agem, aderem e se movem dentro de tais processos com recurso à racionalidade, cálculo e escolhas (mais ou menos pessoais), tal como também pontua a autora que é apresentada de seguida.

No seu texto intitulado *Relacionamentos e práticas de sexo transaccional entre um grupo de estudantes numa residência universitária em Maputo*, Ancha Chichango (2017)⁶⁴, analisou os comportamentos e práticas de relacionamentos sexuais entre um grupo de estudantes universitários, da maior e mais antiga universidade de Moçambique, a Universidade Eduardo Mondlane. O estudo realizou-se na Residência universitária n.º 7 (comumente designada de Tangará), localizada "na Cidade de Maputo, bairro da Coop, rua da França", (*Idem*, 2017, pág.18), e contemplou um total de 10 alunas universitárias para efeito de entrevistas. Tendo pautado pelo uso do método de pesquisa etnográfica, aliado às técnicas da observação directa e entrevistas formais e informais, a autora da pesquisa constatou que, as estudantes universitárias adoptam uma cultura de escolha racional dos seus parceiros sexuais (que a princípio também são universitários), tendo em consideração a condição financeira destes, de formas a que sejam capazes de suportar as despesas pessoais destas, durante a sua formação universitária. De acordo com a autora, isso significa que, tais relacionamentos não se baseiam propriamente numa motivação de ordem emotiva ou afectiva, apesar de terem existido alguns casos, nos quais, se tenha chegado a assumir tal rumo (afectivo).

⁶⁴ Chichango é cidadã moçambicana, formada em Antropologia, pela Universidade Eduardo Mondlane, no Departamento de Arqueologia e Antropologia. Conduziu uma pesquisa relacionada com a prática da prostituição de rua, em Moçambique.

As alunas universitárias também aplicam o mesmo critério de racionalidade *instrumental*, na seleção de parceiros ou pretendentes exteriores ao mundo acadêmico, e em alguns casos chegando mesmo a manter e gerenciar seus relacionamentos sexuais em paralelo, tendo em vista a maximização de vantagens materiais. Ora, nalgumas situações, a dificuldade financeira destas alunas nem sempre constitui um factor condicionador para a sua adesão aos relacionamentos e práticas sexuais transaccionais, pois, algumas delas beneficiam de bolsas de estudo, auxílio financeiro concedido pelos seus parentes (traduzido na forma de mesada, entre outras modalidades), que as permitiria suprir as necessidades essenciais da sua formação académica. Contudo, a dinâmica da cidade parece atrair, reforçar e misturar o desejo destas alunas, amparado na vontade de ir à *boite*, vestir roupa da moda e divertir-se, que só um tipo de relacionamento sexual transaccional poderia facultar. Daí a sua adesão, produzindo-se assim, a idéia de prostituição por necessidade.

Apesar do estudo de Chichango (2017), poder informar ao leitor sobre a ocorrência da prática da prostituição no seio de grupos sociais tradicionalmente não abordados em pesquisas sociológicas, a autora parece ter colocado um desafio analítico na sua abordagem sobre o conceito de prostituição, ao envolver características que o tornaram praticamente "difuso na sua descrição".

O que sucedeu foi que, a última autora aqui citada, não foi capaz de diferenciar com clareza (e com razão), a natureza de uma relação cuja finalidade seja a de manter relações sexuais em troca de bens materiais, em um processo antecedido de uma negociação estabelecida entre os indivíduos envolvidos, daquela relação, na qual a mulher assegura ao parceiro, que estejam vivenciando um relacionamento de namoro um com o outro, quando na verdade, seu verdadeiro intuito resume-se em aproveitar-se de seus bens e recursos.

Note-se que, no último cenário apontado (diferentemente do primeiro), o parceiro regular da mulher não se encontra ciente da natureza e das expectativas por esta definidas, na relação. Nesse sentido, embora a prostituição represente um campo amplo de "modalidades" de relações sociais, fica-se por questionar sobre, até que ponto, se poderia considerar os dois últimos cenários ilustrados, (ambos) de *prostituição* ! Adensa-se a essa inquietação, o facto da autora não ter esclarecido ao longo de todo o

seu trabalho, mas fundamentalmente no campo reservado ao seu enquadramento conceitual, sobre qual dentre as várias definições adoptadas sobre a prostituição se aplicaria ao seu trabalho. Esse aspecto subentende que, as concepções de prostituição, relacionamento, e práticas transaccionais, foram assumidas como sinónimas na pesquisa. Ora, Ana Da Silva, et al., (2010), define a prostituição, em como se tratando da prática da comercialização do serviço sexual, através do prazer, fantasias, carícias e sexo. Deste modo, a prostituição é exercida mediante o processo da negociação com o cliente, sobre os serviços a serem prestados e sobre a variação dos preços estabelecidos em função da performance. Concebe-se assim, a idéia de prostituição como uma prática que envolva o conhecimento mútuo da natureza da relação, por parte dos implicados.

No entanto, ocorre que a definição de prostituição concebida por Da Silva, et al., (2010), parece não se aplicar adequadamente à algumas situações as quais Chichango considera existir, principalmente, na relação estabelecida entre as alunas universitárias e seus colegas, facto que torna desafiante a compreensão do referido conceito no texto. Mas a respeito desse debate, Camila Fernandes (2011), procura esclarecer, através de um diálogo entre a Sociologia e Economia, as interconexões de actividades económicas e as relações de intimidade. Nesse sentido, Fernandes (2011), refere que:

“o amor e sexo como entidades opostas operam para fins de manutenção do ideário romântico. O sexo mediado por dinheiro, e visto puramente como violência ou comércio, ofusca a existência de muitas formas de agenciar o corpo que não se resumem somente à sexualidade. [Embora a autora também lembre que], existem sem dúvidas, determinados contextos e práticas sociais nas quais relações sexuais e de prostituição estão sujeitas à exploração, às desigualdades e a inúmeras violências”, pág. 402.

Ainda em torno deste tópico, o pensamento de Miriam ADELMAN (2011), permite (a título crítico) dialogar do seguinte modo com a posição assumida por Chichango:

“As teorias pós-estruturalistas contemporâneas fizeram muito para inovar, metodologicamente, criando novas epistemes para uma complexidade que demanda concepções mais fluídas, nuançadas e multifacetadas das relações sociais, desafiando alguns dos binómios e dicotomias que desempenharam um papel tão importante no momento “clássico” (e estruturalista)”, pág. 119. Deste modo, é preciso considerar que, “quando as pessoas incorporam o dinheiro nos processos de construção de laços sociais, isso muitas vezes implica numa transformação no

próprio sentido dado ao dinheiro – que passa de um meio de troca “impessoal” para incorporar a lógica da dádiva: [contudo]...todos nós usamos a atividade econômica para criar, manter e negociar laços importantes – especialmente os íntimos – que mantemos com outras pessoas”, (ADELMAN, pág. 121).

Para problematizar as visões conservadoras que procuram distinguir as relações afectivas daquelas consideradas de “prostitucionais”, baseado no uso do dinheiro como elemento de troca, a autora não apenas “demonstra quão freqüente é para uma pessoa usar o dinheiro, um bem ou um recurso material como dádiva e expressão de gratidão numa troca essencialmente afetiva”, (pág. 123), como também esclarece que:

“podemos falar sobre dinheiro, amor e relações de poder no casamento, ou como algumas prostitutas se esforçam para manter suas relações íntimas afastadas do lugar de onde vendem sexo por dinheiro, ou como algumas pessoas hoje em dia compram não tanto sexo senão intimidade. Por outro lado, as relações podem incluir cálculo de interesse de muitos tipos, nem sempre mediados pelo dinheiro”, pág. 136.

Com exposto acima, fica claro que o conceito de prostituição abrange uma vasta diversidade de práticas e situações, tornando assim a sua conceptualização ainda mais complexa, e revestida de fronteiras pouco claras. Talvez essa situação explique a natureza conceitual (“escorregadia”), patente na abordagem de Chichango.

Ora, na intenção de captar outras dinâmicas caracterizantes do fenómeno da prostituição, Vasco Ugueleguele (2019)⁶⁵, no seu texto intitulado *a reprodução do mercado da prostituição feminina: caso do “Bills bar” no bairro de Albazine - período 2015-17*, deslocou-se do centro da Cidade de Maputo (campo tradicionalmente adoptado para os estudos de carácter sociológico e antropológico, sobre o tema da prostituição em Moçambique), para um bairro suburbano desta capital do país: Albazine. Ali, o autor procura compreender o processo da reprodução do mercado da prostituição feminina, decorrente do bar *Bills Bar*. Nessa ordem de idéias adoptou para o seu estudo, a teoria de *sociabilidades* (de Georg Simmel), procurando compreender o

⁶⁵ Ugueleguele é cidadão moçambicano, formado em Sociologia pela Universidade Pedagógica de Maputo, no Departamento de Ciências Sociais. Organizou e participou de eventos académicos relacionados com a inclusão de Género (e outras diversas temáticas), na Cidade Maputo. Também conduziu uma pesquisa relacionada com a prática da prostituição de rua, no contexto moçambicano.

processo de reprodução da actividade da prostituição no bar supracitado, e as formas com que se desenvolvem as interacções sociais no quadrado constituído por trabalhadoras de sexo, clientes, proprietários dos bares, e estruturas locais do bairro. Para o referido estudo foram entrevistados 24 sujeitos, dos quais 13 trabalhadoras de sexo, 6 clientes das trabalhadoras de sexo, 1 proprietário do bar e 4 elementos que fazem parte da estrutura de liderança do bairro, nomeadamente: o Secretário do bairro, e Chefes de quarteirão.

Os resultados da pesquisa do autor apontaram para o facto da reprodução do mercado da prostituição no Bills Bar ter a ver com, o facto do bar constituir um espaço de sociabilidade masculina, (no qual, os homens aderem ao local a fim de buscar o lazer: tomar cerveja, conversar, entre outras coisas), facto que, acaba criando uma oportunidade para que certas mulheres preocupadas fundamentalmente com a busca do capital financeiro, adiram ao local e se prostituam ali, a fim de garantirem seu sustento. Mas ao mesmo tempo, as mesmas não descartam a possibilidade de manter relacionamentos amorosos sérios, como consequência das suas investidas (por clientes) no local. Entre as prostitutas existem hierarquias e regras de actuação no local. Por exemplo, (em função da longevidade de actuação no local,) umas são consideradas de, mais antigas, e as outras, de mais novas.

Associadas a essas categorizações (concebidas pelas próprias trabalhadoras de sexo,) recai um conjunto de direitos e responsabilidades sobre cada uma delas, no que se refere à papéis e margens de actuação. Sendo assim, passam a ser definidos critérios claros sobre, o quando, quem, em quais condições, e qual tipo de cliente cada uma pode escolher no local (e eventualmente fora dele). Com efeito, a não observância de obrigações fiscais no local, por parte da administração do bar, e demais autoridades competentes (referentemente ao controle sobre a presença e circulação de menores, e o consumo de bebidas alcoólicas no local, entre outros aspectos), de algum modo acaba tornando possível a reprodução da prostituição no Bills bar, facto que preocupa os moradores do bairro, de acordo com o pronunciamento das estruturas de liderança do bairro, observa o autor.

Ora, apesar da pesquisa de Ugueleguele ter sido realizada (num bairro suburbano,) distante do centro da Cidade de Maputo, a mesma revelou-se sociologicamente

interessante na medida em que, foi capaz de demonstrar a prevalência de regras, hierarquia, conflitos e negociações nas relações sociais que circunscrevem as práticas laborais das prostitutas, facto que remete para uma compreensão estruturo-funcionalista da situação, assente na idéia segundo a qual, as práticas e os locais de um fenómeno podem até variar, mas a estrutura dos símbolos e significados a ele associados, permanece. Para o caso específico da prostituição no contexto moçambicano, poderia inferir-se então, que tanto no centro da cidade, assim como nos bairros suburbanos, estão presentes o uso da moeda como unidade de troca, as relações de hierarquia, conflitos, consensos e ostracismo protagonizado "pela sociedade" em relação à prática.

Toda a maneira, em sua pesquisa, Ugueleguele baseia-se em entrevistas captadas junto dos Secretário do bairro, assim como dos Chefes de quarteirão, reactivamente à prática da prostituição no *Bills bar*, para (a título de extensão,) compreender a opinião de todos os moradores do bairro de Albazine, em relação ao assunto da pesquisa.

Ora, embora a aplicação do pressuposto técnico apresentado seja metodologicamente plausível num estudo de natureza qualitativa, a mesma peca por traduzir-se em sua forma bastante *elista*, e pouco reveladora da profundidade que a temática de facto abrange. É que, no contexto moçambicano, tem decorrido com frequência sessões de palestras realizadas na capital do país, nas quais se tem procurado discutir insistentemente sobre a legitimidade da figura do Secretario do Bairro, que embora seja bastante relevante, existem "controvérsias" no que se refere a alguns aspectos, a saber, o seu papel nos processos de negociação e atribuição de contratos de concessão de terras às empresas multinacionais.

As informações que tem sido partilhadas em tais debates dão a conhecer que, as decisões tomadas por tais figuras, nalgumas vezes prejudicam o interesse dos demais membros das comunidades locais. Isto significa que, apesar da figura do Secretário do bairro ser uma referência administractiva relevante para a gestão dos assuntos internos dos bairros, estes não representam de forma integral a opinião dos seus moradores, visto que, sua legitimidade (nalgumas vezes) até tende a ser directa ou indirectamente questionada pelos moradores dos bairros (e não só).

Para terminar a exposição referente à revisão bibliográfica, interessa mencionar que, fora aos círculos académicos, o fenómeno da prostituição em Moçambique também tem sido retratado através dos meios de comunicação social, com enfoque para a imprensa escrita - jornal *Notícias* -, "o mais antigo e de maior circulação" e abrangência no país, (fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_jornais_e_revistas_de_Moçambique).

O referido jornal destaca-se no país, pela sua capacidade versada numa maior tiragem de exemplares diários (tanto em formato físico, assim como, o virtual,) e quanto ao custo praticado, considerado como sendo o mais acessível⁶⁶ para os cidadãos: o preço é de 30 Meticais⁶⁷ – equivalentes à um valor igual ou aproximado à 2 Reais -, por unidade, contrariamente aos outros que, ou não possuem uma tiragem de exemplares diária, ou os preços praticados encontram-se estipulados acima dos 30 Meticais. Ora, embora os constrangimentos de campo relacionados ao acesso às tiragens do jornal, para efeitos de leitura, se tenham imposto limitando a aquisição de algumas das suas edições, (referentes aos meses de Julho de 2019, a meados de Janeiro de 2020), mesmo assim, foi possível explorar o conteúdo da maior parte delas, com a excepção de 3 edições, devido ao facto da editora de jornal ter impresso (nas 3 ocasiões referidas), um limitado número de tiragens, condicionando a sua aquisição pela maior parte do público.

Com efeito, (entre os meses de Julho de 2019 à meados de Janeiro de 2020,) duas reportagens sobre a temática da prostituição (produzidas pelo jornal *Notícias*,) revelaram-se dignas de destaque: uma pela natureza do seu carácter de abordagem administrativa, e a outra, pelo técnico. Nessa ordem de idéias, na edição do dia 22 de Outubro de 2019, a página 7 do referido Jornal apontou como um de seus títulos noticiosos, o seguinte facto: "*HIV/Sida em alta nas trabalhadoras de sexo*", e o conteúdo da informação foi a que segue:

⁶⁶ Em Moçambique existem, pelo menos, 19 editoras de jornal, umas de tiragem e distribuição diária, e outras, semanal. Algumas são subsidiadas pelo Estado (o exemplo do *Notícias*,) e outras não. Com efeito, o jornal *A Verdade* surge como o único da lista, cuja distribuição dos exemplares é gratuita ao público, tanto no formato físico, assim como, no digital, e encontra-se em franca expansão pelo país.

⁶⁷ Metical é a unidade de moeda em uso em Moçambique, desde o ano de 1980.

O responsável técnico pela população-chave da Direcção provincial de Saúde da província de Nampula (sita na região Norte de Moçambique,) referiu que, a miséria, o desemprego e a necessidade de ganhar dinheiro para sobreviver constituem dos principais factores que fazem com que centenas de mulheres, sobretudo da capital provincial de Nampula, se arrastem para a prostituição. Na mesma página do jornal pode-se ler das declarações do referido responsável, que, em Nampula existem ruas e esquinas pré-definidas, sobretudo próximas dos bares, discotecas, esplanadas e barracas, onde mulheres caçam cliente, sobretudo de noite. Nampula registou cerca de onze por cento de casos de seroprevalência na provincial, facto que remete a referida Direcção a ser mais interventiva na divulgação de mensagens de prevenção, particularmente na disponibilização dos pacotes e informações sobre a necessidade da prática do sexo seguro no seio das mulheres trabalhadoras de sexo.

Ainda de acordo com o mesmo Jornal, datado de 02 de Dezembro do ano de 2019, na sua página 2, encontra-se publicada uma notícia segundo a qual: "*Moçambique pode controlar a Sida até 2030*". A informação contida nessa nota foi a seguinte:

O Secretário Executivo do Conselho Nacional de Combate ao Sida (CNCS), Francisco Mbofana falando ao Notícias sobre os avanços e desafios do país no combate à doença apontou que, Moçambique registou significativos avanços no que se refere ao aumento de número de pessoas em tratamento anti-retroviral, contudo, tem ainda o desafio de aumentar o financiamento interno para prevenção, incremento do uso de preservativo, entre outras acções. De acordo com Mbofana, há todo um conjunto de preconceitos e outros aspectos socioculturais muito importantes em relação ao preservativo, porém, a estratégia nacional do preservativo, que se encontra em sua fase conclusiva de elaboração poderá intensificar o seu uso no país, principalmente nas camadas consideradas de risco (prostitutas). O desafio será o de criar demanda e garantir o fornecimento do preservativo em quantidade e qualidade no local certo e momento certo. Mas a mobilização de recursos internos e externos para esse desiderato ainda constitui um desafio.

O conteúdo da informação patente nas duas edições do jornal Notícias dá a perceber que, algumas instituições que respondem pela gestão do sector da saúde em Moçambique entendem que:

- as motivações da prática da prostituição feminina no país encontram-se associadas à factores socioeconómicos, (tais como, o desemprego e a miséria que afectam as mulheres envolvidas na actividade). Adicionalmente,
- os elevados índices de seroprevalência verificados no país encontram-se associados às actividades desenvolvidas por estas mulheres. E, finalmente, que:
- as prostitutas sejam mulheres desprovidas de conhecimento sobre os mecanismos de prevenção face às doenças sexualmente transmissíveis, daí a necessidade da

massificação de preservativos (destinados a essa categoria social, e à sociedade em geral), em vista ao controle dos índices da pandemia no país.

Exposta esta consideração, claramente se constata a desfasagem estrutural que caracteriza os campos da produção dos *especialistas* (no caso, pesquisa *acadêmicas*), do dos *técnicos* (no caso, dos gestores e *administradores*) em Moçambique. Essa relação pode ser nitidamente identificada quando, o posicionamento defendido por parte de algumas instituições públicas responsáveis pelo sector da saúde no país, reactivamente às motivações da prática da prostituição, praticamente replica os discursos construídos pelas ONGs e outras instituições que operavam no país durante os meados da década de 1990, contexto no qual, as prostitutas foram amplamente assumidas como sendo grupos vulneráveis e, sua actividade, associada ao risco face à infecção pelo vírus do HIV/Sida.

Ora, desde os anos de 2009 até à actualidade, vários estudos de carácter sociológico e antropológico procuraram clarificar as "falácias" moldadas em torno desses debates, e demonstraram que, até certo ponto, a correlação que se estabelece entre, a prática da prostituição e o risco de infecção face ao vírus do HIV/Sida pode ser espúria, pois, as prostitutas dispõem de estoques de conhecimento sobre os mecanismos de prevenção face às doenças sexualmente transmissíveis, o que as permite protegerem-se no contexto das suas actividades laborais, através do gerenciamento do preservativo. Os mesmos estudos académicos (de carácter sociológico e antropológico,) têm demonstrado ainda que, o factor desemprego e a miséria, nem sempre constituem das motivação dessas mulheres para a adesão à prática da prostituição.

Com efeito, o facto de algumas instituições responsáveis pelo sector da saúde do país, de alguma forma, "não levarem em consideração" os resultados das pesquisas sociológicas, para a articulação dos seus planos e decisões, certamente que, pode vir a afectar a qualidade dos resultados almejados pelas suas estratégias e políticas públicas, situação esta que, acarretaria constrangimentos de ordem económico, social e político para o sector, e para o país, de forma geral. Por essa razão é que, é preciso que os conhecimentos administrativos e académicos sejam articulados, de modo a que, por um lado, juntos possam produzir um conhecimento mais abrangente em torno das dinâmicas que caracterizam o fenómeno da prostituição em Moçambique, e por via disso, também contribuir para a luta rumo ao controle da pandemia do HIV/Sida no país

(estimada em cerca de 2,2 milhões de casos de infecção), já que, tanto o fenómeno da propagação do vírus do HIV/Sida, assim como, o da prostituição são *totais*.

Escapa aos objectivos desta Tese, o detalhamento aprofundado sobre as motivações que levam algumas instituições públicas do país, a "negligenciar" o uso dos resultados das pesquisas sociológicas na definição das suas estratégias e políticas públicas. Contudo, à esse respeito podem ser elencadas algumas hipóteses, nomeadamente: as questões de carácter *político* (a imposição de critérios e normas por parte dos doadores internacionais, sobre os cursos e finalidades de alguns estudos e políticas públicas do país); *administrativo* (distribuição desigual no que se refere ao acesso à informação, por entre as instituições públicas que compõem o país); *económico* (interesse tácito manifestado por parte de algumas instituições, actores e organizações sociais, em reproduzir a natureza dos problemas sociais, com a finalidade de retirarem vantagens económicas e políticas dessas fragilidades); e *científico* (a instalação de uma ambiente tácito de hostilização política face aos cientistas sociais, considerados de "opositores do desenvolvimento", o que faz com que, os discursos e resultados dos seus estudos sejam, em certa medida, "ignorados").

Nesse sentido, à semelhança de vários países do mundo, a produção e aplicação do conhecimento científico (no contexto moçambicano) enfrenta um desafio estrutural, mas ao mesmo tempo *funcional*, na medida em que, só tende a estimular acções de resistência, traduzidas em tentativas de uma maior produção científica sobre a realidade social.

Abaixo será apresentada uma biografia do escritor José Craveirinha, seguido de uma breve análise de *forma* em torno das suas poesias, encerrando com uma breve reflexão sobre seu *conteúdo* e o contributo e limitações dessas produções literárias para o campo dos debates sobre a prostituição de rua em Moçambique. Em anexo poderão ser achadas as poesias do autor (em sua íntegra).

Craveirinha é um eminente escritor moçambicano, que a partir do campo da literatura reflectiu sobre o fenómeno da prostituição em Moçambique. De acordo com o Professor de Pedagogia e Didáctica, em Ponte Vedra, (José RODRIGUES, 2019):

“José João Craveirinha, nasceu a 28 de Maio de 1922, em Xipamanine-Lourenço Marques (atual Maputo), faleceu a 6 de Fevereiro de 2003, [vítima de doença]. Filho de

pai português (algarvio), cuja família partira para Moçambique em 1908 em busca de fortuna, e de mãe moçambicana pertencente à etnia ronga. Craveirinha viveu com a mãe, o pai e a madrasta. O seu pai introduziu-o na prosa e a poesia portuguesas do século XIX. E de sua mãe, o autor adquiriu os seus conhecimentos sobre a vida e tradições africanas. Teve a sorte de receber uma boa educação europeia na sua cidade natal, e viajou um pouco pela Europa e Ásia.

Trata-se de um escritor de claras ligações afectivas com Portugal. Apesar de suas obras reflectirem a influência dos surrealistas, elas são fortemente marcadas por todo um carácter popular e tipicamente moçambicano. A sua poesia possui um carácter social que radica nas camadas mais profundas do povo moçambicano. Foi-lhe atribuído o prémio Camões em 1991, e a esse propósito recebeu, ainda na época, condecorações dos presidentes de Portugal e de Moçambique. Craveirinha foi o primeiro africano a vencer tal prémio: o mais importante galardão literário da língua portuguesa.

Entre as suas obras (poéticas) encontram-se: *Xigubo; Cântico a un dio di Catrame; Karingana ua karingana, Maria, Cela 1, Hamina e outros contos, e Izbranoe*”.

As 06 poesias utilizadas para efeitos de análise neste trabalho foram retiradas, fundamentalmente, das seguintes obras do autor: *Karingana ua Karingana, e Xigubo*. Desta forma observou-se que, a composição estrutural de tais poesias varia de duas, a seis, e até nove estrofes cada uma. O cenário geográfico, a partir do qual o conteúdo das poesias assenta, cruza o ambiente do bar do *Luso* (localizado na região da Baixa da Cidade de Maputo), e o bairro da Mafalala (localizado na periferia da mesma cidade). É nestes círculos de interacção que tudo acontece: aventuras, labor, expectativas, lamentações e carências. Os nomes patentes das poesias são de origem portuguesa (os casos de: Felismina, Teresinha, Paulina, Conceição e Margarida), ora usados como pseudónimo das prostitutas, ora das suas progenitoras.

Constata-se a existência de uma função poética, recorrentemente utilizada nas poesias do autor, alicerçando a uma ampla liberdade analítica expressa em sua escrita. As poesias do autor contém embelezamentos de linguagem, tais como a Anáfora (na repetição dos termos *desabotoa-te...*; e *vais evoluindo...*, em Felismina), Disfemismo (“*o ovário descaído*”, em Mulata Margarida, *Rita Mamas-tesas*, em Buzinadela do táxi, e *adubo infantil nas machambas dos bares da Rua Araújo*, em ode a Teresinha), Gírias, (o caso de *chulo, cheta, e osseomaniacas*, em ode a Teresinha), Neologismos (*Boogie*,

em Histórias das Lagoas, *bebedanas*, em Ode a Teresinha), e Onomatopéia (*tsuí-tsuíuuu*, em Ode a Teresinha), aspectos que tornam a leitura dos textos mais descontraída, e um pouco mais inteligível.

A prostituição é analisada enquanto um complexo centro de confluências (*racial, profissional e nacional*), no qual, o cruzamento sexual entre homens estrangeiros (brancos, marinheiros), com mulheres nativas (desempregadas e negras), visto nas poesias *História de Lagoas*, e *ode a Teresinha*, tendem a transmitir a idéia de fusão entre membros de povos diferentes, marcada por relacionamentos passageiros e sem compromisso de união. Deste modo, o debate sobre mães solteiras, gestação de filhos de pais desconhecidos (são retratados em Histórias das Lagoas), bem como a questão das fortes desigualdades sociais, e a temática do aborto (em Pratos de arroz), estão sempre presentes na abordagem de Craveirinha.

Craveirinha retrata sobre as mulheres mestiças, vistas como fonte de cobiça sexual (o caso *da Mulata Margarida*, na poesia do mesmo nome), e fonte de sensualidade (o caso de *Felismina*, na poesia do mesmo nome). A vida das mulheres que se prostituem na rua, no bar e cabaré é mencionada em como se caracterizando por reactivas condições de degradação, econômica ou moral, (visto em *Mulata Margarida*, *Felismina*, *Pratos de arroz*, e *ode a Teresinha*).

Embora as poesias do autor tenham assumido uma posição reflexiva e descritiva dos factos, por um lado, revelam um tom conservador e moralizador em relação à actividade da prostituição, e por outro, uma dimensão positiva em relação à mesma prática. O exemplo dessa ambigüidade ocorre quando, o campo da prostituição é retratado como espaço marcado pelo uso descontrolado do álcool, cigarro, entre outros artigos de consumo, portanto, uma autêntica *região moral*, e por outro, quando o autor dá a compreender que, as prostitutas perpassam a simples percepção de objecto de uso sexual, podendo tornar-se também em fontes de acumulação de conhecimentos e experiências diversas, (ver: *ode a Teresinha*).

As dificuldades de ordem material e social, que gravitam em torno da maternidade precoce, também são retratadas pelo autor, em *ode a Teresinha*. Uma verdadeira chamada de atenção, com relação à problemática da prostituição "infanto-adolescente". Um enorme destaque nas poesias do autor é dirigida à cabeça das prostitutas, enquanto um centro de investimento estético-corporal, (por exemplo: *...tua cabeça desfrisada a*

ferro, em ode a Teresinha). Esta última situação descreve a complexidade que o campo da prostituição representa, enquanto uma prática de relevância etária, estilística, econômica, entre outros aspectos. Qualquer tentativa de intervenção (institucional) neste campo, não pode deixar de considerar a importância destes indicadores na actividade.

De referir que, os debates apresentados por Craveirinha podem ser classificados como socialmente relevantes, na medida em que, reflectem não somente as preocupações e imaginários de sua época, construídos em torno do campo da prostituição de rua, tendentes a encarar a prostituição de rua como uma actividade degradante para a mulher, e motivada por questões de ordem econômica (e das desigualdades sociais). Apesar de, ao longo dos tempos Moçambique ter observado a mudanças internas, de ordem política e econômica, as condições estruturais da representação e abordagem sobre a prostituição de rua continuam (com raras alterações), as mesmas no país. Esta assertiva inclui considerar o facto de que, o fenómeno da prostituição de rua tenha sido abordado por Craveirinha, tendo unicamente em conta o contexto da cidade de Maputo.

Portanto, pode-se afirmar com relativa segurança que, nenhuma outra descrição sobre a prática, decorrente das outras províncias que compõem Moçambique é abordada nas poesias do autor. Pelo que, da obra de Craveirinha destacam-se, não apenas um cenário de desigualdades (de ordem econômica,) vinculadas à actividade da prostituição em Moçambique, mas também, as desigualdades de ordem regional (consistindo em tomar unicamente Maputo como o centro das atenções de análise). Mas, até mesmo no campo dos estudos sociológicos, são escassos os estudos desenvolvidos sobre a temática da prostituição feminina de rua (em Moçambique,) que não tenham colocado Maputo como o centro de suas reflexões e relatos. Posto isto, não restam dúvidas de que, o campo da literatura também despertou curiosidades e questionamentos com relação à temática da prostituição no país, apesar das limitações apresentadas por alguns autores do campo. Algumas problemáticas levantadas nas poesias de Craveirinha, também continuam actuais no campo das reflexões sociológicas produzidas no país, em matérias relacionadas à questão da prostituição.

Ora, realizada a exploração bibliográfica acima apresentada, a tarefa seguinte deste trabalho consistiu em agregar os principais pontos de aprendizado retirados desse exercício. Tal realização culminou com uma definição mais clara do problema, e da

pergunta de pesquisa desta Tese. Assim sendo, importa indicar as cinco licções retiradas da referida revisão de literatura, a saber:

A) Actualmente, Moçambique possui cerca de 50 Instituições do Ensino Superior, distribuídas pelas suas três regiões administrativas (Sul, Centro e Norte). Nalgumas dessas instituições, também são ministrados os cursos ou disciplinas de Ciências Sociais (concretamente o de Sociologia), um pouco pelas três regiões administrativas supracitadas. Ora, apesar do fenómeno da prostituição abranger todo o território nacional, o que sucede é que, até onde se tem registo público e oficial (através das Bibliotecas virtuais, Museus, Livrarias, sessões de Palestras, Conferências, Seminários, e conversas com alguns especialistas), os estudos sociólogos, assim como os antropológicos realizados nos últimos 13 anos, em torno do referido fenómeno no país podem ser caracterizados, como sendo bastante polarizados (quanto à sua distribuição geográfica).

De todos os estudos (sociológicos e antropológicos) existentes sobre a matéria da prostituição adulta feminina de rua no país, apenas um (da autoria de Muchanga), foi realizado fora da capital de Moçambique. Todos os outros tiveram a cidade de Maputo como seu campo de pesquisa. Nesse sentido, a configuração do contexto moçambicano ilustra claramente, as relações de desigualdades sociais (ou seja: *regionalismo de produção e disseminação* de pesquisas sociológicas) que caracterizam o estado da arte, em torno da temática da prostituição no país⁶⁸.

Tal *regionalismo de produção e disseminação* sacrifica as possibilidades de uma compreensão ainda mais complexa em torno das dinâmicas da prostituição, vistas à uma escala nacional, pois, escapam-se as oportunidades de aprofundamento analítico, sobre as condições de trabalho nas quais as mulheres (prostitutas) se encontram inseridas em cada uma das províncias do país, seus conflitos, origens, contributos e motivações para a adesão à prática, os constrangimentos encarados no decorrer das suas actividades, seus desafios de carreira, sua relação com as demais instituições sociais (o caso da Polícia),

⁶⁸ Embora não seja o objectivo desta pesquisa aprofundar esse aspecto, mesmo assim, importa referir que, em relação à essa questão, no contexto brasileiro, ocorre um cenário totalmente contrário: os estudos sobre a matéria em referência têm sido desenvolvidos pelas mais diversas universidades, e em praticamente todas as regiões administrativas que compõem o país.

entre outros aspectos de sua vida pessoal, já que, precisa ficar claro que, para além de prostitutas, tais mulheres também são mães, filhas, activistas, e acima de tudo: cidadãs.

A exploração dessas dimensões à escala nacional permitiria constituir uma base de conhecimento complementar para as Associações sociais⁶⁹ que trabalham e defendem os interesses das prostitutas no país, facto que abriria possibilidades para que, uma justificação ainda mais consistente (e empiricamente fundamentada) sobre a urgência (ou não) de sua intervenção à escala nacional, fosse defendida⁷⁰. Até porque, fazer uso dos estudos sociológicos para "fortalecer" a justificação das Associações das trabalhadoras de sexo em relação aos seus objectivos de operação (ou não) à uma escala nacional, ao mesmo tempo configuraria uma tentativa mais ampla de, se minimizar o hiato estrutural, que nalgumas vezes se traduz na precária articulação entre o contributo dos conhecimentos produzidos pela academia, e sua apropriação ou conexão junto das outras instituições sociais (estatais, privadas) do país;

B) A bibliografia (sociológica e antropológica) referente ao fenómeno da prostituição em Moçambique, se caracteriza pela diversidade de perspectivas de análise de que defende, partindo desde os estudos que tratam sobre a questão das *Percepções*, e *Identities* sociais da prostituta, até aos que reflectem sobre os *Riscos* que a actividade da prostituição acarreta, sem deixar de lado os que retratam sobre as *dinâmicas migratórias* que a actividade envolve. Nessa ordem de idéias, não restam dúvidas de que, o debate em torno da temática no país sai bastante enriquecido, por conta dessas considerações.

Ora, apesar dos referidos estudos terem se caracterizado pela sua profusão de perspectivas de análise, o facto que também chamou a atenção foi, a sua *unilateralidade*

⁶⁹ A Lei do Direito à Livre Associação de 1991/8 observa que, para ser reconhecidas, os objectivos das Associações têm que estar em conformidade com os princípios constitucionais morais, económicos e sociais do país (Art. 1 e Art. 18). Esses artigos afectam claramente as Associações que representam os trabalhadores do sexo em Moçambique, que para respeitar estes princípios, oficialmente pautam por apoiar 'mulheres vulneráveis', em vez de representar abertamente os trabalhadores do sexo, de acordo com o *Relatório de Avaliação de Necessidades, Hands Off* (2016).

⁷⁰ O Princípio da *totalidade* dos Movimentos sociais, parte do pressuposto de que, a legitimidade e reprodução de todo o Movimento social, baseia-se no volume de apoio ou representatividade que lhe é direccionado: quanto mais gente ela poder representar, maiores serão as suas possibilidades de reprodução ou actuação, Tourain (1994).

de abordagem. Ou seja, até ao presente momento, todos os estudos científicos existentes sobre a prostituição em Moçambique, se debruçam da matéria tendo em consideração a lógica da *heteronormatividade*⁷¹, que circunscreve a actividade. É que, até onde se tem registo, não existem estudos sociológicos em Moçambique que retratem especificamente sobre a prática da prostituição Travesti, Gay, Lésbica, LGBTQ+, ou prostituição praticada por pessoas portadoras de deficiência física, apesar da visibilidade destas práticas no quotidiano de, um pouco, por todo o país⁷². Adicionalmente, à esses vários tipos de prostituição que a bibliografia referente à temática da prostituição não abrange (no contexto moçambicano), constata-se a escassez de estudos sociólogos que retratem sobre o papel das Associações ou Movimentos Sociais de defesa das prostitutas no país. Todavia, escapa aos objectivos da presente Tese investigar os critérios que estarão por detrás das escolhas dos temas, tipologias e abordagens adoptadas pelos sociólogos e sociólogas em suas pesquisas.

A forma ainda conservadora de retratar os fenômenos sociais em Moçambique, tanto seja pela adopção da visão heteronormativa como unidade de medida e interpretação dos fenômenos sociais, quanto do realce da figura masculina no protagonismo dos processos sociais, ou ainda, a *rotulação* de determinados espaços sociais, identificados como específicos a realização de determinadas actividades, tende a estender-se aos mais

⁷¹ *Heteronormatividade* significa que, o modelo de vida heterossexual é que prevalece ou predomina na esfera pública de um determinado país. Nesse sentido, no mundo da sua intimidade, as pessoas podem adoptar qualquer tipo de conduta sexual que desejarem, mas, o esperado e exigido é que, no meio público, se o individuo for do sexo masculino, vá se comportar como homem, e se for mulher, se comporte como uma, de acordo com Colling e Tedeschi (2019). A perspectiva das pesquisas desenvolvidas sobre a prostituição em Moçambique, em algum momento, parecem ter assumido tal orientação.

⁷² De acordo com o *Relatório de Avaliação de Necessidades, Hands Off* (2016), foi realizado um mapeamento na região da África Austral, reactivamente à situação da violência por entre as trabalhadoras de sexo nos países da região. Moçambique, enquanto membro integrante dessa região definiu, para efeitos do referido estudo, uma amostra constituída por 200 trabalhadoras de sexo distribuídas pelas regiões Norte, Centro e Sul do país. Ora, os dados apontam que, apesar do estudo ter sido especificamente direccionado para uma análise em torno das mulheres prostitutas, a realidade do campo constatou que, para além da presença desta grande maioria de trabalhadoras do sexo (estimada em cerca de 99,5%), na amostra também existiam outras categorias sociais (cerca de 0,5%), transgéneros. Essa constatação apela, claramente, para a necessidade de se compreender e captar a presença destas categorias sociais, no desenvolvimento da actividade da prostituição.

diversos sectores da vida social no país. A título de exemplo, Zethu Matabeni (2017)⁷³, refere em seu artigo intitulado, *perspectivas do sul sobre gênero e sexualidades: uma intervenção queer*, que, embora a escrita acadêmica sobre gays, lésbicas e bissexuais esteja bem estabelecida no continente africano, acadêmicas e pesquisadoras sulafricanas realçam que os ambientes de aprendizagem e ensino permanecem conservadores, e não transformadores, mesmo quando vários estudos e publicações acadêmicas se concentraram na desmistificação da sexualidade e orientação sexual.

Com enfoque para o campo das artes cênicas, (Ana Cristina PEREIRA, 2017), também aponta uma crítica especial em relação ao mesmo debate, em seu artigo científico intitulado, *Das margens para o ecrã: mulheres moçambicanas na ficção cinematográfica moçambicana*: “no século XXI, o cinema em Moçambique permanece comprometido com as questões sociais e políticas, até pela continuidade do grupo autoral que o informa, (...), e, o gênero, no cinema moçambicano, ainda aparece binário”, pág. 89.

C) De referir que, as pesquisas sociológicas e antropológicas realizadas até ao momento, sobre o fenómeno da prostituição no contexto moçambicano, assumiram um cariz metodológico *elitista*. Tal evidência terá sido constatada na medida em que, praticamente todos os autores que se debruçaram sobre a temática da prostituição centralizaram as suas análises, na questão da exploração sobre as dinâmicas do fenómeno, a partir de uma lógica selectiva dos actores envolvidos na complexa rede de relações e intervenções, que a actividade da prostituição acarreta. As prostitutas e seus respectivos clientes representaram a categoria dos verdadeiros privilegiados, em tais pesquisas. Só em casos muito excepcionais e, a título coadjuvante foram incluídos nos referidas pesquisas, o proprietário de um bar aonde a actividade tem decorrido, Chefes de bairro, Secretário do bairro, e os familiares directos das prostitutas.

Ora, a prostituição ocorre, sem dúvidas, em algum território ou contexto espacial específico, caracterizado por uma rede de relações, imaginários e actores de cuja sensibilidade, reacção e capacidades, a reprodução da actividade nesses espaços encontra-se dependente. A categoria social dos *moradores dos bairros* nos quais a

⁷³ Activista, escritora e realizadora de documentários, e pesquisadora sênior do Instituto for Humanities In África, na University of Cape Town, Universidade de cape Town, África do Sul, revista Antropologia.

actividade decorre, seria disso um exemplo explícito. (No contexto moçambicano,) as percepções, vivências, desafios e expectativas desses actores com relação à prática, nunca chegou a ser ampla e objectivamente explorada nas pesquisas dos sociólogos e sociólogas. Explorar essa *lacuna* seria uma forma de tornar o campo de reflexão sobre a temática da prostituição adulta e feminina de rua, menos *elitista* e mais abrangente.

D) A insistência observada no presente trabalho, em se redigir *prostituição adulta e feminina de rua* resulta apenas de uma exigência técnica e metodológica imanente da produção da Tese, pois, tal como foi apontado ao início deste capítulo, no contexto moçambicano, a linha que separa (analiticamente) um determinado tipo de prostituição, dos outros, é de algum modo bastante tênue. Da bibliografia consultada sobre a temática, tal evidência aparece mais claramente partilhada nas pesquisas realizadas por Meihy (2017), e Ugueleguele (2019), nas quais, se refere que determinadas circunstâncias, tais como a carência financeira e a longevidade no exercício da prostituição, as quais as prostitutas se vêm envolvidas, tendem a constituir das motivações que levam tais mulheres a transitarem de uma categoria nominal (de prostituta,) para outra, mesmo que seja a título temporário.

Esse detalhe de informação representa uma riqueza de conhecimento analítico, na medida em que, ao permitir ao pesquisador de considerar a prostituição enquanto uma categoria *liquida*, abre-se a possibilidade deste questionar e articular com maior fundamento a diversidade de dinâmicas e representações que caracterizam a actividade, para além dos contextos de sua ocorrência.

E) Apesar das pesquisadoras e pesquisadores que se debruçaram sobre o fenómeno da prostituição adulta e feminina de rua, no contexto moçambicano, terem procurado compreender as dinâmicas que circunscrevem esta actividade em tempo e lugar específicos, sucede porém, que os campos adoptados para efeitos de suas pesquisas assumiram um carácter predominantemente *manifesto*. Ou seja, os campos seleccionados para a realização das referidas pesquisas podem ser descritos como sendo *émicos*, porque já mencionados e retratados analítica e historicamente, pelas mais variadas entidades e fontes de informação, tais como, a Imprensa, Academia, Governos, partidos políticos, Movimentos sociais, entre outras entidades, que sempre se reportaram sobre a ocorrência da actividade em determinados locais, tais como, bares do meio urbano e suburbano, cabarés, bem como, nalgumas avenidas das cidades.

Ora, captar-se o fenômeno da prostituição a partir desse ângulo apenas, não permitiria ao pesquisador/a compreender a multiplicidade de dimensões envolvidas na ocorrência deste fenômeno, visto que, as relações sociais, independentemente da natureza que comportem, não assumem apenas uma configuração manifesta da realidade, mas sim, a *latente* também.

Se, por um lado, os estudos científicos sobre a prostituição em Moçambique adoptaram como campo de estudos, os territórios simbolicamente considerados de "mais comuns, e de maior visibilidade", (isto é, lugares de maior acesso e uso públicos, tal como foi indicado no parágrafo anterior: bares urbanos e suburbanos, avenidas da cidade, entre outros), dando assim uma impressão de que, as manifestações do fenômeno podem ser rastreadas em função da configuração do espaço ou local, por outro lado, os mesmos parecem ter perdido a oportunidade de compreender as dinâmicas caracterizantes do fenômeno da prostituição, nos territórios (simbolicamente) descritos como sendo: "nobres, e de restrito usufruto", no país.

O cenário apresentado significa que, os estudos sociológicos realizados sobre a prostituição em Moçambique, até então não foram capazes de adoptar propriamente uma postura de deslocamento e diversidade dos seus campos de pesquisa, no sentido de, (com base em critérios mais amplos da variável de classe social,) obterem uma compreensão adicional sobre as dinâmicas que envolvem o fenômeno, especificamente no interior dos bairros *da elite*⁷⁴ moçambicana, tal como seria o caso da Sommerschild, (situado na cidade de Maputo).

Portanto, cabe à Sociologia a sensibilidade de, evidenciar, problematizar e analisar o gerenciamento de dinâmicas e percepções das mulheres, homens e outros agentes envolvidos (directa ou indirectamente) do quadro geral de ocorrência e reprodução da prostituição no país, através das manifestações do fenômeno identificadas nesses territórios *latentes*, (latentes porque, até então esquecidos ou "silenciados" pelas investigações académicas, e não só). Nesse sentido, a formulação do problema de

⁷⁴ De acordo com Guy Rocher (1989), não existe apenas um único tipo de elite, mas sim, vários. Contudo, o tipo considerado para efeitos da presente pesquisa será o que reúne o capital global, ou seja, um bairro em que ao mesmo tempo possa reunir os capitais político, económico, militar/histórico e simbólico. Tal seria, de acordo com o imaginário social que se tem construído na realidade moçambicana, o caso do bairro (e dos moradores) da Sommerchild.

pesquisa e a pergunta de partida da Tese, ambas (fundamentalmente) baseadas dos pontos de aprendizagem retirados das alíneas D e E desta revisão bibliográfica, são apresentadas nas páginas a seguir.

Problema de pesquisa:

De forma genérica, a prática da prostituição em Moçambique tem sido (moralmente) encarada com senso de repugnância e ostracismo, por parte dos variados sectores que compõem a sociedade, e sendo muitas vezes, também associada à uma actividade sexual de risco à saúde pública, tal como referem Muianga (2009), e Muchanga (2011). Contudo, desde o ano de 2009 à actualidade, tem sido realizado alguns estudos (dentre eles, os de cariz sociológico,) buscando captar as dinâmicas que caracterizam o fenómeno no país.

A bibliografia consultada sobre a temática permitiu constatar que, por um lado, os estudos (de natureza sociológica) realizados, abordam sobre o assunto dirigindo maior atenção das suas pesquisas, aos espaços sociais nos quais "tradicionalmente a prática é notória" ou visível, por exemplo, nas ruas próximas aos cais, em algumas avenidas da sociedade, e por extensão os bares, cabarés, "centros de acolhimento", só para citar alguns espaços.

Pouco esforço parece ter sido demonstrado dos estudos realizados, no sentido de se explorarem as dinâmicas sociais que caracterizam a prática da prostituição, em territórios considerados de pouco notórios, ou seja, "menos tradicionais" ao exercício da actividade. (Entre outros aspectos,) excluiu-se do foco dos referidos estudos, a análise sobre a prática da prostituição decorrente das ruas e avenidas dos bairros residenciais considerados de maior prestígio e capital (social, político, económico e simbólico), tal como seria o caso do bairro da Sommerschild ⁷⁵, na cidade de Maputo. Adicionalmente, a maior parte dos referidos estudos (sociológicos) limitou-se a centralizar o foco de suas análises nas vivências, dinâmicas e constrangimentos

⁷⁵Localizado no centro da cidade de Maputo, Sommerschild é considerado um dos bairros residenciais da elite moçambicana, dados o prestígio ou capitais económico, político-militar, histórico, e simbólico que caracterizam os seus moradores, o que se traduz mais visivelmente, na arquitectura do bairro, e não só.

enfrentados pelos intervenientes "mais directamente envolvidos" da relação da prostituição, (no caso: a prostitutas e seus respectivos clientes,) como se, a reprodução e os contornos da actividade se reduzissem ou afectassem apenas à tais actores.

Em outras palavras poderia dizer-se que, existe uma clara escassez de estudos sociológicos que tenham retratado (de forma específica e integral), sobre os "padrões" de comportamento e percepções dos moradores de um bairro da elite moçambicana, com relação à ocorrência da prática. Esse cenário de escassez bibliográfica suscita (entre outras questões), dúvidas sobre: as especificidades das interações que caracterizam as prostitutas de rua e seus clientes, bem como dos moradores dos referidos bairros, face à tal realidade, e seus efeitos! Tais dúvidas podem ser sistematizadas e fundamentadas no seguinte argumento:

- A reprodução da prática da prostituição tem estado a assumir uma notoriedade nas ruas do bairro da Sommerschield, e é praticada por profissionais do sexo feminino, (não se conhecendo com profundidade sobre, os seus locais de origem ou residência, suas categorias ocupacionais, motivações para a adesão à prática, entre outros aspectos). Ora, se por um lado, a referida prática é moral e predominantemente considerada de *a-moral e perversa* na realidade moçambicana, por outro, aparenta não causar qualquer tipo de "desconforto" aos moradores do bairro da Sommerschield (local, no qual também ocorre), reproduzindo-se plenamente, apesar de tais moradores disporem de recursos e capitais significativamente *válidos* na sociedade moçambicana, capazes de exercer pressão ou influências (indirectas ou directas) sobre a planificação de políticas públicas do país e da cidade, em vista a obtenção do controle ou interdição da prática no local. Foi a partir desse quadro de inquietação não explorado pelos estudos (sociológicos) sobre a temática da prostituição em Moçambique, que a presente Tese buscou responder a seguinte Pergunta de Pesquisa:

Como pode haver prostituição de rua em um bairro da elite moçambicana (isto é, na Sommerschield, - Cidade de Maputo,) num contexto social de estigma (e contravenção da lei) relegado à actividade?

Nas próximas páginas são apresentadas uma descrição não apenas geográfica, mas etnográfica do bairro da Sommerschield, sua estrutura social, o quadro geral que envolve a interação entre seus actores, e por fim, os desafios de mergulho do pesquisador naquele espaço social.

Considerações pontuais sobre o campo de pesquisa (o bairro da Sommerschield), e o mergulho do pesquisador nesse espaço:

Cada pesquisa de campo demanda a adopção de estratégias mais ou menos particulares de entrada, e contacto com seu grupo alvo. E dependendo da especificidade do campo e dos sujeitos da pesquisa, o investigador vê-se na tarefa de desempenhar um papel criativo e, por vezes inovador, no sentido de explorar a maior quantidade de informações e aprendizado possíveis a respeito da temática em estudos, sem, contudo, abdicar das questões éticas, também essenciais numa pesquisa. É sobre essas questões que as próximas páginas se destinam a tratar.

A pesquisa observou e descreveu atentamente o ciclo de dinâmicas que circunscrevem a prática da prostituição de rua, na avenida do Zimbábwe, bairro da Sommerschield. Nesse sentido constatou-se que, em primeiro lugar, em tal espaço a prostituição tem seu início pelas 18 horas, estendendo-se até as 04 ou 05 horas da manhã seguinte, sendo praticada apenas por mulheres (e adultas). Logo que as prostitutas se fazem presentes à referida avenida, oriundas de bairros reactivamente distantes da Sommerschield, elas descem do chapa (ou ônibus) em locais próximos do bairro, e vão caminhando até ao local das actividades, num trajecto que chega a durar, no máximo, 10 minutos. Interessa-lhes descer um pouco distante da Sommerschield, por diversas razões, sendo a mais pontual delas o facto de que, ao longo do percurso aproveitam comprar presentativos e algumas cervejas nas lojas próximas ao bairro, conservando tais artigos em suas mochilas ou bolsas, para o uso e consumo durante a sua noite de trabalho.

Chegadas ao bairro substituem os trajes que trazem ao corpo, por outros que elas consideram ser convencionais à representação social ou desenvolvimento da sua actividade, (isso implica que, passem a usar de artigos tais como, saias ou vestidos de tamanho curto, que permitam a visibilidade das suas pernas, glúteos, e por vezes das roupas íntimas que trazem vestidas, acompanhado-as de blusas com ou sem alças). Dependendo das condições atmosféricas do dia de trabalho, os vestidos e saias curtas costumam ser alternados por calças apertadas, mas mantendo-se tudo o resto. Em outras ocasiões é possível ver as prostitutas vestidas conforme referido acima, mas calçando chinelos.

Na qualidade de activista social voluntário (em Moçambique), certa vez o pesquisador da Tese, em uma das suas actividades de intervenção comunitária realizadas na Cidade de Maputo, em finais do ano de 2017, identificou uma beneficente do programa assistencialista da associação a qual este representava, que o revelou ter sido trabalhadora de sexo, por mais ou menos três meses, no bairro da Sommerschield. Desde essa altura estabeleceu-se um vínculo de amizade entre esta e o pesquisador, facto que permitiu com que, no ano de 2019, durante a realização da pesquisa de campo em Moçambique, a mesma viesse a auxiliar o pesquisador no processo de sua inserção ao campo de pesquisa, tanto fosse pela apresentação pessoal do pesquisador à duas prostitutas que ainda actuam no bairro da Sommerschield, ou mesmo, pela tentativa de legitimação da presença do pesquisador no local, através de uma breve apresentação por ela feita à algumas prostitutas, sobre a posição de activista social e estudante, que revestiam o pesquisador.

A companhia da referida informante-privilegiada foi importante para minimizar eventuais tensões que surgissem entre o pesquisador e as prostitutas, no campo de pesquisa. Mas, tal companhia apenas durou por dois dias, facto que exigiu que o pesquisador continuasse a frequentar o campo de pesquisa sozinho, tendo de lá permanecer por várias horas (em média, entre 06 a 10 horas ininterruptas,) observando a dinâmica dos fenômenos sociais decorrentes do campo, e noutras vezes, conversar e entrevistar as prostitutas, e outros interlocutores relevantes da pesquisa.

Os primeiros dias de interação entre o pesquisador e as prostitutas foram cercados por algumas reservas por parte destas, mas com o passar do tempo, a presença deste no local foi-se tornando mais ou menos familiar aos olhos de algumas prostitutas, facto que permitiu dar continuidade ao processo das entrevistas e à observação directa⁷⁶ e indirecta junto das mesmas, e assim tentar lograr os intentos da pesquisa.

Recordar que, a actividade da prostituição é concebida a partir de uma visão predominantemente moralista em Moçambique, susceptível de gerar estigmas contra os

⁷⁶ Entende-se por *observação directa*, à técnica de pesquisa adoptada por um pesquisador, que consiste em observar directamente os factos decorrentes do seu campo de pesquisa, ora registando-os, ora captando-os directamente através da concessão de entrevistas, estabelecidas junto dos seus interlocutores. Por sua vez, a *observação indirecta* seria, a técnica de pesquisa, segundo a qual, o pesquisador capta indirectamente os factos ou dados da sua pesquisa, através de entrevistas concedidas por terceiros, ou testemunhas oculares dos fenômenos, de acordo com Raimound QUIVY e L. CAMPENHOUD (2005).

indivíduos que a praticam. Nesse sentido, nem todas as prostitutas da avenida do zimbábwe quiseram colaborar com o processo das entrevistas, (não obstante aos pedidos e insistências empreendidos). Ao todo foram entrevistadas 15 prostitutas, entre sessões de entrevistas individuais, e colectivas. As entrevistas colectivas permitiram estabelecer um ambiente ainda mais informal e descontraído na interacção, facto que ajudou a explorar com maior flexibilidade e "espontaneidade" das prostitutas, algumas informações que, necessitariam de maior tempo de contacto de interacção, e maior fortalecimento de confiança, entre o pesquisador e as mesmas (para poder acedê-las). Todavia, as prostitutas exigiram total anonimato das entrevistas (por sinal, de carácter aberto⁷⁷). Exigência esta que, foi totalmente acolhida pela pesquisa. Ao longo das próximas páginas, vários desses aspectos serão desenvolvidos.

Ora, entrevistar os moradores do bairro da Sommerchield, não se traduziu num exercício fácil, tal como já foi descrito. Mas, graças ao auxílio de alguns conhecidos do pesquisador, que dispunham de *capital social*⁷⁸, isto é, amigos e familiares residentes daquele bairro, então foi possível estabelecer-se boas relações de convivência e proximidade com alguns moradores do bairro. Enquanto o vínculo social entre o pesquisador os moradores se estabelecia, ao final de algumas semanas de interacção, o pesquisador apresentou mais detalhadamente aos moradores sobre a sua condição de pesquisador e, a temática da pesquisa em curso, o que permitiu com que o debate em torno da referida temática fosse mais descontraída (e útil). Alguns dos moradores do bairro puderam indicar⁷⁹ seus vizinhos para efeitos de entrevistas. Porém, dos indicados poucos manifestaram interesse e disponibilidade.

A técnica da amostra (não probabilística,) de bola de neve permitiu ao pesquisador conduzir 07 entrevistas individuais e colectivas junto dos moradores do bairro da Sommerschield, (das quais, 03 realizadas nas próprias residências desses actores, ou em seus escritórios de trabalho, facto que permitiu ao pesquisador da Tese manter um contacto visual ainda mais concreto com a estrutura e configuração interna das

⁷⁷ A entrevista é considerada de *aberta*, porque o pesquisador coloca as questões da pesquisa aos entrevistados/as, e faculta com que, estes ou estas apresentem o mais "livremente" possível suas opiniões.

⁷⁸ *Capital social* significa o poder dos indivíduos, de articular redes de contacto, amizade e afinidades, junto de vários outros grupos e indivíduos (das mais variadas classes sociais). Ver Bourdieu (1998).

⁷⁹ A indicação para a pesquisa, de pessoas conhecidas ou familiares dos entrevistados da mesma, reflecte o tipo de amostra designada de *bola de neve*.

instalações e residências do bairro, e com o *habitus*⁸⁰ dos moradores. As restantes entrevistas foram realizadas em lugares públicos, e mais informais, tais como, bares e praças públicas de manutenção física. Tudo proposto pelos próprios entrevistados). Os entrevistados da pesquisa foram indivíduos adultos, tanto do sexo masculino, como do feminino, sendo alguns deles profissionais liberais. Tais actores sociais exigiram que, por uma questão de segurança à sua integridade, maiores detalhes sobre as suas vidas privadas fosse preservada⁸¹. Esta exigência (também) foi acolhida pela pesquisa.

De referir que, junto à categoria social dos moradores do bairro anexou-se a entidade do Secretário do bairro (por via da amostra não-probabilística, baseada na técnica da seleção por julgamento⁸²), que na qualidade de representante Oficial do bairro da Sommerschield, e ao mesmo tempo morador do mesmo, aceitou conceder entrevistas e teceu considerações relevantes a respeito da temática. O Conselho Municipal da Cidade de Maputo, entre outras coisas responde pela gestão política, administrativa e territorial da referida cidade. Assim sendo, cabe a esta instituição nomear e definir as competências dos Secretários de bairro, Chefes de quarteirão, entre outras tarefas. O contacto com o Secretário do bairro da Sommerschield revelou-se de basilar interesse para a pesquisa, na medida em que permitiu ao pesquisador compreender a composição demográfica, territorial, e as dinâmicas administrativas e outros relacionamentos que caracterizam o dia a dia do bairro. Dados cartográficos (isto é, o mapa do bairro da Sommerschield,) também foram fornecidos ao pesquisador, ainda pelo mesmo agente

⁸⁰ *Habitus* termo cunhado por Pierre Bourdieu (1998), remete à idéia de, formas de ser e de estar caracterizantes dos indivíduos de uma certo grupo ou classe social. Embora os moradores do bairro tivessem apelado para que, questões relacionadas à sua vida privada fossem preservadas, durante a interação estabelecida com os mesmos (no bairro da Sommerschield,) foi possível captar: a quantidade e a qualidade dos talheres usados para as refeições diárias dos moradores do bairro, as roupas por eles trajadas no interior de suas casas, o número de empregados domésticos disponíveis na casa, a frequência de consumo e a qualidade de refeições disponibilizadas durante o dia, os actos de cortesia e rituais estabelecidos entre os empregados domésticos e seus patrões – no caso, os moradores do bairro –, bem como a dimensão interna dos imóveis do bairro, o que levou a explorar a questão da sua posição de distinção, em Moçambique.

⁸¹ Os moradores do bairro da Sommeschield (também) têm sido alvos de seqüestros no seu bairro.

⁸² Tal como o nome sugere, a selecção de uma amostra por via do *judgamento* significa que, os entrevistados da pesquisa são escolhidos a partir de um julgamento ou entendimento construído pelo pesquisador, de que os mesmos possam contribuir com informações ou conhecimentos cruciais para uma pesquisa, (dada a sua posição social, categoria profissional, categoria racial, entre outros aspectos).

administrativo. As entrevistas concedidas pelos actores sociais supracitados, assumiram o carácter aberto⁸³.

Ora, houve a necessidade de se adoptarem outras estratégias de pesquisa de campo, como forma de ampliar o número de entrevistados da mesma, em vista a se captarem maiores informações a respeito do fenómeno pesquisado. Tal exercício culminou com a definição de novos interlocutores "do" bairro da Sommerschield, isto é, o grupo alvo indirecto da pesquisa: os guardas⁸⁴ residenciais dos moradores do bairro. O exercício demandou à adopção por uma atenção redobrada por parte do pesquisador no campo da pesquisa, uma vez que, a partir desse momento fez-se necessário que, o mesmo distribuísse o foco de atenção sobre as atitudes e manifestações de mais actores envolvidos na pesquisa (o caso dos guardas residenciais do bairro), que a princípio não teriam sido devidamente acautelados durante a elaboração do projecto desta pesquisa.

Os referidos interlocutores (guardas residências do bairro⁸⁵,) são testemunhas privilegiadas do fenómeno da prostituição de rua decorrente do local, e conhecem alguns circuitos da actividade no bairro. Os mesmos interlocutores também representaram para a pesquisa, uma espécie de elo entre o pesquisador e os moradores do bairro. A entrevista estabelecida com cada guarda residencial permitiu chegar a outro colega seu, (para efeitos de entrevistas, via amostra não-probabilística por bola de

⁸³ Nas entrevistas de carácter aberto, o pesquisador coloca as questões aos entrevistados, e deixa com que estes apresentem o mais "livremente" possível, o seu pensamento em torno do assunto, "sem condicionar" as suas respostas (com pressuposições, ou respostas pré-definidas). Trata-se de um exercício que demanda tempo, pois, durante o curso da interacção, o entrevistado pode apresentar relatos que não interessam à pesquisa. Contudo, a adopção desta técnica revelou-se importante, na medida em que, tendo em consideração a sensibilidade que o tema pesquisado representa no contacto moçambicano, não se podia dirigir de forma tão directa ou espontânea questões relacionadas com a prostituição, sob o risco de, suscitar uma campanha de *higienização* contra a referida prática, no bairro.

⁸⁴ Os guardas residenciais do bairro interagem continuamente com seus patrões e patroas (moradores de Sommerschield), e dispõem de informações sobre suas opiniões, em relação a alguns fenómenos sociais - o caso da prostituição de rua. O pesquisador entrevistou os guardas das residências cuja interacção directa entre, o próprio pesquisador e os proprietários das residências, se revelara delicado.

⁸⁵ Dada a natureza da sua actividade profissional (de manutenção da segurança e vigilância residencial), os guardas detêm de algum conhecimento e controle sobre as dinâmicas sociais observadas no entorno do bairro. Nesse sentido, dois deles referiram-se sobre a antiguidade da prática da prostituição no bairro, tendo indicado que, a mesma perdurava no bairro desde os anos de 2011.

neve). Desta forma foi possível entrevistar a 05 guardas residenciais (individualmente). Tal como as prostitutas, estes sujeitos impuseram a condição de anonimato das entrevistas, clamando pelos seus postos de emprego, caso sua atitude “paralela” no bairro fosse descoberta pelos seus patrões ou empregadores⁸⁶. A entrevista com estes actores também assumiu um carácter aberto.

Os guardas residenciais são pessoas que, em linha de seu dever profissional, permanecem parados (ora sentados em cadeiras plásticas) nos portões da entrada principal das residências dos seus patrões, ou no interior do pátio das mesmas, guarnecendo e observando atentamente os movimentos e dinâmicas que caracterizam as ruas e avenidas do bairro. Estes encontram-se permanentemente armados (com armas de fogo), e sempre ostentando o uniforme da sua empresa de segurança (no caso, uma instituição privada).

O ingresso para o posto de guarda obedece a um conjunto de critérios impostos pelas empresas contratantes, a saber, possuir idade igual ou superior a 18 anos, ter concluído a sétima série, o nível básico e nalguns casos o médio de escolaridade, não possuir antecedentes criminais, possuir um porte físico minimamente aceitável (ou corpulento, e uma altura mínima de 1,70 m), sendo que, uma vez contratados, estes guardas se reservam a obrigação de garantir a segurança das residências dos clientes, tendo em consideração os estatutos em vigor na empresa, e os princípios de postura urbana em vigor no condomínio ou bairro afim. A maior parte deles é recrutada a partir dos diversos bairros que compõem a Cidade de Maputo: Zimpeto, Malanga, entre outros.

A princípio, seu salário mensal oscila entre os 5 a 10 mil Meticais (isto é, entre 400 a 850 reais brasileiros), um valor ainda baixo, tendo em consideração os riscos físicos, o desgaste físico e psicológico, bem como o elevado custo de vida a que se vêem sujeitos no país. Colocado este quadro descritivo, a participação em actividades paralelas (e informais) pelos guardas do bairro da Sommerschield, não pode descartar, ao menos em certa medida, a identificação de tal via enquanto uma forma de compensação a tais restrições.

⁸⁶ Num contexto em que, os moradores da Sommerschield (também) têm sido alvos de seqüestros em seu bairro, o fornecimento de detalhes ao pesquisador, sobre a dinâmica do bairro e da vida dos seus residentes, constituía para os guardas um factor de constrangimento (profissional).

Os guardas do bairro mantêm uma relação familiar de proximidade (e amizade) entre si, não apenas pelo facto de a maioria deles estar empregue a mesma empresa de segurança, como também é possível vê-los interagindo a partir de seus postos de trabalho (principalmente quando posicionados na parte exterior das residências,) acenando uns aos outros em forma de saudação. Os guardas possuem acesso directo as garagens, incluindo (na maioria das vezes) aos anexos residenciais (que costuma ser o local aonde eles tem conservado seus pertences durante o horário laboral), e no caso das residências em reforma, eles também possuem o acesso ao interior das mesmas. Nos anexos e residências em reforma, podem encontrar-se vários artigos de uso, que vão desde colchões, sofás, mesas, detergente, água potável, entre outros.

O acesso a tais artigos e aos espaços reservados à troca de vestes pelas prostitutas – nos casos em que elas não se trocam nas ruas -, espaços estes que também acabam funcionando para acolher a prática de relações sexuais entre as prostitutas e seus clientes, é proporcionado por apenas alguns guardas residenciais, e (ao menos até onde a pesquisa permitiu observar,) ocorrendo em edifícios ainda em construção, em alguns escritórios “desocupados”, e nas casas em fase de acabamento e reforma interna. Apesar das relações sexuais (entre as prostitutas e seus clientes) ocorrerem em espaços bem específicos (acima mencionados), a verdade é que praticamente todos os guardas parecem consentir com a permanência das prostitutas nos muros do bairro (e em estado semi-nuas). Nesse sentido, os moradores das casas habitadas tendem a consultá-los sobre eventuais perigos atrelados a presença de tais mulheres pelo bairro.

De todo o modo, a pesquisa constatou que a questão do gênero aparece bastante demarcada na profissão de guarda. Quase todos os guardas identificados e envolvidos (directa ou indirectamente) na operação de troca de favores junto às prostitutas são do sexo masculino, denotando-se ali que, as empresas de segurança privada, enquanto partes integrantes da sociedade moçambicana vêm-se cercados ou afectados pela influência dos mesmos valores culturais dominantes dessa sociedade, (amparos pela lógica de associação da figura do homem, ao símbolo de força, segurança e defesa). Ou seja, a prevalência da lógica do patriarcado parece ser também notória nas empresas, em assuntos relacionados à administração e segurança. Enfim o que aconteceria se, na Sommerschild existissem mulheres guardas – e não homens guardas -, (ainda existiria margem de actuação das prostitutas de rua naquele local) ?

Quanto aos clientes que frequentam a avenida do zimbábwe importa referir que, muita da informação obtida a seu respeito foi fornecida por meio das prostitutas, (ou seja, através da técnica da observação indirecta), pois, na grande maioria das vezes, estes actores recusavam-se a prestar entrevistas. O seu receio⁸⁷ em prestar entrevistas relacionava-se com o facto de, na sociedade moçambicana, a actividade da prostituição ser predominantemente concebida a partir de uma perspectiva conservadora e moralista, o que significa que, se a prostituta é estigmatizada, então, o *contágio*⁸⁸ *do estigma* também acaba por afectar aos seus clientes. A adopção de uma amostra (não-probabilística) accidental⁸⁹, permitiu ao pesquisador entrevistar a 02 dos clientes das prostitutas, sendo que, à um dos clientes com um pouco mais de profundidade, devido ao laço de proximidade que acabou por se estabelecer (entre o mesmo e o pesquisador). Algumas informações sobre a rotina e atitude dos clientes das prostitutas também foram obtidas pelo pesquisador através da observação simples, e observação indirecta (isto é, através do relato das prostitutas, e do Secretário do bairro a respeito daqueles actores).

A Polícia de defesa civil também desempenha um importante papel na organização e manutenção da segurança do bairro. A atuação punitiva da polícia face a actuação das prostitutas na Sommerschild pode ser descrita como sendo branda, embora ao abrigo da Lei, as mulheres que ali actuam cometam contínuas contravenções, ao trocarem de roupas na via pública, e circularem constantemente de roupas íntimas ao longo da avenida. Por outro lado, a *Resolução da Assembléia Municipal (nr. 50/2010)*, um instrumento administrativo de regulação da postura urbana municipal, também veda as posturas que porventura coloquem em causa o decoro e bom nome de qualquer bairro. Contudo, nenhuma das entidades referenciadas (tanto a Polícia, quanto o Secretário do bairro) interdita a prática da prostituição decorrente do bairro da Sommerschild,

⁸⁷ O receio por parte dos clientes, em conceder entrevistas, também foi justificado por questões de ordem familiar. Esse elemento foi um indicador de diferença de representações e imaginários, que por um lado, privilegia e enaltece a família, e por outro desqualifica a prostituição.

⁸⁸ A máxima popular que melhor traduziria o conceito seria: diga-me aonde e com quem andas, que te direi quem és, (sic) ! Nesse sentido, em contextos sociais, nos quais, a moral cultural ocupa um papel central nas relações quotidianas, tal acepção pode se revelar num significativo factor de inclusão ou exclusão sociais. Ver Erving Goffman (2002).

⁸⁹ A amostra accidental consiste no facto do pesquisador seleccionar para a amostra da sua pesquisa, um conjunto de elementos ou sujeitos, escolhidos em função das condições instantâneas, "fortuitas" ou circunstanciais (que o acesso confere).

embora amplamente cientes da situação (i)legal exposta. Com efeito, as prostitutas do bairro consideram os policiais como sendo seus “amigos”, facto que revela a prevalência de uma relação de proximidade entre os actores. Mais detalhes sobre a temática são apresentados ao longo das próximas páginas.

Durante uma sessão de mesa-redonda, subordinada ao tema *Mulheres pesquisadoras de Violência, Segurança Pública e Conflitos Urbanos*, organizada pela UFSCar, no dia 06 de Agosto de 2021, a pesquisadora da UFSCar, Jacqueline Senhoretto pontuou a questão do controle da vestimenta, enquanto um elemento a ser levado em conta pelo pesquisador(a), no decorrer da sua pesquisa de campo, atendendo as especificidades das expectativas e padrões de socialização que circunscrevem os interlocutores e locais de pesquisa.

A circulação do pesquisador da tese pelo bairro da Sommerschield, mais especificamente, durante a sua interacção com os moradores e moradoras, de alguma forma implicou a adopção de determinados protocolos de vestuário de sua parte, não apenas no que se referia as formas de vestir, mas também, no que dizia respeito a maneira de se sentar, de “cheirar”, e os cuidados aplicados a linguagem durante a conversa. Tais protocolos e *símbolos de prestígio* permitiriam minimizar as margens de distância social prevalentes entre o pesquisador e seus interlocutores e interlocutoras.

O mesmo cuidado foi observado com relação ao contacto do pesquisador com as prostitutas de rua e guardas residenciais da Sommerschield. Contudo, é preciso não perder de vista a complexidade social que tende a caracterizar a categoria de "contexto social", pois, num mesmo contexto podem compactuar actores sociais, expectativas e valores culturais diferenciados. No caso da presente pesquisa, as características do protocolo de vestimenta adoptadas pelo pesquisador variaram de acordo com as categorias sociais em análise, exploradas em cada circunstância.

Se, por um lado, o facto de o pesquisador trajar uma camisa, calças e sapatos “sociais” o conferia um valor de inserção ao meio de convivência com os moradores e moradoras do bairro, por outro, a adopção do mesmo traje com a finalidade de entrevistar as prostitutas de rua, prontamente suscitaria uma relação de desconfiança e barreira social, tal como tratou de alertar a informante privilegiada da pesquisa: “(...) *eu até posso te “tchovar”* [ou seja: auxiliar-te na integração ao meio de convivência com as prostitutas da Sommerschield], *é só combinarmos o dia. Mas (...), venha mais relaxado* [ou seja, trajado de forma descontraída, e menos formal possível], *para não assustá-las*”.

Inicialmente, a gestão diferenciada da vestimenta no campo da pesquisa não representou um constrangimento complexo para o pesquisador. Mas, tudo alterou-se quando em determinadas circunstâncias, este viu-se obrigado a gerenciar simultaneamente, duas ou mais entrevistas junto às categorias sociais das prostitutas, e dos moradores e moradoras do bairro. Por mais de uma vez, enquanto o pesquisador escalava o seu campo de pesquisa durante o início da noite e interagía com as prostitutas, (“subitamente”) os moradores da Sommerschield o contactaram com o objectivo de, finalmente, concederem (ou darem continuidade) a entrevista solicitada. E, tal como foi apontado neste trabalho, o traje, *aroma* do perfume, e a aparência geral do pesquisador no campo variam de acordo com o grupo-alvo da pesquisa. Deste modo, preparar-se para entrevistar uma determinada categoria social, e de repente ser confrontado com a pontual necessidade de entrevistar outra, suscitava um claro desafio metodológico e de personalidade em campo.

Durante os meses em que a pesquisa de campo decorreu (no bairro da Sommerschield), o pesquisador passou a deslocar-se ao campo portando consigo uma mochila (ou pasta) que, entre outras coisas continha várias peças de roupa (formal, e informal), calçado, frasco de perfume, garrafa de 1 litro contendo água potável, diário de pesquisa, entre outros aspectos, com a finalidade de responder eficientemente as demandas imprevisíveis do campo.

No que a questão da delimitação espacial deste trabalho se refere, cumpre destacar que, a pesquisa de campo decorreu em Moçambique para responder a uma exigência da agência financiadora da bolsa de estudos do pesquisador, segundo a qual, a temática e o

campo empírico da pesquisa deveriam relacionar-se (obrigatoriamente) com o país de origem do autor da Tese.

Em segundo lugar, o bairro da Sommerschield foi adoptado como campo desta pesquisa, observado que, o quadro geral de produção dos estudos sociológicos e antropológicos sobre a temática da prostituição adulta e feminina (de rua) no contexto moçambicano, enfrentava, até ao presente momento, uma *lacuna* de carácter fundamentalmente bibliográfica, que, tal como foi apontado, consistia em nunca ter retratado sobre as dinâmicas da prostituição feminina de rua, decorrentes dos bairros considerados “nobres” (da Cidade de Maputo, e de Moçambique de forma geral).

Embora os moradores da Sommerschield representem uma minoria “quantitativa” da sociedade moçambicana, isso não significa que estes também sejam uma minoria “qualitativa”. Ele/as dispõem do poder de influência política, econômica, jurídica e militar, (até porque, é preciso recordar que, se o bairro é significativamente ocupado por membros do partido Frelimo, tal como foi mencionado no segundo capítulo desta Tese, também vale lembrar que, foi este mesmo partido político que "criminalizou" a prostituição durante o período socialista, de 1975-1990/2, tendo-a descriminalizado – mas não legalizado - apenas em 1992, após a instauração do regime "democrático" no país). Adicionalmente, ocupando o referido partido uma posição maioritária e privilegiada no Parlamento nacional, bem como em nível dos Poderes executivo e judiciário já desde o ano de 1994 (e até para ser mais claro, desde a independência do país em 1975), este continua a defender através das leis em vigor no país, posições (“conservadoras”) que repousam na ideia de que, a formação de organizações associativas só deverá ocorrer caso as mesmas estejam em consonância com os costumes e valores morais da sociedade moçambicana, representando assim um claro obstáculo à criação de associações que pretendam actuar em defesa dos direitos das prostitutas no país, (uma vez considerada uma prática imoral).

Em certa medida é a esta classe social (da elite da Sommerschield,) que se deve a concepção partilhada hoje no país sobre as prostitutas, suas trajectórias e o valor ou carácter da actividade. Ou seja, apesar de eles representarem uma minoria (quantitativa), ainda assim, continuam sendo actores "representativos" de idéias, trajectórias e narrativas colectivas. Portanto, trata-se de um bairro cujos moradores e moradoras dispõem de significativos capitais e status, e que claramente procuram preservá-los.

No mais, seria questionável supor que, na Sommerschield a prostituição de rua apenas incomode mais a quem use e dependa mais da avenida do zimbábwe, e não aos moradores do bairro, pois, os moradores e moradoras dali também fazem uso dela. Os primeiros contactos de entrevista entre o pesquisador e alguns moradores e moradoras daquele espaço tiveram lugar na própria avenida, tendo sido posteriormente remetida a interacção para outros espaços e fóruns. A avenida do zimbábwe é um espaço de intersecções directas ou indirectas, entre actores de vários níveis e classes sociais, disputando interesses mais ou menos variados. Bairros da elite ou bairros nobres são, na verdade, bairros “híbridos”, tal como também será detalhado mais adiante.

O capítulo que segue buscou compreender mais a fundo quem são (especificamente) as mulheres que comercializam o sexo nas ruas daquele bairro (Sommerschield); a sua interacção com os mais variados actores e circunstâncias caracterizantes do bairro, incluindo com os seus moradores e moradoras⁹⁰.

⁹⁰ Interessa realçar que, dado ao facto de, nalgum momento de suas vidas alguns moradores do bairro da Sommerschield serem (ou terem sido) alvo de sequestros, tal como foi claramente referido nas entrevistas concedidas pelo Secretário do bairro, praticamente todos os entrevistados e entrevistadas da pesquisa impuseram que, sobre suas vidas particulares não fosse detalhada muita informação, por questões de segurança própria. Embora um maior acesso de informações sobre os seus perfis permitisse explorar ainda mais conhecimentos nesta pesquisa, a verdade é que, a solicitação destes sujeitos foi acolhida e respeitada pelo pesquisador. Deveras, em contextos sociais caracterizados por uma economia neoliberal, a sensação de perigo iminente que caracteriza os moradores e o quotidiano das cidades insere-se naquilo a que Bauman (2009), designou de estado de *medo e insegurança* nas cidades, o que acabaria por dar origem à uma compulsiva construção de muros, vedações residenciais, e condomínios, principalmente nos bairros considerados da elite, na intenção destes garantirem sua protecção e segurança, (debalde). Só que, tal situação também acabaria por reproduzir relações de estranhamento, restrição de liberdades, e um cada vez maior distanciamento social (entre os diversos grupos que compõem as cidades).

CAPÍTULO III:

Conflitos, papéis sociais, negociação e outras dinâmicas de interacção no contexto da Sommerschild.

Apresentação geral

O presente capítulo reservou-se à análise e interpretação dos dados da pesquisa realizada na Cidade de Maputo, bairro da Sommerschild, avenida do zimbábwe. Tratando-se de um estudo que privilegiou o discurso e significados produzidos pelos actores em seus próprios contextos e locais de interacção, o quadro teórico aqui adoptado foram fundamentalmente os estudos pós-coloniais, conjugando um misto de pesquisas produzidas em Moçambique e por seus cidadãos e cidadãs (nacionais), e várias outras contribuições de pesquisas internacionais. Com efeito, o debate apresentado neste capítulo acautelou também um trânsito entre o uso da teoria do *interaccionismo simbólico* e a bourdesiana (de *campo*), para que se entendesse a prostituição feminina de rua enquanto uma prática claramente constituída em contexto de campo, com seus próprios habitus e capitais de actuação.

As técnicas da entrevista, observação directa e indirecta, e a análise de conteúdo adoptados pela pesquisa permitiram ao pesquisador compreender o seguinte facto: quem são as prostitutas que freqüentam a avenida do zimbábwe (no bairro da Sommerschild); quais são as condições de sua adesão à prática da prostituição; as razões da escolha do bairro para o desenvolvimento de suas actividades; lógicas de negociação adoptadas na actividade; a relação das prostitutas com os clientes sexuais, com as associações das prostitutas, e polícias.

Na sequência da apresentação de um breve histórico e tentativa de conceitualização sobre a prostituição, também são detalhados e aprofundados vários outros apontamentos relacionados com as dinâmicas do campo da pesquisa, isto desde as questões de ordem identitárias, até as de conflito e cooperação na avenida do Zimbábwe.

SOBRE A PROSTITUIÇÃO FEMININA (breve contextualização e tentativa de conceitualização).

A prostituição entendida enquanto uma prática que envolve a troca de relações sexuais por bens (materiais e não só), é um fenómeno que sempre esteve presente no decorrer de diferentes períodos históricos, embora se manifestando de forma diferenciada. Por essa razão é que, por um lado, alguns autores questionam até que ponto seria legítimo atribuir-se uma definição universal à prostituição, enquanto que outros preferem considerá-la como uma das mais velhas profissões do mundo. Em vários países, esta prática tem sido encarada como uma actividade ilícita, e por vezes, como socialmente desviante, embora historicamente nem sempre tenha sido considerada como tal.

De referir que, a partir da segunda metade do século XIX assistia-se na Europa a um debate sobre a prostituição, devido ao crescimento dos bordéis. Nesse período, a prostituição em muitos países do mundo estava sujeita a diversos regulamentos. E este regime baseava-se por um lado, no pressuposto dos efeitos nocivos da abstinência sexual para os homens, e por outro lado no pressuposto de que numa relação sexual que se estabelecesse com as prostitutas contrair-se-ia doenças venéreas. À par desse debate foram surgindo as correntes proibicionistas, abolicionistas, socialista e feminista, que se dedicaram à compreensão da temática e implementação de medidas à respeito.

No campo da Sociologia, uma das referências proeminentes e precursoras no estudo sobre a prostituição foi George Símmel, durante os inícios do século XX. De acordo com o autor, apesar de existirem preconceitos associados à prostituição feminina, ela é funcional na medida em que permite salvaguardar a eficiência e o reforço das instituições sociais consideradas de normais, por exemplo, o casamento e a família. Devido às convenções sociais, as mulheres acabam se casando mais cedo do que os homens e acabam por exercer a sua sexualidade mais cedo que os últimos. Nesse sentido, estes acabam encontrando no mundo da prostituição uma alternativa para se socializarem com os papéis de homem (casado) a eles associado, dentro da lógica social burguesa. Portanto, a prostituição nada mais seria senão uma actividade considerada desviante, mas que confere uma transição confortante para a manutenção da *heteronormatividade*.

As análises sociológicas sistematizadas sobre a prostituição começaram a ser desenvolvidas a partir da década de 20 do século passado, do século passado, nos Estados Unidos da América - Escola de Chicago. Nessa altura, começam a surgir no seio da cidade de Chicago fenómenos como a imigração e diversos problemas a ele associados, tal como o desemprego, a criminalidade, delinquência e prostituição, que embora existissem em épocas anteriores começam a ganhar uma dimensão mais preocupante na cidade, tendo vários sociólogos assumidos a responsabilidade de compreender as dinâmicas desses fenómenos, visando a captar (a partir de uma lógica interaccionista,) o ponto de vista dos próprios actores (estigmatizados). A sua missão fundamental era a de buscar a compreensão profunda desses problemas e apresentar soluções para os mesmos.

Erving Goffman foi um dos sociólogos dessa Escola, tendo defendido que a prostituição era o produto das transformações sociais decorrentes do início da Revolução industrial na Europa, e que por essa razão, ela não representava propriamente um acto desviante, mas uma consequência do desenvolvimento das sociedades e cidades. A Escola de Chicago marcou o início dos estudos sociológicos e sistemáticos sobre os fenómenos do meio urbano, dentre os quais se incluem a prostituição, tendo sido este fenómeno rapidamente acolhido, questionado e aperfeiçoado pelas universidades do mundo inteiro, (na França, Inglaterra, Argentina, Brasil e não só).

Lopes, (2006) defende que, a prostituição é uma negociação e prestação de serviços sexuais, com ou sem a intervenção de uma terceira pessoa, onde esses serviços são publicitados e o preço dos mesmos reflecte às pressões da oferta e da procura. Porém, importa referir que, o século XXI acrescentou um vasto e por vezes tenso leque de conceitualização ao fenómeno da prostituição (e às prostitutas). Agora, estas estão preocupadas com as novas conotações que lhes são atribuídas. Embora muitas delas não aceitem ser consideradas prostitutas, pautando por denominações como garotas de programa, profissionais do sexo ou acompanhantes, na sua relação com a amenização da carga do preconceito que a elas possa recair, autoras como Gabriela Leite preferem intitular-se e preservar a antiga designação: puta ou prostituta. Esta é uma razão para se acreditar que, ser prostituta é uma questão em permanente disputa e construção.

É curioso o facto de que, nalguns países da América Latina (o caso específico da Argentina), existirem situações nas quais a prostituição feminina de rua tenha sido alvo

de mobilização por parte dos moradores dos bairros residenciais nos quais a actividade ocorria, visando assim a sua interdição. Posto isto, esta pesquisa procurou compreender, qual é a configuração que tal cenário assume (em África,) no contexto moçambicano.

PROSTITUTAS DO BAIRRO DA SOMMERSCHIEDL: perfil e dinâmicas sociais.

Algumas informações gerais sobre as dinâmicas da avenida do zimbábwe foram apresentadas no capítulo anterior. Em seguida, são apresentadas as categorias intermediárias que caracterizam as prostitutas e clientes, em contexto da prostituição, na referida avenida (bairro da Sommerschield,) bem como as dinâmicas sociais que envolvem a sua interacção com os mais diversos actores e instituições.

Num contexto em que, a prostituição de rua é encarada a partir de uma perspectiva conservadora e normativa (vista como uma prática moralmente nociva,) no contexto moçambicano, os estudos pós-coloniais efectuam uma ruptura radical com os modos de pensamento "tradicional" e conservador de compreensão sobre a realidade social, o que significa que, mais do que teorias, tais estudos são também uma postura intelectual, e sua maior inovação é atribuir importância à interpretação e autonomia que os actores sociais atribuem aos fenómenos, no lugar de sua explicação.

Maurício Silva (2015), aponta na resenha do livro *Crítica pós-colonial, panorama de leituras contemporâneas*, organizado por Adélia Ribeiro, Heloísa Toller, e Júlia Almeida, que:

Tal “área do saber surge por volta dos anos 70/80 e ganha força nos anos 90/00. Da contestação das narrativas hegemónicas/legitimadoras da modernidade à desterritorialização do sujeito, da releitura dos discursos históricos e culturais, estabelecendo novos protocolos de leitura desses discursos à desconstrução do sujeito colonial, criado a partir de um processo de construção - pelo mundo europeu - de um imaginário colonial, tudo isso é discutido nos ensaios que compõem essa Crítica Pós- - Colonial,” pág. 253

“tais estudos iniciaram no cenário europeu, com categorias provenientes do pensamento europeu (pós-estruturalismo, marxismo etc.), mas aplicadas a situações específicas, como os sujeitos coloniais e pós-coloniais. Assim, a partir de metodologias teóricas relacionadas às condições de emergência de formas históricas (discursos,

subjetividades, poderes etc.), o pós-colonialismo busca analisar as relações de subalternidade, os sujeitos coloniais híbridos, a subalternidade feminina, o conceitos/discursos criados na perspectiva hegemônica etc.,” *ibidem*.

“a crítica pós-colonial (ramo dos Estudos Culturais) constrói um contradiscurso em relação às interpretações culturais hegemônicas, apoiando-se em suportes interdisciplinares e requerendo uma visão comparatista que se volta, prioritariamente, para questões de exclusão,” pág. 255.

Para Rita Neves (2009), “os estudos pós-coloniais, (...) integram-se no panorama mais amplo dos estudos culturais e constituem um dos paradigmas da situação global contemporânea”, pág. 232. “As primeiras utilizações do termo pós-colonial, nos anos 70, pertencem ao domínio da crítica literária e daqui provêm os seus pais fundadores: Edward Said, Homi Bhabha e Gayatri Spivak”, pág. 236. De acordo com o autor,

“Em 1978, o escritor palestino, emigrado nos Estados Unidos, Edward Said com o seu «Orientalismo» dá origem aos debates e às polémicas em torno do pós-colonialismo. Segundo a teoria, muito contestada e discutida, de Said, o mundo divide-se em duas partes, a do colonizador e a do colonizado e o próprio conceito de «oriente» não seria que uma construção mental dos ocidentais. Este maniqueísmo tão radical é contestado mais tarde, em 1994, por Homi Bhabha que, em «Os lugares da cultura», reabre a discussão, afirmando que o relacionamento entre colonizador e colonizado não é tão evidente e, pelo contrário, rico de contradições e ambivalências. Perspectiva que põe em relevo a dimensão inconsciente destas relações, onde muitas vezes entre o colonizador e o colonizado, se desenvolve uma ambígua relação de repulsa e desejo, de identificação e condenação”, pág. 236.

A autora afirma ainda que,

“Entramos na era dos «pós»: pós-estruturalismo, pós-fascismo, pós-comunismo, pós-feminismo... O conceito de pós-modernismo, contestado por muitos, ainda confusamente teorizado, procura o seu caminho pelo labirinto dum mundo (o mundo ocidental) que por um lado se transforma vertiginosamente, mas, por outro, sente o peso duma crise histórica sem precedentes. O terreno do pós-modernismo é, por conseguinte, um terreno fértil para as teorias póscoloniais, que se referem essencialmente às teorias do desconstrucionismo, pág. 235.

Larissa Pelúcio (2012), aponta em seu artigo intitulado *Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer*, que, “as camadas subalternas, especificamente as mulheres, estariam ainda mais desprovidas de uma gramática própria para construir suas falas”, pág. 403. A autora acrescenta que:

“Falar de saberes subalternos não é, portanto, apenas dar voz àquelas e àqueles que foram privados de voz. Mais do que isso, é participar do esforço para prover outra gramática, outra epistemologia, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como as “verdadeiras” e, até mesmo, as únicas dignas de serem aprendidas e respeitadas”, pág.399.

Com base na compreensão dos estudos pós-coloniais foi possível captar qual é a *visão de mundo* dos moradores da Sommerschield em relação à prática da prostituição feminina de rua, e por outro lado, as estratégias adoptadas pelas prostitutas, guardas residenciais (e demais actores sociais), na reprodução das suas actividades no local.

O perfil das prostitutas da avenida do zimbábwe:

Categoria	Idade	Residência	Nível de escolaridade	Ocupação profissional	Gênero, Raça e estado civil
Prostitutas Total: 15	Entre 22 – 45 anos.	Subúrbios da cidade de Maputo: 4 prostitutas – residem no bairro da <i>Mafalala</i> , e 11 em <i>Xipamanine</i> .	Entre o 5º e 8º anos de escolaridade concluídos. 10 prostitutas: possuem o 5º ano. 4 prostitutas: o 8º ano. 1 prostituta: 7º ano.	8- são empregadas domésticas, e chefes de família. 3- são comerciantes sazonais, e chefes de família. 4- apenas chefes de família.	Todas são mulheres (cis), e negras. Treze delas são solteiras, e as restantes (duas) divorciadas.

As informações patentes da tabela acima apresentada permitem compreender um pouco melhor, o perfil social e econômico das prostitutas da avenida do zimbábwe. Nesse sentido, ficou claro que, as mulheres que actuam naquela avenida são, todas maiores de

idade. Sendo que, os fenômenos sociais são por si só, *totais*⁹¹, pelo menos sob o ponto de vista jurídico pode se afirmar que, a actividade da prostituição de rua observada na avenida em referência decorre dum acto consciente por parte dos seus executores (porque, protagonizado por mulheres que gozam de sua capacidade jurídica, facto que as torna pessoas portadoras de maturidade intelectual e física suficiente para operar actos da vida civil, tal como, casar-se oficialmente, por exemplo. Portanto, adquire a capacidade jurídica plena o indivíduo que, seja juridicamente responsável pelos actos, bens, e decisões que tome⁹²), contrariando (de alguma forma,) os discursos conservadores, moralistas e de tendência paternalista, que procuram associar a mulher à idéia de vítima dum processo de exploração (econômica, ou ideológica) imposto⁹³.

Importa referir que, existe uma tendência de se estabelecer uma correlação significativa entre maturidade jurídica e capacidade de consentimento, facto que, nem sempre se observa na prática, pois, nem sempre a racionalidade (e liberdade de escolha,) significam propriamente a disposição de autonomia e controle sobre os processos, até porque, Laura Lowenkron (2015), em seu artigo intitulado *(Menor)idade e consentimento sexual em uma decisão do STF*, mostra “como as categorias de idade são socialmente construídas e manipuladas e como as fronteiras entre o aceitável e o inaceitável são permanentemente redefinidas, negociadas e deslocadas”, pág. 714.

Para esta autora:

“A noção de consentimento pode ser definida como uma decisão de concordância voluntária tomada por um sujeito dotado de capacidade de agência e livre-arbítrio. Algumas campanhas feministas enfatizaram a clareza de distinção entre consentimento e não-consentimento, como em alguns usos do slogan antiestupro “*yes means yes and no means no*”. Outra corrente do feminismo conceitualizou a existência de um continuum entre o intercurso sexual heterossexual plenamente consentido e o estupro: *The notion of a continuum more adequately describes the experiences of women who may ‘submit’ to sex without giving a more ‘active consent’, implying greater agency.*

⁹¹ Para Marcell Mauss (1965), os fenômenos sociais são complexos, podendo assumir diversas configurações, concomitantemente: política, biológica, econômica, histórica, entre outras.

⁹² Recordar que, ao dispor do artigo 122 do Código Civil moçambicano, a maioria civil está fixada em 21 anos de idade.

⁹³ Importa esclarecer, desde já, que na avenida do zimbábwe, não foram identificados as figuras de *cafetão ou cafetina* envolvidos na actividade.

This is useful in conceptualising forms and degrees of consent in sexual behavior involving children”, pág. 735.

Corroborando com a última autora citada, Camila Fernandes, et al (2020), estudam sobre a categoria *consentimento*, a partir dos relacionamentos íntimos estabelecidos entre casal de namorados, entre encarregados de educação e seus educandos ou filhos, e demais situações. Os pesquisadores constataram que, o universo dos afectos vislumbra um conjunto de experiências e vicissitudes que, permitem abrir fronteiras de negociações em relação ao que juridicamente se entende em como se tratando de actos de consentimento. Nesse sentido, a partir de um olhar fenomenológico sobre a vida quotidiana de mulheres trans e travestis em busca de relacionamentos estáveis, bem como, a vida de mães consideradas de "nervosas" pelos filhos, e alguns casos de tentativa de inserção familiar por parte de membros acusados de estupro, os autores demonstram claramente que, nem sempre onde existe consentimento (sob o ponto de vista jurídico), de facto, não existe violência sob o ponto de vista vivencial. Assim sendo, é preciso pensar-se o consentimento enquanto um campo relacional, contextual e sempre aberto ao debate, e não uma categoria fechada a um padrão conceitual.

Durante a pesquisa de campo observou-se que, todas as prostitutas residem em bairros suburbanos⁹⁴ da cidade de Maputo, que, apesar das suas relativas diferenças são comumente caracterizados pela limitada rede de saneamento, electricidade e iluminação das ruas, infraestruturas, entre outros aspectos. Tais características são somadas ao baixo nível de escolaridade⁹⁵ que as prostitutas ostentam, e ao seu estado civil de

⁹⁴ Mafalala e Mahotas são dois bairros geograficamente distantes entre si. O bairro da Mafalala situa-se à 20 minutos de Sommerschild, (quando caminhado). Mahotas, por sua vez, encontra-se um pouco mais distante de Sommerschild. A realização de uma viagem de automóvel (partindo de Mahotas), levaria aproximadamente 20 minutos, em um dia de trânsito brando, para chegar à Sommerschild. Mafalala é um dos bairros periféricos mais antigos da Cidade de Maputo, e remota ao tempo colonial, quando operários provenientes de vários pontos do país, que iam a Maputo à procura de melhores condições de vida, instalaram-se ali, construíram suas residências, e mantiveram uma interação contínua com a cidade. O bairro das Mahotas foi criado após a independência do país, em consequência do processo de expansão urbana da Cidade de Maputo. Seus habitantes mantêm interações de mobilidade (para efeitos laborais, lazer e não só,) com a Cidade de Maputo e Matola.

⁹⁵ Em Moçambique, o nível de escolaridade mais inferior exigido para a admissão aos concursos públicos, é o 7º ano. Contudo, para a ocupação da posição de empregada doméstica em residências individuais, tal

solteiras ou divorciadas, exigindo que, toda a sua gestão domiciliar (incluindo as preocupações dos outros membros da sua família), a princípio esteja a cargo de sua única responsabilidade.

Para fazer face a tais desafios de exclusão socioeconômica, durante o período laboral a maior parte das prostitutas presta serviços domésticos nalguns bairros da cidade de Maputo (distintos de Sommerschild), e as outras trabalham sazonalmente nos mercados públicos da Cidade de Maputo, como vendedoras de alguns artigos não perecíveis (roupa, produtos cosméticos, ente outros). A outra parte das prostitutas dedica-se unicamente aos trabalhos e afazeres domésticos.

É de referir que, fora aos aspectos de carácter económico apresentados em torno da vida das prostitutas, estes sujeitos (as prostitutas) também se assemelham na sua condição de género (mulher), e de raça⁹⁶ (negras). Mas de acordo com elas, o status de mulher solteira acarreta duras responsabilidades e pressões morais, tal como, reportaram duas delas, na avenida do zimbábwe:

- *"quando você é solteira, na família começam a te olhar torto, e perguntam-se sobre os porquês. Não é bom ser solteira, sim, mas as pessoas se esquecem que, o casamento também tem suas partes más, ..."*, (literalmente dito por Alice, em assentimento com Marta. Entrevistas concedidas a 28.07.2019).

requisito não é exigido, sendo que, as condições de segurança social e outros direitos laborais, são praticamente precárias, pois, a negociação entre o empregador e empregada tende a ocorrer, muitas vezes, através de um contrato verbal ou informal, embora, desde os anos de 2008 (ao abrigo do Decreto nº 40/2008 de 26 de Novembro,) tenham começado a constituir-se pequenas empresas encarregues de mediar a relação entre as empregadas domésticas, e os clientes (patrões de casa).

⁹⁶ É preciso recordar que, embora nalguns contextos sociais, a dimensão racial seja considerada uma importante variável de análise dos fenómenos sociais, actualmente, em Moçambique ela não se coloca propriamente como uma pauta de discussão na agenda política nacional. Manifestações de racismo ("racial") podem ser identificadas, um pouco por todo o país. Mas, a sua configuração não assume um carácter estrutural. É que, acima de 95% da população moçambicana apresenta a cor da pele negra. Após à independência do país, desde o ano de 1975 aos dias actuais, os negros foram quem assumiram predominantemente a gestão e os destinos do país, contrariamente ao que se observou durante o período colonial, no qual, os negros assumiam papéis periféricos na gestão política, económica e social do país.

O depoimento apresentado deixa claro, sobre a existência de estigmas associados à *culpa individual*⁹⁷, de que as (mulheres solteiras) prostitutas, também tem sido relegadas no contexto moçambicano. É que, na visão moral da sociedade moçambicana, a idéia de mulher adulta solteira, representa um "desvio social", que simboliza falta de seriedade por parte da mulher. Contudo, se por um lado, tal condição civil as condena moralmente, por outro, (de acordo com o pronunciamento das próprias prostitutas), a situação as confere um grau maior de liberdade, para agirem, deslocarem-se mais ou menos livremente, e tomarem várias decisões pessoais, longe das "intrincas" que um vínculo do casamento (do tipo tradicional e fechado) implicaria. Assim sendo, no olhar das próprias prostitutas, a sua condição civil representa uma prerrogativa de acção. Mas para efectivá-la, as prostitutas mobilizam um conjunto de discursos e cenários comparativos, e exemplos "catastróficos", no sentido de justificarem ou legitimarem a continuidade das suas práticas:

- *"sabe, o casamento (...) também tem suas partes más: o ciúme, a violência, por aí ! Ser solteira, já não tanto"*, (dito por Alice. Entrevista concedida a 28.07.2019).

Os últimos dois depoimentos apresentados apontam para as ambigüidades que a liberdade sexual feminina assume na sociedade moçambicana. Ou seja, a solteirice tomada como sinónimo de liberdade (pelas prostitutas) é, por sua vez, justamente a causa da desconfiança da mulher.

Destarte, o perfil socioeconómico e demográfico das prostitutas que actuam na avenida do zimbábwe pode ser descrito como sendo: constituído por mulheres adultas, solteiras, negras, originárias dos bairros periféricos da Cidade de Maputo, e em condição económica (re)activamente vulnerável. Contudo, é preciso considera que, tal quadro de situação não é suficiente, para deslegitimar completamente o seu poder de consentimento no campo da prostituição, (tal como será mais bem desenvolvido mais adiante). Por ora, merece atenção um breve retorno ao enquadramento histórico sobre a

⁹⁷ De acordo com Erving Goffman, (1963), o estigma associado à culpa individual se refere ao desprezo (exclusão ou ostracismo) que é dirigido a um indivíduo ou grupo, em decorrência dos seus julgadores atribuírem aos próprio/as estigmatizado/as a responsabilidade pelo resultado (ou estigma) conferido, visto que, (no entender daqueles, os julgadores), o estigmatizado/a poderia ter pautado por uma alternativa ou modo de vida "normal" e legítima, e não a "deplorável".

prostituição em Moçambique, para se compreenderem algumas das complexas ambigüidades, que envolvem a dinâmica da actividade.

DA ACUMULAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA, À ACUMULAÇÃO SOCIAL DA EXCLUSÃO (das prostitutas,) EM MOÇAMBIQUE: notas de uma breve analogia.

Parodiando o conceito de acumulação social da violência, do sociólogo Michel Misse (2010), neste espaço procura-se reflectir sobre as semelhanças do processo de exclusão social, observadas entre o Brasil e Moçambique, tendo como referência as dinâmicas observadas nos campos da violência (para o caso do Brasil), e no da sexualidade (ou prostituição de rua, para o caso de Moçambique).

Partindo do seu conceito de *sujeição moral*, Misse (2010), recupera da Sociologia contemporânea os termos de actor, agência, rótulo e estigma, a fim de procurar compreender a forma como opera a categoria "bandido" na sociedade brasileira. Com referência a uma explicação assente na trajectória sociohistórica do Brasil, o autor explica que, o negro foi sempre excluído ao acesso a direitos ali. Como consequência desse processo, ao longo dos anos, tais sujeitos foram explorando formas de sobrevivência e afirmação, inclusive as práticas consideradas de desviantes (assaltos, entre outras práticas), tendo contribuído para que, uma carga de estigma cada vez mais significativa, fosse marcada e enraizada em relação a seus corpos, e tom de pele. Desse modo, um ciclo vicioso se forma: os negros são estigmatizados e excluídos da sociedade, e por serem alvos desta situação, então abraçam práticas consideradas de desviantes, como forma de sobrevivência e afirmação. Mas ao agirem dessa forma, sem dúvidas reforçam ainda mais os estereótipos a si associados. E o ciclo reproduz-se.

A abordagem de Misse enquadra-se perfeitamente ao perfil histórico que caracteriza o surgimento e reprodução da prostituição de rua, no contexto moçambicano. É que, tal como já foi referido neste trabalho, que, durante o tempo colonial em Moçambique, escassa manifestação da prática foi observada tendo como protagonista as mulheres nativas. Adicionalmente, com a conquista da independência do país, o regime socialista instalado reprimiu severamente a prática da prostituição, ao mesmo tempo em que, ocorria uma enorme *desorganização social*, nos domínios económico e sociopolítico do

país, ocasionando uma reprodução generalizada da exclusão social por entre os moçambicanos e moçambicanas.

Finalmente, com a instauração do multipartidarismo e "democracia" no país, a partir de 1990, associado a um quase abandono do Estado, no que se refere à concessão de direitos sociais e econômicos a seus cidadãos, então ocorre um *boom* da prostituição (praticada por mulheres negras, nativas e na sua maioria, em situação de vulnerabilidade econômica), que aos poucos foi assumindo proporções cada vez maiores no país. Nesse sentido, por um lado, constatam-se um conjunto de condições estruturais desfavoráveis, sobre as quais as prostitutas se vêm mergulhadas, - social, econômica, escolar, e sexualmente -, porque residentes em regiões periféricas, mulheres semi-alfabetizadas, em situação de pobreza, precaridade laboral e acima de tudo, tratando-se de mulheres cisgêneras, inseridas num contexto de sociedade predominantemente patriarcal. Por outro lado, forma-se um julgamento moral negativo da sociedade, reactivamente a forma com que elas (as "prostitutas") ganham a vida.

Deste modo, o ciclo da exclusão social relegado a estas mulheres consolida-se, isto é: se, na consequência dos problemas de ordem estrutural, a mulher resolve prostituir-se, logo é automaticamente estigmatizada. Mas, se porventura pautar por uma via diferente desta, então, vê-se ainda mais mergulhada às duras condições da vida quotidiana, pelo que, no sentido de procurar escapar a essa situação recorre à prostituição, por identificar ali uma oportunidade flexível de geração de renda. Com efeito, ao fazê-lo, não escapa aos estigmas. Éis a proposta do ciclo da *acumulação social da exclusão entre as prostitutas*.

As pesquisas sociológicas realizadas sobre a prática da prostituição feminina em Moçambique apontam que, os factores sócioeconômicos, mais especificamente a pobreza influencia na adesão das prostitutas à tal actividade, de acordo com Muianga (2009), Muchanga (2011), e Mahumana (2016). Mas, tal posicionamento não colhe total consensos, por entre os pesquisadores moçambicanos. Chichango⁹⁸ (2017), refere que, apesar do factor econômico representar uma variável importante para se compreender as

⁹⁸ Pesquisadora moçambicana, formada pelo Departamento de Sociologia, da (UEM) Universidade Eduardo Mondlane. A UEM é a maior e a mais antiga universidade de Moçambique, uma das pioneiras do continente, na investigação sobre os estudos africanos.

motivações de adesão à prática da prostituição, tal não constitui um factor determinante, visto que, existem mulheres que, até dispõem de condições mínimas de manutenção da sua segurança econômica, contudo, a necessidade de se tornarem agentes activas de uma sociedade caracterizada pelo consumo faz com que, as mesmas adiram à tal prática, na finalidade de disporem da capacidade de compra de roupas, e de um acesso financeiro permanente, podendo deste modo, distinguirem-se socialmente.

Essa observação analítica permite compreender que, se por um lado, considerar-se as prostitutas enquanto vítimas de um sistema social e econômico que as exclui, por outro, não se pode deixar de evidenciar a lógica do *custo-benefício* patente em suas decisões, uma vez que, as prostitutas também avaliam o quanto podem ganhar desenvolvendo determinadas actividades braçais, e o quanto ganhariam com a prostituição, que até as confere a vantagem da flexibilidade de horário, e uma maior autodeterminação.

Na avenida do zimbábwe, as prostitutas que por ali frequentam referiram que, a dificuldade financeira é que constitui a motivação para a sua adesão à prática, (tal como reportaram 7 prostitutas entrevistadas no local):

- "*A vida não está fácil. As coisas estão sempre a subir. A pessoa pode até trabalhar, mas o dinheiro não chega para quase nada. Cadernos, caril, óleo e chapa⁹⁹, à cada dia que passa, só sobem. Vir para cá as vezes ajuda um pouco. Tá-se mal (...)! "*(Literalmente dito por Joana, em assentimento com Maria, Joaninha, Luana, Martinha, Lu, e Filó. Entrevistas concedidas à 08.08.2019).

Os relatos apresentados pelas prostitutas, não apenas deixam claro que, a sua principal motivação para a adesão à prostituição encontra-se associada à factores socioeconômicos, como também explicita que, para além desta desempenhar uma função econômica crucial para a reprodução social (que é colectiva, na medida em que, visa abranger as suas próprias necessidades de bem-estar, e de seus familiares), no seu entendimento sobre a hierarquia das profissões, a prática da prostituição não se

⁹⁹ *Chapa* é o nome usado pelos cidadãos (no dia à dia) de Moçambique, para se referirem ao transporte semi-colectivo de passageiros, de rota intra-urbana. Algo parecido com o que, no Brasil, se designaria de ônibus, (na linguagem quotidiana: *buzão*).

enquadra propriamente como um trabalho, e sim, um complemento (útil,) das suas actividades desenvolvidas predominantemente durante o período diurno, (isto é: na qualidade de empregadas domésticas, comerciantes sazonais, e chefes de família).

Renata Cavour, et al., (2011), pesquisaram sobre a convivência da prostituta com sua família e o seu meio social. Num estudo que contou com a entrevista de mulheres e seus respectivos filhos, trabalhadoras na zona norte do Rio de Janeiro (na vila Mimososa), a referida pesquisa apontou que, a instituição social família é tratada pelas prostitutas em como se tratando de um meio que deva ser vivido à parte da prostituição, um mundo de valores morais, no qual, a mulher de família nada tem a ver com a prostituta.

Nas páginas seguintes deste trabalho, se observará que, existe uma conectividade entre a abordagem defendida pelos autores citados no parágrafo anterior, e a questão da auto-denominação das prostitutas de rua da Sommerschild. Estas consideram-se *mulheres honradas* (porque mães de família, chefes de família, entre outros papéis sociais), revelando assim, uma importante valorização destas mulheres em relação à instituição família, que a assumem enquanto símbolo de "pureza", por isso mesmo, uma instituição a preservar.

A tendência das prostitutas em reproduzir, (com recurso à prática da prostituição, um actividade socialmente considerada de “pouco convencional”,) os valores da conservação da família, também pode ser sustentada pela abordagem de (Sónia CARDOSO, 2007, Pág. 497), segundo a qual, "a fecundidade africana feminina (...) tem sido, ao longo do tempo, largamente suportada por padrões sociais que se reproduziam a nível das imposições familiares e matrimoniais, no sentido de responder a objectivos comunitários" e não individuais. Isso tem justificado e fundamentado, em grande medida, os estigmas relegados (às mulheres, mas principalmente...) às prostitutas. Nessa ordem de idéias pode-se afirmar, no limite da reflexão, que a prostituição feminina representa então, uma forma constestatória e ousada das mulheres, face a um quadro de vivência cultural imposto pela hegemonia masculina (e rigidamente patriarcal).

Aliás, existe uma literatura científica que permite compreender, a partir de uma caracterização socioeconômica do país, as motivações da prática da prostituição de rua em Maputo, tomando em consideração o facto de que, na região Sul de Moçambique,

“os laços de parentesco e de filiação se dão através da linha paterna. Assim sendo, os homens assumem a propriedade dos recursos do agregado familiar e são eles que autorizam as mulheres no uso destes recursos”, (Rosário ANDRADE, et al, 2015, pág. 569).

A luz da lógica cultural acima apresentada, têm sido recorrente os membros de uma família (tanto sejam, ascendentes ou descendentes,) confiscarem para si, os bens patrimoniais pertencentes à família nuclear do seu parente, nos casos em que, este perca a vida. Em Moçambique, "a perda dos bens para a família do marido após sua morte é ilegal, mas por desconhecimento dos seus direitos, muitas mulheres se deixam lesar", *ibidem*. E a calcular pelo baixo nível de escolaridade que tende a caracterizar as mulheres moçambicanas, numa sociedade ainda marcada por desigualdades de gênero no acesso a vários direitos, algumas delas revelaram “recorrer à prostituição [e a outras actividades informais,] como forma de sobrevivência” *ibidem*.

O cenário exposto nos dois últimos parágrafos é revelador de um quadro de situação claramente complexo, que esclarece sobre os constrangimentos de ordem cultural e estrutural patentes no contexto moçambicano, envolvendo as mulheres a um contexto de extrema violência patrimonial, sendo que, “são os lares geridos por mulheres, que têm a maior taxa de pobreza extrema, em Moçambique”, (de acordo com a Federação Internacional dos Direitos Humanos, 2007).

AS TRANSFORMAÇÕES OBSERVADAS EM RELAÇÃO AO PAPEL DA FAMÍLIA, (e do seu provedor) NO CONTEXTO MOÇAMBICANO.

De acordo com (Sofia ABOIM, 2008),

"em Moçambique, as masculinidades são permanentemente reconstruídas, rejeitando umas tradições e misturando outras com valores e modos de fazer «modernos», trazidos pela globalização crescente. Desta forma, [em função das várias dinâmicas que caracterizam o contexto urbano, e as transformações que atravessam a instituição social família,] a ordem de gênero incorpora diferentes elementos, uns novos, outros transformados, mudando as relações de poder simbólico e o sentido do que é ser homem (ou mulher)", pág. 291.

Ainda a respeito das transformações que actualmente atravessam a questão do gênero e família em Moçambique, (ABOIM, 2008, pág. 293), aponta claramente que: "vários processos de transformação social estão presentemente a produzir realidades entrecruzadas, seja nas referências simbólicas e nas identidades de gênero, nas práticas e trajetórias, na vida familiar e na divisão sexual do trabalho". Nesse sentido, constata-se aqui, que o facto das prostitutas da Sommerchild frizarem que se prostituem para garantir alimento ou assistência a seus filhos, elas passam a assumir um papel histórica e culturalmente reservado aos homens, traduzindo assim, tal transformação de papéis. Razões mais detalhadas sobre essa transformação são também apontadas pela (*Federação Internacional dos Direitos Humanos*¹⁰⁰, 2007), segundo a qual,

"Moçambique tem uma elevada proporção de viúvas, na população total, na maioria devido a dois factores: a devastadora guerra civil e a elevada taxa de HIV/SIDA que afectam a muitos jovens adultos do sexo masculino. As viúvas [ainda] são muito vulneráveis - os hábitos tradicionais privam-lhes da maior parte dos seus direitos, especialmente nas áreas de propriedade de bens e herança (...), e nem mesmo é dado apoio às viúvas da guerra, serviço de cuidados ou reabilitação às mulheres que sofreram específicos tipos de violência sexual durante os períodos de conflito", apesar de alguns avanços terem sido registados na legislação nacional, reactivamente a tais aspectos.

As contribuições acima apresentadas, permitem compreender que existe, de facto, um quadro estrutural de condições restritas, que envolvem a vida das mulheres em Moçambique, embora tal situação não as impeça de assumirem um *agenciamento* em relação ao rumo do seu quotidiano, o que explica a sua adesão as mais diversas actividades. De acordo com Ana SILVA e Thaddeus BLANCHETTE, (2009):

“frente às outras opções de trabalho, a prostituição é vista como maneira mais eficaz de garantir a essas mulheres uma verba suficiente não só para sobreviver, mas para ensaiar uma ascensão sócioeconômica” (2009). Mas, “afirmar que a motivação principal da

¹⁰⁰A Federação Internacional dos Direitos Humanos (FIDH) é uma organização internacional não-governamental que defende os direitos enunciados na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Criada em 1922, a FIDH federa hoje em dia 155 organizações de defesa dos direitos humanos pelo mundo. A FIDH tem como mandato: a) mobilizar a comunidade internacional, b) prevenir as violações dos direitos humanos e dar apoio a sociedade civil, c) observar e alertar sobre violações dos direitos humanos, d) informar, denunciar e proteger”, (Federação Internacional dos Direitos Humanos, 2007).

prostituição é econômica não é negar que outros fatores estão envolvidos na decisão de vender sexo”, *Ibidem*.

Embora as condições de desigualdades estruturais estejam colocadas para justificar a adesão de mulheres à prática da prostituição, uma discussão mais elaborada em torno deste tópico, não dispensa a análise em torno do conceito de vitimização. E de acordo com a posição de Yannick Barthe, (2019), não basta as prostitutas se declararem vítimas do sistema econômico, pois, enquanto existirem outras alternativas de subsistência e trabalho, o estigma de que são alvo por parte da sociedade prevalecerá. A sociedade contemporânea “pressupõe a demonstração de uma autonomia de julgamento, de ser capaz de “governar sua vida” e de ser dela o “autor” – em suma, de se mostrar *responsável* (...). [Nesse sentido], A inocência pode, então, ser julgada culpada (...), e a vitimização se torna estigmatizante para as vítimas”, pág. 135.

Ao conjunto dos argumentos apresentados pelas prostitutas sobre as suas motivações para a adesão à prostituição, (Natânia LOPES, 2021, pág. 4), chama a atenção, em seu artigo intitulado *Sentidos e Fantasias sobre o “luxo” na Prostituição de “Alto Escalão” Carioca*, sobre o facto de que, os argumentos “recorrentemente mobilizados para explicar as motivações para se prostituir, acabam funcionando como um conjunto de argumentos *coringa*, capazes de aliviar a carga moral que pesa sobre a prática prostitucional”. Por isso, nem sempre apontar a pobreza como o motivo para se aderir à prostituição é suficientemente plausível. Daí que, na intenção de identificar as condições necessárias a partir das quais o processo da vitimização ocorre, Barthe refere que, a vitimização leva sempre a pensar sobre a noção de responsabilidade. Mas, a constituição dessa condição nem sempre ocorre desprovida de tensões ou discórdias.

SOBRE SOMMERSCHIED: UM CAMPO FÉRTIL PARA O OFÍCIO DA PROSTITUIÇÃO DE RUA.

A avenida do zimbábwe representa um espaço ideal para a prática da prostituição de rua. O depoimento de uma prostituta da avenida retrata o cenário:

- "Aqui, o ambiente não é mau. Cada grupo vai ficando no seu canto, mas também gostamos de ficar juntas, para conversar sobre a vida, e outras coisas. Já venho aqui há uns 7 anos¹⁰¹, e nunca tive problemas com ninguém (...), até conheci algumas que, de repente desaparecem daqui, mas depois regressam. O ambiente aqui é um pouco mais livre". (Isabel. Entrevista concedida a 11.08.2019).

O relato da prostituta demonstra que, o campo da prostituição, não assume apenas uma função laboral, mas sim, psicológica também. É que, mais do que praticarem relações sexuais, as prostitutas também concebem a avenida do zimbábwe como sendo, um espaço de manifestação de desabafos entre as pares, e de reflexões sobre as dinâmicas da sociedade moçambicana. Nesse sentido, a situação apresentada torna o local da prostituição, como um espaço de sociabilidade e trocas. Tais manifestações decorrem ali, há já algum tempo (isto é, há mais de 07 anos), contrariando de algum modo, ao depoimento apresentado pelo Secretário do bairro¹⁰² durante a pesquisa de campo, segundo o qual: a actividade decorria no local há pelo menos 05 anos.

Apesar da avenida do zimbábwe representar para as prostitutas, um ambiente tolerante à realização das suas práticas, as mesmas evitam o máximo fazer o uso dos seus telemóveis naquele local, pois receiam que, através das chamadas telefônicas estabelecidas, seus interlocutores (familiares ou amigos), suspeitem¹⁰³ ou identifiquem

¹⁰¹ A pesquisa de campo, (isto é: o contexto no qual, tal referência foi extraída,) realizou-se em 2019.

¹⁰² O cenário (de contradição) apresentado, precisa levar em consideração o facto de que, o Secretario do bairro é um órgão de autoridade política e administrativa. Nessa ordem de idéias, alguns dos seus discursos precisam ser compreendidos, a partir do ponto, no qual, este actor se posiciona política e hierarquicamente na organização do bairro.

¹⁰³ Para as prostitutas, a linguagem usada no campo da prostituição diferencia-se daquela predominantemente usada no quotidiano da esfera social considerada de "normal". No seu entendimento, o uso constante de telemóveis no local, eventualmente poderia deixar escapar linguagens ou imagens consideradas de

as dinâmicas do local em que estas se encontrem na ocasião (no caso, o campo da prostituição), acabando por associá-las à actividade. A situação de permanente *gerenciamento de impressões* ¹⁰⁴ protagonizada pelas prostitutas, em vista à manipulação da sua identidade social permite configurar um quadro de realidade, no qual, o uso das novas tecnologias de comunicação (o caso de celulares, plataformas digitais, sites de promoção de suas actividades) seja descartada na dinamização das suas actividades, ou pelo menos, residual (na avenida do zimbábwe).

Na intenção de darem repostas aos desafios do seu dia a dia, as prostitutas da avenida do zimbábwe adoptam um conjunto de estratégias e métodos (operativos) no referido local, que partem desde a adopção de um *modus operandi* específico (uso de trajes adoptados especificamente para o local, e relações de cooperação e harmonia que procuram estabelecer umas com as outras,) incluindo a inactivação do aparelho celular durante a realização das suas actividades. A adopção de tais "cuidados" (também) contribui para que, o curso das suas actividades na avenida do zimbábwe flua normalmente, permitindo-as gerar rendimentos que complementem seus salários e, garantam a sua reprodução social (e de seus familiares), dando assim sentido às suas vidas, tal como apontaram três prostitutas que actuam na referida avenida:

- *"Aqui, na maioria das vezes a gente faz, mais ou menos, 5000,00 à 7000,00 Meticais por semana, [valor equivalente à 350,00 à 540,00 Reais Brasileiros, por semana]. Mas como empregas domésticas ganhamos esse valor trabalhando durante um mês inteiro". Então, este lugar até que ajuda alguma coisa (...)"*. (Literalmente dito por Maria, em assentimento com Martinha e Luana. Entrevistas concedidas à 17.08.2019).

De referir que, Denise da Cruz (2015), retrata sobre o *cabelo enquanto centro de investimento estético-corporal* por entre as mulheres da Cidade de Maputo, procurando captar os significados desta prática, a partir dos entendimentos locais sobre o corpo. A

"obcenas", das conversas estabelecidas entre as pares no local, facto que levantaria suspeitas sobre a sua verticalidade moral, por parte de quem as visse ou escutasse.

¹⁰⁴ Para Goffman (1963), *gerenciamento de impressões* são os cuidados de atuação estabelecidos nas interações sociais, aos quais os actores sociais (no caso desta pesquisa, as prostitutas) se vêem obrigados a adoptar, como forma de manterem uma boa impressão sobre sua conduta moral, ou sobre suas intenções, diante dos outros.

autora refere que, o cabelo desempenha uma função importante nas mulheres da Cidade de Maputo, traduzindo-se em objecto de atracção sexual, e feminilidade.

Contudo, a composição populacional dos habitantes da Cidade de Maputo desafia, logo a partida, a delimitação e categorização temática apresentada pela autora, pois, esta não leva em consideração o facto de que a Cidade de Maputo actualmente assume uma composição demográfica significativamente heterogênea, em consequência dos diversos eventos (migratórios e políticos – guerras -,) que caracterizaram o país nas últimas décadas, o que concorreu para que, o mesmo se compusesse de um tecido demográfico, caracterizado por pessoas proveniente dos mais variados pontos, e transportando consigo valores e representações culturais específicas com relação a questão da beleza, feminilidade e sexualidade.

A esse propósito, para as mulheres da região norte de Moçambique, actualmente também presentes na região sul e na cidade de Maputo, o uso e apreciação de tatuagens constitui uma prática comum. Tatuagens são:

“dobras de pele preenchidas com pó de carvão; quando cicatrizadas produzem uma superfície corporal irregular. Feitas com lindos desenhos, as tatuagens corporais são/eram consideradas como tendo um valor estético, assim como tendo importantes funções sexuais”, (CRUZ, 2015, pág. 190).

Deste modo constata-se que, se algumas mulheres da Cidade de Maputo encontram na cabeça o seu centro de investimento estético-corporal (sinónimo de beleza e feminilidade), as outras o acham na superfície da pele.

Na avenida do zimbábwe, o centro da atenção, identificação e atracção das prostitutas pelos clientes é direccionado ao formato das cochas, seios e glúteos que aquelas mulheres ostentam, e não propriamente à cabeça (e seus acessórios: mechas de cabelo, tranças, etc., tal como fora descrito por Cruz, 2015). Assim sendo, o centro de investimento estético-corporal das prostitutas acaba se destacando no realce que dão ao uso de calças que permitam a demarcação (corporal) das suas cochas e glúteos, uso de *sutiãns* à mostra, e saias curtas que exponham a cor das calcinhas.

Contudo, uma análise mais atenta em torno do fenómeno da prostituição permite considerar que, na verdade, a cabeça também participa do processo do investimento corporal por entre as prostitutas de rua, no bairro da Sommerschield. Mas, não a parte

externa da cabeça, e sim, a interna ou psíquica. É que, para manterem a boa disposição e suportarem de forma descontraída as longas jornadas de trabalho no local, (estimadas em cerca de oito horas diárias e consecutivas,) o que inclui a manutenção de relações sexuais com diversos clientes, somado à prolongada exposição às baixas temperaturas a que se vêem expostas no local durante as noites e madrugadas, elas pautam por ingerir bebidas alcoólicas (de teor destilado), que geralmente as compram em bares arredores da cidade de Maputo, durante o seu trajecto de casa para a avenida do zimbábwe.

O consumo das bebidas em quantidades controladas ocorre no sentido de devolvê-las o ânimo e entusiasmo durante as suas actividades no local, e não (tal como se poderia supor a primeira vista,) visando buscar a embriaguês. As bolsas que levam consigo constituem um acessório útil para o transporte e depósito destes artigos de consumo. Este é um dos métodos usados pelas prostitutas para gerenciarem as suas actividades¹⁰⁵ profissionais na avenida do zimbábwe. Por sinal, uma actividade informal, mas que mantém fortes intersecções com as práticas, mercados e actores sociais actuantes do campo formal.

É importante mencionar quem, os clientes¹⁰⁶ que frequentam a avenida do zimbábwe são maioritariamente homens adultos¹⁰⁷, e nalguns casos idosos, quase sempre negros, e

¹⁰⁵ O quadro de situação das prostitutas de rua na Sommerschild, talvez também apele a uma reflexão atenta sobre a questão da saúde pública, tendo em conta a prática da ingestão contínua de bebidas alcoólicas por parte das prostitutas, observada no local. A intenção desta proposta assenta, fundamentalmente, na necessidade de se identificarem e explorarem as condições estruturais que condicionam o comportamento das prostitutas.

¹⁰⁶ Parte significativa das informações sobre os clientes foram disponibilizadas pelas prostitutas. Num contexto em que, os valores morais da sociedade tendem a impôr-se sobre algumas práticas sociais (o caso da prostituição), a maior parte destes actores (os clientes,) praticamente se recusaram a interagir com o pesquisador, ora adoptando estratégias de disfarce (traduzidas em forma de distração), ora ignorando (e sutilmente desconfiando das intenções do pesquisador, "ameaçando-o"). As poucas entrevistas estabelecidas com os clientes resultaram, não apenas numa insistência demandada pelo pesquisador, mas fundamentalmente da empatia dos mesmos, isto é, da boa vontade destes actores, de partilhar um pouco sobre suas experiências.

¹⁰⁷ Com a expressão "adulto" incluem-se pessoas que se presume possuírem entre os 21 e 55 anos de idade. Com efeito, a partir dos 56 anos em diante, incluem-se os idosos.

oriundos dos outros bairros circunvizinhos de Sommerschield. A observação directa¹⁰⁸ ao campo da pesquisa permitiu ainda, captar que a maior parte dos clientes, se faz presente à avenida do zimbábwe acompanhados dos seus automóveis particulares, e profissionais (pertencentes à algumas empresas nacionais). Eles circulam de um extremo da avenida ao outro (isto é, partindo da avenida da França à do Arcebispo,) somando um total de duas ou três viagens (de ida e volta), assinalando uma velocidade branda de, mais ou menos 20 km por hora, de formas que, os permita observar a paisagem do bairro, incluindo, as prostitutas que por aí se estabelecem.

De acordo com as prostitutas, nenhum cliente é morador do bairro da Sommerschield. Essa posição foi por elas sustentada no facto de que, se tais clientes residissem naquele bairro, dificilmente deixariam recorrentemente os seus automóveis expostos ao longo da avenida, nos casos em que, tivessem de ir manter relações sexuais com as prostitutas em lugares afins.

De referir que, embora as prostitutas pautem por posicionar-se indiscriminadamente na parte exterior dos muros e vedações das moradias do bairro, o local privilegiado para a manutenção das suas relações sexuais com os clientes é sempre bem selectivo (discriminado). A partir de um processo mediado pelos guardas residenciais, as relações sexuais – entre os clientes e prostitutas - geralmente ocorre nas garagens, anexos residenciais, ou até mesmo no interior das casas e edifícios do bairro que se encontrem em obras ou reforma, e que disponham de equipamentos ou condições básicas de uso, tais como alguns móveis, água canalizada, e por vezes, corrente eléctrica ou vela¹⁰⁹. A pesquisa O discurso das prostitutas coincidiu com a resposta apresentada por um dos clientes entrevistados durante a pesquisa:

¹⁰⁸ A observação directa consistiu no acto do pesquisador observar, registar, e entrevistar pessoalmente (portanto, na primeira pessoa,) os actores envolvidos na pesquisa, e as dinâmicas caracterizantes da avenida do zimbábwe. Só em alguns casos, as informações obtidas foram reportadas por terceiros.

¹⁰⁹ Mais desenvolvimentos em torno deste tópico são avançados nas próximas páginas. Estas são as informações que a pesquisa de campo pôde captar, sendo que, nada descarta a possibilidade de alguns cômodos das moradias ocupadas (tal como os anexos ou garagens) também serem usadas (a título clandestino) pelos guardas, para o mesmo efeito.

- "(...) já é tarde, e preciso ganhar tempo, a Senhora¹¹⁰ vai começar a ligar (...). Vir para cá sai mais em conta. Pelo menos, ninguém da minha zona¹¹¹ testemunha essa cena, entendes!". (Vivito. Entrevista concedida à 28.08.2019).

O pronunciamento do cliente deixa patente a importância da permanente necessidade de preservação da identidade social, nas relações estabelecidas no quotidiano moçambicano. Tal aspecto pode ser observado, tanto com relação às prostitutas (que, procurando representar o papel de mães, filhas ou chefes de família ideais saem das suas residências vestidas de uma forma, mas chegadas ao local da prostituição produzem-se de outra: na via pública - avenida do zimbabwe -, e noutras vezes, nas garagens dos moradores do bairro), assim como por parte dos clientes em que, (na intenção de representarem o papel de pai, ou marido ideal,) suas estratégias de *manipulação da identidade*¹¹² passam por adoptar a escolha dos bairros ou territórios geograficamente distantes dos seus, como locais para a prática de actos moralmente questionados pela sociedade, (o caso da prostituição). Goffman (1963), concebe o conceito de *Manipulação de identidade* como sendo o processo, no qual, os actores sociais, na intenção de fugirem de um determinado estigma (real ou potencial) atribuído a si, (ou mesmo, na intenção de alcançarem algum outro objectivo,) procuram adoptar um conjunto de estratégias, no sentido de garantirem ou perpetuarem a ideia de sua integração, e inclusão social.

Manipular uma identidade pressupõe que, por mais que o actor social aja de acordo com os princípios considerados válidos por um determinado grupo ou sociedade, no fundo, o mesmo pode estar apenas “fingindo”, ou seja, representando correcta e devidamente os papéis que são idealizados por tais grupos, visto que, tácita e simultaneamente, o actor pode estar agindo contrariamente aos valores (ideais) impostos.

De acordo com as prostitutas da avenida do Zimbábwe, o nível de demanda pelos serviços por si prestados não oscila significativamente ao longo de toda a semana. Um aspecto que despertou interesse da pesquisa foi o facto de, as prostitutas terem referido que ao conjunto observado dos clientes que as procuram no local, destaca-se em

¹¹⁰ No contexto moçambicano, a expressão "Senhora" tende a ser usada como sinónimo de esposa.

¹¹¹ Zona é uma expressão popularmente usada (em Moçambique,) para se referir a um bairro residencial.

¹¹²

determinadas épocas do ano a adesão significativa dos *bay's*¹¹³, tal como apontam os depoimentos de três prostitutas:

- "*Alguns bay's também costumam vir para cá procurar-nos. Mas depois, de repente desaparecem (...)*". (Literalmente dito por Betinha, em assentimento com Fernanda e Kátia. Entrevista concedida à 09.09.2019).

Sendo Moçambique um Estado laico, é aceitável entender-se que, cidadãos e crentes de várias religiões do mundo habitem e visitem o país. De igual modo (sob o ponto de vista jurídico), não constituiria surpresa saber que, tais cidadãos (eventualmente) frequentam os lugares reservados à prática da prostituição, sendo que, a prostituição não constitui uma actividade ilegal no país. De referir que, no contexto moçambicano, tem sido comum caracterizar-se a religião islâmica¹¹⁴ como sendo conservadora e bastante apegada aos seus valores morais e éticos, (assentes numa maior coerção observada em relação à questão da fidelidade matrimonial, e a castidade), contrariamente à religião cristã (católica), que tende a ser reactivamente mais "moderada" nalguns aspectos da vida social dos seus crentes (por exemplo, o facto da antiga autoridade máxima da

¹¹³ "*Bay*" é um termo assimilado da religião islâmica, no quotidiano dos moçambicanos, para se referirem aos crentes (do sexo masculino) dessa mesma religião. Tem sido habitual, entre os crentes dessa mesma religião usar-se o referido termo, como forma de simbolizar o respeito e fraternidade para com os outros crentes da religião. Assim sendo, *Bay* seria o sinónimo de muçulmano. Mas é de crucial importância esclarecer que, o islamismo a que se faz referência aqui é a "histórica" (de cuja linha de orientação de fé terá sido fundada por volta do século VII, pelo profeta Maomé), e que, enquanto uma instituição religiosa que actualmente actua em harmonia com os valores da paz e legalidade na sociedade moçambicana, o seu registo de funcionalidade encontra-se devidamente reconhecido pelo Estado moçambicano. Destacar essa descrição importa para que, se evite confundir o islamismo aqui referido, com o manifestado pelos grupos religiosos (armados,) que tem actuado (praticamente no mundo inteiro, inclusive, na região administrativa do norte de Moçambique,) em reivindicação ao comumente designado de, "estado islâmico", ISIS, Dahesh, e até, por "grupos terroristas". Não sendo o objectivo da presente Tese aprofundar a discussão sobre o islamismo, a sugestão de leitura que fica em torno da questão pode ser achada em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150105_estadoislamico_estados_hb.

¹¹⁴ A região norte de Moçambique possui uma população nativa que professa predominantemente a religião islâmica. Mas a presença dos seus crentes e instituições religiosas pode ser observada um pouco pelas regiões Centro e Sul do país, (inclua-se, a cidade de Maputo).

religião, o Papa Bento XVI, ter declarado aceitável¹¹⁵ o uso de preservativo/camisinha por parte dos fiéis da Igreja católica, em determinadas circunstâncias).

Ora, tendo em consideração ainda, o depoimento prestado pelas prostitutas à respeito da demanda dos *bay's* pelo uso dos seus serviços sexuais na avenida do zimbábwe, algumas considerações podem ser destacadas, a saber: que a prostituição, enquanto uma prática social, não responde apenas aos interesses capitalistas da classe burguesa - e ocidental, -, assentes na idéia de exploração do homem pelo homem (tal como o partido Frelimo também defendeu durante o período em que vigorou o sistema socialista em Moçambique, de 1975 – 1990, tendo tal percepção justificado a necessidade do controlo e até "eliminação" compulsiva da prática, por parte dos governantes moçambicanos, neste novo Estado socialista que se pretendia construir). Ela também responde a interesses de indivíduos e grupos de outras orientações ideológicas. Esse posicionamento pode ser mais bem analisado, quando se toma em consideração o depoimento das (mesmas) três últimas prostitutas:

- *"há 2 ou três meses alguns vinham aqui, mas de repente desapareceram. Assim, talvez a mesma agitação, só daqui à bom tempo mesmo! É normal eles desaparecerem, e só começarem a regressar para cá depois de um ano (...)"* (Literalmente dito por Betinha, em assentimento com Fernanda, e Kátia. Entrevista concedida à 09.09.2019).

Esta dinâmica de situações, não pode deixar de considerar a relevância de um cenário cultural-religioso mais amplo. É que, com base no depoimento apresentado, a pesquisa procurou identificar os eventos mais marcantes que caracterizaram a religião islâmica nos referidos (últimos) dois meses. O resultado apontou para o ritual de Ramadã¹¹⁶ realizado dos dias 06 de Maio a 04 de Junho do ano de 2019¹¹⁷. Enquanto um ritual religioso importante, o Ramadã caracteriza-se como sendo um período de renovação da fé por parte dos fiéis da religião, no qual estes procuram manter maior contacto com os

¹¹⁵ Ver informação contida em: <https://oglobo.globo.com/mundo/papa-diz-que-camisinha-aceitavel-em-certas-ocasioes-2923615>

¹¹⁶ "O Ramadão, ou Ramadã, mas também escrito Ramadan (em árabe) é o nono mês do calendário islâmico, no qual a maioria dos muçulmanos pratica o seu jejum ritual (*saum*). Se o jejuador comer, beber ou tiver relações sexuais durante esse período, todo o sacrifício será anulado." Fonte de consulta: (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ramad%C3%A3o>).

¹¹⁷ Recordar que, a pesquisa de campo decorreu a partir da segunda semana do mês de Julho, do ano de 2019.

ensinamentos da sua religião, e praticam acções de solidariedade, e fraternidade. Durante o período de um mês, os fiés submetem-se voluntariamente a uma restrição de práticas de consumo de alimentos, de bebidas, e das relações sexuais, sob a pena de incorrerem a sanções moral-religiosas.

O aparecimento e desaparecimento "súbito" dos referidos clientes (*bay's*) ao local, - tal como apontaram as prostitutas -, pode estar associada à sazonalidade que envolve o ritual: quando este período se inicia, alguns clientes sexuais (fiés da religião supracitada) tendem a aderir à avenida do zimbábwe em busca de relações sexuais transaccionais, e tão logo o período reservado ao ritual religioso termine, tais actores sociais deixam de freqüentar o local, (ou pelo menos, deixam de fazê-lo com maior freqüência). Até porque, é preciso recordar que, diferentemente dos outros pontos de ocorrência da prostituição (no contexto da Cidade de Maputo), historicamente rotulados, (o caso da Rua do Bagamoyo, entre outros pontos), a representação social construída em torno da Sommerchild é simbolicamente associada ao *prestígio*¹¹⁸, isto é, a um território habitado por pessoas de classe social privilegiada, o que torna o bairro numa referência ideal da normalidade, situação esta que, a título *metódico e estratégico*¹¹⁹ permitiria conferir certa sensação de "invisibilidade" e discrição aos clientes que aderem à prostituição no local.

Com efeito, a descrição apresentada pelas prostitutas acerca da tipologia e mobilidade dos seus clientes na avenida do zimbábwe remeteu à possibilidade de se pensar sobre, a existência de uma heterogeneidade conceitual patente na categoria dos clientes que aderem ao campo da prostituição de rua, a saber: uns, seriam clientes em fluxo "permanente ou contínuo", e outros, sazonais¹²⁰.

Tem sido recorrente usar-se a designação de prostituição (feminina) de rua, para se referir à prática na qual, a princípio determinadas mulheres se posicionam num ponto ou lugar público, geralmente à beira das ruas ou avenidas de um determinado bairro, ou nas

¹¹⁸ O conceito se refere à espaços, posse de adereços, ou gestão de actos que remetem à idéia de um status social dominante, ou elitista. Ver Goffman (1963).

¹¹⁹ De acordo com Harold Garfinkel, os *Métodos* são entendidos em como se tratando de recursos e estratégias adoptadas pelos actores sociais em determinada situação, para fazerem valer os seus interesses e darem sentido ao seu quotidiano.

¹²⁰ Os conceitos aqui construídos são considerados, acima de tudo, de ideais, e sua caracterização apenas assume uma função reflexiva.

estradas (dentro ou fora das localidades,) caracterizadas por um significativo fluxo de trânsito, aonde procuram transacionar as relações sexuais (por dinheiro, ou outros bens).

Ora, quando exposta dessa maneira a designação do termo (prostituição de rua), de algum modo parece "insinuar" que as condições nas quais a actividade ocorre, sejam de carácter precário, porque improvisado, inóspito e enxuto em matérias de segurança¹²¹, facto que, de alguma forma pode reforçar os estereótipos construídos em torno do fenómeno. É preciso considerar que, essas constatações sobre a caracterização do campo da prostituição de rua foram captadas, a princípio a partir dos bairros e contextos sociais, nos quais, a realidade do fenómeno é comum (e até mesmo histórico). Mas até que ponto, o cenário descrito sobre o fenómeno, também corresponderia à realidade dos factos caracterizantes dos bairros da elite moçambicana ?

Tendo em consideração as especificidades (materiais e simbólicas,) que caracterizam o bairro da Sommerschield, aqui procurou-se observar e descrever atentamente o ciclo de dinâmicas que circunscreve a referida prática, na avenida do Zimbábwe. Nessa esteira de pensamento constatou-se que, em primeiro lugar, em tal espaço, a prostituição tem seu início pelas 18 horas, e estende-se até por volta das 04 e no máximo 05 horas da manhã seguinte, praticada apenas por mulheres adultas. Logo que as prostitutas se fazem presentes à avenida substituem os trajes que trazem no corpo, por outros que elas consideram ser convencionais à *representação social*¹²² ou desenvolvimento da sua actividade, (isso implica que, elas passem a usar vestuários e outros artigos tais como, saias ou vestidos de tamanho curto, que permitam a visibilidade das suas pernas, glúteos, e por vezes das calcinhas que trazem vestidas, acompanhado de blusas com ou

¹²¹ Recordar que, tanto Muianga (2009), assim como, Muchanga (2011), e Mahumana (2016), ambos moçambicanos, ao estudarem sobre o fenómeno da prostituição adulta e feminina de rua no contexto moçambicano, referem-se sobre as precárias condições (sanitárias, e de segurança) de trabalho, as quais as prostitutas de rua se vêem inseridas.

¹²² Para Goffman (1963), representar seria o sinónimo de, responder às expectativas direccionadas ou reservadas a um determinado papel social, assumido por um actor. Nesse sentido, se um actor encarna o papel de médico, se verá na obrigação de preservar a ética e deontologia profissional, usar uma bata em suas consultas médicas, saber demonstrar e transmitir confiança aos seus pacientes, entre outros aspectos. No caso da presente pesquisa, uma mulher que adopta o papel de prostituta de rua, a depender do seu ponto ou contexto de fixação, se verá na obrigação de (entre outros aspectos,) gingar, cobrar valores, e agir como "uma prostituta".

sem alças, e complementado pela aplicação de batõn nos lábios e maquiagem no rosto. Igualmente, elas ostentam sapatos de salto alto, e nalgumas vezes, uma bolsa no ombro ou mochila nas costas e mãos. Dependendo das condições atmosféricas do dia de trabalho, os vestidos e saias curtas costumam ser alternados por calças apertadas, mas mantendo-se tudo o resto. Em outras ocasiões é possível ver as prostitutas vestidas conforme referido, mas calçando chinelos).

Tal como já foi citado neste trabalho, a substituição dos trajes das prostitutas ocorre na via pública, e noutros casos, no interior do quintal dos moradores, (concretamente nas garagens, ou anexos das residências, aonde também depositam temporariamente as suas bolsas e mochilas contendo seus pertences), num processo facilitado pelos guardas de algumas residências habitadas, ou de edifícios ainda em obras.

Em seguida, elas posicionam-se nos passeios da avenida do Zimbábwe, ora apoiando-se sobre os muros e vedações das residências dos moradores, ora circulando de um ponto ao outro da avenida, com sorriso posto ao rosto e acenando uma disposição (sensual) aos peões e motoristas que por ali circulam. Alguns motoristas param, e elas (compostas em grupos de duas a cinco prostitutas,) dirigem-se destes (correndo, e deixando transparecer o espírito competitivo ali patente,) a fim de apresentarem seus serviços. Negocia-se o valor da transacção. A unidade de moeda usada para o efeito é (quase) sempre o Metical, e o valor estipulado para cada programa, geralmente oscila entre os 250,00 e 400,00 Meticais (correspondente à 15,00 e 30,00 Reais brasileiros, respectivamente). A prática do sexo vaginal custa 200,00Mt, e 300,00 ou 400,00Mt para o vaginal e oral¹²³ simultaneamente. Enquanto que o sexo oral e vaginal são tomados como “públicos”, o anal assume uma representação privada, por isso, praticamente nunca praticada e negociada na esfera da prostituição de rua:

¹²³ O sexo oral, geralmente tende a ocorrer sem o uso do preservativo, por isso é encarado pelas prostitutas, como sendo arriscado, susceptível de causar vômitos, irritação cutânea, e mal-estar. Mas a sensação de tal risco tende a ser superado, pela manipulação dos preços por elas prestados para a relação sexual, facto que, de alguma forma também constitui uma estratégia por elas adoptada, para desencorajar a prática, preservando-se minimamente dos riscos.

- “Xiii, atrás [no ânus] ! Talvez p’ra o meu marido, sim, um dia. Não aqui não! Até posso ir à casa dele, na pensão, ou onde ele quiser, mas só vai apanhar vagina e broche. [Risos]”. (Literalmente dito por Marta. Entrevista concedida a 08.08.2019).

A hierarquia de critérios de oferta pelos serviços sexuais, no campo da prostituição de rua (na Sommerschild,) tende a assumir o sexo anal como símbolo de intimidade. Larissa PELÚCIO, e Richard MISKOLCI, (2009), apontam no artigo intitulado *a prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes*, uma etnografia sobre as travestis,

“se, da perspectiva do discurso preventivo [o sexo anal] é inadmissível, na perspectiva dos sujeitos é ressignificado como eroticamente poderoso e praticado segundo uma ética de segurança negociada, (...) compartilhado sem detrimento do prazer e da intimidade”, pág. 140.

O sexo anal é tratado como algo quase “sagrado” para a prostituta. Isso pressupõe, de acordo com Shutz (1978), a existência de um *estoque de conhecimento* disponível por entre as prostitutas, reactivamente a gestão da sua sexualidade, e que uma vez naturalizada as permite orientarem suas atitudes de rejeição face à determinadas solicitações no contexto da prostituição de rua (na Sommerschild). Portanto, se para Muianga (2009), e Muchanga (2011), o não uso do preservativo na relação sexual é que tende a marcar a separação entre a sexualidade considerada de “privada”, da “pública” (entre as prostitutas), então, as dinâmicas sociais captadas na avenida do zimbábue apontaram para um dado adicional, que é: a (real ou potencial) presença exclusiva de relações sexuais anais, reservadas à esfera da sexualidade privada (aquela em que, a prostituta mantém relações sexuais com o seu parceiro fixo). Ora, aqui é preciso não se perder de vista eventuais *vieses* que possam estar atreladas a esta constatação. Uma delas de ordem moral, e outra, técnica (ou de gênero).

É preciso considerar que, num contexto social marcadamente moralista, tal como seria o caso de Moçambique, a apresentação de uma confissão por parte da prostituta sobre a prática de tais relações sexuais (anais), talvez concorresse para uma situação de sua ainda maior exclusão social e estigma. Daí que, as suas declarações públicas (incluindo recusas e silêncios durante as entrevistas) devem sempre levar em conta esse aspecto. Por outro lado, se partir-se do princípio de que, a presente pesquisa sobre prostituição feminina foi conduzida por um pesquisador (do sexo masculino, e não feminino), uma

revelação explícita sobre este assunto (inserido num contexto social ainda marcadamente moralista, que tende a relegar as práticas sexuais anais a esfera do tabu), talvez influenciasse na qualidade da resposta obtida. Contudo, importa esclarecer que, tal temática não representava o foco desta pesquisa.

Na Sommerschild, a duração estipulada pelas prostitutas de rua, para cada sessão sexual com os clientes é, fundamentalmente *fluida* (no sentido literal do termo,) e não propriamente cronometrado¹²⁴. Mas isso não significa, de forma alguma, a invalidação do tempo *cronometrado* na relação. O tempo definido para cada sessão sexual na avenida do zimbabwe (na Sommerschild,) é calculado em função do acto da ejaculação do cliente. Se, durante a relação sexual o cliente ejacular nos primeiros 30 segundos, a sessão fica ali finalizada. Se o fizer em 9 minutos, idem. Contudo, tal quadro de situação nem sempre é muito consensual, pois, quando o cliente leva mais tempo para atingir esse estado de satisfação, um breve clima de tensão pode ser instalado entre este e a prostituta: por um lado, ela que se queixa que o cliente se excede do tempo. E por outro, o cliente que acredita que, o contrato da relação só é consumado quando a sua ejaculação ocorre, tal com atesta o depoimento das entrevistadas:

- “quando o cliente chega, a gente vai e faz... Ejaculou, e pronto [a sessão terminou] ! Alguns demoram um pouco, mas aí também já não dá né! O Pior é que, ainda reclamam: ahhh ainda, ahh ainda, “ih mali ya mina¹²⁵. Assim, não. Zangamos !”. (literalmente dito por Marta, em assentimento com Isa. Entrevista concedida a 05.08.2019).

Constata-se do depoimento acima apresentado, que o carácter de fluidez imposto a relação sexual na avenida do zimbabwe, nalgumas vezes gera uma espécie de

¹²⁴ Tal como já foi referido, Silva et al, desenvolvem uma pesquisa sobre a prostituição de rua, no Rio de Janeiro e São Paulo, na qual, entre outras coisas descrevem que, algumas prostitutas de rua brasileiras, estipulam o valor da relação sexual a partir da duração do acto. Portanto, além da taxa fixa cobrada aos clientes para o pagamento da pensão, (facto que só ocorre nalgumas vezes), as prostittutas cobram para cada sessão, o valor correspondente ao tempo que a relação sexual durar. Se esta for de 30 minutos, então, o valor serão 30 Reais.

¹²⁵ Na língua local moçambicana (changana), proferida predominantemente na região sul do país, a expressão meniconada significa: “o dinheiro é meu...”, e no sentido mais amplo quer dizer: *eu consumo aquilo que pago, e que me é de direito e vontade*.

“imprecisão” do acto, e essa imprecisão, por sua vez tende a gerar tensão entre os clientes e prostitutas.

Para as prostitutas, o valor por elas estipulado para cada acto sexual, é considerado de razoável, tendo em consideração os padrões de vida locais. Por exemplo, 400,00 Meticais (cerca de 30,00 Reais brasileiros), cobrados numa relação sexual corresponderiam a quase um décimo do seu salário auferido mensalmente como empregada doméstica.

Na avenida do zimbábwe, o cliente “decide” sobre a natureza da prática sexual desejada, o respectivo valor a pagar, e o local em que a mesma decorrerá (isto é, em pensões, hotéis, ou os locais, facto que geralmente acarretaria a aplicação de um custo financeiro adicional ao cliente). Contudo, as prostitutas daquele local deixaram claro, durante a pesquisa, que preferem exercer as suas actividades em seu local habitual de labuta (bairro da Sommerschield), deslocando-se raras vezes daquele espaço.

Caso o cliente e a prostituta cheguem a um acordo para a realização das relações sexuais (na Sommerchield), este se dirige em companhia da prostituta até junto dos guardas residências. Estes ficam posicionados no portão de entrada das residências e edifícios em obras. Uma rápida e flexível negociação é estabelecida entre a prostituta e o guarda residencial, (numa duração que chega a ser inferior a um minuto, situação esta que revela muito sobre a existência de uma articulação antecipada entre os envolvidos). A negociação entre a prostituta e o guarda consiste, no direccionamento concreto do local da residência reservada à execução das relações sexuais, mediante o pagamento fixo de 30,00 Meticais (cerca de 2,40 Reais brasileiros). A pesquisa pôde captar que, desde o momento da negociação até a consumação do acto sexual nos referidos locais, tais espaços encontram-se sempre desocupados (mas não necessariamente desmobilados, ou desequipados de artigos).

A partir do momento em que, essa negociação é feita, o guarda residencial torna-se responsável pela garantia de condições mínimas para a execução da prática, e a segurança da prostituta no território sob a sua gestão, (principalmente contra eventuais ataques perpetrados por clientes). O guarda também se responsabiliza pela indicação dos locais de acesso à água potável, papel higiênico, lixeira e colchão ou esteira para a

execução da prática sexual, no local. As prostitutas entrevistadas referiram que, as relações sexuais decorrem nas garagens e nos anexos das residências, ou mesmo no interior dos edifícios em construção ou em reforma, (embora, "sem o conhecimento" de seus proprietários, pois, até onde o desenvolvimento da pesquisa permitiu chegar, os moradores do bairro apenas detêm do conhecimento sobre a presença das prostitutas ao longo da avenida em análise, sobre as características que revestem os seus trajes, as infracções jurídicas e "morais" ali envolvidas, e as relações destas com os clientes).

De referir que, embora a construção de novos edifícios seja visível em Sommerschield, a estrutura territorial do bairro parece não permitir mais a construção massiva de obras. Nesse sentido, o que mais se tem observado são edifícios em reforma, do que em construção no sentido propriamente dito. É por essa razão que, tratando-se de edifícios na condição de reforma, já reúnem algumas condições de acomodação, tais como, iluminação, rede de saneamento, entre outros aspectos, que são proporcionados às prostitutas, pelos guardas residenciais.

O pagamento da prostituta pelo cliente ocorre após a realização das práticas sexuais. E ao final do acto, ambos retiram-se simultaneamente do local de sexo, e nesse momento ocorre o pagamento ao guarda, realizado pela prostituta, e a princípio retirado do valor adquirido do programa de transacção sexual. Só então, o guarda destranca os portões da residência ou edifício em obras, para a saída dos seus "utentes". É de destacar que, a presença permanente do guarda¹²⁶residencial no quintal no qual o sexo transaccional ocorre, permite exercer um papel de controle ou coerção indirecta sobre os clientes que, ao final do acto sexual, eventualmente tencionem não pagar o valor combinado à prostituta, ou até mesmo, exercer algum tipo de agressão, extorsão, burla ou violência sobre elas, tal como tem sido abordado pelos autores que reflectiram sobre a temática da prostituição em Moçambique¹²⁷.

¹²⁶ Praticamente os guardas das residências no bairro da Sommerschield são do sexo masculino, de idades compreendidas entre os 27 e 50 anos, sempre uniformizados e armados por uma arma de fogo, ou chamboco, (chamboco é um instrumento de defesa, mais ou menos semelhante ao chicote).

¹²⁷ Ver Muianga (2009), Muchanga (2011), Ugueleguele (2017).

Portanto, os guardas residenciais¹²⁸ do bairro da Sommerschield, cuja participação no processo das transacções sexuais no bairro representa uma infracção contra os seus padrões (nomeadamente: cumplicidade para a invasão de propriedade, e várias outras interpretações jurídicas cabíveis), por outro lado, a título funcional, as suas acções também contribuem para o estabelecimento de dinâmicas que garantem um grau de protecção significativo para as prostitutas de rua, que actuam na avenida do Zimbábwe. O depoimento de duas interlocutoras (prostitutas,) actuautes do bairro retrata tal cenário:

- *"Graças à Deus, aqui não temos problemas de violência nós. Esses guardas nos ajudam"*. (Literalmente dito por Joanhina, em assentimento com Isa. Entrevista concedida a 23.09.2019).

Após a prática da relação sexual e, separação entre a prostituta e seu cliente, esta retorna à avenida, e assim o ciclo de actividades e actores sociais envolvidos completa-se do seguinte modo: presença da prostituta e do cliente; processo da negociação monetária entre os dois; contacto de negociação com os guardas residenciais do bairro; direccionamento ao local da realização do acto sexual e, a observância das condições mínimas de segurança e exercício da actividade; realização do acto sexual; realização de pagamentos referentes ao acto sexual prestado, e à disponibilização do espaço para seu exercício; e finalmente, a despedida entre a prostituta e o cliente, (e o recomeço do ciclo).

Durante a pesquisa chamou atenção o facto de que, nalgumas vezes, as prostitutas orientam seus clientes, para um local diferenciado do bairro, a fim de praticarem as relações sexuais transaccionais. Tal local é tido como alternativo. Trata-se de um parque de estacionamento de viaturas, que se encontra situado na avenida Vladimir Lenine, em um bairro residencial próximo à Sommerschield: o bairro da Coop. O sexo ali tende a ocorrer dentro do próprio veículo, visto não existirem as mesmas condições de comodismo observadas na Sommerschield.. Segue o depoimento de 3 interlocutoras (prostitutas da Sommerschield) à respeito do facto:

¹²⁸ De referir que, os guardas residenciais são contratados por empresas privadas especializadas no ramo da segurança civil, e são alocados às residências dos clientes (contratantes). Com efeito, estes apenas se vêem obrigados a prestar contas às suas respectivas empresas, e aos seus padrões (moradores do bairro). Muito não se sabe sobre a sua relação com o Secretário do bairro.

- *"Temos alguns amigos que trabalham na Coop, e quando não dá pra ficar aqui com o cliente, a gente vai para lá. Entramos, estacionamos num lugar, fazemos dentro do carro mesmo, e na saída pagamos a parte dele: 30,00 Meticais. Mas vamos poucas vezes para lá... Preferimos aqui".* (Literalmente dito por Marta, em assentimento com Filó e Isabel. Entrevista concedida à 07.10.2019).

O relato acima apresentado denota uma complexa rede de relações que se estabelecem na Somerschild, entre os actores actantes de um campo formal de actividades (o caso dos guardas das residências), com as do informal (o caso das prostitutas de rua), facto que torna o bairro da Sommerschild, também num espaço de relações laborais mistas (e até ambíguas).

Exposto o quadro de situação apresentado neste subcapítulo, fica claro que, dada a complexidade que as dinâmicas organizacionais que a actividade da prostituição envolve, a “rua” quando nomeia certo tipo de prostituição, sempre tem um sentido absorvente relacionado à precariedade e à falta de lugar. Contudo, não é sempre assim. A prostituição de rua na avenida do Zimbábwe demonstrou que, embora o curso da actividade se inicie na rua, a mesma nunca se consuma ali, mas sim, em um outro espaço que, a princípio reúna condições de higiene, de trabalho e segurança minimamente aceitáveis e garantidas. Portanto, a compreensão deste pressuposto abriria espaços para se procurar definir estratégias e métodos de intervenção que sejam ainda mais específicos aos contextos nos quais a actuação das prostitutas ocorre, e acima de tudo, reflectir sobre as visões generalistas e "estereotipadas"¹²⁹, construídas a respeito de algumas instituições do país, (o caso da Polícia de defesa civil).

Interessa aqui contextualizar que, embora seja de domínio público que a actuação da Polícia moçambicana tende a variar consideravelmente em função do espaço ou território, isto é, o uso da força parece ser maior nos bairros suburbanos e periféricos,

¹²⁹ Em Moçambique têm sido comum os estudos sociológicos, relatórios de avaliação de ONGs, e os discursos das associações das prostitutas apontarem para o facto de que, os agentes policiais perpetram violações contra as prostitutas de rua, durante o exercício das suas funções. Ora, se noutras realidades sociais tal facto constitui uma verdade, no bairro da Sommerschild constatou-se que, mais do que a actuação da polícia ser menos rígida em relação às prostitutas, a relação entre estes é amistosa, (rebatendo assim, de alguma forma, as percepções contrárias sobre a temática).

quando comparado com o espaço urbano, contudo, são ainda escassos estudos sobre a violência urbana no contexto moçambicano, que apontem de forma específica para a variação no uso da força e violência policial baseado na composição e status do bairro (no interior do próprio meio urbano). Em países como o Brasil, tal debate encontra-se reactivamente já estabelecido.

Colocado o exposto, durante a pesquisa de campo constatou-se que, a actuação da Polícia em relação às prostitutas do bairro da Sommerschield configura-se menos conflituosa. Porém, não se descarta a possibilidade de tal relação também ser acompanhada de momentos de alguma tensão entre tais actores. Ora, as entrevistas estabelecidas junto dos interlocutores desta pesquisa, bem como a adopção da técnica da observação por parte do pesquisador, e a sua permanência em seu campo de pesquisa, não permitiram identificar a ocorrência de tais conflitos, principalmente os relacionados com agressões físicas, verbais, actos e relatos de extorsão e estupro perpetrados pela Polícia, tal como, também reportaram quatro prostitutas da avenida do zimbábwe:

- *"Não nos fazem mal não, são nossos amigos até, aqueles! (...)"*. (Literalmente dito por Lu, em assentimento com Joana, Isa e Luana. Entrevista concedida à 15.10.2019).

O depoimento apresentado ajuda a caracterizar o campo da prostituição de rua, na cidade de Maputo, enquanto um campo complexo de relações sociais, que não se reduz à relações sociais baseadas em tensões, conflitos, e repulsa recíproca entre, instituições (com enfoque para a Polícia,) e indivíduos. Adicionalmente, o factor impessoalidade (no caso, referente à instituição social Polícia), é indicada por Weber (2002), no seu estudo sobre a Burocracia, em como se tratando de uma das características responsáveis pela manutenção da ordem (organizacional, e social), todavia, no bairro da Sommerschield, o oposto dessa característica é que desempenha tal função.

Se, por um lado, é a questão da pessoalidade que, nalguns contextos sociais sustenta uma parte dos conflitos observados entre a Polícia e as prostitutas, na medida em que, as regras tendem a ser desrespeitadas em razão da imposição da autoridade pessoal, por

outro, na avenida do zimbábwe é o factor "pessoalidade"¹³⁰ que permite com que, as tensões que habitualmente marcam a relação entre as duas categorias sociais supracitadas, sejam amenizadas, e o factor previsibilidade com relação à estabilidade das relações no campo da prostituição seja constituído, representando assim, uma das razões pelas quais as prostitutas adoptam sua preferência pela avenida do Zimbábwe, como espaço para a realização das suas actividades.

Importa elucidar uma breve consideração sobre a constituição e evolução do papel da Polícia de defesa civil em Moçambique, para se compreender mais a fundo sobre o carácter da sua actuação no quotidiano do país. De acordo com (Joaquim MALOA, 2021)¹³¹:

“o avanço do processo de formação da Polícia ocorreu com a revisão da Constituição em 1978, operada pela Lei número 11/78, de 15 de Agosto, o que permitiu em 1979 a aprovação da Lei 5/79, de 26 de Maio e o regulamento da COM – Decreto-Lei número 6/79 que, cria a Polícia da República Popular de Moçambique (PPRM) – uma corporação que presta serviço público na prevenção e combate ao crime, tendo em conta a observância da Lei e Ordem. PPRM prevaleceu até a década de 1990, quando alterou o nome para Polícia da República de Moçambique (PRM), com a aprovação da Lei número 19 de 31 de dezembro e em 1993 e aprovado o estatuto Orgânico da PRM (...)”, pág. 185.

“Em 2013, a Lei número 16 [de 2003], dá mais uma responsabilidade à Polícia, de respeitar a o principio de Estado de Direito democrático e dos Direitos e liberdades

¹³⁰ Os comentários apresentados por algumas fontes da pesquisa avançaram com a ideia segundo a qual, fundamentalmente, os polícias naquele bairro actuam em função do foco das necessidades e demandas impostas pelo bairro. Se, por exemplo, o foco do bairro estiver relacionado com a questão dos seqüestros, então, será apenas em relação à isso que a atenção policial ficará (dominantemente) orientada. Até porque, embora a definição de Estado varie entre os autores do campo das Ciências Sociais, ainda assim, considerando a lógica mais ampla de reflexão Marxiana sobre a temática, o autor defende que, a Polícia representa um instrumento ao serviço do Estado, e, já que o Estado tende a representar os interesses e preocupações da "classe dominante" da sociedade, logo, em tese, a força da polícia, fundamentalmente, procura servir (directa ou indirectamente,) as ordens e interesses dessa classe.

¹³¹ Joaquim Miranda Maloa é cidadão moçambicano, formado em Sociologia pela Universidade Eduardo Mondlane, e Doutoramento na mesma área pela Universidade Federal de São Carlos. Sua principal área de interesse em investigação associa-se ao fenómeno da violência urbana, no contexto moçambicano.

fundamentais dos cidadãos, pautando pelo rigor no respeito à legalidade, imparcialidade, isenção, objectividade, igualdade de tratamento, respeito pelos Direitos Humanos. (...)”, *Idem*, pág. 186.

Contudo,

“em 2011, foi realizado em estudo intitulado *African Policing and Civilian Oversight Forum* (APCOF), sobre a implementação do código de conduta da Polícia na África Austral (SARPCCO), que confirmou em Moçambique o uso excessivo da força durante a captura, detenção e interrogatório de pessoas, as execuções extrajudiciais, as mortes de pessoas sob custódia, o deplorável tratamento de detidos e as próprias condições de detenção, a corrupção como uma difusa cultura de impunidade no seio da PRM, sendo raros os processos disciplinares ou criminais contra Oficiais”, *Idem* pág. 187.

Ora, com vista a analisar a questão da violência e tolerância no meio urbano, em contextos democráticos, Soares (2006), refere que, a pobreza e desigualdades sociais, são e ao mesmo tempo não são condicionantes da criminalidade, a depender do tipo de crime, horizonte cultural a que nos referimos, e principalmente, o contexto intersubjectivo de referência. A autora defende que:

“A maior diferença (...) [entre os cidadãos de um país] é que, a legalidade democrática só tem plena validade para os que habitam o mundo privilegiado das classes superiores. Os *de baixo* são frequentemente invisíveis para os de cima, salvo quando lhes metem medo, produzem incômodo ou passam a representar alguma ameaça, imaginária ou real”, (SOARES, 2000, pág. 41).

O PPGS-UFScar organizou (no dia 21 de Maio de 2021), um debate sobre a temática da violência policial, no qual, a pesquisadora Ludmila Ribeiro, Professora da Universidade Federal de Minas Gerais, abordou sobre a postura demonstrada pelos implementadores da lei em relação às mulheres brasileiras. Nesse debate académico intitulado *Mais Leniente com elas? Os determinantes das decisões do tráfico de drogas numa cidade brasileira*, Ribeiro buscou entender através de uma metodologia comparativa, quais seriam os elementos que influenciavam as decisões dos juízes, quando os grupos alvos eram homens ou mulheres. A pesquisa tomou em consideração três decisões do processo penal de tráfico de drogas, a saber: a prisão preventiva, condenação, e regime de pena.

Ribeiro defendeu que, em média os implementadores da lei (o caso específico dos juízes,) tendem a ser mais lenientes na condenação de mulheres, por entenderem que, na maioria das vezes, estas são forçadas a participar do mundo do *desvio*, e em segundo lugar, por julgarem que, a liberdade de tais mulheres não representaria propriamente um perigo a ordem pública, e por fim, por entenderem ainda que, a prisão efectiva destas mulheres colocaria em causa a estabilidade das suas funções de reprodução social (referentes à criação e educação dos filhos, organização familiar, entre outros aspectos).

Embora, por questões de ordem ética, a pesquisa de campo desenvolvida no bairro da Sommerschield não tenha explorado a fundo as motivações conducentes a adopção de uma postura *branda* por parte da Polícia, na sua relação com as prostitutas de rua actuautes naquele bairro, em contexto de contravenção da lei (e de estigma), Ribeiro (2021), e Soares (2000), sinalizam o facto de que, apesar dos agentes da lei tenderem a agir com violência contra as mulheres [sejam elas, prostitutas, viciadas em drogas, traficantes, e não só], o seu *modus operandi* na abordagem e tratamento destas, não se encontra isenta de uma postura “leniente”, pelas razões já apontadas acima, segundo as quais: as mulheres tendem a participar do submundo do *desvio* involuntariamente, e que a sua liberdade não representaria propriamente um perigo a ordem pública, e por fim, que a sua prisão efectiva provocaria desorganização social.

Portanto, não representando uma ameaça real ou potencial aos moradores da Sommerschield, a possibilidade das prostitutas de rua que actuam naquele bairro obterem leniência tornar-se-ia, a luz das perspectivas apresentadas pelas duas últimas autoras citadas, quase real. Contudo, tal quadro de situação não permitiria explicar os ainda significativos registos de queixa apresentados (formalmente ou não,) pelas mulheres (prostitutas), sobre a actuação da Polícia na Cidade de Maputo. Éis a complexidade da situação. Com efeito, não se pode aqui deixar de considerar que, desde as contribuições deixadas por Misse, a vários outros autores dedicados aos estudos sobre a violência, uma nota de apontamento fica neles clara: a intensidade da agressão policial é sempre distribuída de forma diferenciada. Não apenas em função da raça e classe social, mas fundamentalmente, em função da região administrativa de actuação. Tal argumento parece coincidir com a situação observada no bairro da elite moçambicana (Sommerschield). O exemplo disso é que, tal como foi citado, as prostitutas de rua na Sommerschield, até se referem aos agentes policiais que patrulham pelo bairro da elite, como seus *amigos*. Coisa que jamais ocorre(ria) noutros contextos.

Mas, o pronunciamento apresentado pelas prostitutas, não se encontra isento de questionamentos (e vieses). É que, atendendo a posição de autoridade que a Polícia ocupa, face à posição de estigma e subalternidade das prostitutas, não seria de duvidar que, o pronunciamento destas possa (ou pudesse) estar inserido num quadro de *espiral do silêncio*. A *espiral do silêncio* ocorre quando, o interlocutor de uma pesquisa pauta por não responder a uma pergunta, ou então, decide respondê-la de forma ritualista ou “politicamente correcta”, esquivando-se de revelar a sua verdadeira opinião sobre um assunto em referência, receiando por represálias (ou outras questões).

Para todos os efeitos, considerando que a qualificação atribuída pelas prostitutas aos agentes policiais (na Sommerschield,) coincida com a realidade, então é preciso não perder de vista que, aquele campo de prostituição de rua é também bastante atravessado por relações e narrativas de ordem alegórica (ou até: polissêmicas). Esse pormenor remete o pesquisador a uma exploração mais local e contextual dos discursos, procurando-se captar sentidos e significados que ultrapassem as representações dominantes, categóricas e já “estabelecidas” dos termos. Com efeito, o termo “amigo”, quando empregue no quotidiano moçambicano, nalgumas vezes perpassa o seu sentido literal. É que, “amigo” também é usado como indicativo ou referência a intimidade (do tipo *amante*, parceiro sexual regular ou “ocasional”, entre outros sentidos).

Considerando que a dimensão de *amizade* esteja (hipoteticamente) implicada na relação entre as prostitutas de rua e os agentes policiais no bairro da Sommerschield, então, poderia compreender-se aqui, por que razão a actuação da Polícia é mais branda e leniente em relação às prostitutas naquele local: é provável que exista uma relação de intimidade entre ambos. Aliás, sobre esse aspecto, (MALOA, 2019), elucida que:

Apesar do visível “gradualismo da sua expansão, o sistema policial [moçambicano] continua a ser orientado por critérios subjectivos (...): há muita subjectividade e discrepância na actividade policial e, por conta disso, as experiências [dos agentes policiais] são diferentes e variam não somente de unidade para unidade, como também de cada comandante, e isso dá margem ao protecçãoismo étnico, familiar, entre outras situações adversas aos princípios profissionais”, pág. 190.

Em sua pesquisa subordinada ao tema *Aspectos do trabalho policial*, (Egon BITTNER, 2017, pág. 45)¹³², aponta que, o facto de “a prática policial ser norteada por padrões normativos de habilidade prática, de facto minimiza, mas não elimina os factores de interesse ou inclinação pessoal”. E num contexto em que, nem toda a actividade ilegal e informal pode ser completamente controlada, segundo Bittner é natural que, no decurso das suas actividades em campo a polícia favoreça licenças (à regulação do trânsito das pessoas, e desenvolvimento de outras actividades, incluindo as ilegais,) desde que sejam com eles cooperativas. Por isso, há que considerar que, sendo a interpretação da lei, *de per se* ambígua, não realizar prisões raramente é uma pura decisão de não agir, pois, muitas vezes é uma forma concreta de agir alternativo (diante das possibilidades interpretativas em torno da lei).

O autor refere ainda que, o policial detém de um conhecimento detalhado sobre as áreas deterioradas (ocupadas por drogados, vagabundos, entre outros indivíduos). O controle e alcance da polícia sobre essas áreas é proporcional a extensão de seu conhecimento em relação a seus habitantes. Conhecer ao detalhe os habitantes das áreas deterioradas constitui, assim, uma forma de gestão da ordem social. Por vezes, os policiais acabam tomando decisões específicas em campo, baseadas em experiências que a lei provavelmente não validaria, uma vez que, a sua preocupação (enquanto policiais,) acaba centrando-se na necessidade de manter os problemas sob controle, e não necessariamente em prender pessoas, (sejam elas prostitutas de rua, vagabundos, entre outros). Até porque, “a redução do significado da culpabilidade é parte integrante da ordem normal da vida nas áreas deterioradas, como o policial do patrulhamento o vê” (BITTNER, 2017, pág. 62).

Com efeito, “aplicar lei pura e simplesmente, isto é, prender alguém só por ter cometido um crime de menor gravidade, por vezes até é visto como injusto”, (*Ibidem*). Deste modo, os autores supracitados sugerem que, uma compreensão sobre a actuação da Polícia em relação às prostitutas de rua na Sommerschield precisaria levar em conta também, o quadro de relações marcado pela questão da intimidade, poder de decisão e interpretação da lei, bem como a capacidade do exercício de controle sobre os sujeitos.

¹³² Bittner nasceu em Tchecoslováquia, e migrou-se para os EUA aonde se formou. PhD em Sociologia pela Universidade da Califórnia, em Los Angeles, tendo desenvolvido pesquisas sobre a actuação policial e a violência urbana nos Estados unidos da América. A pesquisa do autor mencionada nesta Tese realizou-se em departamentos da Polícia de duas grandes cidades da região oeste de Mississipi, em 2010.

No que se refere ao processo da mobilidade das prostitutas, no bairro da Sommerschield foram identificados dois níveis de categorias de actuação: o primeiro, de carácter de repouso, e o segundo, de circulação¹³³. Com relação ao primeiro, já foi referido que, após à sua chegada ao bairro as prostitutas pautam por se fixar debaixo das árvores localizadas nos passeios da avenida do Zimbábwe, ou junto dos muros e vedações das residências dos moradores do bairro, aguardando pela chegada de clientes. E enquanto isso não acontece, ali elas conversam e partilham impressões sobre variados assuntos.

Quanto ao segundo aspecto há que referir que, algumas das prostitutas adoptam a estratégia de circular ao longo do passeio da avenida, na intenção de, maximizar o acesso pelos clientes que por ali frequentam. Mas agir nesse sentido, significaria, de algum modo invadir e colidir (directa ou indirectamente) com o interesse das outras prostitutas baseadas nos vários pontos situados ao longo da citada avenida. Por esse motivo, as prostitutas pautam por alargar (à título temporário), as suas opções de percurso para junto das avenidas circunvizinhas, mais concretamente para a Kenneth Kaunda, localizada na extremidade norte da avenida do Zimbábwe (e que caminhando, situa-se à bem poucos segundos desta). A travessia para tal avenida é feita através de 05 ruas que interligam as duas avenidas, nomeadamente, a Rua 1283, Rua 1037, Rua 1039, (existe uma outra rua, cuja identificação não está muito clara no mapa, mas que também é usada pelas prostitutas), e a Rua da França.

Repisar que, as prostitutas tem a avenida do Zimbábwe como a sua base de actuação, mas também se fixam momentaneamente¹³⁴ nas ruas supracitadas, e noutros casos circulam de um extremo ao outro, da avenida Kenneth Kaunda. Deste modo, a existência das ruas que interligam as avenidas permite que, a mobilidade das prostitutas pelo bairro da Sommerschield seja mais fluida. A constatação aqui apresentada, não assume apenas um valor empírico, mas também, analítico, e técnico. Importa situar que, nas descrições feitas dos estudos de vários pesquisadores moçambicanos¹³⁵ que analisaram a matéria da prostituição de rua na cidade de Maputo, breves referências

¹³³ Tratam-se apenas de categorias ideais, usadas para finalidades analíticas.

¹³⁴ A circulação ao longo da Kenneth Kaunda chega a durar entre 10 à 20 minutos ininterruptos. A situação não ocorre todos os dias, mas a média de intercalação é de duas vezes, ao longo de uma noite.

¹³⁵ O caso de Tinta (2013), entre outros.

foram feitas em relação à ocorrência da prática na avenida Kenneth Kaunda¹³⁶. Contudo, tais autores conferiram uma condição autônoma à ocorrência da prática verificada no local, sem aprofundar as dimensões dos factores causa e efeito à ela associadas. Apenas uma observação empírica, minuciosa e contínua ao campo de pesquisa, no sentido de apreender, descrever e registar a realidade social permitiria apurar os fundamentos de tal percepção.

Com efeito, a pesquisa de campo permitiu captar que a prostituição verificada na avenida Kenneth Kaunda é, por si só, um cenário "inexistente" (enquanto que tal). Ou seja, sob o ponto de vista empírico, a realidade do fenómeno até é visível no local. Contudo, a base das condicionantes sociais e motivacionais que a geram, encontram-se noutra lugar: na avenida do Zimbábwe. É que, a prostituição decorrente da avenida Kenneth Kaunda é, fundamentalmente, uma "extensão" da, da avenida do Zimbábwe. Ora, isso não significa que a actividade verificada na avenida Kenneth Kaunda seja desprovida de agência, ou de formas de agir e de estar, mais ou menos próprias. Por exemplo, em tal avenida (Kenneth Kaunda), as prostitutas tendem a permanecer expostas ao público por menos tempo e, geralmente, a sua tendência é a de circular constantemente pela avenida, do que fixar-se num ponto, (situação contrária ao que se observa na avenida do Zimbábwe).

¹³⁶ A avenida Kenneth Kaunda estende-se desde, a praça da OMM (Organização da mulher moçambicana,) até à intersecção com a avenida Julius Nyerere. Diferentemente da avenida do Zimbábwe, que apenas possui duas faixas rodoviárias (em orientação de, duplo sentido), aquela apresenta 4 faixas paralelas (das quais, duas estão orientadas para um único sentido, e as outras, para o outro). Em termos de extensão, a avenida Kenneth Kaunda é mais longa que a do Zimbábwe. Algumas instituições nacionais e internacionais encontram-se situadas nessa avenida.

De referir que, a maior residência universitária da Universidade Eduardo Mondlane fica situada à poucos minutos desta avenida. Ora, no ano de 2017, durante algumas viagens rodoviárias intraurbanas, (efectuadas à título pessoal, na cidade de Maputo,) constatou-se que, quando alguns passageiros mencionassem (no curso das suas conversas,) sobre a ocorrência da prostituição de rua, na avenida Kenneth Kaunda, recorrentemente procuravam atribuir a origem do fenómeno às estudantes universitárias da Universidade Eduardo Mondlane, baseados no pressuposto de que, como consequência de eventuais restrições as quais estas se encontrassem sujeitas em suas residências universitárias, (o caso de restrições alimentares, e outros tipos de carências,) então, poderiam estar a aderir ao local, como forma de suprimirem suas carências. Ora, embora tal posicionamento possa merecer uma apreciação analítica, o mesmo não se sustenta em bases científicas, deixando deste modo, muito ainda por esclarecer à respeito.

As prostitutas, quase nunca circulam pela Kenneth Kaunda vestidas de boxas, e sim, de calças, e saias, (contrariamente ao que se costuma observar na avenida do Zimbábwe, nalgumas vezes). Todavia, todas as prostitutas que actuam na avenida Kenneth Kaunda identificam-se como sendo mulheres (cisgêneras¹³⁷), e praticamente todas elas operam na avenida do Zimbábwe (por se tratar da sua base principal de atuação).

À semelhança da avenida do Zimbábwe, a prática da prostituição verificada na Kenneth Kaunda apenas se inicia na rua, mas jamais se consuma ali, e sim nos lugares adoptados para a realização do acto sexual, ao longo da avenida do Zimbábwe, não significando isso que, na Kenneth Kaunda sejam inexistentes alguns (poucos) lugares para o efeito, nem tampouco que, com o decorrer dos tempos, tal avenida (Kenneth Kaunda,) não venha a se tornar num lugar mais autónomo, à realização da actividade. Feita a descrição sobre o fenómeno, neste momento sobra apresentar as dimensões técnica e analítica que o envolvem.

A descrição apresentada nos últimos dois parágrafos permite chamar atenção (sob o ponto de vista técnico), para o elemento de detalhe, que precisa ser considerado, nos processos de mapeamento dos fenómenos sociais. O acto de, se mapear (isto é, representar geograficamente em escala reduzida, ou apontar) a ocorrência do fenómeno da prostituição numa determinada avenida da cidade de Maputo, o caso da avenida Kenneth Kaunda, sem se levar em consideração a sua conexão mais ampla (isto é, as dimensões de carácter material, motivacional e histórica,) junto das dinâmicas que caracterizam a avenida do Zimbábwe, claramente permitiria perder de vista os elementos estruturantes que influenciariam na reprodução ou declínio da actividade na avenida Kenneth Kaunda, bem como, os factores que, de alguma forma concorreriam para a sua permanência ou desaparecimento do referido mapa.

Se, porventura, as instituições orientadas para a intervenção junto das prostitutas na cidade de Maputo, se baseassem do suposto mapa elaborado para identificarem locais da cidade nos quais a actividade da prostituição ocorresse, a fim de que, a partir daí se pudesse (por exemplo,) estimar a distribuição média de alguns recursos às prostitutas envolvidas com a prática, não restam dúvidas de que, tais instituições enfrentariam um

¹³⁷ A aplicação deste conceito (a cada campo específico) é sempre discutível.

viés de carácter técnico, baseado num falso diagnóstico de mapeamento, pois, a população de prostitutas de um determinado local seria praticamente a mesma do outro.

Provavelmente, tal cenário afectaria a gestão dos recursos institucionais existentes, para efeitos de distribuição. Escusado seria referir que, se as referidas instituições (sejam elas, de carácter governamental ou privado), se baseassem do suposto mapa elaborado, para avaliarem o estado da reprodução do fenómeno da prostituição pela cidade, talvez também incorressem a um viés técnico, centrado no erro de observação, visto que, o mapa permitiria construir uma eventual idêia de alastramento da prostituição de rua pela cidade de Maputo (a contar pelo número de avenidas, e locais aonde a prática tende a consumir-se,) sendo que, tal situação não se traduz, necessariamente, no alastramento ou ampliação do número de prostitutas existente, já que, um único e mesmo contingente de prostitutas pode exercer suas actividades em várias avenidas ou locais da cidade.

Tendo como referência a proposição exposta no parágrafo anterior, identificam-se então duas fontes, a partir das quais, a prática da prostituição nas ruas do bairro da Sommerschild poderiam ser captadas: a primeira seria a "autônoma", e a segunda, "emergente". Tal critério de categorização¹³⁸ permitiria colocar as dinâmicas que caracterizam a prostituição na avenida do Zimbábwe, num plano aproximado ao autónomo, e as da avenida Kenneth Kaunda no aproximado ao emergente. O fenómeno da prostituição decorrente desta avenida (a Kenneth Kaunda), fundamentalmente constitui-se enquanto uma "extensão" temporária das lógicas, prostitutas e motivações de mulheres que regularmente operam suas actividades na do zimbábwe.

Portanto, tendo em consideração o facto de que, as prostitutas da avenida do Zimbábwe circulam, conectam-se (em maior ou menor intensidade,) com as redes e processos sociais caracterizantes das outras avenidas (o caso da Kenneth Kaunda, e da Vladimir Lenine, nos bairros da Sommerschild, e da Coop, respectivamente), pode-se então afirmar que, *o campo da prostituição de rua é movediço*, e não estático. Com efeito, a avenida do Zimbábwe, mais do que tratar-se apenas de, um contexto isolado ou singular

¹³⁸ É de suprema importância esclarecer que, os critérios de categorização apresentados, apenas podem ser considerados válidos, sob o ponto de vista analítico, visto que, na prática, os mesmos não passam de meras construções ideais.

de ocorrência da prostituição, ela é também, o próprio epicentro da prostituição de rua, na Cidade de Maputo, (um contexto social ainda marcadamente moralista e conservador).

Recordar que, o *relatório do perfil de gênero em Moçambique* (2016), apontou para o facto de, o grau de autonomia necessária para as mulheres moçambicanas confrontarem as lógicas do patriarcado, denunciando abusos de que tenham sido vítimas por parte de seus parceiros sexuais [regulares ou não], é directamente proporcional ao seu grau de escolaridade, isto é, quanto mais elevado for o grau de escolaridade das mulheres, maior a sua autonomia, e quanto mais baixo for o nível de escolaridade, menor o grau de autonomia.

Ora, a realidade social destacada no quotidiano da avenida do Zimbábwe deixa claro que, as prostitutas (embora ostentando um baixo nível de escolaridade,) também exercem, - ou pelo menos, se vêem na condição de reivindicar para si, - com veemência, alguns direitos específicos. De acordo com elas, em casos de ataques de violência sexual ou burla perpetrado pelos clientes após o acto sexual, então recolheriam o preservativo por estes usado e contendo seus fluidos sexuais, para mediante a apresentação desta prova material à Polícia poderem notificar boletins de ocorrência, no intuito de identificar e sancionar possíveis responsáveis.

Embora sejam reactivamente pouco efectivas tais instruções, já que, de acordo com Schutz, (1970), parecem responder a problemas, ansiedades ou expectativas de rotina, tais conhecimentos e instruções são gerados a partir de um *stoque de conhecimento* que lhes são conferidos pelos grupos de pares das associações das prostitutas.

Num contexto em que a abordagem apresentada no *Relatório de perfil de gênero de Moçambique* (datado de 2016), concebeu o capital escolar como a única base de análise para o exercício e a capacidade de reivindicação jurídica das mulheres, as dinâmicas da prostituição de rua em Sommerschield demonstraram que, a constituição do senso de autonomia das mulheres na reivindicação de determinados direitos individuais, pode estar mais associada à sua filiação ou identificação a classes associativas, do que propriamente ao nível académico.

SOBRE AS ASSOCIAÇÕES DAS PROSTITUTAS, EM MAPUTO

Até onde se tem registo oficial (portanto, de domínio público e geral), em Moçambique existem duas Associações de trabalhadoras de sexo, ambas localizadas na província de Maputo, (uma na Cidade de Maputo, e a outra, na cidade da Matola¹³⁹).

A Associação ATO (nome fictício), trabalha com as prostitutas actuautes da Cidade de Maputo, e constituiu-se (informalmente) no ano de 2000, tendo vindo a "formalizar-se" apenas no de 2004. De acordo com os pronunciamentos da sua representante oficial (ou Directora Executiva), desde a sua origem a associação tem enfrentado dificuldades de carácter financeiro e de reconhecimento cultural e jurídico, no país.

Actualmente, o FHI 360 (que é uma organização sem fins lucrativos, sediada no Estado da Carolina do Norte - nos Estados Unidos da América -, mas actuando também em mais 70 países, fundada em 1971, e vocacionada no desenvolvimento humano, administrando projectos relacionados ao planeamento familiar e à saúde reprodutiva,) é que assegura maioritariamente o financiamento da Associação. Tal quadro de situação constitui um sério desafio para a associação, na medida em que, os fundos de financiamento tendem a retrair-se cada vez mais, exigindo uma redefinição constante das suas abordagens de atuação, no sentido de mobilizarem parcerias junto de organizações que se interessem pelas suas actividades. A ATO trabalha com homens, mulheres, travestis e outros, abrangidos pela Cidade de Maputo (com a excepção do distrito da Catembe), dedicando-se à distribuição de gel, lubrificantes sexuais, preservativos, e procurando sensibilizar e aconselhar as prostitutas a adoptarem medidas de protecção sexual durante as suas actividades, bem como, a realizarem testes instantâneos de HIV/Sida.

Algumas das educadoras de pares (sensibilizadoras e conselheiras,) responsáveis pelas funções operacionais supracitadas, são prostitutas recrutadas pela Associação, para

¹³⁹ Matola é uma cidade e município moçambicano, capital da Província de Maputo; Trata-se da segunda maior cidade moçambicana, depois da Cidade de Maputo. Matola é também uma unidade administrativa local do Estado central moçambicano, criada em 2013, e coincidindo geograficamente com o município. Dado o seu dinamismo económico e demográfico (1.032.197 hab.), foi elevada à categoria de cidade, em 2007. A Matola é caracterizada por vários grupos étnicos. A etnia nativa da região é a dos rongas, pertencentes ao grupo dos tsongas. Mas existem ainda os chopos, os bitongas e os tsuas. (Fonte de informação: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Matola>).

actuarem junto das prostitutas que desenvolvem as suas actividades em alguns pontos da cidade, durante o período nocturno. Tais conselheiras prestam os seus serviços mediante o pagamento de um salário mensal, estabelecido entre os 3.500 e 5.000,00 Meticais, (equivalente à 270,00 e 385,00 Reais).

Algumas conselheiras permanecem por mais tempo no exercício da função, outras não. Um dos desafios enfrentados pela associação, e apontado pela sua representante oficial tem a ver com, a natureza "desestabilizadora" dos anúncios e discursos que são proferidos e difundidos por alguns "médicos tradicionais" e confissões religiosas (pentecostais da cidade), assentes na idéia de que, as mesmas dispõem da cura do HIV/Sida. No entender da entrevistada, tal facto coloca em causa, todo um esforço de mobilização e sensibilização empreendidos pela associação, rumo à uma cada vez maior adopção de medidas de prevenção ao HIV/Sida entre as prostitutas e clientes, no contexto da prostituição de rua¹⁴⁰. Fundamentalmente, a contradição apresentada expressa a diversidade de *visões de mundo*, que gravitam em torno da interpretação sobre o HIV/Sida. O HIV/Sida, mais do que uma questão de ordem clínica, é também uma questão sobre a qual repousam diversos valores e interpretações culturais.

Também constou como um dos desafios da associação, o facto de que, embora a relação estabelecida entre a associação e os Ministérios do Interior, da Saúde, e Acção Social, venha a melhorar, a considerar pelos protocolos estabelecidos entre os mesmos (em vista a reforçar a segurança sanitária, jurídica, e física das prostitutas, na via pública), as violações de direitos humanos, e extorções contra as prostitutas (em vários casos perpetrados pelos polícias) continua a ser objecto de reclamação.

A representante oficial da associação enfatizou, durante toda a entrevista estabelecida, que o relacionamento entre as prostitutas e os moradores dos bairros, (fundamentalmente na Baixa da cidade de Maputo,) não é muito harmoniosa, visto que, por vezes estes apresentam reclamações relacionadas à presença e actuação daquelas, no

¹⁴⁰ Tal posicionamento, embora revestido de uma racionalidade específica, parece partir do pressuposto de que, o campo da prostituição representa o contexto mais concreto de, risco face à infecção pelo vírus do HIV/Sida entre as prostitutas. Ora, Muianga (2009), e Muchanga (2011), chamam a atenção para o facto de, tal posição ser, em alguma medida, falaciosa, visto que, a esfera de sexualidade que representa um ainda maior risco face à infecção pelo HIV/Sida é a privada, na qual, as relações sexuais entre os envolvidos tendem a romper com o uso de medidas protecção, devido ao factor emocional/confiança envolvido.

local, considerando tratar-se de uma situação moralmente constrangedora. Tendo como referência este foco geográfico (a Baixa da cidade¹⁴¹), no qual, a actividade da prostituição assume uma existência histórica (isto é, desde os inícios do século XIX aos dias actuais), denota-se a prevalência de percepções moralistas e hostilizadoras (construídas por alguns cidadãos da Cidade de Maputo,) direccionadas à actividade da prostituição e às mulheres que a executam, facto que tem justificado a intervenção da associação nesses contextos de actuação das prostitutas, naquilo que as suas possibilidades permitem executar.

O quadro de situação exposto revela um cenário, no qual, a estruturação de algumas políticas organizacionais que visam incidir sobre o fenómeno da prostituição de rua na Cidade de Maputo, baseiam-se (a principio,) da leitura e compreensão feita sobre o fenómeno em bairros e lugares cuja visibilidade e historicidade da prática se revelam notórias e "manifestas", como se, tal situação pudesse ser realmente representativa. A título de exemplo, os dados de campo demonstraram que, nem sempre a relação estabelecida entre as prostitutas e os agentes da Polícia é, de facto, sempre tensa, tal como tem sido reportado (de forma generalizada¹⁴²) pela associação. Na Sommerschild, não o é.

De referir que, a par da ATO, a UNI (nome fictício,) também desenvolve suas actividades junto das prostitutas de rua, mas mais precisamente, as da cidade da Matola. Embora a cidade da Matola represente uma jurisdição administractiva distinta da cidade

¹⁴¹ A região da Baixa da cidade de Maputo tem sido considerada, das maiores bases/focos de intervenção por parte da associação, dado ao facto deste local ser historicamente caracterizado pela prática da actividade, bem como, por actualmente acolher um contingente significativo de prostitutas, na cidade de Maputo.

¹⁴² O bairro da Sommerschild também é tido pela associação das prostitutas, como se tratando dum local, no qual, a violência policial (e outros abusos) façam parte do dia à dia das prostitutas. Importa esclarecer que, pode ser que, tal versão realmente coaduna com a realidade dos factos, contudo, a pesquisa de campo realizada no bairro em questão, não apurou tal facto. E, num contexto em que, as associações das prostitutas se vêem enfrentadas por constrangimentos de acesso ao financiamento da sua organização, tal como foi claramente referido pelas suas próprias representantes (durante as entrevistas da pesquisa de campo), pode ser que, a construção dum idêia generalizada sobre o sofrimento ao qual as prostitutas de rua de toda a cidade de Maputo, se vêem sujeitas, as confira maiores probabilidades de angariação de fundos para a sua reprodução institucional. Ora, isso não constitui, de forma alguma, uma afirmação peremptória de que, as prostitutas moçambicanas, essencialmente as da Cidade de Maputo estejam livres da exploração, dos abusos, carências e sofrimento.

de Maputo, o que justificou a sua inclusão para a pesquisa foi o facto de se entender que, (se tratando, a UNI, uma associação de prostitutas que opera suas actividades em Maputo, maioritariamente tutelada e alinhada às políticas e objectivos definidos pelas mesmas agências tutelares e financiadoras da ATO,) no fundo, pudesse existir uma reactiva semelhança em relação ao exercício das suas actividades. Essa situação revelou-se importante para a pesquisa, na medida em que, não apenas permitiu compreender um pouco mais sobre as lógicas de funcionamento que orientam uma associação de prostitutas, mas também, terá sido a partir dessa triangulação de informação (que consistiu em captar algumas práticas e dinâmicas caracterizantes de uma associação, para compreender e aprofundar sobre o funcionamento da outra, no caso, da ATO) subentendidas no silenciamento¹⁴³, selectividade e "invisibilidade" discursiva, manifestados pela sua representante oficial, durante a entrevista de campo.

A UNI é uma associação formada por prostitutas e simpatizantes da associação (no caso, activistas sociais), localizada na cidade da Matola, situada à exactamente 15,5Km da Cidade de Maputo¹⁴⁴, que através da advocacia pelos direitos humanos, defende um compromisso moral com a ordem da moralidade mais tradicional, ao procurar capacitar as prostitutas, para que estas possam levar uma vida diferente da de prostituição¹⁴⁵. De acordo com a sua representante Oficial, (ou Directora executiva da associação,) o nome

¹⁴³ Uma das preocupações apresentadas pela representante da associação durante as entrevistas estava associada com a natureza dos ganhos, que a concessão de uma entrevista sua para a pesquisa académica que estava sendo desenvolvida, traria para a associação. Respondida a questão, a entrevista foi concedida, mas dentro de um ambiente muito limitado de interacção. Feijó, et (2017), refere que, a realização de pesquisas sociais no contexto moçambicano, enfrenta constrangimentos sérios de concepção e recepção por entre as comunidades (concretamente as residentes no meio rural), pois, a maior parte dos entrevistados (ou grupo alvo de pesquisa), associa a realização destas, ao desenvolvimento de uma actividade intervencionista, assistencialista, ou estatal. Num contexto em que, a diferença entre o meio rural e urbano não é propriamente rígido, não surpreendeu que, tal posição também fosse observada no contexto urbano, facto que permitiu mobilizar a técnica de triangulação de informação.

¹⁴⁴ O tempo percorrido para a Matola, através de uma viatura partindo de Maputo seria de 23 min.

¹⁴⁵ Durante a pesquisa foi realçado pelas representantes das associações, sobre objectivo em capacitar as prostitutas, para que estas possam mudar de vida. Nesse sentido, chamou a atenção da pesquisa, a dimensão ambivalente que caracteriza as associações das prostitutas em Moçambique: é que, se por um lado, elas procuram lutar pelos direitos das prostitutas na cidade de Maputo, por outro, realçam o seu compromisso institucional, em fazer com que, as prostitutas levem uma vida diferente da de prostituição.

atribuído a Associação UNI apela, na língua nacional moçambicana (tsonga), para a não desistência, e sim, continuidade. A referida associação foi criada no ano de 2015, na cidade da Matola, e à semelhança da ATO tem desenvolvido as actividades de sensibilização das prostitutas para o uso do preservativo nas suas relações sexuais, também tem distribuído gel e outros lubrificantes sexuais, tem realizado testes instantâneos de HIV/Sida, e prestado aconselhamentos sobre a saúde sexual. A implementação de tais actividades fica encarregue às educadoras de pares (prostitutas, e simpatizantes da associação: activistas voluntários), para a actuação nas circunscrições administrativas das cidades da Matola, Boane, Moamba, e Marracuene.

O grupo alvo da intervenção da Associação são as prostitutas, travestis, homossexuais. As parcerias institucionais estabelecidas entre a associação e o Ministério do Interior, Gabinete de Atendimento à Criança vulnerável, Delegacias da Polícia, Conselho Municipal da Cidade da Matola e, o Departamento da Saúde da Cidade, de alguma forma tem permitido com que, alguns direitos das trabalhadoras de sexo sejam minimamente assistidos durante o exercício das suas actividades, apesar de, por um lado, estas continuarem a ser vítimas de extorsão e violação sexual por parte de alguns agentes da polícia, mas também, vítimas de um tratamento discriminatório (em função da sua condição profissional,) em algumas unidades sanitárias aonde se deslocam com o objectivo de buscar tratamentos e controle médico para a sua saúde sexual. Ainda durante a entrevista concedida pela Directora executiva da associação, esta referiu que, nalgumas situações, os preconceitos e constrangimentos¹⁴⁶ aos quais as prostitutas se vêm obrigadas a enfrentar nas unidades sanitárias, desencoraja-as a aderir aos serviços.

Embora a UNI tenha sido criada mais recentemente (quando comparada com a outra associação das prostitutas existente no país), ela mantém estreitas relações de

¹⁴⁶ Facto interessante que marcou a entrevista concedida pela Directora executiva da UNI, foi que, embora esta (de alguma forma) representasse oficialmente a classe das prostitutas da cidade da Matola, a sua exigência categórica para que, o seu nome pessoal não fosse citado na pesquisa, por questões de preservação da sua identidade pessoal, era cada vez mais evidente. Pedido este que, foi totalmente acolhido pela pesquisa. A situação denota que, o estigma que é atribuído à actividade da prostituição afecta, não apenas as mulheres directamente envolvidas na execução da mesma, mas também os seus representantes. Portanto, o efeito do contágio do estigma faz com que, a sua natureza (no caso, a do estigma,) deixe de ser tão somente de carácter individual, para passar à sectorial (ou estrutural).

cooperação com a ATO¹⁴⁷. Os principais desafios aos quais a UNI se vê mergulhada, se relacionam com, a deficiência na busca de profissionais de saúde que possam dar assistência directa às prostitutas, em seus locais específicos da actuação, num contexto em que, estas mulheres têm sido vítimas de preconceitos nas unidades sanitárias. Outro desafio encarado, se relaciona com a deficiência na montagem de uma rede complexa de administração, que permita flexibilizar os processos de testagem do vírus do HIV/Sida entre as prostitutas, e o encaminhamento para a administração do antiretroviral para as portadoras do vírus. A representante da associação resumiu tais desafios, no conceito de *mau uso da avaliação dos riscos*. Importa compreender estes desafios das associações, porque, de alguma forma, isso ajudaria a captar ainda melhor, os fundamentos da *posição do seu discurso*, em relação ao fenómeno da prostituição.

É de referir que, a UNI, enquanto uma associação dispõe de uma estrutura organizacional composta por uma Directora Executiva, Responsável financeiro, Responsável pela monitoria de programas, e um Responsável pela questão da violência baseada no gênero. De acordo com a representante da associação, a mesma estrutura organizacional também é observada na associação ATO, que opera na cidade de Maputo. Outro aspecto importante a considerar é que, por vezes, as prostitutas da cidade de Maputo transitam para actuarem nalguns pontos da cidade da Matola, e interagem à vários níveis, com as ali baseadas, e vice-versa, facto que, torna o território da prostituição, de alguma forma, fluído.

Ora, sem maiores detalhes, durante a entrevista estabelecida com a Directora executiva da UNI, esta reportou que, as prostitutas na cidade da Matola fazem poupanças económicas na associação, que consiste no depósito monetário de certo valor a cada 15 dias, susceptível de produzir benefícios rotativos pelo mesmo período de tempo, à uma taxa de juros situada em cerca de 10 por cento. Isso significa que, se a prostituta deposita 7.000,00 Meticais (equivalentes à 540,00 Reais), ao final de 15 dias levanta 7.700,00 Meticais (594,00 Reais). De acordo com a Directora executiva da UNI, *"praticamente todas as prostitutas abrangidas pela nossa rede de serviços aderem ao esquema, por considerá-lo de flexível e vantajoso. E a associação faz o que pode, para*

¹⁴⁷ Tal como foi referido, as políticas de atuação das duas associações são as mesmas, e os financiadores das mesmas, muitas vezes tendem a sê-lo (igualmente).

ajudar né ! O valor por elas depositado, permite a distribuição rotativa entre elas ".
(Directora executiva da UNI. Entrevista concedida no dia 20.10.2019).

A operação matemática supracitada, reveste-se de um significado analítico interessante, a partir do momento em que se procura estabelecer uma comparação entre, a flexibilidade das taxas de juro proporcionadas pela UNI (estimadas em cerca de 10 por cento à cada 15 dias), face às impostas pelas instituições financeiras monetárias Oficiais, (o caso dos Bancos comerciais em Moçambique). As taxas de juro dos Bancos comerciais, chegam a alcançar entre os 1 e 10 por cento, quando investidos ao período de um trimestre, semestre, ou ano. Nesse contexto, se o depósito tiver sido feito na ordem dos 7000,00 Meticais (isto é: 540,00 Reais,) no cenário mais optimista possível, a beneficiária teria de esperar, pelo menos, cerca de 3 meses para arrecadar os cerca de 7.700,00 Mt (isto é: 594,00 Reais), sendo que, tal como já foi referido, o mesmo valor poderia ser captado pela mesma em apenas 15 dias de investimento, na associação UNI.

Com efeito, Cripton Valá (2019)¹⁴⁸, refere que, o sistema financeiro moçambicano, constituído maioritariamente pelos bancos comerciais, apresenta algumas fragilidades que se encontram (também) associadas à reduzida capacidade de captação de depósitos bancários. Ora, a história e experiência vivenciada pelas associações das prostitutas em Maputo, talvez permita compreender as motivações que possam estar por detrás do referido quadro de situação. No entendimento da representante da UNI, as cidadãs moçambicanas encontram-se cientes da necessidade da circulação do capital visando a robustez na economia nacional pela vias Legais, "*porém, os parâmetros de captação, geração de lucro, e concessão de empréstimos impostos pelas instituições Legais constitui um constrangimento para elas. Por essa razão é que, estas mulheres da associação pautam pelos canais alternativos de capitalização, por serem mais flexíveis*", embora, tal acto configure um tipo específico de crime, que pode ser imputado sobre a organização informal que concede empréstimos sobre penhores (no caso, a própria UNI), tal como consta do Artigo nº 466 do Código Penal moçambicano, (2016):

¹⁴⁸ Valá é cidadão moçambicano, historiador e economista, Professor e pesquisador da Universidade Eduardo Mondlane. Tem-se dedicado à pesquisas relacionadas com o desenvolvimento rural, e a questão agrária no contexto moçambicano.

"aquele que, sem a competente autorização, tiver estabelecimento em que habitualmente se façam empréstimos sobre penhores, bem assim, aquele que no estabelecimento autorizado não tiver livro devidamente escriturado, em que se contenham seguidamente e sem estrelinhas as somas ou objecto emprestados, os nomes, domicílio e profissão dos devedores, a natureza, qualidade e valor dos objectos empenhados, será punido com pena maior de prisão de quinze dias a três meses e multa de um mês".

Apresentado integralmente o Artigo nº 466, duas dimensões de análise podem ser dele exploradas: a primeira, de natureza "Restrita", e a outra, "Libertária", ambas inseridas numa lógica econômica Neoliberal, completamente interessada na acumulação e reprodução de riqueza, em detrimento da lógica do assistencialismo, num país em que, embora a situação da pobreza esteja a reduzir, "os níveis de desigualdade econômica têm estado a aumentar, dado que o crescimento se torna cada vez menos inclusivo", de acordo com o relatório do Banco Mundial (2018).

No que concerne à dimensão "Restrita", o artigo 466 parece expôr uma situação, na qual, o sistema financeiro do contexto moçambicano impõe, através da lei do Estado, um conjunto de critérios de admissão e participação das instituições ao processo de capitalização da moeda no contexto moçambicano, acautelando lógicas de competitividade que abarcam, tanto os sectores formais da actividade, assim como, a relação entre estes e os informais. Nesse sentido, uma hipotética legalização ou inserção das organizações informais de capitalização da moeda (por exemplo, a UNI,) ao sector formal da actividade financeira, entre outras questões implicaria, a sua adopção por novos critérios e desafios de sobrevivência (burocrático, simbólico, e de exploração de focos do mercado), que seriam do seu quase total desconhecimento.

Tal situação, se traduziria numa relação assimétrica de oportunidades de exploração do mercado financeiro, ao poder remeter (de forma directa ou indirecta,) as organizações recém-legalizadas à uma posição de subordinação, a favor das organizações financeiras de maior domínio de influência e conhecimento sobre a articulação do campo da actividade. Isso significa que, seria (também) com base nessa lógica que, se explicariam as motivações pelas quais, as organizações informais de capitalização da moeda no contexto moçambicano (inclua-se a UNI), pautam estrategicamente pela adopção de uma atuação à margem da lei. É que, a sua inserção à esfera formal da actividade

financeira, implicaria a sua redimensão e perda de controle sobre algumas vantagens e possibilidades geradas do campo econômico, por sinal, cada vez mais competitivo, excludente e aniquilador, de acordo com a visão de Bourdieu (2008). Aliás, a representante da UNI chegou a declarar que, "*o mercado não está fácil no país, e só nos cabe fazer o máximo, do pouco valor que as trabalhadoras de sexo poupam aqui... e até há casos de superação, que partiram desses investimentos. Veja as fotos afixadas aí na parede*". (Directora executiva da UNI. Entrevista concedida à 20.10.2019).

Com efeito, enquanto o país tem estado a explorar (continuamente) caminhos que orientem o seu desenvolvimento socioeconômico, por intermédio da elaboração e reelaboração de leis (entre outras medidas), são escassos, ou pelo menos de complexa execução, projectos de Estado especificamente orientados para um investimento que vise proporcionar a criação de tecnologias, infraestruturas, formação técnica, e a concessão de maiores incentivos e facilidades fiscais às organizações informais de capitalização monetária, em vista à sua formalização ou legalização, num contexto que, a maior parte das agências e serviços bancários em Moçambique parece estar concentrado na capital do país¹⁴⁹.

Por ora, é preciso referir que, o Artigo 466 do código penal moçambicano, também alude a uma questão de natureza "Libertária", que interessa aqui abordar. Quando analisado atentamente o Artigo, claramente se nota que, o mesmo impõe uma sanção penal, apenas dirigida aos titulares ou proprietários (singulares, e colectivos) das organizações que operem fora dos trâmites legais de concessão de empréstimos financeiros sobre penhores.

Ora, com relação aos indivíduos (aforradores, clientes) que aderem aos serviços prestados, nada consta, apesar destes também fazerem parte do esquema objecto da sanção. Isso significa que, o Artigo 466 é ambivalente, pois, se por um lado limita o exercício de determinadas práticas, por outro, liberta e tolera. Mais especificamente, tal

¹⁴⁹ Orientar um investimento à médio e longo prazos visando formalizar as "organizações financeiras informais", seria oportuno para o contexto econômico ao qual o país se encontra. Contudo, a lógica Neoliberal permite compreender que, a aplicação de investimento estatal visando suplantar a assimetria institucional e regional observada no país, com certeza acarretaria gastos e riscos financeiros, dos quais um Estado de orientação econômica Neoliberal pouco estaria disposto a incorrer. Nota importante: A UNI não é propriamente uma organização financeira, embora também desenvolva tais actividades. Daí a razão da colocação de aspas na expressão organizações financeiras informais.

liberdade é concedida ao indivíduo ("cliente") conferindo-o a possibilidade de escolher entre, depositar o seu dinheiro numa instituição financeira formal, e ficando por isso, sujeito à aplicação de uma taxa de juros bastante reduzida e estabelecida à longo prazo, ou então, a faculdade de depositar o montante numa organização financeira informal e ilegal, capaz de gerar juros significativos, à prazos reactivamente curtos, sujeitando-se o depositante à um permanente risco, de perda total do investimento, em razão de um eventual desmantelamento da organização. Nesse sentido, a idéia Neoliberal de liberdade de escolha do "cliente" ou aforrador¹⁵⁰, revela-se claramente problemática.

De acordo com o apontado ao longo deste trabalho, as prostitutas moçambicanas encontram-se inseridas numa situação de dupla exclusão: a primeira, derivada da hostilidade *moral* (ou estigmas,) que lhes são dirigidos pela maioria da sociedade na qual se inserem, e a segunda, resultante da sua condição jurídica.

Deste modo, com base na interpretação feita acima, em torno do artigo número 466 do Código penal moçambicano, pôde-se constatar que, tais mulheres (prostitutas), afinal também se encontram inseridas em uma situação de exclusão institucional. Este último tipo de exclusão é passível de ser identificado, na medida em que, para além das prostitutas verem as "organizações financeiras" nas quais regularmente efectuam seus depósitos financeiros, em permanente estado de ameaçada, por imperativos de ordem legal, estas mulheres também se vêem diante de organizações financeiras "alternativas" (o caso dos Bancos comerciais) que, embora sejam formais e legais, são incapazes de atender ao requisito da principal demanda das prostitutas: a flexibilidade dos processos (de geração de lucro, e sua disponibilidade à curto prazo). Ao se traduzir desta forma, as organizações financeiras (legais,) parecem ajustar-se aos interesses específicos de determinados segmentos sociais (detentores de graus de necessidade e urgência financeira reactivamente diferenciadas da, das prostitutas), resultando assim, em uma forma de exclusão¹⁵¹.

¹⁵⁰ Apenas para o presente contexto de interpretação, as categorias sociais de *cliente* e *aforrador*, foram usadas como sinónimo de prostituta.

¹⁵¹ Embora algumas prostitutas tenham chegado a revelar, durante a pesquisa de campo, que a associação ATO (que opera na Cidade de Maputo) também exerce actividades de captação e concessão de empréstimos, tais informações não foram confirmadas, nem rebatidas pela Directora executiva da Associação, ao que deixou algumas reticências.

O facto da UNI continuar a desempenhar as suas actividades de captação da moeda e concessão de empréstimos financeiros, junto das prostitutas, mesmo ciente da ilegalidade da prática, mais do que se traduzir numa postura jurídica considerada de criminosa, de forma clara, a associação também revela a sua capacidade de ruptura face aos padrões de gerenciamento institucional em vigor no país. Ora, tal postura de resistência e ruptura, pode ser considerada de particular, somente, já que, a sua extensão parece não se fazer sentir também aos níveis de intervenção mais amplos e estratégicos, com enfoque para o campo político. Os próximos dois parágrafos esclarecem melhor a questão.

Ao se dedicarem às actividades de sensibilização junto das prostitutas, à distribuição de preservativos, à mobilização para a realização de testes instantâneos do vírus do HIV/Sida, bem como, à capitalização de recursos financeiros para as mulheres (prostitutas), as associações¹⁵² das prostitutas que operam em Moçambique, fundamentalmente, acabam reproduzindo as lógicas da hegemonia biomédica, e a perpetuação do padrão econômico capitalista, instalados no país.

Tais associações, até tem contactado e mantido parcerias com os *Ministérios do Interior*, e o do *Gênero, Criança e Acção social*, em vista à criação e reforço de mecanismos que permitam salvaguardar o respeito pelos Direitos humanos das prostitutas, bem como, o devido encaminhamento dos menores que se encontrem envolvidos com a prática. Ora, mais uma vez, tais acções, embora se revelem socialmente úteis, não passam de uma tentativa de reposição de uma ordem e normalidade, à princípio, já plasmadas no quadro jurídico nacional. Ou seja, desde a sua formação, a ATO e a UNI nunca realizaram protestos (públicos e abertos) contra o Estado moçambicano, com a finalidade de exigir maiores liberdades e direitos da classe das prostitutas no país. De igual modo, não consta da agenda das referidas associações, a necessidade de estabelecer um debate sistemático sobre o ingresso ou acesso das prostitutas do país, ao sistema de segurança social (formal), num contexto em que, a

¹⁵² De referir que, embora a observação referente à questão da capitalização monetária tenha sido constatada na associação UNI, que abrande as prostitutas da cidade da Matola, o que sucedeu durante a pesquisa foi que, quando questionadas algumas prostitutas da cidade de Maputo, sobre se, realizavam algum tipo de "depósitos" na associação, a resposta foi afirmativa, embora tivessem se recusado a oferecer maiores detalhes sobre o assunto.

sociedade moçambicana tem reservado complexos desafios, no dia à dia dos trabalhadores e trabalhadoras actuates dos sectores formal e informal de actividades.

Do contacto de pesquisa estabelecido junto das duas associações, nenhum ponto de agenda constou referentemente à questão da emigração (transnacional) que, também tem caracterizado a vida de algumas prostitutas em Moçambique, em busca de prestação de trabalhos sexuais. Finalmente, ficou ainda mais clara, durante a realização da pesquisa de campo, a inexistência de uma estratégia organizacional definida pelas duas associações, que as permitisse conectarem-se às prostitutas e associações de outras nações, no sentido de partilharem suas experiências, e se engrandecerem aos mais variados domínios de actuação.

Portanto, os aspectos acima indicados permitem compreender que, apesar de existirem associações das prostitutas, "devidamente constituídas" no território moçambicano, dedicando ao desempenhado de actividades (técnicas, económicas e assistencialistas) de importante consideração para as prostitutas, mesmo assim, o seu papel pode ser descrito como sendo *reprodutor* dos valores dominantes do sistema social moçambicano, e incapazes de transformar o *status quo* (político, moral, entre outros) instituído, caminhando desta forma em contramão ao ideal do empreendimento social que tem sido encabeçado pelos Movimentos feministas, e associações de trabalhadoras de sexo dos vários países do mundo (incluindo no Brasil¹⁵³), cuja voz de ordem é a mudança e

¹⁵³ É verdade que, com o surgimento da pandemia da Covid-19, as fragilidades do Estado brasileiro vieram ainda mais à superfície, e denunciaram o seu papel de abandono em relação à categoria das prostitutas no país. Ora, apesar de se constatar esse constrangimento, ao menos no Brasil o Ministério do Trabalho reconheceu, no ano de 2002, a prostituição como profissão, e adicionou o termo na Classificação Brasileira de Ocupações. No Brasil, no presente ano de 2020, algumas associações das prostitutas tem trabalhado no sentido de, mobilizar as prostitutas a evitarem sair de casa, devido aos riscos de contágio pela pandemia do Covid-19, do mesmo modo que, tem estado a cobrar que, bares e casas noturnas distribuam álcool em gel às tais mulheres. "*Passamos nos bares, já conversamos com muita gente e fizemos uma campanha no começo do mês para enfatizar a questão do coronavírus. Muitos bares bregas já fecharam em São Luís*", relata uma coordenadora da associação das prostitutas, num dos Estados do Brasil. Adicionalmente, em Brasília, diversas associações se uniram para redigir uma cartilha de redução de danos a ser distribuída entre trabalhadoras do sexo daquela região do país. Além das recomendações de higiene, que são transmitidas, as associações das trabalhadoras de sexo tem trabalhado no sentido de fornecer dicas para as prostitutas ganharem dinheiro através da internet, pela prestação do trabalho sexual virtual, (de acordo com a fonte: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/28/nos-somos-invisiveis-trabalhadoras-sexuais-afetadas-pelo-coronavirus.htm>). Portanto, apesar de todas as

transformação. Alguns elementos apresentados nas páginas que se seguem, permitem captar lógicas que aprofundam ainda a compreensão sobre esta situação, no cenário moçambicano.

Num contexto em que, "o sector informal em Moçambique tende a caracterizar-se por um alto grau de precariedade, com destaque para os seguintes aspectos: baixo nível de protecção social e legal; rendimentos instáveis; dificuldades de aceder ao crédito produtivo formal (...)", isso de acordo com o *relatório sobre o perfil de gênero*, (2016), ocorre que, a Associação das prostitutas desempenha, ao adoptar um processo de concentração e capitalização dos rendimentos das prostitutas, uma relevante função de inclusão econômica (e técnica) destas mulheres.

Corroborando com o ponto acima citado, o *inquérito do Instituto Nacional de Saúde* (datado de 2009), desenhado com a finalidade de fornecer dados a nível nacional e provincial, que permitissem identificar os principais factores sociais e comportamentais associados aos riscos de infecção pelo HIV/Sida, para determinar a prevalência pelo vírus na população moçambicana dos zero aos sessenta e quatro anos, constatou que, "o uso do preservativo é muito baixo em Moçambique" pág. 6, e sendo que, "a testagem para HIV aumenta com o nível de escolaridade, e mulheres de nível secundário foram (...) mais de duas vezes propensas a terem sido testadas para o HIV (...) em relação as mulheres sem qualquer nível de escolaridade (...)," *idem*, pág. 8, o quadro de situação é revelador de que, sendo as prostitutas detentoras de um baixo nível de escolaridade, em tese dispõem de escassa informação sobre o estado clínico de seus corpos.

O nível de escolaridade surge, então, como um factor de desigualdades entre as mulheres da Cidade de Maputo, no que se refere ao acesso pelos serviços de saúde, trabalho mais bem remunerado, entre outros aspectos sociais. Tomando em consideração esta situação, a intervenção das associações das prostitutas no contexto do bairro da Sommerschild representa, então, uma tentativa de amenização dessa

limitações que a luta pela defesa dos direitos das prostitutas apresente no contexto brasileiro, incluindo a falta de reconhecimento pelos direitos trabalhistas das praticantes da actividade, os passos que as associações têm dado no país representam alguma contribuição, (por mais embrionária que seja,) para a referida classe. Esse quadro de situação representa um desafio de análise e inspiração, para alguns países da CPLP (dentre os quais, Moçambique), no sentido de se salvaguardar os direitos que assistem as prostitutas.

problemática, na medida em que, permitem a realização de testes sanitários e oferecem "orientações jurídicas" as prostitutas, em vista a uma maior gestão de seus corpos.

(Signe ARNFRED, 2015), aponta que, as políticas de desenvolvimento em Moçambique, não fizeram muita diferença na vida das mulheres, aonde se destacam, por exemplo, “em termos dos aspectos centrais da modernização: os efeitos com viés de gênero da economia monetária e do trabalho assalariado; (...), as perspectivas morais sobre a sexualidade feminina”, facto que elucida que, tanto a modernização socialista, quanto a capitalista no país, no fundo seguiram exactamente o mesmo caminho, pág. 221.

Ainda no cerne dos apontamentos sobre a situação das mulheres no contexto moçambicano, importa pontuar que, se o nível de instrução dos indivíduos tende a ser directamente proporcional ao acesso colectivo a bens de consumo, tal situação assume uma dimensão estrutural, na medida em que, não afecta apenas a qualidade ou nível de vida pessoal de seus portadores (no acesso a determinados serviços públicos, e a empregos de média ou alta remuneração), mas também, a dos seus familiares directos. A esse respeito, (João SIXPENSE, e Amina MUTISSE, 2008, pág. 5), reflectindo sobre as condições de vida da criança e do adolescente em Moçambique apontam que, “as crianças em agregados familiares cujo chefe não tem escolaridade são três vezes mais propensas à privação severa de nutrição, do que as em agregados familiares chefiados por alguém com escolaridade de nível secundário ou superior”.

Ainda de acordo com Sixpense e Mutisse (2008), apesar do governo moçambicano ratificar vários protocolos relacionados com a protecção da vida e dos direitos da criança, a sua aplicação prática situa-se muito aquém das expectativas, facto que, apela para a intervenção das associações, universidades e sociedade civil, na pressão sobre o governo ao cumprimento do seu dever.

Corroborando com as últimas contribuições aqui apresentadas, Estavela e Seidl (2014), referem que, o androcentrismo que compõe as sociedades africanas, estabelece parâmetros de interacção social que limitam os direitos das mulheres. No caso da região sul de Moçambique, para além de vigorar a prática tradicional do *Kutchinga* (na qual, a viúva se vê obrigada, após a morte do marido, a manter relação sexual com seu cunhado, a fim de que, seja purificada espiritualmente), quem decide se as mulheres podem ou não buscar assistência médica, incluindo, o lugar em que o parto deve ser

feito, são as sogras e cunhadas das mulheres. Tal situação reduz a autonomia da mulher, acentuando a sua subjugação a vontade dos homens e seus familiares. Exposto este panorama geral de exclusão estrutural da mulher, então observa-se que, a partir do momento em que as Associações das prostitutas vão ao encontro das prostitutas, com a finalidade de (entre outras coisas,) lhes prestarem assistência clínica, tal situação preenche, de alguma forma, o *vazio de poder* culturalmente estabelecido.

Ora, apesar da importante contribuição prestada por tais associações, em vista a uma maior inclusão das categorias sociais estigmatizadas e desfavorecidas na realidade moçambicana, existem mais aspectos que precisariam ser analisados em torno da sua actuação, e no caso concreto, em torno do papel das associações das prostitutas, ao que se seguirá nestes parágrafos.

Se, por um lado, as associações autoproclamam-se em defesa dos interesses das prostitutas, por outro, são incapazes de impor rupturas em relação aos estereótipos construídos em torno da actividade da prostituição, e assim lutar pela conquista e ampliação de direitos daquela "classe".

Tais associações agem em nome de um “proselitismo” desapegado, mas que na verdade acabam agindo em defesa pela manutenção dos valores culturais dominantes e normativos da sociedade moçambicana, por isso, (BARTHE, 2019), acrescenta que, “o profissionalismo e o ativismo (...) podem atuar em sentido inverso e diminuir o poder de vitimização (...): eles podem (...) instrumentalizar as vítimas potenciais em benefício de uma causa política, de um campo disciplinar ou de uma carreira”, pag. 125. Porém, tudo o que as “mulheres precisam [é] de organizações de gênero independentes e democráticas, que [realmente] promovam os interesses das mulheres, e combatam a sua marginalização”, acrescenta (ARNFRED, 2015, 223).

CAPÍTULO IV:

Identities, Practices and Perceptions (constituídas no bairro da Sommerschield).

Apresentação geral:

O presente capítulo encontra-se directamente articulado ao anterior, na medida em que, também procura explorar o perfil, identidades e dinâmicas sociais decorrentes da actividade da prostituição feminina de rua, na Sommerschield. Com efeito, são aqui exploradas diversas interações sociais estabelecidas entre as prostitutas e os guardas residenciais, o papel do Secretário do bairro, as percepções dos moradores e moradoras do referido bairro em relação à prática, entre outras questões decorrentes e observadas *in locu*. De referir que, todo esse exercício visou a entender *como é possível haver prostituição de rua em um bairro da elite moçambicana, em contexto de estigma (mas também de contravenção da lei,) relegado a tal prática?*

Tal com já foi mencionado, as próximas páginas ficaram reservadas a apresentação de um breve histórico e uma tentativa de conceitualização sobre a prostituição, bem como, a análise e interpretação dos pontos mencionados no parágrafo anterior, sendo que, em seguida são apresentadas as considerações finais e os constrangimentos de pesquisa, ao que se segue ainda a bibliografia da pesquisa e um anexo.

É de fundamental importância esclarecer que, o conceito de *identidade* adoptado ao longo de todo este capítulo foi o de Stuart Hall, entendido como sendo amplamente provisório, incompleto, relacional e circunstancial, ou seja, uma “celebração móvel” (e não estática, fixa e única). Os actores sociais assumem várias identidades sociais em seu quotidiano, ora conflituantes e contrastantes, ora complementares. A experiência de pesquisa em Sommerschield ajudou a aprofundar e elucidar estes aspectos.

VÓS SÓIS TRABALHADORAS DE SEXO, OU SÓIS PROSTITUTAS ?

Uma das bases fundamentais para a constituição de Movimentos, associações e organizações sociais das prostitutas é a existência ou presença da categoria social das prostitutas, e as condições objectivas e subjectivas que suas práticas envolvem. A propósito disso, o uso das terminologias: trabalhadoras de sexo, ou prostituta tem sido comum na sociedade moçambicana (tanto por parte das associações, assim como, dos indivíduos no dia à dia). Do processo de apropriação que se tem feito dos conceitos, alguns pautam por tomá-los como sinónimos, enquanto que, outros preferem distingui-los claramente. Tal cenário também tem sido representativo nas reflexões científicas desenvolvidas sobre o fenómeno da prostituição.

Ora, a experiência captada no campo de pesquisa, (bairro da Sommerschild,) identificou alternativas às tipologias analíticas que, as discussões (acima apresentadas) sobre a temática encerram. Tais discursos alternativos inserem-se no quadro de uma categoria classificatória, que se distancia da categoria conceitual de carácter milenar e ocidental (o caso do termo de prostituta), e da de "moderno ocidental" – revestido de um cunho laboral –, (o caso do termo de trabalhadora de sexo), ambas terminologias construídas fora do contexto social moçambicano, mas levados até lá através do processo da globalização (em suas varias dimensões). A pesquisa de campo captou o sentido da construção e uso de terminologias decorrentes da actividade da prostituição de rua, na avenida do Zimbábwe, cuja configuração é, acima de tudo, *glocal*¹⁵⁴. O depoimento colectivo que se segue, esclarece o facto:

- "*Nós trabalhamos aqui, sim, mas entre a gente não tem isso de puta, prostituta, ou trabalhadora de sexo. Nós somos Mana-Moças!*". (Depoimento prestado por um grupo de 5 prostitutas. Literalmente dito por Francisca, em assentimento com Alice, Joana, Filó, e Marta, reunidas em torno de uma lareira "improvisada" nos passeios da avenida

¹⁵⁴ *Glocalização* é um conceito que tem sido usado por vários autores do campo das Ciências Sociais (desde Roland Robertson, a Giddens). Contudo, o mesmo foi amplamente desenvolvido por Beck (2015), tendo sido concebido como a forma como os elementos globais e locais se misturam, o que permitiria apreender o modo como as comunidades locais modificam activamente os processos globais, procurando ajustá-los aos desafios, intentos e culturas nativas.

do zimbábwe, *esquentando-se* e conversando durante a madrugada do dia 27.10.2019, enquanto aguardavam pela chegada de clientes, no bairro da Sommeschield).

O depoimento supracitado ilustra a idéia do campo da prostituição de rua, enquanto um lugar marcado, não apenas por conflitos, humilhações e exploração (tal como vários autores e autoras tem feito referência,) mas também por resistências, à uma escala global. É que, ao se assumirem como *Mana-Moças*¹⁵⁵, as mulheres que operam na avenida do zimbábwe transaccionando as relações sexuais (por dinheiro), resistem à atribuição de terminologias (tais como, prostituta, ou trabalhadora de sexo¹⁵⁶,) que no seu entender, invocam e reforçam um conjunto de estereótipos a si dirigidos. Fazendo uso de atribuições lingüísticas apropriadas pelo quotidiano local moçambicano, elas identificam e seleccionam termos que permitam valorizar a si próprias, no contexto das suas actividades decorrentes da avenida do zimbábwe. Até porque, é preciso considerar que, "a globalização tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais plurais e diversas; menos fixas, ou unificadas", (Stuart HALL, 2006; pág. 87).

A autodenominação *mana-moça* entre as prostitutas da Sommerschield, que significa mulher honrada (ou digna de respeito), parece colidir com os preceitos morais dominantes da sociedade moçambicana associados ao significado e práticas "honrosas", já que, no referido contexto social, a prostituição é relegada a uma actividade promíscua e socialmente nociva. Contudo, Laura Moutinho (2019), em seu artigo intitulado *Sugar relationships: sexo, afeto e consumo na África do Sul e no Brasil*, no qual "parte das discussões acerca dos chamados *sugar relationships* na África do Sul para indagar de que modo as produções académicas na África do Sul, e também no Brasil vêm

¹⁵⁵ Desconhece-se a verdadeira origem do termo, contudo, nalgumas vezes a sua titularidade tem sido atribuída à gíria angolana, introduzida no vocabulário quotidiano daquele país, através dos seus músicos. O termo se tornou num recurso de domínio público, e seu significado é: *mulher honrada*, detentora de responsabilidades e reputação por zelar, portanto, uma mulher à quem (para todos os efeitos,) se deve dirigir *respeito*. Dadas as relações de contacto estabelecidas entre os PALOP, por via da televisão, espetáculos musicais em ambos países, entre outros aspectos, assim se pode imaginar que, o termo terá sido apropriado pelos moçambicanos e por eles (re)usado. Portanto, para efeitos da presente Tese, *mana-moça* deverá ser entendido, tal e qual sugerido pelo termo.

¹⁵⁶ De referir que, as associações das prostitutas adoptam a terminologia *Trabalhadoras de sexo*, para se referirem às prostitutas, incluindo as da avenida do zimbábwe.

navegando nas discussões sobre intercâmbios econômicos e sexuais”, esclarece que, na região da África Austral (da qual Moçambique faz parte), comumente “as mulheres esperam receber uma compensação material por favores sexuais, como validação de seu valor e como um sinal de amor, comprometimento ou apreço (...). Para uma mulher, *fazer sexo de graça* tem um sentido de falta de dignidade e de amor próprio, p. 23”.

Para as prostitutas, o facto de elas auferirem rendimentos em troca de relações sexuais, tal cenário não seria suficiente para torná-las mulheres “menos honradas”, apesar da reprovação moral implicada na referida prática no contexto moçambicano. Adicionalmente, os usos que tais mulheres dizem fazer do montante auferido da sua actividade reforçam (ou pelo menos justificam) melhor o posicionamento de sua defesa: elas destinam ou aplicam os valores arrecadados em questões consideradas de socialmente válidas (e aprováveis), tal como será desenvolvido mais adiante. O destino conferido aos rendimentos ganhos parece ser crucial para definir a moralidade das mulheres, e até mesmo sobrepor-se à moralidade associada aos meios necessários à sua aquisição (no caso, exercício da prática da prostituição).

A aparente contradição observada entre o conceito de prostituta (tal como geralmente se tem concebido), e a forma com que as prostitutas de rua se autodenominam, pode ser ainda amplamente compreendido a partir da abordagem advogada por António Sérgio Alfredo Guimarães (2003), em seu artigo intitulado *Como trabalhar com "raça" em Sociologia*, e por PELUCIO e MISKOLVI (2009), segundo os quais:

“Um conceito ou categoria analítica é o que permite a análise de um determinado conjunto de fenômenos, e faz sentido apenas no corpo de uma teoria. Quando falamos de conceito nativo, ao contrário, é porque estamos trabalhando com uma categoria que tem sentido no mundo prático, efectivo. Ou seja, possui um sentido histórico, um sentido específico para um determinado grupo humano”, pág. 95. Adicionalmente, “nas esquinas [e ruas da Sommerschild], sobretudo nas noites, (...) [as prostitutas, doravante autocategorizadas de *mana-moças*, mulheres honradas] conseguem converter estigma em glamour, o que não significa que suas vidas deixem de ser marcadas por essa constante negociação entre o estigma e o desejo”, (PELÚCIO, Larissa, e MISKOLCI, 2009, 131).

Com efeito, a identificação da categoria classificatória *mana-moça*, patente no contexto da prostituição de rua (no bairro da Sommerschild), sem dúvidas rebate o

posicionamento defendido pelo pesquisador moçambicano Mahumana (2016), segundo o qual, as prostitutas são mulheres que assumem várias identidades na sociedade, mas que no contexto do seu labor (isto é: no mundo da prostituição de rua, na cidade de Maputo), elas simplesmente se identificam em como sendo "putas".

De referir que, ao se abordar sobre o papel das associações das prostitutas na cidade de Maputo, (ainda neste trabalho) referiu-se que, apesar destas desempenharem actividades que, de algum modo, se traduzem frutíferas para a vida quotidiana das prostitutas na cidade de Maputo, mesmo assim, o seu papel pode ser descrito como sendo *reprodutor* dos valores (político, económico, e moral) dominantes do sistema social moçambicano, daí, a sua incapacidade em transformar o *status quo* das prostitutas, relegado a uma constante exclusão (social, e institucional) no país. Com efeito, a apropriação e (re)construção pelas próprias prostitutas, da categoria classificatória de "*mana-moça*" revela-se num exemplo de tentativa de transformação mais ampla da ordem (moral) construída em seu torno no país. Todavia, um aspecto revela-se problemático nessa situação: a tentativa de ruptura classificatória imposta pelas prostitutas da avenida do zimbábwe parece assumir uma função predominantemente psicológica (e até "contemplativa)" apenas, do que propriamente uma acção estrutural no sentido de imputação de transformações em benefício geral da sua classe.

Embora os requisitos¹⁵⁷ conceituais (analíticos, e "comportamentais") construídos em torno da prostituta se ajustem às actividades empreendidas no quotidiano nocturno das mulheres actantes da avenida do zimbábwe, no bairro da Sommerschild, durante a pesquisa de campo foi possível constatar que, fundamentalmente (tal como já foi apontado neste trabalho), a categoria classificatória exaltada por aquelas mulheres, que (de pouco em pouco,) tende a ser reconhecida, internalizada, e recorrentemente referenciada pelas mesmas no quotidiano nocturno daquele local, afinal, é "*Mana-*

¹⁵⁷ Embora os conceitos de prostituta e prostituição tenham variado (em sua forma e conteúdo) ao longo dos tempos, de acordo com os vários pesquisadores da área, os indicadores que permitem captar a presença da categoria prostituta são: presença de mercado (e suas redes de relações físicas ou virtuais), presença de moeda ou outros recursos de troca nele envolvidos, e a ciência por parte dos actores envolvidos sobre a relação de troca envolvida no processo. Tais características de interacção encontram-se patentes na avenida do Zimbábwe, na cidade Maputo. Contudo, é de realçar o foco no envolvimento sexual, patente na prática da prostituição.

moça!" Numa discussão sobre a questão das identidades, este facto permitiria compreender a "identidade como uma coisa [não] acabada, [por isso] deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo", (Stuart HALL, 2006; pág. 39).

A autocategorização *mana-moças* por entre as prostitutas da Sommerschild, que significa mulheres merecedoras de respeito, não é uma descoberta exclusiva desta pesquisa. No Brasil, (Elisiane PASINI, 2005,) ao estudar sobre o *Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa* refere que, a definição de gênero impõe todo um conjunto de características que distinguem o homem da mulher, contudo, tais traços são articulados num fluxo de relações nem sempre estanques e harmoniosos, pois, também implicam contradições e ambiguidades de papéis, identidades e discursos. A esse respeito, a autora aponta ainda que,

“na nossa sociedade, aparentemente associa-se ao feminino qualidades morais, sentimentais e o cuidado com a família e, ao masculino, o sustento econômico da família. Apesar de trabalharem em uma zona de prostituição, as mulheres [portanto, as prostitutas de rua] cumpriam o que se espera socialmente de uma mãe: elas protegiam seus filhos, pois os tinham por perto e, além disso, os sustentavam. (...) Todas elas afirmavam que não eram prostitutas, ou seja, eram consideradas mulheres de respeito”, pág. 201.

Este último retrato abre possibilidades de reflexão sobre uma eventual “universalização” da categoria *mana-moça*¹⁵⁸ por entre as prostitutas, a uma escala transcontinental (abrangendo o contexto africano – e moçambicano mais especificamente, e o da América Latina – o caso do Brasil). Mas, acima de tudo o cenário apresentado permite reflectir sobre a similaridade das características sociais e simbólicas patentes das sociedades que as fazem emergir, clara e marcadamente moralistas e normativas !

Ora, considerando que, a princípio, o elemento base de legitimação da acção dos movimentos sociais no exercício de pressão sobre o Estado, bem como, na luta pelo acesso a direitos a favor dos seus membros (num determinado país,) são os próprios

¹⁵⁸ *Mana-moça* pode ser entendida como uma categoria reivindicatória de estatuto de algumas mulheres, e ainda, conciliatória da história patriarcal e liberal do país, da qual a figura masculina (no caso, a do provedor) aparece ausente em suas vidas.

membros integrantes da classe, o que no caso do presente estudo seriam as próprias prostitutas, então, a questão que se colocaria seria: com base no apoio de quais prostitutas, afinal, a constituição de tais Movimentos seria possível em Moçambique? É que, fora às limitações de carácter económico, bem como o estigma ao qual as prostitutas se vêm envolvidas no contexto moçambicano, o quadro de situação aqui apresentado talvez explique, em parte, a razão da "invisibilidade¹⁵⁹ (pública)" que caracteriza a acção das associações das prostitutas em Moçambique, já que, antes de tudo estas (associações) enfrentam o desafio de constituir (e, não a de confundir), os membros de consciência da própria classe, a fim de que possam promover lutas realmente estruturais a seu favor. Contudo, ocorre que na Cidade de Maputo, afinal nem toda a prostituta ousa assumir tal identidade (de "prostituta"¹⁶⁰). Eis o imbróglio.

VAMOS "BRINCAR": notas de uma reflexão sobre a inteligibilidade do termo !

O emprego do termo "*brincar*", entre as prostitutas de rua (junto de seus clientes) no bairro da Sommerschild, para se referirem as relações sexuais mantidas naquele contexto, ganha ainda mais sentido sociológico quando se percebe que, contrariamente aos outros contextos de ocorrência da actividade, (na Cidade de Maputo: rua de Araújo, avenida 24 de Julho, entre outros pontos, e na cidade de Tete, na rua dos Macondes, e

¹⁵⁹ Quanto às suas funções técnicas, as associações das prostitutas têm desempenhado um papel significativo junto das prostitutas. Mas, tal como ficou referido no texto, o facto de tais funções não assumirem um carácter estrutural (por exemplo: a organização de protestos, e a mobilização e articulação junto das associações internacionais das prostitutas, entre outros elementos), não permitem impor mudanças à tal nível para a classe das prostitutas. Adicionalmente, embora a associação das trabalhadoras de sexo da Cidade de Maputo tenha sido constituída há pelo menos 16 anos, e a da cidade da Matola há 5, mesmo assim, durante a pesquisa de campo foi possível constatar que, as pesquisas sociológicas e antropológicas que retratam sobre a actividade da prostituição de rua no país, nos seus 11 anos de reflexão sobre a temática, praticamente nenhum deles se referiu à existência ou papel dessas associações no país, facto que impõem um enorme desafio de reflexão, na compreensão sobre a prostituição no país!

¹⁶⁰ De referir que, independentemente da categoria de classificação usada, o que mais importa é a luta por reconhecimento e direitos das prostitutas. E esse desafio compete, não apenas às associações das prostitutas, mas também, ao contributo dos pesquisadores sociais e outros actores, tal como ficou patente na introdução desta Tese, no campo referente às perspectivas de aplicação da pesquisa no país de origem do pesquisador (especificamente, das páginas 35-38).

não só), as referências predominantemente usadas para se referir a mesma questão são: “*bater, comer, ou foder*”.

Tratam-se aqui, de termos ou expressões usadas pelos clientes e prostitutas, no campo da prostituição de rua, remetendo o contexto da interação prostitucional a um plano do combate (ao se utilizar o termo *bater*), utilitarismo, consumo e “descarte” (ao utilizarem o termo *comer*), e por fim, à gíria ou “extrapolação” da ordem lingüística convencional, (ao utilizarem o termo *foder*).

Um cenário curioso ocorre aqui: no contexto das suas actividades laborais, na Sommerschild, as prostitutas parecem inverter a lógica das narrativas de sua convivência com os clientes. Tal como já fora referido, em primeiro lugar, elas autodenominam-se *mana-moças*, e não putas, prostitutas, ou profissionais de sexo. Em segundo lugar, adoptam a expressão *brincar*, termo este que (entre outras coisas,) também pode remeter à idéia de descontração, configurando assim, uma dimensão recreativa e reconfortante das relações sexuais, e não uma perspectiva combativa, informal e utilitarista, explícita ou implicitamente expressa nos termos, “bater, foder, e comer”, adoptados em outros pontos de manifestação da prática.

Colocado o exposto, constata-se na Sommerschild, um claro deslocamento simbólico das narrativas de cunho patriarcal e hegemônico, para as de cunho *alegórico*, contra-hegemônico, e *não masculino*¹⁶¹, retirando todos os eventuais graus de sensualidade historicamente contidos nos termos “bater, comer, e foder”, deixando a cargo das mulheres a maior parte dos processos identitários e nominativos no campo prostitucional, (incluindo, a exigência pelo uso do preservativo nas relações sexuais com os clientes).

De alguma forma, a última situação aqui apontada, torna a prostituição de rua decorrente do bairro da Sommerschild, um contexto social (predominantemente) *feminino*, porque também doptado de “reinvenção”, criatividade, poder e resistência feminina, contrariando assim, a defesa de Ana Patrão, et al, (2014), que no seu estudo sobre as *Características psicométricas da Self-Elseem Scale em mulheres*

¹⁶¹ Historicamente, o processo da socialização masculina (patriarcal), esteve assente na transmissão de valores culturais que, relegam os homens a esfera do trabalho, provisão e bravura, entendido como sinônimo de maturidade, enquanto que a “brincadeira”, uma característica nalgumas vezes vinculada às crianças, e quando muito, às mulheres, categorias sociais historicamente reservadas a posição subalterna.

*moçambicanas em risco*¹⁶², aponta o contexto da prostituição de rua como um espaço de baixa auto-estima apresentada pelas mulheres, o que se reflecte negativamente, no processo da negociação e tomada de decisão pelo uso do preservativo em suas relações sexuais (laborais). Contudo, isso não significa que, se esteja aqui a afirmar aqui que, as prostitutas da Sommerschild estejam imunes aos mais variados tipos de pressão, constrangimentos, ou exclusão social e estrutural.

DINÂMICAS DE INTERPRETAÇÃO E USO DO PRESERVATIVO NO CONTEXTO DA PROSTITUIÇÃO, (na avenida do zimbábwe).

No contexto da prostituição decorrente da avenida do Zimbábwe, as prostitutas e os clientes estabelecem trocas e vivenciam interessantes experiências sexuais (e sociais). Além da presença da unidade de moeda (Metical,) que assume o valor universal de troca naquele contexto prostitucional, o uso do preservativo¹⁶³ também representa um *imperativo funcional* ali. Neste caso, a presença do dinheiro (Metical), e do preservativo constituem das variáveis mais constantes e centrais, a partir das quais, a actividade da prostituição ocorre¹⁶⁴. O depoimento das interlocutoras (3 prostitutas da avenida do Zimbábwe) demonstra tal facto:

¹⁶² Trata-se de um estudo pioneiro realizado no contexto moçambicano, através da aplicação do SES (instrumento de avaliação psicológica, para a avaliação da auto-estima dos indivíduos), analisando factos que concorrem para a sua maior vulnerabilidade face à infecção pelo vírus do HIV/Sida, e outras doenças de transmissão sexual.

¹⁶³ De referir que, o uso ou não do preservativo marca a fronteira entre, a relação sexual comercial e distante, da afectiva e íntima, respectivamente, de acordo com Muianga, (2009).

¹⁶⁴ É preciso considerar que, no contexto da prostituição, situações há em que, as relações sexuais ocorrem sem o uso do preservativo, ora, mesmo em tais casos, o acto sexual é sempre antecedido de um debate e negociação (mais ou menos prolongado,) à respeito da importância do seu uso no contexto, facto que torna o preservativo num elemento necessário do contexto da prostituição.

- "*Aqui não estamos para brincadeiras, ou paga e brinca, ou então, baza*¹⁶⁵! *Temos família para cuidar nós*". (Literalmente dito por Fernanda, em assentimento com Isa e Betinha. Entrevista concedida à 01.11.2019).

O depoimento deixa claro que, o contexto de prostituição, ente outras coisas, se reveste de um carácter racional, tanto instrumental, assim como, orientado por valor. As mulheres se prostituem para ganhar dinheiro. As relações sexuais que estas mantêm com os seus clientes, se baseiam fundamentalmente nisso. Todavia, as finalidades para as quais o dinheiro arrecadado é destinado, são relacionadas ao cumprimento de determinados papéis e expectativas internalizadas nas mulheres, com relação ao seu *status* e identidade de mãe, tutora, ou chefe de família. Apesar da prostituição ser considerada uma prática "nociva" no contexto moçambicano, o cenário apresentado no período anterior permite compreender que, ela também gera condições materiais que permitem aos indivíduos assegurarem os papéis e valores ideais e morais, constituídos pela própria sociedade que, outrora, tende à condená-las duramente. Isso denuncia o controverso lugar simbólico em que a actividade se inscreve em Moçambique.

Interessa também referir que, apesar do contexto da prostituição (na avenida do Zimbábwe,) ser caracterizado pela dimensão racional (instrumental, e com relação ao valor), a mesma também se reveste dum carácter "alegórico". É que, as palavras proferidas naquele contexto tendem a assumir configurações figuradas, e "suaves". O termo brincar, se por um lado pode significar uma actividade lúdica e até terapêutica, para as prostitutas da avenida do zimbábwe, o termo é fundamentalmente usado no local para referenciar a prática de relações sexuais. Com efeito, na avenida do zimbábwe, as prostitutas se constituem enquanto uma comunidade detentora de linguagens, códigos e recursos de interacção, considerados mais ou menos próprios. Alcançar as representações embutidas em suas expressões (figuradas, proverbiais, neologistas, ou reconstituídas) só pode ocorrer se, se levar em consideração o contexto social no qual as interacções são produzidas e articuladas.

¹⁶⁵ "*Bazar*", na gíria moçambicana significa ir. A sua aplicação é ambivalente, pois, depende do contexto. Nalguns casos é usado de forma pejorativa, noutros não.

O cenário acima apresentado demonstra, de acordo como Paulo Martins, e Júlia Benzaquen (2017), por meio de um artigo subordinado ao tema *uma proposta de matriz metodológica para os estudos descoloniais*, que,

“as perspectivas pós-coloniais se caracterizam pela tentativa de valorização de narrativas outras, que não a narrativa totalizadora eurocêntrica. Nesse sentido, é através da visibilização da pluralidade que os estudos pós-coloniais conformam propostas de teorias contra-hegemônicas”, pág.15. A matriz metodológica para os estudos descoloniais “funciona para pesquisas que estão atentas à heterogeneidade do mundo, mas que também conseguem, pelo menos para fins analíticos e práticos, realçar a dicotomia entre os que defendem o status quo e os que almejam por outros mundos possíveis”, pág. 26.

As prostitutas da avenida do Zimbábwe demonstraram deter de conhecimentos sobre a importância do uso do preservativo em suas relações sexuais. Tal como se pôde notar do depoimento apresentado por elas:

- "*Sexo só com camisinha mesmo. Nada de nos transmitirem doenças aqui (...)!"*
(Literalmente dito por Luana, em assentimento com Isabel, Lu, Kátia, e Fernanda. Entrevista concedida à 03.09.2019).

Para as prostitutas, o preservativo surge como sendo um mecanismo de controle, numa *sociedade de risco*¹⁶⁶ face à infecção pelo vírus do HIV/Sida, e outras doenças sexualmente transmissíveis. O preservativo é, então, usado como uma ferramenta de resistência. A demonstração disso traduz-se no facto da relação sexual estabelecida entre as prostitutas e seus clientes, no contexto da prostituição no bairro da Sommerschild, a princípio revestir-se dum conjunto de cuidados e prevenção "rigorosamente" adoptados pelas prostitutas, embora a mesma postura nem sempre se

¹⁶⁶ *Sociedade de Risco* é um conceito cunhado por Giddens e Beck, para se referirem à necessidade das sociedades modernas, à escala global, se unirem no sentido de fazerem face às pandemias e crises actuais (causadas pelos "descuidados" da ação humana). O conceito sugere que, os riscos (e até mesmo as "catástrofes") enfrentados pela sociedade actualmente (que vão desde, os de natureza ambiental, sanitária, económica, até ao terrorismo,) resultam da acção da própria humanidade, não se tornando, por isso, meros eventos acidentais. Propostas, dispositivos, e soluções planetárias devem ser equacionadas, para fazer face aos desafios dessa escala.

verifique no contexto da "sexualidade privada" destas mulheres, de acordo com Muianga, (2009). De referir que, o aconselhamento sobre o uso do preservativo, bem como o processo da sua distribuição no contexto da prostituição é, também feita por meio das organizações não governamentais, (o caso das associações das prostitutas, entre outras).

Contudo, é preciso considerar que, embora as prostitutas defendam que as suas relações sexuais com os clientes sexuais ocorram sempre em contexto de precaução pelo uso do preservativo, nada garante que a infecção não vá ocorrer de facto. Por isso, a exigência pelo seu uso vai além da questão da preservação da saúde em si, passando para a necessidade de criação de um protocolo de acção, na qual elas se sintem mais protegidas das vulnerabilidades em contexto da actividade prostitucional.

Por um lado, as associações das prostitutas encarregam-se de distribuir preservativos às prostitutas, mas, as unidades sanitárias do país, e as instituições ministeriais, também disponibilizam gratuitamente preservativos masculinos e femininos. A par desse processo de distribuição, as farmácias do país vendem diversas marcas de preservativo, e a variados preços. Ora, a forma como o mercado do preservativo é gerido no país, claramente permite levantar algumas questões de reflexão. A esse respeito, de acordo com o CNCS¹⁶⁷ (Conselho nacional de Combate ao Sida - em Moçambique), o preservativo masculino é massivamente distribuído e subsidiado pelo Estado, contrariamente ao feminino. O CNCS referiu que, a distribuição (gratuita) do preservativo masculino pelo país é três vezes superior, que o feminino. Tal situação é justificada pelos custos atinentes ao fabrico dos produtos: *"é mais barato fabricar o preservativo masculino, que o feminino, por isso, pautamos por encomendar maior*

¹⁶⁷ O CNCS foi criado no ano 2000 pelo Decreto 10/2000, de 23 de Maio, que criou igualmente o respectivo Secretariado Executivo como órgão executivo para a coordenação da resposta nacional ao HIV e SIDA em Moçambique. O CNCS actua em articulação com o Ministério da Saúde, e representa a liderança e apoio político para a estratégia nacional de combate ao HIV e SIDA, desempenhando um papel fundamental no processo de elaboração de políticas, supervisão, avaliação e direcção na administração e implementação de programas multi-sectoriais, (de acordo com a fonte: <http://cncs.co.mz/sobre-nos/>).

número de preservativos masculinos ao país", (de acordo com o Oficial de Monitoria e Avaliação, do CNCS, em entrevista concedida à 10.10.2019, em Maputo)¹⁶⁸.

O cenário apresentado acima decorre num contexto em que, algumas ONGs em Moçambique têm difundido slogans e realizado palestras que, entre outras coisas procuram encorajar as mulheres moçambicanas sobre, a necessidade do seu empoderamento e autonomia (sexual). Contudo, a primeira defasagem constatada nesse processo, relaciona-se com os próprios critérios de produção e distribuição (desigual) do preservativo pelo país, apesar da população moçambicana ser maioritariamente constituída por pessoas do sexo feminino. Este cenário aparenta, hipotética e simbolicamente, traduzir uma situação, na qual ao homem se confere maior poder de uso e protecção face às doenças sexualmente transmissíveis, do que à mulher. Mas, não cabe ao interesse desta Tese fazer o aprofundamento exaustivo desta situação, até porque, existem discussões sobre o quão eficaz seria (ou não) o uso da camisinha feminina, não propriamente por sua capacidade de prevenção, mas por seu uso!

De acordo com o depoimento apresentado por algumas prostitutas, o uso do preservativo no seu contexto laboral (na avenida do Zimbábwe), está sempre presente. E o preservativo usado no contexto das suas actividades laborais, é o masculino. Contudo, naquela avenida, alguns clientes que aderem às relações sexuais transaccionais, pautam por levar consigo seus próprios preservativos, e noutros casos, são as prostitutas quem os fornece.

Na avenida do Zimbábwe tem sido comum, o cliente pagar para manter relações sexuais com uma prostituta apenas (à cada acto sexual realizado), usando sempre o preservativo. Mas há casos em que, naquele contexto social, alguns clientes pautam por solicitar relações sexuais enquadradas à margem do que tem sido realizado, tal como reportam algumas interlocutoras (duas prostitutas da avenida do Zimbábwe):

¹⁶⁸ Embora a explicação concedida seja relevante para efeitos de análise, o que deve ficar claro acima de tudo é que, o discurso apresentado é construído a partir do ponto de vista oficial, o que pressupõe que, apesar do mesmo se revestir de alguma plausibilidade, também incorpora interesses, ideologias, e concepções mais ou menos particulares.

- "*Tem uns gajos* [termo pejorativo, para se referir a um indivíduo, e neste caso, ao cliente] *que aparecem, e dizem que querem brincar* [penetrar,] *com duas ao mesmo tempo, do tipo, sexo em grupo, [gargalhadas...]. Epa, fazer o quê, a gente aceita. Vamos e fazemos o trabalho. Recebemos o nosso dinheiro, e acabou. Mas fazemos tudo com camisinha* [usada pelo cliente, para manter (sem substituição) relações sexuais com duas ou mais prostitutas, numa mesma ocasião]!". (Literalmente dito por Joanhina, em assentimento com Marta. Entrevista concedida a 13.11.2019).

O depoimento acima apresentado, por um lado permite captar o sentido de persistência que caracteriza as prostitutas da avenida do Zimbábwe, no que concerne ao uso do preservativo em suas relações sexuais comerciais, (independentemente das circunstâncias envolvidas,) mas, por outro lado, o discurso dessas mulheres traduz um estado de situação sanitária problemática, baseada numa falsa sensação de protecção. O facto de, um cliente usar correctamente o preservativo para manter relações sexuais com duas prostitutas, envolvendo penetração sexual (e sem substituição do preservativo no acto), em grande medida possibilita que os fluidos sexuais de uma prostituta sejam directa e instantaneamente transferidos para a outra durante o acto, e vice-versa (através do preservativo masculino, usado pelo homem), constituindo assim, um factor de risco face à infecção pelo vírus do HIV/Sida (e outras doenças sexualmente transmissíveis,) pelas prostitutas. Tal constatação já teria sido observada por Emídio Gune (2008)¹⁶⁹, no seu estudo sobre *dinâmicas e significados no uso do preservativo*.

Gune aponta ainda que, no contexto moçambicano, o preservativo tem sido colocado no centro das estratégias de prevenção das gravidezes não planificadas e o HIV/Sida. Ainda no seu estudo sobre as *dinâmicas e significados do uso do preservativo*, o autor analisou os significados associados a tal uso, e constatou que, enquanto os pressupostos epidemiológicos consideram o uso do preservativo uma condição para a prática do sexo seguro, os pressupostos sociais tendem a considerar que as relações sexuais socialmente aceitáveis são de per si seguras, excluindo, deste modo, o seu uso. Tal cenário obriga a repensar, de acordo com o autor, a centralidade do preservativo como mecanismo de

¹⁶⁹ Gune é cidadão moçambicano, formado em Antropologia Cultural, e é Professor e Pesquisador da Universidade Eduardo Mondlane (na cidade de Maputo). Actualmente tem-se dedicado à condução de pesquisas relacionadas com a questão do género, saúde, e sexualidade no contexto moçambicano e região da África Austral.

redução consistente do risco de uma gravidez não planejada, ou de infecções de transmissão sexual. Entre outros aspectos, o autor refere no seu trabalho que, se o uso do preservativo durante toda a prática de sexo em grupo reduz o risco de uma gravidez não planejada, a situação não assegura uma redução consistente do risco de infecções sexualmente transmissíveis, aspecto este que, coloca um desafio à proposta de prevenção que apresenta o uso do preservativo como conducente ao sexo seguro.

Embora o estudo de Gune aqui em referência tenha centrado sua análise na explicação sobre as percepções e uso do preservativo na Cidade de Maputo, porém, escapou dos objectivos do autor, a contemplação duma análise comparativa que permitisse descrever os tipos de preservativos em uso no país (especialmente, na Cidade de Maputo), a configuração dos seus rótulos e demais características ali patentes, no sentido de explorar as dimensões estruturais e ideológicas associadas ao factor de sua produção, para além do mero uso por entre os seus usuários. É que, os preservativos não são todos homogêneos, existindo por isso, todo um conjunto de engenharia (material, ideológica e simbólica), bem como interesses a eles intrinsecamente articulados, susceptíveis de serem analisados pelo pesquisador.

Apesar de, (Vânia PEDRO, et al, 2016), terem referido que, em Maputo destaca-se uma masculinidade hegemônica assente numa ideologia e sistema linhageiro patrilinear, no qual, “os homens é que tomam as decisões sobre os mais diversos aspectos da vida da família, incluindo sexualidade e procriação”, pág. 1329, o contexto da prostituição de rua, - caso concreto do bairro da Sommerschild -, revelou uma realidade contrária, e de confrontação a essa “hegemonia masculina”, pois, ali são as mulheres que tomam, em primeira mão, a decisão de adoptar os métodos contraceptivos (o caso do preservativo masculino,) nas suas relações sexuais comerciais. Mas é claro que, tal como já foi apontado, ainda existe um longo questionamento relectivo a veracidade dessa posição, bem como da efectividade preventiva dos preservativos nas relações sexuais estabelecidas.

Sendo o preservativo considerado de, um elemento de uso essencial na avenida do zimbábwe, e no campo da prostituição de rua em geral, (embora nenhuma reflexão sociológica sobre a prostituição em Moçambique, se tenha debruçado mais a fundo sobre este equipamento de prevenção, não fosse o caso do mesmo constituir uma das

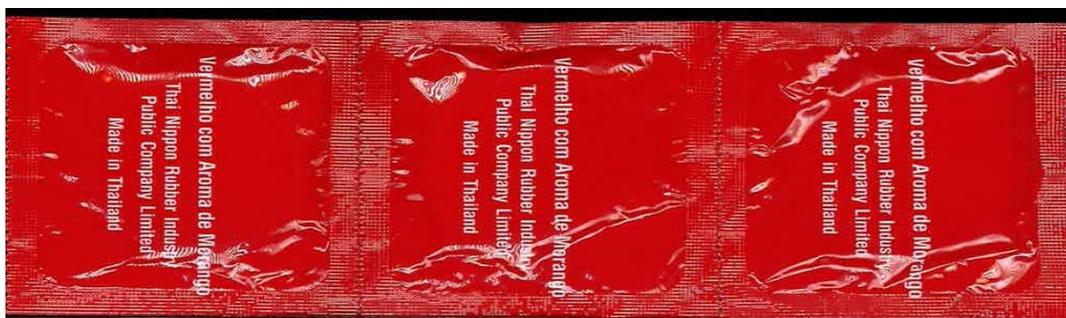
variáveis fundamentais de interação no campo da prostituição de rua no país), foi em torno desse ponto que as páginas que se seguem se debruçam. Um breve exercício de identificação e comparação dos rótulos dos preservativos (em uso em Moçambique, e mais concretamente na Cidade de Maputo) foi empreendido, no sentido de se analisar um pouco mais sobre a questão. Depois é apresentada uma análise e interpretação em torno do seu uso, tendo como referência as dinâmicas sociais captadas na avenida do zimbábwe - bairro da Sommerschild. E sobre os usos e funcionalidades dos preservativos sexuais, abaixo são apresentados alguns elementos de referência.

Figura 1: Rótulo do preservativo (masculino). MARCA: "inexistente".



Fonte: Ministério da Saúde de Moçambique, (produto obtido durante o segundo semestre de 2019).

Figura 2: Rótulo do preservativo (masculino). MARCA: "inexistente".



Fonte: Conselho Nacional de Combate ao Sida - Moçambique, (obtido durante o segundo semestre de 2019).

Figura 3: Pacote do preservativo (feminino). No canto direito da embalagem pode-se observar o símbolo de Vênus, que se traduz num círculo vermelho com uma cruz abaixo. Na mitologia grega, tal insígnia (e não propriamente a sua cor,) tem servido de símbolo astrológico associado à deusa Vênus. Nos dias actuais, o símbolo tem sido usado por alguns Movimentos sociais como representação da mulher.

MARCA: "inexistente".



Figura 3.1: instruções de uso (patente no verso da parte exterior do pacote).



Fonte das figuras 3, e 3.1:Ministério da Saúde de Moçambique, (obtido durante o segundo semestre do ano de 2019).

Figura 4: Pacote do preservativo (masculino).MARCA: Jeito 24.



Figura 4.1: instruções de uso (patente na parte interior do pacote).



Figura 4.2: imagem (do produto - preservativo) e quantidade disponível num pacote.



Fonte das figuras 4; 4.1, e 4.2: Conselho Nacional de Combate ao Sida - Moçambique, (obtido durante o segundo semestre de 2019).

Figura 5: Pacote do preservativo (masculino).MARCA: Prudence.

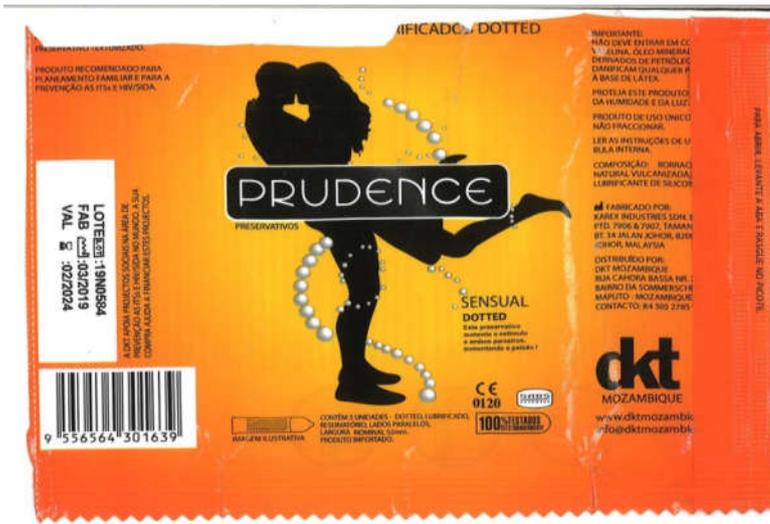


Figura 5.1: instruções de uso (patente na parte interior do pacote).

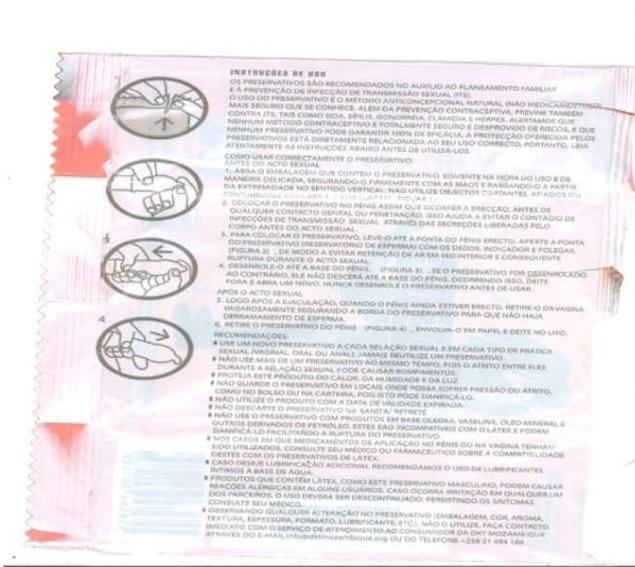


Figura 5.2: imagem e quantidade do produto disponível num pacote.



Fonte das figuras 5, 5.1 e 5.2: Conselho Nacional de Combate ao Sida, (Segundo semestre do ano de 2019)

Figura 6: Pacote do preservativo (masculino), e instruções de uso (patentes na parte exterior do preservativo). MARCA: Lirandzo.



Figura 6.1: imagem do preservativo. De referir que, o pacote também contém 3 preservativos.



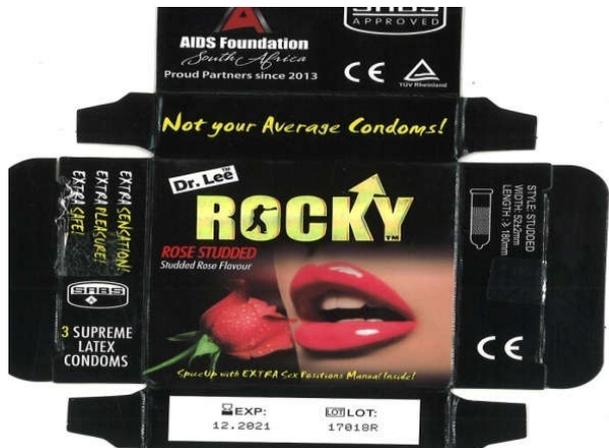
Fonte das figuras 6, e 6.1: Aquisição do autor da Tese, na cidade de Maputo, (durante o segundo semestre de 2019).

Figura 7: Pacote do preservativo (masculino), e instruções de uso (patentes na parte exterior do pacote). MARCA: Boa Noite.



Fonte: Aquisição do autor da Tese, nas farmácias privadas da cidade de Maputo, (Segundo semestre de 2019).

Figura 8: Pacote do preservativo (masculino).MARCA: Rocky.



Fonte: Aquisição do autor da Tese, em farmácias privadas do país, (durante o segundo semestre de 2019).

Figura 9: Pacote do preservativo (masculino). MARCA: Kama Sutra.



Figura 9.1: Instruções de uso (patente na parte interior do pacote):



Colocar a camisinha só quando o pênis estiver ereto e antes de iniciar contato com o corpo da sua parceira, isto ajuda na prevenção de doenças sexualmente transmitidas e a gravidez.

Colocar a camisinha na ponta do pênis ereto com a parte enrolada virada para fora. Com uma mão espremer a teta da camisinha para expulsar o ar da camisinha, isto dará espaço para o esperma.

Usando a outra mão, desenrolar a camisinha para baixo até a base do pênis.

Remover o pênis depois da ejaculação segurando a camisinha na base do pênis. Esperar até remover o pênis da sua parceira completamente antes de tirar a camisinha. Evite o contato do pênis ou da camisinha com a vagina para prevenir a entrada do esperma.

LEMBRE-SE

Depois do uso, embrulhe a camisinha em papel higiênico e joga-a no lixo de maneira higiênica. Não tirar na banheira.

Só usar lubrificantes recomendados para uso com camisinhas. Não usar lubrificantes à base de óleo tais como óleos para massagem, hidratantes para o corpo, óleo de bebê, manteiga, margarina, geléia do petróleo etc. dado que qualquer coisa que contenha óleo pode danificar as camisinhas de látex.

Alguns medicamentos aplicados ao pênis e a vagina podem afetar a camisinha, por isso recomenda-se que consulte o seu médico ou o seu farmacêutico.

Nunca usar uma camisinha mais de uma vez.

Guardar num local fresco e seco longe do calor e da luz direta do sol.

Não se deve guardar camisinhas individuais não opacas à luz fora do pacote opaco.

O uso duma camisinha não pode garantir a 100% proteção contra a gravidez ou doenças sexualmente transmitidas.

Este produto contém o látex de borracha natural que pode causar reações alérgicas.

Se você é alérgico aos produtos de látex, por favor consulte o seu médico antes do uso.

As camisinhas são para as relações sexuais vaginais; outros usos podem aumentar o risco de ruptura.

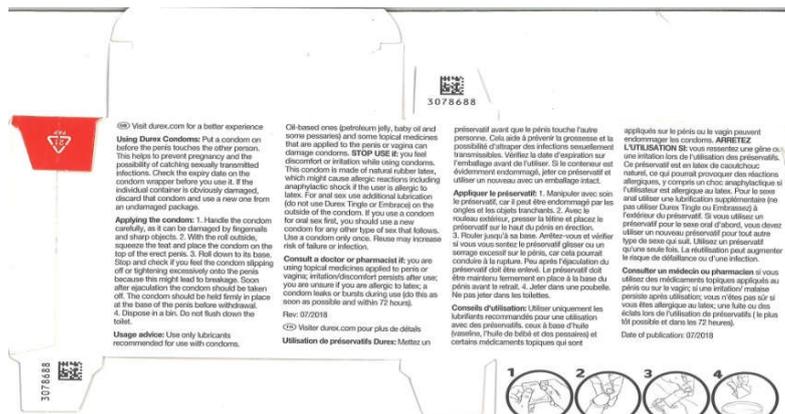
Se tiver relações sexuais não protegidas ou se estiver preocupado com o possível fracasso do seu método de contraceção, contacte o seu médico ou a clínica de planificação familiar o mais cedo possível.

Fonte das figuras 9 e 9.1: Aquisição do autor da Tese, (no segundo semestre de 2019).

Figura 10: Pacote do preservativo (masculino). MARCA: Durex.

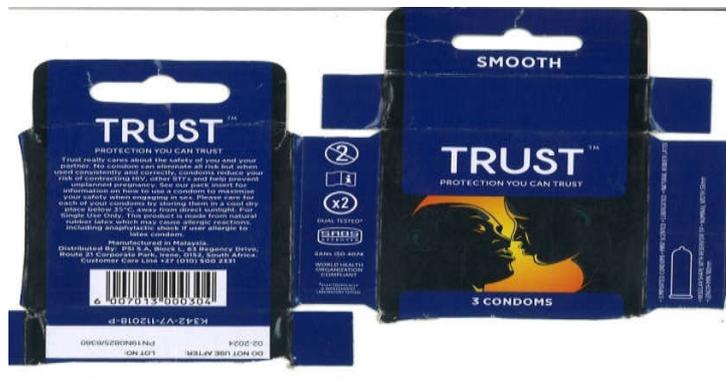


Figura 10.1: Instruções de uso, (na parte interior do pacote).



Fonte das figuras 10 e 10.1: Aquisição do autor da Tese, em farmácias nacionais, (durante o segundo semestre de 2019).

Figura 11: Pacote do preservativo (masculino). MARCA: Trust.



Fonte: Aquisição do autor da Tese, em farmácias privadas do país (2019).

NB¹⁷⁰: Foram aqui apresentadas 12 marcas de preservativos. Algumas instruções de uso estão patentes na parte exterior das embalagens, e outras, em seu interior. A forma

¹⁷⁰ As imagens dos pacotes e preservativos aqui apresentados, podem ser ampliadas, em vista ao alcance de melhor visualização. É de referir que, os pacotes dos preservativos ilustrados a partir das figuras 07 à 11, também contém 3 preservativos, cada um. Ora, no sentido de se evitar a saturação de ilustrações, bem

que se encontrou para ilustrar integralmente os pacotes dos preservativos foi: cortá-los ao meio (a partir de uma das suas laterais, e em posição vertical) abrindo-os no sentido de permitir que o scanner da imagem fosse realizado com maior êxito possível.

Por ora, importa referir que existem três categorias (de acesso) de preservativos, em circulação em Moçambique. A primeira é referente às que são distribuídas gratuitamente pelo Estado, podendo sere achadas, tanto nas unidades sanitárias do país, assim como em várias instituições ministeriais, gabinetes distritais, entre outras ourganições. As prostitutas da avenida do Zimbábwe beneficiam-se de seu acesso, seja por via das associações que tem efectuado a distribuição gratuita no local, ou então, por iniciativa individual daquelas, que pautam por dirigir-se às unidades sanitárias a fim de acedê-los. Ainda de acordo com as próprias prostitutas, os clientes que as procuram no local, nalguns casos tendem a transportar consigo próprios os preservativos (de variadas marcas), e noutros casos, contam com o fornecimento das prostitutas.

Mas também existem outras marcas que são subsidiadas pelo Estado moçambicano, ou seja, embora o custo do seu fabrico esteja sob a responsabilidade do sector privado, o Estado comparticipa financeiramente da operação, facto que acaba se reflectindo nos preços reactivamente baixos do acesso, praticados no mercado moçambicano. O preço pode ser estimado entre os 15,00 e 30,00 Meticais, equivalentes a 1,25, e 2,50 Reais brasileiros.

Por fim, existem marcas de preservativos que praticamente são geridas apenas pelo sector privado. O seu custo se estabelece entre os 35,00 e 150,00 Meticais (aproximadamente igual a 2,90 e 13,20 Reais brasileiros).

As marcas de preservativos cuja gestão é total ou parcialmente reservada ao sector privado são descritas por possuírem um pacote, rótulo, são lubrificadas e a maior parte deles aromatizado. O marketing publicitário do rótulo ocupa um lugar relevante dessas marcas. Ora, os preservativos financiados e distribuídos gratuitamente pelo Estado moçambicano também são lubrificadas, sendo alguns tipos aromatizados, e outros não. Dos preservativos distribuídos gratuitamente, só o feminino contém um rótulo e pacote.

como, havendo a necessidade de se racionalizar o espaço neste corpo do trabalho, aopção encontrada foi a de não apresentartal informação, (já que, de alguma forma, só seria exaustivamente repetitiva).

De referir que, o tipo de preservativo mais importado e distribuído em todo o território moçambicano é o masculino, em detrimento do feminino. Por um lado, tal situação deve-se aos custos diferenciados de aquisição dos produtos, e por outro lado, devido à flexibilidade e praticidade do uso do preservativo masculino, tal como reportou o *Oficial do Conselho nacional de Combate ao Sida*, no país. Ora, (a par dessa situação,) durante a pesquisa constatou-se também que, o pacote do preservativo feminino apenas contém 01 preservativo, enquanto que, o masculino, 3. Adicionalmente, enquanto que, por um lado, o mercado e as instituições sanitárias em Moçambique disponibilizam várias opções de tamanho ou dimensão de preservativos (isto é, pequeno, médio e largo) aos homens, por outro, às mulheres apenas é conferido um tamanho: o "universal".

Partindo dessa breve leitura sobre a gestão institucional do preservativo no contexto moçambicano (e, caso específico da Cidade de Maputo), pode-se aferir que, o campo da sexualidade no país (de uma, ou de outra forma,) tem estado a ser concebido a partir de uma lógica e centralidade masculinas.

A pesquisa empírica realizada em Moçambique permitiu constatar que, o preservativo masculino (por sinal, o mais usado em contexto da prostituição na avenida do Zimbábwe), só tende a garantir uma protecção recíproca aos parceiros sexuais (no caso, o cliente e a prostituta), quando as relações sexuais envolvem duas pessoas. Ora, quando tais relações envolvem mais do que uma mulher, e os envolvidos resolvem partilhar seus "parceiros" durante o acto sexual, a protecção é maioritariamente garantida ao homem, do que à mulher (por muito que se tenha feito uso do preservativo), por causa dos contactos de fluidos que são instantaneamente partilhados durante a relação, o que representaria um risco de infecção para as mulheres. Portanto, constata-se aqui que, existe um limite definido de práticas sexuais, as quais, o preservativo masculino tenciona e pode proteger (minimamente).

É interessante constatar que, as instruções de uso e os rótulos dos pacotes dos preservativos¹⁷¹, em si só, transmitem a expectativa definida em relação ao número de pessoas que uma relação sexual deve envolver, a sua faixa etária, a natureza do seu género sexual, e (através da regulação dos desejos do corpo,) também dita o número

¹⁷¹ Com a excepção do preservativo feminino, os rótulos contidos nos pacotes e nos próprios preservativos masculinos, contêm imagens de pessoas adultas (mais concretamente: de um par de jovens,) que insinuam a manutenção de relações sexuais heterossexuais.

limite de vezes que se espera que os indivíduos mantenham relações sexuais (no caso, o máximo de 03 vezes), num contexto em que, já há mais de 04 décadas que o mundo ocidental (e não só) aparenta viver a idéia de "liberdade sexual". Nessa ordem de idéias, o quadro de situação exposto, fundamentalmente, também remete a uma reflexão sobre o papel do preservativo masculino, enquanto uma *tecnologia de disciplina*¹⁷².

Ora, se Gune (2008), procura questionar sobre a eficácia e falta de consistência no uso do preservativo nalgumas relações sexuais do contexto moçambicano, a análise comparativa acima apresentada (sobre a questão do preservativo) permitiu demonstrar que, tais "inconsistências" ao uso, referidas pelo autor, também se devem ao facto do método contraceptivo (no caso, o preservativo masculino,) ter sido ideológica e estruturalmente concebido para controlar (fossem os índices de infecções sexuais, ou gravidezes indesejadas, sem, contudo, deixar de padronizar as formas com que as relações sexuais devam ocorrer). Ou seja, os riscos de infecção pelo vírus do HIV/Sida, associados a uma prática sexual mantida com segurança (isto é, com recurso ao uso do preservativo) apontados por Gune, não decorreriam apenas duma eventual limitação encarnada no preservativo em si só, mas sim, devido a existência duma racionalidade mais ampla e tacitamente estabelecida, no que se refere à maneira como as relações sexuais devem ocorrer em nossas sociedades.

A respeito desse ponto citado, algumas prostitutas demonstraram atribuir funções muito específicas ao preservativo masculino, tal como reportaram (na avenida do Zimbábwe):
- *"Depois de brincar, desenrolamos a camisinha e ficamos com ela antes de deitar, para que, caso o cliente tente roubar ou extorquir-nos, a gente leve o preservativo para apresentar à polícia. Mas isso nunca aconteceu conosco (...)*. [De acordo com as interlocutoras, a apresentação à Polícia, do preservativo usado pelo cliente com a prostituta, contendo o sêmen deste, serviria de elemento de prova, acusação e base para a identificação do acusado]". (Literalmente dito por Francisca, em assentimento com Maria. Entrevista concedida a 20.11.2019).

¹⁷² De acordo com Foucault (2008), a tecnologia de disciplina consiste num elemento (ou um conjunto deles), cuja finalidade é manter a felicidade, as práticas sexuais, vida familiar, entre outras formas de manifestação da vida, sob o estrito de um controle, disciplina e limitações.

O depoimento prestado pelas prostitutas demonstra que, embora cenários de burla ou extorsão sexual¹⁷³ sejam praticamente inexistentes na avenida do Zimbábwe, mesmo assim, são adoptadas técnicas de prudência no sentido de se fazer face à eventuais constrangimentos no contexto da prostituição. Tais experiências e técnicas foram-lhes transmitidas pelas educadoras de pares, tendo-se naturalizado (isto é: replicado pelas prostitutas, inquestionavelmente). As prostitutas posicionam-se através das suas declarações, como se, de facto existisse uma base de dados genéticos em Moçambique.

Elas não aprofundam questões relacionadas com as condições científicas que seriam necessárias para a conservação do sêmen humano, (na necessidade de se realizarem análises clínicas para a confirmação do seu "proprietário"/culpado).

As prostitutas não questionam sobre, a existência ou não de bases de dados genéticos, ou mesmo a capacidade administrativa e coordenadora da Polícia de defesa civil da Cidade de Maputo, para que, em período de tempo hábil o material genético seja remetido às instituições hospitalar e ali eventualmente recebido para efeitos de comprovação de identidade e aplicação de responsabilidades cabíveis, (sendo o caso).

Ora, se por um lado, o conhecimento transmitido pelas educadoras de pares às prostitutas permite com que, seja gerada uma sensação de segurança adstrita às suas actividades laborais prostitucionais na avenida do zimbábwe, por outro, constata-se que, o preservativo masculino passa a ser ressignificado pelas prostitutas de rua, deixando de desempenhar apenas a sua função preventiva ou defensiva (tal como consta dos rótulos dos pacotes dos preservativos, bem como das diversas estratégias de combate ao HIV/Sida no país), mas passando a assumir também uma função reactiva, isto é, um instrumento que serve para reivindicar direitos, em caso de ocorrência de adversidades, na avenida do zimbábwe. Portanto, a mesma *tecnologia de poder* (preservativo), que no fundo serve para controlar e regular a sexualidade, também passa a ser concebido pela função de resistência e reivindicação de que é capaz de gerar.

Ora, ainda sobre o preservativo precisa ser apontado que, apesar do processo de sua distribuição (tanto o masculino, como o feminino,) ao mercado e às instituições

¹⁷³ Cliente que pratica relações sexuais com uma prostituta, sem a intenção de pagar pelos serviços prestados.

moçambicanas ser desigual¹⁷⁴, a pesquisa empírica na avenida do zimbábwe constatou que, se por um lado, algumas instituições ministeriais e o CNCS atribuem ao preservativo uma função predominantemente específica, associando-o à idéia de prevenção, as prostitutas, por sua vez conferem-no uma funcionalidade adicional que se traduz numa dimensão *reivindicativa* do preservativo, visto que, (pelo menos no plano das crenças partilhadas entre as prostitutas da avenida do zimbábwe), afinal, o preservativo também pode ser usado como um mecanismo de resistência, isto é, um elemento de reivindicação destas mulheres junto a Policia civil, na expectativa de verem ali restabelecidos os direitos que lhes terão sido usurpados, por eventuais clientes.

Exposta as condições sociais que caracterizam as interações entre as prostitutas (e seus clientes) na avenida do zimbábwe, em contexto de prostituição de rua, claramente compreende-se que, o preservativo masculino, enquanto um objecto de uso assume uma funcionalidade múltipla (nomeadamente: a preventiva, reguladora, e reivindicativa). É preciso levar em conta a presença destas dimensões, tanto seja, na estruturação de políticas de intervenção pública, assim como, na gestão dos conflitos resultantes do campo da prostituição de rua.

PERCEPÇÕES DOS MORADORES DO BAIRRO DA SOMMERSCHIED, SOBRE A PRÁTICA DA PROSTITUIÇÃO DECORRENTE DE SEU BAIRRO.

O perfil dos moradores do bairro da Sommerschield:

Categoria	Idade	Residência.	Período de residência/habitação no bairro.	Ocupação profissional	Gênero, Raça e nacionalidade.
Moradores da Sommerschield. Total: 7.	Compreendi das entre 27 – 55 anos.	Todos: <i>Bairro da Sommerschield.</i>	Estabelecido entre os 09 - 27 anos.	06 “Profissionais Liberais” (moradore/as). 01 Funcionário público (<i>Secretário do bairro</i>).	Todos negros, e negras, moçambicanos, e moçambicanas. Duas moradoras são mulheres. E os outros cinco moradores (incluindo o Secretário do bairro) são homens.

¹⁷⁴ Recordar que, a capacidade de distribuição nacional do preservativo masculino (em Moçambique) é 3 vezes superior que o feminino, de acordo com o Conselho Nacional de Combate ao Sida, do país.

Os moradores e moradoras do bairro da Sommerschield entrevistados, residem no local há nove anos (no mínimo), facto que, em tese, os torna potencialmente detentores de conhecimento sobre os eventos e transformações (físicas e de outra natureza,) ocorridas em seu bairro residencial, nos últimos nove anos. De referir que, tais moradores e moradoras detêm a nacionalidade moçambicana, possuem a maioria etária, sendo todos negros e negras.

As variáveis (idade, raça, profissão e nacionalidade) apresentadas, abrem espaços para que se reflecta mais a fundo sobre a questão das desigualdades e estratificação social no país. Na pesquisa identificou-se que, as prostitutas da avenida do zimbábwe são mulheres relegadas à situação de exclusão social, a contar pelo nível de escolaridade que ostentam (já que, não possuem sequer o nível Básico completo¹⁷⁵), a profissão oficialmente exercida (a de empregadas domésticas e, nalguns casos, comerciantes sazonais), e seu local de residência (todas moram em bairros suburbanos da cidade de Maputo). Esta situação difere-se da condição social identificada nos moradores e moradoras do bairro da Sommerschield, entrevistados na pesquisa.

Ora, apesar da diferença constatada, duas variáveis semelhantes atravessam estas duas categorias de actores sociais, a saber, a idade (pois, são todos e todas indivíduos maiores de idade), e a questão racial (são todas e todos negros e negras). Assim sendo, interessa aqui explorar um pouco mais a respeito da questão racial. É que, num contexto em que, pelo menos, acima de 90% da população moçambicana é constituída por pessoas negras, nesta pesquisa a presença destas (negras e negros) encontra-se marcada de forma proporcional, tanto na categoria social referente aos actores excluídos (o caso das prostitutas, indivíduos da classe social baixa), assim como, na dos socialmente incluídos (moradores de Sommerschield, indivíduos da classe social alta). Este quadro de situação sugere que a reflexão em torno das desigualdades sociais, em alguns contextos (o caso de Moçambique,) deve ir além da questão racial, por si só, e procurar incluir (também)

¹⁷⁵ No Sistema de Ensino Moçambicano, o nível Básico completo corresponde ao décimo ano de escolaridade. Seguido do Médio completo, que corresponde ao décimo segundo ano. Só depois de completo o nível Médio de escolaridade é que se pode aceder ao ensino superior.

dimensões tais como, a filiação partidária dos indivíduos, entre outros aspectos, tal como diria Nuno Castelo-Branco (2010)¹⁷⁶.

Importa aqui esclarecer que, não se pretende aqui defender que a discriminação racial (em suas mais diversas configurações,) esteja ausente do contexto moçambicano. O que se está a pontuar é que, embora suas manifestações possam ser identificadas no quotidiano moçambicano, sua configuração não assume uma dimensão estrutural no país: não são suficientemente salientes a ponto de criar ou justificar significativas tensões e cisões sociais, tal como ocorre nalguns países. Ou seja, a questão racial não se coloca como a determinante para o acesso ao poder político entre os moçambicanos (enquanto que tal), nem mesmo para o processo de sua mobilidade social, e acesso aos mais diversos segmentos da sociedade. Mas isto não significa, uma vez mais, que problemas envolvendo a questão racial sejam inexistentes em Moçambique.

¹⁷⁶ Nuno Castelo-Branco é cidadão moçambicano, economista e Professor Associado em Desenvolvimento Económico e Industrialização, na Universidade Eduardo Mondlane, Investigador Associado nas Universidades de Londres, e Manchester. Tem-se dedicado à pesquisas relacionadas com a economia política do crescimento e transformação económicos, sistemas sociais de acumulação de capital em Moçambique e África Subsahariana. Actualmente, é Director do IESE (Instituto de Estudos Sociais e Económicos) em Moçambique, uma instituição não governamental, vocacionada na pesquisa sobre questões sociais, económicas e políticas no país.

Em sua obra sobre *Economia Extractiva e Desafios de Industrialização em Moçambique*, o autor questiona sobre um conjunto de práticas desenvolvimentistas levadas a cabo pelos governantes moçambicanos no país. Para o autor, o modelo de desenvolvimento adoptado pelo país revela-se problemático, na medida em que, não garante a inclusão social dos moçambicanos, apenas conferindo privilégios a um pequeno grupo de pessoas. Em sua obra, o autor aborda também sobre a implementação dum projecto de desenvolvimento comunitário, financiado anualmente pelo governo central de Moçambique, aos distritos de todo o país, visando impulsionar a situação económica desses locais (e do meio rural fundamentalmente): OIIL. Com efeito, Castelo-Branco questiona o modo como o financiamento concedido aos governos distritais foi distribuído à população. É que, entre outras coisas, a condição de acesso a tal financiamento passou (implicitamente,) a ser definido em função da filiação político-partidária dos candidatos, e não da vulnerabilidade económica, ou relevância técnica do projecto de desenvolvimento submetido pelo candidato, (tal como teria sido o espírito central da concepção do projecto). Indivíduos que fossem membros de um partido político da oposição saíram em considerável desvantagem do processo. Esta situação sugere que, a questão do acesso à renda, financiamentos, oportunidades de mobilidade social, e a questão das desigualdades sociais no país encontram-se mais associadas à factores de ordem política (e outros), do que propriamente os raciais.

Toda a maneira, (António GUIMARÃES, 2003, pág. 97), em seu artigo intitulado *Como trabalhar com "raça" em Sociologia* aponta a título ilustrativo que, “todos os grupos étnicos viram raça nos Estados Unidos, porque raça é um conceito nativo classificatório central para a sociedade americana”. Com efeito, embora no quotidiano moçambicano o preconceito racial (no sentido de pigmentação da pele,) não seja realçado com a mesma magnitude observada nos EUA ou Brasil, as diferenças e hierarquias étnicas, e fundamentalmente as políticas, parecem substituir tal lugar, constituindo algo parecido com um “racismo político-partidário”, dimensão importante das relações quotidianas.

A maior parte dos moradores do bairro da Sommerschild que fez parte desta pesquisa, actualmente desempenha uma profissão Liberal, embora, alguns deles já teriam sido funcionários do aparelho do Estado. Os mesmos demonstraram encontrar-se a par de conhecimentos sobre a prática da prostituição decorrente da avenida do zimbábwe. Os entrevistados e entrevistadas da pesquisa têm acompanhado, ao longo das últimas décadas, algumas transformações que tem caracterizado o bairro, no que se refere à sua estrutura física, isto é, a construção de alguns edifícios para residência pessoal, ou fixação de sedes consulares e embaixadas, sediadas no mesmo bairro, bem como, a pavimentação de algumas ruas ali existentes, entre demais aspectos.

Mas para além de, ao longo desse período tais moradores e moradoras terem testemunhado transformações referentes à estrutura física do bairro, também se referiram à ocorrência da actividade da prostituição decorrente da avenida do zimbábwe, que passou a ser verificada no bairro. Dois interlocutores (moradores do bairro,) apontaram o seguinte, durante as entrevistas:

- *"o cenário aconteceu quase que de repente, nos últimos 8 ou 9 anos, talvez, que as temos visto ali (...)"*. (Literalmente dito por Paulo, em assentimento com Francisco. Entrevista concedida a 16.10.2019).

O depoimento apresentado pelos moradores do bairro descreve sobre a longevidade da prática no local, e seu conhecimento sobre a ocorrência desta no bairro. Ora, o pronunciamento apresentado (por estes testemunhas oculares dos processos de transformação observados no bairro,) não assume apenas uma função descritiva do fenómeno da prostituição, mas sim, política, na medida em que contraria de alguma

forma, o posicionamento apresentado pelo Secretário do bairro que, na ocasião da entrevista estabelecida para a pesquisa referia que, a prática da prostituição datava há cerca de, pelo menos, cinco anos.

A necessidade de diversificar as fontes de consulta na pesquisa é que permitiu captar a presença dessas divergências de narrativas (estabelecidas entre, por um lado, os moradores do bairro, e por outro, seu Secretário, no que se refere à longevidade da actividade da prostituição no bairro). Tal “contradição” não pode ser compreendida à margem da posição social, na qual, os discursos dos actores são emitidos (tendo em conta o grau de responsabilidades, expectativas e sanções sociais que a cada uma delas recai), tal como foi referido nas páginas anteriores.

Durante a realização da pesquisa procurou-se saber dos moradores e moradoras do bairro, acerca da sua opinião com relação à prática da prostituição decorrente da avenida do zimbábwe. Uma interlocutora (moradora do bairro,) referiu que:

- *"(...) Nalgumas vezes em que saio para me exercitar, mas desvio-me da rota da avenida e prefiro usar outra, para não pegar mal pra mim (...). Elas hão-de ter suas próprias razões para andarem por aí na rua, coitadas. Nem sei se cabe a mim julgar aquilo!".* (Cíntia. Entrevista concedida à 27.10.2019).

Outro interlocutor (morador do bairro), quando questionado sobre o mesmo assunto referiu:

- *"Olha, até que é meio estranho o facto de elas andarem por ali, mas elas são mulheres adultas, qualquer um pode notar isso, poderiam trabalhar. É chato, mas pronto, elas sabem por que razões preferem fazer o que fazem (...)"*. (Calton. Entrevista concedida à 13.11.2019).

Os depoimentos dos moradores (acima apresentados,) deixam claro que, a prostituição é por eles encarada com certo grau de reprovação (moral): a primeira intervenção aponta para a noção de vítima, e a segunda, de agência. Por um lado, as manifestações dessa proposição podem ser captadas através do receio que os moradores demonstram em se

aproximarem das prostitutas, pois, temem pelo *Contágio do estigma*¹⁷⁷, e por outro, no facto de, considerarem a prostituição como sendo uma actividade laboral "menos digna", isto é, um "não trabalho".

Ambos posicionamentos (dos moradores do bairro,) atribuem às próprias prostitutas a responsabilidade pela escolha da prática, minimizando assim as considerações de ordem estrutural (por exemplo, os factores de carácter económico, tais como, a pobreza, entre outros aspectos,) que possam estar inseridos na tomada de decisão daquelas mulheres (as prostitutas). Todavia, se por um lado, as percepções dos moradores (indirectamente) questionam a decisão das prostitutas pela adesão à prática, por outro, deixam transparecer o facto de que, ser-se prostituta e exercer a actividade da prostituição representa uma questão de importância privada, e não propriamente pública (apesar dos efeitos de carácter jurídico e moral por ela gerados: o atentado ao pudor, por exemplo).

A esse propósito, Bittner (2017), advoga que, nas cidades existem pessoas consideradas de “visibilidade reduzida”: os moradores de rua, vagabundos, entre outros que ocupam os espaços considerados de “deteriorados”. A presença destes actores provoca indignação, incômodo e desprezo, e aqui interessa também pontuar: a indiferença social.

Ora, ao se entender que, a prostituição enquanto um fenómeno de cujos contornos jurídicos assumem um carácter público, mas que ao mesmo tempo, o fenómeno também possa ser considerado de carácter "privado", então, as percepções dos moradores do bairro da Sommerschield em relação à prostituição decorrente da avenida do zimbábwe permitem questionar o posicionamento de Muianga (2009), segundo o qual, no campo da prostituição existem duas esferas distintas de sexualidade, nomeadamente: uma que o autor considera de "privada" (na qual, se destacam as relações sexuais estabelecidas entre as prostitutas e seus parceiros sexuais regulares, envolvendo uma relação de

¹⁷⁷ Para Goffman (1963), o contágio de estigma se refere ao facto do actor social se ver sujeito à exclusão social (e ao estigma), em decorrência duma associação à alguém (à quem um determinado estigma é relegado), que lhe é estabelecido. A máxima popular, segundo a qual, "diga-me com quem andas, que te direi quem és", traduziria de forma mais ou menos fiel a situação. Já que, nem sempre o companheiro duma pessoa (à quem se atribui um determinado estigma), há-de ser portador do mesmo comportamento ou conduta estigmatizada. Só que, mesmo assim, acaba também estigmatizado. Por isso, o estigma deve ser pensado como uma construção social, do que, como uma característica congênita, em si só.

proximidade afectiva e emocional entre os sujeitos), e outra, a que o autor considera de "pública" (na qual, as prostitutas mantêm relações sexuais com parceiros sexuais não regulares, à título transaccional, e sem envolvimento afectivo).

O depoimento que se segue reforça a proposição acima apresentada, segundo a qual, apesar das suas implicações jurídicas e "públicas", a prostituição é encarada por entre os moradores do bairro da Sommerschield, em como se tratando dum fenómeno de carácter (dominantemente) privado. De acordo com um (morador do bairro,) interlocutor da pesquisa:

- "*(...) Aquilo que se vê ali, não é uma situação abonatória. Já cheguei a pensar em contactar as autoridades a respeito do assunto, mas pronto, me liguei que a polícia tem preocupações muito mais sérias e muito mais urgentes por resolver, do que uma questão de sexo né, [risos]*". (Crisanto. Entrevista concedida à 09.12.2019).

Deste modo, a compreensão sobre o fenómeno da prostituição decorrente da avenida do zimbábwe passa, acima de tudo, por se captarem os valores e percepções associados ao fenómeno, no contexto ao qual esta ocorre. Ainda durante a realização da pesquisa de campo, outros actores sociais foram entrevistados, e (após os vários contactos de conversa e aproximação estabelecidos,) quando questionada sobre a mesma questão, a resposta obtida foi a seguinte:

- "*(...) bem, aquela chega a ser uma situação preocupante! Há mais ou menos dois ou três anos vi um carro idêntico ao do meu marido estacionado bem próximo delas. A situação irritou-me. Fiquei mesmo fula. Desci e fui lá conferir se era mesmo ele, ou não. Graças a Deus não era o tipo, quase ia passando vergonha até, [risos]! Culpei-me um pouco por ter pensado aquilo dele, no fundo sempre soube que ele não desceria tanto o salto. Pelo menos, não até aquele nível. As mulheres que param aí devem ter seus motivos!"* (Fátima. Entrevista concedida à 18.11.2019).

Os pronunciamentos acima apresentados permitem compreender que, a convivência entre as mulheres (ricas) residentes da Sommerschield, com as prostitutas (pobres), mostra possuir uma tensão sexual que é resolvida considerando-se a distância social entre as duas categorias mencionadas. Outros entendimentos sobre isso são melhor

sistematizados a seguir, incluindo a inteligibilidade em torno da expressão “*elas devem ter seus motivos*”.

SOBRE OS GUARDAS RESIDENCIAIS DO BAIRRO DA SOMMERSCHIELD

No intuito de se captarem mais informações sobre as percepções dos moradores do bairro em relação à prática da prostituição, a pesquisa de campo também contemplou os discursos dos guardas¹⁷⁸ residenciais dos moradores da Sommerschield. Tais guardas entrevistados são cidadãos de nacionalidade moçambicana, maiores de idade, com a cor da pele negra, e todos pertencentes ao sexo masculino¹⁷⁹. Sem precisar de datas, tais sujeitos referiram que, a prostituição no bairro da Sommerschield não constituía um fenómeno recente, e preocupações por parte dos seus moradores (no caso, patrões e patroas dos guardas,) sempre estiveram patentes:

- "(...) os meus patrões já me perguntaram: quem são estas mulheres. Eu respondi que são mulheres da rua. São prostitutas. Daí disseram: mas você consegue fazer bem o seu trabalho aqui em casa, sem problemas, ou elas incomodam? Eu respondi que não tinha nenhum problema com elas e que meu trabalho corria normalmente. Insistiram se, realmente elas não causavam problemas de barulho, ou outras coisas durante a noite.

¹⁷⁸ Os guardas residenciais foram contemplados, num contexto em que, o acesso directo à alguns dos seus patrões (moradores do bairro) para efeitos de entrevista, se revelou, na maioria das vezes, restrito. Os guardas residenciais, em linha de seu dever profissional permanecem parados no portão principal das residências dos seus patrões, ou na parte exterior das vedações das mesmas, guarnecendo-as e observando atentamente os movimentos e dinâmicas que caracterizam a avenida.

¹⁷⁹ Os guardas encontram-se permanentemente armados (com armas de fogo), e sempre ostentando o uniforme da sua empresa de segurança (instituição privada). A pesquisa há-de ter constatado que, a questão do género (masculino) que os caracteriza, encontra-se, de alguma forma associada à profissão a que exercem. Ou seja, num contexto em que, o processo da socialização cultural tende a reservar determinados papéis e exercício de tarefas aos actores sociais dependendo da sua condição sexual, resulta que, por exemplo, o posto de guarda residencial acaba por ser menos questionado quando ocupado pelo homem, do que, por uma mulher, dado ao facto de se associar ao (símbolo) de segurança, força e defesa. As empresas de segurança, enquanto partes integrantes da sociedade moçambicana, também tendem a reger-se maioritariamente pelos mesmos valores. A prevalência da lógica do patriarcado é bastante notória na gestão dos processos de segurança.

Respondi que não. Nunca mais se tocou no assunto. Só disseram que, em caso de qualquer problema deveria avisar". (João. Entrevista concedida à 22.09.2019).

O depoimento (do guarda residencial) acima apresentado complementa-se ao dos outros dois, também entrevistados:

- "os patrões vêem isso, tem conhecimento sim, e por vezes perguntam: essas vem sempre para cá no bairro? E perguntam se, são só mulheres, ou também existem outras pessoas a trabalharem com elas? Mesmo os patrões aqui da casa vizinha já perguntaram isso. A gente como guarda responde que, são apenas mulheres que vem para a rua todos os dias à noite trabalhar. A pergunta sempre era sobre se, realmente não existiam outra pessoas a trabalhar com elas. Mas nunca mais comentaram sobre o assunto, já passa alguns anos!". (Literalmente dito por Juliano, em assentimento com Orlando. Entrevista concedida à 13.12.2019).

Os serviços de intervenção dos seguranças são accionados pelos moradores do bairro em reconhecimento a sua responsabilidade pela gestão (de segurança) no bairro. Ora, na verdade, estes apenas aparecem parcialmente como guardiães de um discurso legítimo sobre a segurança, já que, fundamentalmente trabalham em articulação (clandestina) com as prostitutas, ou pessoas alheias ao bairro. Essa situação permite configurar a ideia de segurança enquanto uma construção social: moldado em função dos interesses, objectivos, contextos, entre outros aspectos, independentemente dos perigos morais que uma situação possa representar a uma comunidade, (em sentido potencial ou real).

Os últimos três depoimentos apresentados, por um lado, captados directamente a partir dos moradores do bairro da Sommerschild, e por outro, (indirectamente) a partir dos guardas residenciais do mesmo bairro permitem compreender que, embora o fenómeno da prostituição decorrente da avenida do zimbábwe seja considerado de, (moralmente) reprovável, e até "suspeito" por parte dos moradores do bairro, o mesmo não representa propriamente um factor de risco para eles. Mas, esta declaração não significa assumir que, a relação entre os moradores e prostitutas esteja completamente desprovida de tensão.

O conflito e a tensão são, afinal, (também) parte da dinâmica social no quotidiano de Sommerschild, embora, é claro, em intensidades reactivamente diferentes (quando

comparado aos outros contextos de exercício da actividade). O exemplo disso é que, não raras vezes, os patrões também sondam os guardas para saberem se, precisam temer as prostitutas. Mas aqui, é preciso recordar que, os moradores de Sommerschield já foram alvos de assaltos e raptos em seu próprio bairro, facto que sugere que, uma sensação de desconfiança e estranhamento de sua parte em relação a qualquer movimentação atípica no bairro, não seria de estranhar de todo.

A existência de, por um lado, um sistema de vigilância associado à equipe de segurança física observada nas residências do bairro, e por outro, a crença em relação a idéia de uma fidelidade conjugal baseada no princípio da posse e ostentação do status social (elevado) por parte dos moradores do bairro, em certa medida permite conferir a tais actores sociais (no caso, aos moradores da Sommerschield,) certa sensação de segurança física e psicológica face à ocorrência do fenómeno da prostituição no local. Com efeito, em certa medida os guardas legitimam e instituem (em função dos seus próprios interesses,) o que seria considerado de situação de risco e de segurança no bairro.

Os guardas ainda fizeram uma descrição da Sommerschield, no que se refere ao período nocturno. Suas narrativas abrangem aspectos que vão desde, as dinâmicas de mobilidade e interacção familiar dos moradores do bairro, até as questões de natureza climática associadas ao local. O primeiro deles referiu-se sobre o uso das ruas pelas prostitutas, em horários diferentes daqueles que os moradores as utilizam:

- "(...) geralmente, as noites aqui são calmas. Nesse horário os patrões já voltaram do job, ficam a relaxar com a família dentro de casa, e tal, e a malta fica aqui, a jobar¹⁸⁰. À noite, quase não passam muitas pessoas à pé por aqui, só alguns carros, patrulhamento da Polícia, por aí. Quanto mais anoitece, o movimento vai ficando mais leve!". (Manuel. Entrevista concedida à 08.08.2019).

O segundo guarda residencial apontou que:

¹⁸⁰ *Jobar* é uma expressão que tem sido usada como sinónimo de trabalhar, na gíria popular do quotidiano moçambicano.

- "(...) *As noites são mais calmas por aqui, diferente do período de dia. À essa hora, ou os patrões estão a chegar à casa, outros ficam um pouco na varanda a apanhar um bocado de frescura. Em dias festivos, alguns recebem seus convidados à noite, mas não acontece sempre. Por exemplo, antes de ontem [o entrevistado referia-se ao dia de Natal, um dia que simboliza uma cerimônia importante para a religião cristã - católica], houve uma grande banga¹⁸¹ aqui em casa. De noite faz um bom frio neste bairro, por vezes. (...)*". (Carlitos. Entrevista concedida a 27.12.2019).

SOBRE AS PERCEPÇÕES DO SECRETÁRIO DO BAIRRO DA SOMMERSCHIELD

Ainda no que se refere à perspectiva dos moradores da Sommerschild, em relação à prática da prostituição foi possível explorar as percepções do seu Secretário do bairro, que (na qualidade de autoridade administrativa do bairro, que ao mesmo tempo é morador do mesmo,) permitiu enriquecer a compreensão em torno da questão. Quando questionado sobre, a sua opinião em relação à prática da prostituição nocturna decorrente do bairro da Sommerschild, este referiu:

- "*bem, a situação daquelas senhoras que estão a trabalhar ali, não é uma situação tão vergonhosa, igual àquilo que se vê na Baixa da cidade, na Rua de Araújo [hoje Rua de Bagamoyo], onde a coisa acontece assim, a qualquer hora do dia. Elas devem ter seus motivos, eu acredito, enfim, acontece (...)! [automaticamente desviou a discussão sobre o assunto]*". (Secretário do bairro, em entrevista concedida à 20.08.2019).

Essa resposta foi bastante enfatizada pelo entrevistado, no decorrer das entrevistas de campo (durante o segundo semestre do ano de 2019). A resposta do mesmo centra-se numa perspectiva de abordagem fundamentalmente comparativa, (que atribui ênfase à idéia de, um baixo registo de frequência da actividade no bairro da Sommerchild, em relação à decorrente da região da Baixa da cidade de Maputo, Rua de Bagamoyo). Ora, mais do que descritivo, tal argumento pode ser caracterizado como sendo, um elemento estratégico de defesa por parte do entrevistado, visando "desdramatizar", ou secundarizar a relevância do fenómeno, em decorrência no bairro. Nas entrelinhas do

¹⁸¹ *Banga* é uma expressão da gíria popular moçambicana, utilizada no quotidiano, como sinónimo do substantivo festa.

seu discurso, o Secretário do bairro deixa transparecer que o principal constrangimento que o fenómeno da prostituição acarretaria para o bairro, não estaria relacionado com a sua simples ocorrência no local, mas sim, com o facto de que tal realidade se tornasse pública ao ocorrer (durante o período diurno,) aos olhos de toda a sociedade, representando assim uma situação "vergonhosa" para a imagem do bairro.

Ora, ao se procurar captar atentamente o significado da categoria "dia" (proposta pelo Secretário do bairro), durante a pesquisa de campo apreendeu-se que, tal período de tempo assume uma função de, interacção social múltipla, no bairro da Sommerschield, visto que, para além do facto dos utentes do mesmo circularem massivamente pela avenida do zimbábwe durante tal período e, motivadas pelas mais diversas razões (de realização de exercícios físicos, visita do bairro, e caminhadas de lazer), de igual modo, as actividades económicas de negociação para o arrendamento, compra e venda de imóveis no referido bairro, também tendem a ocorrer durante o mesmo período de tempo (diurno).

Os detalhes de informação sobre o processo das negociações dos imóveis, especificamente no que diz respeito aos precários e horários estabelecidos para a negociação (tendo constado que, o período diurno tem sido a regra), as dimensões das moradias, entre outros aspectos relacionados, foram avançados pelo Corrector de imóveis contactado para a pesquisa. Assim sendo, ao se revestir o período diurno¹⁸² de um significado múltiplo e complexo, (pelo Secretário do bairro, Correctores de imóveis,

¹⁸² Para efeitos da presente pesquisa, os termos "dia", ou "período diurno", se estabelecem entre o horário das 05 da manhã, até as 17h :59min. O estabelecimento desse parâmetro resulta de um arranjo conceitual que se baseou na ideia de uso "*formal*" da avenida do zimbábwe, isto é, identificou-se que, de forma geral, os moradores do bairro começam a circular mais intensamente pela avenida a partir das 05 horas da manhã (principalmente para a realização de exercícios físicos, seguindo-se então a realização de várias outras actividades no bairro, no decorrer do dia). A actividade se inicia a partir das 18 horas, prolongando-se até por volta das 04 e 05h da manhã seguinte. Note-se que, isso não significa que, a partir das 18 horas, os moradores da Sommerschield deixem de exercer actividades consideradas de "formais" pelo bairro, do mesmo modo que não significa que, em determinadas circunstâncias, os campos de actividades consideradas de "formal e informal" deixem de interagir entre si, nem tampouco que, durante o período do dia, não decorram actividades de natureza "informal" pelo bairro. "Dia", ou "período diurno" pretende corresponder à margem de tempo, na qual, as manifestações das actividades consideradas de "informais" (o caso da prostituição de rua) não estejam visíveis na avenida do Zimbábwe.

e os outros moradores do bairro,) acaba-se concebendo tal período de tempo, em como se tratando de um potencial factor de exposição (e de formalidades).

O posicionamento do Secretário do bairro face à prática da prostituição de rua decorrente da Avenida do zimbábwe pode parecer contraditório, a atender pelas responsabilidades administrativas que lhe cabem enquanto gestor da ordem e "moral" públicas no bairro da Sommerschield, (ver as alíneas A, G, e H do Art. 31 da Resolução 50/AM/2010 de 15 de Junho)¹⁸³, papéis e responsabilidades estas que não se traduzem de forma efectiva no "controle" sobre determinadas actividades decorrentes do bairro. Tal atitude é motivada por critérios assentes na questão da temporalidade laboral, que se sobrepõe nos processos da sua actividade administrativa pelo bairro. Em outras palavras poderia dizer-se que: a variação do grau de tolerância por parte do Secretário do bairro na aplicação de sanções à prática da prostituição de rua decorrente da Sommerschield associa-se ao horário (de "visibilidade, ou invisibilidade",) ao qual a actividade ocorre¹⁸⁴.

Quanto mais distante do período diurno a actividade da prostituição decorrer no bairro, maiores serão as possibilidades da sua tolerância na avenida do zimbábwe, visto que, o substantivo "dia", para além de representar um período de tempo, também assume uma função de mobilidade social, exposição social e valor económico, dimensões estas que tendem a ser preservadas pelos moradores do bairro em estudo. Com efeito, o Secretário do bairro concebe a idéia de período nocturno em como se tratando de um contexto de

¹⁸³ Num contexto em que, para além da prática da prostituição representar uma actividade moralmente "nociva" no contexto moçambicano, na Sommerschield ela também se manifesta através de actos passíveis de serem juridicamente enquadrados como desviantes: atentado ao pudor. Embora o Secretário do bairro esteja ciente de tais manifestações no local, e principalmente, embora lhe sejam atribuídas oficialmente competências administrativas (ver, principalmente as alíneas A: dirigir e controlar as actividades do bairro; alínea G: divulgar as leis (...) no bairro; e na alínea H: garantir o cumprimento das posturas municipal no bairro, em coordenação com a policia municipal,) a actividade na avenida continua decorrendo sem sua mínima interferência.

¹⁸⁴ Deste modo, pode-se entender que, o regime de legitimidade pela invocação e aplicação das leis no bairro assume, afinal, um carácter parcial de atuação (isto é: válido apenas durante o período diurno), e não integral (ou referente às 24 horas do dia).

menor exposição à vida pública, menor controle social e maior invisibilidade social, isto é: um momento "não *público*"¹⁸⁵.

Desta forma, enquanto as prostitutas gerirem as suas *carreiras desviantes*¹⁸⁶ reunindo as condições necessárias que permitam que as suas actividades decorram em horários considerados de "invisíveis", "não públicos", ou "não vergonhosos", a sua reprodução social tende(ria) a efectivar-se sem grande obstáculos na avenida do bairro. Nesse sentido, atendendo ao cenário exposto, o *empreendedor moral*¹⁸⁷ (no caso, o Secretário do bairro), de alguma forma acaba por assumir uma função ambivalente no processo reportado, por um lado pela prerrogativa que o assiste de definir o que é ou não socialmente correcto, e por outro, embora detenha de tal autoridade (de sancionar as práticas jurídica e moralmente consideradas de "desviantes" no bairro da Sommerschield, podendo assim "fazer valer a lei") não o faz, abrindo espaço para que a ocorrência da prática seja continuamente observada no local.

Enfim, captadas as percepções dos moradores¹⁸⁸ da Sommerschield, em torno do fenómeno da prostituição decorrente da avenida do zimbábwe, ali foi possível constatar

¹⁸⁵ De acordo com Becker (2000), *público* surge como sinónimo de divulgação ou exposição duma prática, tornando o seu actor ou protagonista(s), sujeito(s) à rotulação e discriminação, a partir do referido momento em que a exposição ocorre. *Não público*, no caso seria sinónimo de: "invisibilidade"; discreto.

¹⁸⁶ Becker (2000), entende por carreira desviante, a faculdade dos indivíduos, de desenvolverem e aprimorarem técnicas de gestão (acesso, manipulação, entre outros aspectos) das suas identidades, como forma de fazerem face à um (potencial) rótulo (ou estigmatização) que lhes poderia recair.

¹⁸⁷ Becker (2000), defende que, o estigma e os estereótipos que as pessoas carregam, são fundamentalmente, atributos ou construções sociais, (moldadas em torno dos indivíduos). Quem se encarrega dessa construção (ou processo de "fabricação" identitária,) são determinados grupos sociais, que dispõem de algum tipo de poder (judiciário-Legal, tradicional-cultural, entre outros), que com recurso à discursos, notas de acusação, e varias outras formas de manifestações vão procurar "moldar" uma certa imagem dos indivíduos ou grupos, numa determinada sociedade, que geralmente não coaduna com a realidade dos factos, mesmo que tal construção favoreça (parcialmente) aos visados, pois, estes não terão sido os responsáveis pela sua construção. Nesse grupo de empreendedores morais, (portanto, daqueles que detém do poder de, controlar, sancionar e moldar identidades - e estereótipos,) enquadrar-se-iam algumas autoridades, tais como, a Polícia, o Secretário do bairro, entre vários outros.

¹⁸⁸ Nesta categoria inclui-se o próprio Secretário do bairro, que embora seu discurso possa parecer pouco representativo dos moradores, vale sempre realçar que, este actor assume uma dupla posição identitária: a de administrador de Sommerschield, e ao mesmo tempo, de residente do bairro.

que, estas (percepções) encontram-se associadas às idéias de *privacidade, inocuidade, e temporalidade* da prática.

Num contexto em que, a prática da prostituição de rua em Moçambique é predominantemente encarada a partir de uma visão moralista, as especificidades¹⁸⁹ de atitudes que caracterizam as percepções dos moradores do bairro da Sommerschield em relação à referida prática, remete estes actores à uma categoria de agentes reflexivos e *membros*, dada a similaridade de comportamento ou postura adoptadas face à prática, caracterizada pela não hostilidade (ou pelo menos, uma hostilidade reactivamente menos intensa,) em relação a ela, em contexto de estigma e contravenção a esta imputados.

É, portanto, com base na constelação desses três pressupostos (da inocuidade, temporalidade, e privacidade), que o estado de "aparente" tolerância dos moradores da Sommerschield face à prática da prostituição verificada na avenida do zimbábwe, se constitui, permitindo assim que, a referida prática se reproduza no local. Até porque, durante a pesquisa de campo, as prostitutas referiram por várias vezes, que o ambiente social da avenida do zimbábwe reveste-se de maior tranquilidade ao exercício das suas práticas, uma vez que, nem a Polícia, nem tampouco os moradores do bairro as atormentam, contrariamente ao que ocorre em outros lugares, aonde tem sido reportado registos contínuos de tais constrangimentos. Toda a maneira, as actividades que as prostitutas desenvolvem na avenida do zimbábwe permite-as obter receitas que complementam a sua renda (oficial) mensal, abrindo assim, possibilidades para que garantam a sua manutenção ou sustento, (através da compra de artigos escolares, garantia de poder de compra, para seus familiares e para si próprias).

Colocado o exposto, depreende-se aqui que, a reprodução social da prática da prostituição na avenida do zimbábwe encontra-se associada às percepções e posturas dos moradores do bairro da Sommerschield em relação à actividade. Mas isso não significa que, não existam outros actores que contribuam, no dia a dia, para o estabelecimento dum ambiente favorável a tal situação, tal como já foi mencionado.

¹⁸⁹ No caso vertente, especificidades baseadas nas idéias de privacidade, inocuidade e temporalidade da prática da prostituição.

É o facto de os moradores da Sommerschield se mostrarem "inertes" face a ocorrência da referida prática no bairro, que acaba por gerar uma cadeia de actores e operações que permitem configurar e reproduzi-la na avenida do zimbábwe: uma espécie de causa e consequência, em si só. Mas, é de suprema importância esclarecer que, a "tolerância" demonstrada pelos moradores face à ocorrência dessa prática no bairro não deve ser confundida com o desinteresse ou falta de atenção de sua parte com relação ao cenário ali decorrente. A postura de "tolerância" assumida é devidamente calculada e doptada de significado colectivo, (já que, é estruturada a partir de pressupostos assentes na privacidade, inocuidade e temporalidade. Isso significa que, o eventual "desaparecimento" desses elementos acarretaria um enfrentamento de eventuais "novos olhares" e posturas destes moradores em relação à prática da prostituição no bairro).

Foi o aporte conceitual *pós-colonial* que permitiu captar uma compreensão mais profunda sobre o fenómeno da prostituição de rua, a partir do contexto no qual os discursos, significados e práticas foram gerados pelos moradores, guardas e prostitutas, facto que também permitiu entender que, o ambiente de "tolerância" observado na Sommerschield face à prostituição de rua decorrente da avenida do zimbábwe, afinal traduz fundamentalmente um *ideário de poder de controle* (sobre o fenómeno), imanente entre os moradores e moradoras daquele bairro da capital de Moçambique.

Por fim, é de mencionar que, se as percepções de que os moradores da Sommerschield dispõem sobre o fenómeno da prostituição acabam por propiciar a reprodução da prática na avenida do zimbábwe, por sua vez, a referida prática estruturada acaba por se desdobrar (por meio de rede de relações, e diversos esquemas protagonizados pelas prostitutas que por ali operam), até às avenidas circunvizinhas da Kenneth Kaunda e Vladimir Lenine, (isto é: ainda no raio de extensão do próprio bairro da Sommerschield, e no bairro circunvizinho da Coop, respectivamente). Nesse sentido, o quadro de situação apresentado esclarece que, a avenida do zimbábwe não é, afinal, apenas um lugar (singular) de ocorrência da prostituição de rua, mas sim, um dos seus epicêntricos no contexto da Cidade de Maputo.

Durante a pesquisa foi possível destacar o uso de alguns termos de relevante indicação entre os moradores e moradoras do bairro da Sommerschield, na sua relação com as

prostitutas de rua no bairro. E se considerar-se que, os discursos dos actores sociais também ressaltam a forma com que determinados grupos entendem e interpretam o mundo, então, a expressão *elas sabem por que fazem aquilo*, bastante reiterado pelos moradores e moradoras da Sommerchield configura, antes de tudo o resto, um discurso de classe social.

"Elas sabem por que razão fazem aquilo", revela um pronunciamento que melhor pode ser compreendido quando se recorre à compreensão histórica e política do país, na sua transição do colonialismo para o socialismo, e desde essa altura até à instauração da democracia neoliberal, caracterizada pela fraca presença do Estado nas diversas esferas de intervenção social e concessão de direitos, e o seu estímulo visando a adesão dos indivíduos por uma postura cada vez mais autônoma, mesmo diante da ausência das condições materiais e estruturais necessárias a sua execução.

Em virtude dos factos apresentados depreende-se que, se por um lado, a expressão *"elas sabem por que fazem aquilo"*, traduz um tipo de discurso simbolicamente doptado de valor de exaltação da autonomia individual, por outro lado, a expressão também revela o distanciamento social, e até mesmo um olhar irrelevante sobre a figura do *outro* (no caso, das outras). A percepção sobre tal "irrelevância em relação à figura do outro", conjugada com factores tais como, as redes sociais estabelecidas pelas prostitutas no bairro da Sommerschield, (isto é, a sua colaboração com os guardas residenciais do bairro, a "leniência" policial,) e o ambiente de reactiva tranquilidade que caracteriza o curso das actividades nocturnas na avenida do zimbábwe permite com que, as prostitutas permaneçam actuando no local, não representando propriamente uma ameaça aparente a seus moradores.

Se, o entendimento dos moradores e moradoras da Sommerschield no que à questão da presença das prostitutas de rua em seu bairro se refere evidencia a idéia de que *elas sabem por que razão fazem aquilo*, uma vez tratando-se de mulheres adultas, autônomas e cientes dos seus próprios actos, por seu turno, o entendimento das prostitutas em relação aos moradores e moradoras daquele bairro constrói-se em torno de um pressuposto segundo o qual, *nós também sabemos do que eles/as gostam, (nomeadamente: ambiente de tranqüilidade no bairro, não circulação na avenida do zimbábwe durante o período diurno, e o respeito pela privacidade)*. É nessa

combinação de “cumplicidade” implícita de métodos, atitudes e expectativas, inserida num quadro de ajuste identitário entre o *nós* (prostitutas) e *ele/as* (moradore/as), que o mundo da prostituição de rua também se reproduz (*vigilantemente*) no quotidiano nocturno da Sommerschield. Isto torna o mundo da prostituição, no bairro supracitado, um campo marcado por interações e contínuas negociações, estratégias e saberes (explícitos ou tácitos).

Ao fim de toda a redacção deste trabalho importará pontuar aqui, a guisa de esclarecimento, alguns aspectos analíticos em torno do fenómeno da prostituição de rua decorrente da Sommerschield. Nessa ordem de idéias interessa referir que, na percepção dos moradores e moradoras daquele bairro, a prostituição é concebida em como se, de uma actividade moralmente pouco abonatória se tratasse, relegando-a assim a um plano de relevância tanto moral quanto comercial. Embora tal actividade ocorra num bairro residencial habitado por uma elite maioritariamente moçambicana, diante do fenómeno da prostituição seus moradores e moradoras assumem uma postura que leva a entender que, a sua intervenção a título de interdição da actividade no bairro não representa uma questão relevante, pois, suas dinâmicas e impactos encontram-se controlados (traduzindo-se assim as dimensões da inocuidade, temporalidade e inocuidade atreladas as tais atitudes).

A par desse quadro de situação, os guardas residencias devem ser levados em conta na compreensão sobre as dinâmicas da actividade naquele bairro, visto que, estes participam e auxiliam a instalação logística e técnico-operativa das prostitutas naquele espaço, bem como o papel do Secretário do bairro, que não identifica constrangimentos no facto da actividade decorrer no local em determinados horários. Com efeito, este responsável tolera o uso da força e lei na intervenção sobre a actividade no bairro. Por fim, existem indicações claras de que, as prostitutas estabelecem algum tipo de relação próxima com os agentes policiais responsáveis pelo patrulhamento do bairro, podendo assim influenciar (de alguma forma,) na postura leniente observada por parte destes agentes sobre a sua actuação no bairro, mesmo em pleno contexto de contravenção da lei e estigma imputados à actividade. E aqui é preciso acrescentar que, nem sempre o facto da policia não agir (no sentido punitivo do termo,) diante de determinadas infracções, há-de significar que não o tenha feito sob o ponto de vista alternativo, mantendo a situação sob controle.

Toda a maneira, não se pode supor que os moradores da Sommerschield estejam na verdade confortáveis com os seus próprios espaços privados e suas casas, onde as prostitutas não os incomodam, e que por isso o fenômeno da prostituição não representa um assunto central para eles, uma vez que, no referido bairro existe uma figura do Secretário do bairro (que também é dali morador), e que este só assume uma postura de "tolerância" em relação a actividade decorrente naquele espaço, tendo em consideração o horário em que a mesma ocorre. Se porventura a actividade decorresse durante o período matutino ou vespertino é provável que a relação (entre os moradores e prostitutas) fosse tensa.

A sensação de conforto, privacidade e sossego desfrutado pelos moradores e moradoras da Sommerschield em seu próprio bairro, não pode ser visto como algo espontâneo ou fortuito, pois existe todo um conjunto de arranjos e aparatos tecnológicos e humanos (tais como, sistemas de vigilância electrónica, a presença de guardas residenciais, só para citar alguns,) que a sustentam em grande medida. A posse desse arsenal de defesa e "segurança" por parte dos moradores e moradoras do bairro, atrelado ao conforto e tranqüilidade disso resultante, realçam as relações de poder e desigualdades sociais entre os indivíduos que interagem naquele espaço. Portanto, é o referido aparato de segurança, enquanto arranjo em constante construção social, que concorre para a institucionalização das sensações de *tranquilidade, segurança e conforto* por entre os moradores e moradoras do bairro.

Por fim, referir que a pesquisa de Ugueleguele (2018), já mencionada na revisão de literatura deste trabalho, em grande medida dialoga com a presente pesquisa na medida em que, também aborda sobre o fenômeno da prostituição, embora seu foco não fosse a prostituição de rua, mas a do bar (e claro, com todas as porosidades que tais escalas e categorizações implicam). O espaço de pesquisa do autor foi um bairro de extensão urbana. Em sua pesquisa, o mesmo autor destaca o papel das prostitutas, seus clientes e proprietários de bar, mas nada é mencionado ou realçado sobre a existência ou papel dos guardas na administração da actividade. Ainda na referida pesquisa, pouco (e quase nada) é mencionado sobre a presença ou não das associações das prostitutas nesses locais (bares).

Pela primeira vez na história da Sociologia produzida no contexto moçambicano, é então concebida a presente pesquisa, versando sobre o fenômeno da prostituição em um bairro da elite moçambicana, e explorando com maior intensidade uma pluralidade de discursos e identidades, (desde os das prostitutas e seus clientes, até os dos moradores e moradoras do bairro em análise), bem como o papel das associações das prostitutas, e fundamentalmente o dos guardas residenciais, (estes últimos, ora desempenhando apenas o papel de seguranças das residências do bairro, ora o de “seguranças-quase cafetães”).

É importante reiterar que, o conceito de *identidade* adoptado neste capítulo foi o de Stuart Hall, entendido como sendo relacional, provisório, incompleto e fundamentalmente circunstancial, ou seja, algo não fixo. Trata-se duma concepção *pós-moderna* da identidade, que abarca uma multiplicidade de funções, concepções e papéis assumidos pelos actores sociais, “suplantando” assim as versões iluminista e sociológica relagadas ao termo. Daí entender-se a identidade como uma “celebração móvel”, (com efeito, o ser *prostituta de rua*, uma identidade flexível, escorregadia e negociada).

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA:

A prática da prostituição é, já há décadas, uma realidade notória em Moçambique. Na Cidade de Maputo, o fenómeno pode ser observado em espaços tais como, os bares, hotéis, alojamentos e na extensão das vias públicas ou rodoviárias. Os estudos sociológicos e antropológicos existentes sobre a matéria no país, não apenas se resumiram a captar as manifestações do referido fenómeno a partir das regiões morais e dos bairros de ascensão à classe média, como também, procuraram (dominantemente,) captar as suas configurações a partir dos actores sociais mais directamente envolvidos do processo (no caso, as prostitutas e seus clientes sexuais).

Esta pesquisa procurou ampliar a reflexão em torno da temática, imprimindo uma mudança metodológica que se fundou na definição dum novo recorte espacial da pesquisa, e numa nova abordagem sobre os sujeitos da mesma. Assim sendo, o território seleccionado para os estudos (no caso, o bairro da Sommerschield,) é predominantemente composto por uma classe social alta, e os principais sujeitos seleccionados para a pesquisa foram, não apenas as prostitutas e seus clientes sexuais, mas fundamentalmente os moradores e moradoras do referido bairro. Algo de sociologicamente interessante se observa naquele lugar. É que, enquanto as representações sociais dominantes da sociedade moçambicana se revestem duma carga simbólica moralizadora, conservadora e estigmatizante em relação à prática da prostituição, a questão é que os moradores do bairro da Sommerschield, embora dispoñendo de determinados capitais (económico, social, e político,) susceptíveis de interditar a prática no bairro supracitado, não o fazem.

O quadro de situação observado chamou a atenção do pesquisador, pois, entre outras coisas ocorreu-lhe a ideia de que, naquele bairro estaria imposto uma referência exclusiva de sociabilidade sobre a maneira como os moradores dalguns bairros (da própria sociedade moçambicana), afinal também poderiam estar a conviver em relativo grau de harmonia com mulheres que, a principio são claramente relegadas à marginalidade e exclusão social pela mesma sociedade!

Tendo como base o contexto apresentado no parágrafo acima, a pesquisa procurou explorar, quem são as prostitutas que frequentam o bairro da Sommerschield (na

avenida do zimbábwe); De que formas elas agem; Com quem agem; Qual é a sua articulação junto dos seus clientes sexuais, junto das associações das prostitutas e dos agentes policiais. Realizado esse exercício procurou-se, em seguida, com recurso à uma diversidade de técnicas e estratégias de entrada ao campo de pesquisa compreender, *como seria possível ocorrer prostituição de rua em um bairro da elite (moçambicana), em claro contexto de estigma relegado à prática ?*

Os resultados da pesquisa permitiram, antes de tudo destacar que, Sommerschild, mais do que representar o ideário de um bairro nobre da Cidade de Maputo, afinal é também um bairro híbrido, na medida em que acolhe e dialoga constantemente com a presença de práticas formais e informais, desenvolvidas por alguns actores sociais em situação laboral formal (o caso dos guardas residenciais do bairro), mas que participam de esquemas de articulação organizacional e negociação financeira não formais junto das prostitutas que acorrem ao referido bairro.

As prostitutas que frequentam a avenida do zimbábwe (mulheres cisgêneras, negras, adultas, provenientes dos bairros suburbanos da cidade de Maputo, solteiras e viúvas, chefes de família, ostentando um baixo nível de escolaridade, e dispendo de trabalhos de carácter precário durante o período diurno), justificam a sua adesão à prática da prostituição como uma forma de complementar a renda mensal resultante de actividades laborais a que consideram tratar-se de honrosas (decorrentes do período diurno), visando satisfazer algumas necessidades próprias e de seus familiares (garantindo assim a reprodução social). Depreende-se assim a questão da *desigualdade temporal* que também afecta o status das prostitutas, já que, a valorização moral do trabalho parece estar também atrelada ao horário em que ela decorre, sendo o período diurno assumido como contexto de labor por excelência.

Embora elas considerem necessária a actividade da prostituição, ainda assim a classificam em como sendo um trabalho pouco digno. Mas poderia pensar-se também que, se calhar assim o fazem no sentido de fugirem aos estigmas que recaem sobre a actividade e suas praticantes (enquanto pessoas pobres, mulheres, semi-analfabetas, e mais). A esse propósito, no seu dia a dia laboral, as prostitutas procuram adoptar um conjunto de estratégias de manipulação de identidade, no sentido de despistarem o levantamento de suspeitas a respeito da sua índole.

Durante o desenvolvimento das suas actividades na avenida do zimbábwe, as prostitutas contam com a colaboração imediata dos guardas residenciais, que as proporcionam algumas condições objectivas de trabalho. As forças policiais nacionais que por ali circulam não constituem um empecilho para o desenvolvimento das suas actividades, muito pelo contrário, a relação entre ambos (no caso: entre as prostitutas e tais agentes) é por elas caracterizada como sendo amistosa. Os clientes sexuais das prostitutas, ora freqüentando a avenida sazonalmente, ora recorrentemente, encontram ali um espaço susceptível de produzir e reforçar a sua masculinidade.

O preservativo masculino assume um papel central no domínio das relações sexuais estabelecidas entre as prostitutas e seus clientes sexuais. Contudo, a pesquisa de campo constatou que, a função deste acessório não se resume a uma questão preventiva, mas sim, à reguladora das relações sexuais, e reivindicadora. Os preservativos masculinos usados na avenida do zimbábwe tem sido da propriedade dos clientes ou das prostitutas, obtidos em farmácias, unidades sanitárias, em algumas instituições do Estado moçambicano, ou distribuídas pelas associações das prostitutas.

Na Cidade de Maputo, apenas existem duas ONG's que trabalham em defesa dos direitos das prostitutas (são as associações das prostitutas). O seu papel técnico-sanitário, que passa pela realização de testagem instantânea do HIV/Sida, e distribuição de preservativos por entre as prostitutas no contexto da Cidade de Maputo, associado ao seu papel económico (centrado na criação de condições que permitam o "empoderamento" e capitalização das receitas das prostitutas), revela-se útil para as prostitutas. Contudo, a função ideológica dessas associações ainda se configura bastante limitada, não apenas porque não dispõe duma agenda organizacional articulada e susceptível de produzir mudanças estruturais em benefício dos interesses das prostitutas, como também (e acima de tudo), o facto de que, a sua principal base social de apoio e legitimação encontra-se significativamente fragmentada: as prostitutas dificilmente assumem a sua identidade laboral (portanto, a de prostitutas. Aliás, até excluem o uso do termo).

É com base na constelação formada por: criação de condições de trabalho proporcionadas às prostitutas pelos guardas residenciais da Sommerschild, associado às funções técnicas (sanitárias e financeiras) desempenhadas pelas Associações das

prostitutas no bairro, a “leniência” da Polícia no local, e a postura "tolerante" dos moradores e moradoras (fundamentada pelas dimensões da privacidade, inocuidade e provacidade) face à prostituição, que o fenómeno ocorre e se reproduz no bairro, sobrepondo-se (apenas em certa medida,) ao estigma que a ela possa prevalecer.

CONSTRANGIMENTOS DE PESQUISA:

Torna-se relevante num trabalho de pesquisa científica, apresentar os constrangimentos enfrentados no decorrer da actividade, a fim de permitir com que os leitores e leitoras do trabalho compreendam as complexidades e limitações operacionais envolvidas em sua produção. Mas, a função didáctica desse espaço da pesquisa consiste no facto de poder permitir com que os leitores e futuros pesquisadores, interessados no aprofundamento de uma temática, se antecipem (ou previnam) com relação a algumas atitudes e cenários caracterizantes do campo da pesquisa em vista. Deste modo, em seguida são apresentados o contexto que envolveu a realização da pesquisa de campo, e os principais constrangimentos enfrentados durante a actividade (tanto nos domínios político e social, quanto *sanitário*, marcado pela ocorrência da pandemia da Covid-19).

Desenvolver uma pesquisa de carácter científico em Moçambique representa um enorme desafio metodológico e material, seja em razão da escassez de especialistas qualificados em determinadas áreas de investigação para orientarem determinados temas, ou mesmo, pelos problemas de (fraco) financiamento alocados às pesquisas sociais e ao investimento em infraestruturas (o caso de Bibliotecas públicas, Centros de pesquisa, e Revistas Científicas relevantes -, bem como, o acesso e alargamento da rede de distribuição da internet, entre outros aspectos), factos que acabam por limitar a qualidade e o exercício mais pleno da produção científica no país. A estes aspectos acrescenta-se o factor *suspeita*, claramente manifesto por entre alguns tecnocratas com relação às finalidades produzidas pelas pesquisas, (algumas vezes entendidas como potenciais ferramentas de denúncia dos mais diversos aspectos decorrentes da esfera laboral e institucional). Mas também tem sido reportado casos de indivíduos munidos de pretensões pouco explícitas, que procuram pelas instituições moçambicanas com

finalidades de “espionagem ou burla”. Estes factos têm desencadeado em uma cultura de forte “burocratismo”¹⁹⁰ no fornecimento de informações relevantes às pesquisas.

Apesar de, nos últimos anos o cenário geral reportado no último parágrafo estar a apresentar uma reactiva melhora, a questão é que o constrangimento do “burocratismo” tende a agudizar-se durante os períodos eleitorais¹⁹¹, que por sinal, coincidiu com a época em que decorria a pesquisa de campo deste trabalho.

No decurso da pesquisa de campo (em Moçambique,) foram observados constantes cenários de adiamento e remarcação de encontros junto à algumas instituições públicas, com as quais se pretendia obter informações relevantes para a pesquisa: o caso do Conselho Municipal da Cidade Maputo, e a Secretaria do bairro da Sommerschild. Mas após algumas investidas de insistência, a situação acabou por ficar (satisfatoriamente) ultrapassada.

É importante destacar que, numa primeira fase a realização da pesquisa de campo implicou o deslocamento do pesquisador, da República Federativa do Brasil para Moçambique (de Julho de 2019, a Janeiro de 2020). Uma vez regressado ao Brasil sucedeu que, em finais de Fevereiro de 2020, o mundo viu-se confrontado com a pandemia da Covid-19, que entre outras coisas dificultou a mobilidade nacional e internacional de estudantes e pesquisadores, para efeitos de prossecução das suas actividades académicas.

¹⁹⁰ A burocracia é importante para o funcionamento de qualquer instituição, contudo, o excesso de normas impostas, por vezes pode comprometer o fluxo de funcionamento organizacional, do que, favorecer. Em Moçambique, as entrevistas de carácter institucional prestadas pelo funcionário público, devem ser antecipadamente autorizadas pelo seu superior hierárquico imediato. E se porventura tal superior hierárquico estiver ausente, existe grande probabilidade de que o processo demandado seja protelado. Escusado seria acrescentar que, em países aonde vigoram regimes autoritários, a tendências das instituições e tecnocratas em controlar o fluxo de demandas (incluindo, os objectivos e “relevâncias” das solicitações públicas e pesquisas) muitas vezes directamente (interpretadas) associadas a actos de espionagem por parte da oposição política, consitui uma realidade constrangedora no desenvolvimento de pesquisas. Contudo, é de se referir que, comparativamente aos anos anteriores, esse quadro de situação tende a registar melhoras.

¹⁹¹ De forma geral, os períodos pré-eleitorais, eleitorais, e pós-eleitorais (no continente africano) tem sido caracterizados por um estado de tensão social e político muito visível, com efeitos aos mais variados níveis na vida dos indivíduos.

Durante a vigência da sua bolsa de estudos, determinados procedimentos administrativos (impostos pela Capes,) não permitiram ao pesquisador retornar a Moçambique para colectar mais dados de pesquisa. A isso se associa o facto de, durante uma parte do mesmo período histórico, tanto o Brasil quanto Moçambique se virem confrontados com sucessivas imposições de recolher obrigatório (LoCkdown's), principalmente durante o horário nocturno, (por sinal, período do dia reservado ao exercício da prostituição feminina de rua no bairro da Somerschild). Isso significou que, por mais que o pesquisador regressasse ao campo de sua pesquisa, as condições político-administrativas e de mobilidade instauradas em seu país, claramente dificultariam o pleno exercício das suas actividades acadêmicas.

Na medida em que o tempo passava (desde Fevereiro de 2020), a tensão “imposta” pela pandemia só piorava. Com efeito, volvidos 12 meses da referida crise sanitária, e o pesquisador ainda baseado em território brasileiro, era a altura deste recordar-se de uma das cláusulas do seu contrato da bolsa concedida pela Capes, para o período referente a Fevereiro de 2018 ao mesmo mês de 2022: constava de tal cláusula a obrigatoriedade de permanência do bolsista em território brasileiro, na vigência da bolsa, durante os últimos 12 meses (ininterruptos) da referida concessão. Assim sendo, as possibilidades de se regressar a Moçambique para efeitos de mais colecta de dados esgotavam-se. Contudo, o processo da análise teórica e metodológica dos dados da pesquisa, a condução da pesquisa bibliográfica e documental, a incorporação ao trabalho das observações feitas pelos membros do júri da banca da Qualificação, bem como a participação do pesquisador em palestras, conferências acadêmicas, e reuniões com o Orientador da pesquisa e com o grupo de disciplina (ambas actividades realizadas em regime remoto), continuaram ininterruptamente, até a defesa da Tese.

Deste modo, é de referir que, os dados analisados nesta pesquisa referem-se ao período dos sete meses de pesquisa de campo (realizados de Julho de 2019 a Janeiro de 2020), em Moçambique. Durante o referido período, aquando da realização da sua pesquisa de campo, o pesquisador da Tese também participou de vários eventos académicos (tais como, seminários, conferências e palestras) realizados em Maputo, amplamente relacionados com as preocupações envolvidas em sua pesquisa, a saber: o papel dos

Secretários de bairro¹⁹², a problemática das desigualdades sociais, e a questão do gênero no país, entre outros aspectos.

Principais desafios enfrentados (directamente) no campo da pesquisa:

Dado o carácter moralmente "delicado" que a realização de abordagens sobre o fenómeno da prostituição tem acarretado no contexto moçambicano, devido aos tabus que o cercam, o desenvolvimento da pesquisa viu-se na situação de ter de adoptar determinadas decisões e posturas para fazer face aos desafios do campo.

Colocado o exposto, as entrevistas estabelecidas junto das prostitutas, na avenida do zimbábwe, bairro da Sommerschield, sempre estiveram condicionadas à disponibilidade de tempo daquelas mulheres, sem prejuízo do acto de pagamento em moeda nacional (Metical - Mt), por elas imposto para a prestação das entrevistas: cerca de 250,00 Mt (equivalentes à 13,00 Reais brasileiros, para cada uma) à cada sessão. Esses aspectos impuseram constrangimentos ao pesquisador, não apenas os de carácter financeiro, mas também de ordem temporal, num contexto em que as entrevistas chegavam a durar entre 30 e 40 minutos interruptos (de escuta e registo). Mas apesar disso, a situação foi minimamente suplantada pela adopção da técnica da observação directa na pesquisa, consentida pelas prostitutas. Nem todas as prostitutas colaboraram com o processo das entrevistas, não obstante as insistências empreendidas. Tal como já foi referido, as 15 prostitutas entrevistadas concordaram em participar da investigação, tendo exigido o anonimato das entrevistas. Exigência esta que foi totalmente acolhida pelo pesquisador.

No decurso da pesquisa, as prostitutas receavam que as entrevistas a elas dirigidas acabassem por apresentar pretensões jornalísticas de publicação sobre a natureza das suas actividades e identidades. Por essa razão, não permitiram que as entrevistas fossem gravadas em sistema áudio e/ou visual. Apenas concordaram que, o registo fosse feito por meio da observação dos factos, retenção de memória, e escrita. Tal facto implicou que o pesquisador empreendesse um esforço pessoal significativo, no sentido de, apontar recorrentemente no seu diário de pesquisas, os aspectos de importância analítica

¹⁹² Trata-se de uma entidade administractiva dos bairros residências, em Moçambique. Mais detalhes sobre a questão são apresentados no capítulo II da Tese.

para a pesquisa. Tais registos, por vezes ocorriam em locais caracterizados por uma reduzida luminosidade, acarretando uma permanente sobrecarga no uso da vista (olhos).

Sobre os clientes que frequentam a avenida do zimbábwe importa referir que, muita da informação a seu respeito foi fornecida à pesquisa por meio das prostitutas, pois, na grande maioria das vezes, estes actores recusavam-se a prestar entrevistas. O facto dos clientes da avenida do zimbábwe se encontrarem na condição civil de casados, também contribuiu para a sua resignação à prestação das entrevistas da pesquisa, pois temiam por sanções sociais que colocassem em causa o seu status de, "homem íntegro". Os discursos de exaltação à liderança familiar, (tais como: "*meu irmão, eu tenho um Lar*¹⁹³*ok! Falamos noutra dia!*"), demonstravam tal situação. A isso associavam-se as reacções corporais e verbais apresentadas pelos mesmos, caracterizadas pela fixação de um olhar sempre defensivo e preocupado, lançado sobre o pesquisador, e sobre qualquer movimento instantâneo no local da pesquisa. Contudo, a observação directa realizada no campo da pesquisa permitiu com que, (também) se captassem para a pesquisa, algumas das acções e movimentos desses actores no local.

Tendo a pesquisa contemplado também o discurso dos moradores do bairro da Sommerschild, a inclusão de tais actores na pesquisa esteve predominantemente dependente da sua disponibilidade para a prestação das entrevistas. Durante as entrevistas por estes concedidas, impuseram "sutilmente" que as informações detalhadas sobre as suas vidas pessoais fossem minimamente resguardadas da publicação da pesquisa.

Ora, apesar dos condicionalismos observados durante a realização do trabalho, tanto seja pela imposição das prostitutas, seus clientes, moradores do bairro da Sommerschild e seus guardas residenciais, no que se referia ao não registo de fotografias, filmagens, e uso de aparelhos de gravação de voz durante as entrevistas, em vista à preservação das suas identidades, tal facto acarretou, tal como ficou registado nas páginas anteriores, uma certa pressão física para o pesquisador, que se viu obrigado a registar praticamente todos os detalhes do seu campo de pesquisa através da retenção de memória, e registo manuscrito. Não fosse o facto de, a realização de qualquer actividade de carácter científico, acarretar sempre algum grau de sacrifício por parte de

¹⁹³ No quotidiano moçambicano, o termo *Lar* significa casamento, e constituição de família (nuclear).

seus executores, tal como diria Carlos Serra (1997)¹⁹⁴. Tem sido com base nessa encarnação, que o pesquisador da Tese tem procurado encarar os desafios gerais aliados à realização do seu trabalho.

A observância pelas questões éticas numa determinada investigação reflecte o compromisso do pesquisador, com relação às questões de carácter moral e humana inseridas em seu ofício. Nessa ordem de idéias, a preocupação do pesquisador pelo bem-estar do seu grupo-alvo de pesquisa assume um papel central, acima de todos os eventuais interesses imediatos ou "utilitaristas" circunscritos à pesquisa.

O condicionalismo imposto pelos entrevistados e entrevistadas da presente pesquisa, no que concerne à preservação das suas identidades foi devidamente acolhido. Para o efeito, pautou-se por atribuir-se *nomes fictícios* aos actores e instituições sociais. De igual modo, a pesquisa também pautou por, não registar fotografias, gravações de áudio, nem tampouco filmagens relacionadas com o/as mesmos/as. Na intenção de se evitar estimular ou influenciar as forças da Polícia da República de Moçambique a agir contra as prostitutas de rua, no bairro da Sommerschild, num contexto de já recorrente e flagrante contravenção por estas protagonizado, (já que, *o artigo 225 do Código Penal moçambicano* enquadra a postura “semi-nua” apresentada por qualquer pessoa em via pública, como atentado ao pudor, e passível de detenção em até 06 meses, e multa), o pesquisador pautou por não entrevistar aos membros dessa corporação, tendo sido suas atitudes captadas por meio dos relatos das prostitutas, do Secretário do bairro, e pela observação directa do pesquisador no campo.

Por fim, interessa pontuar que, geralmente quando se conhece um pouco mais a fundo sobre as dinâmicas sociais que estruturam as relações em um determinado contexto social, facilmente se podem reconhecer os sinais de alerta e perigo que circunscrevem as relações sociais, e desta forma tentar-se minimizar o impacto das contingências que recairiam sobre os envolvidos directa ou indirectamente em uma pesquisa. Foi exactamente isso que o pesquisador tentou acautelar, ao máximo e dentro das suas possibilidades, durante toda a condução de sua pesquisa.

¹⁹⁴ Carlos Serra foi sociólogo moçambicano, Professor universitário da Universidade Eduardo Mondlane, e pesquisador do Centro de Estudos Africanos na mesma instituição de ensino. Desenvolveu interesse em várias áreas de pesquisa, mais especificamente em matérias relacionadas à problemática do acesso à terra, criminalidade urbana, metodologias de investigação científica, entre outras.

BIBLIOGRAFIA:

ABOIM, Sofia, *Masculinidades na encruzilhada: hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo*, Revista análise social (volume XLIII,) do Instituto de Ciências Sociais da universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

ALCOFORADO, Michel F., *Coisas de Rico: tempo, valores e posição social*, - (Tese de doutorado) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ADELMAN, M., *Por amor ou por dinheiro? Emoções, discursos, mercados*, Artigos Contemporânea, UFScar, 2011,

ANDRADE, R., e IRIART, J. A. B., *Estigma e discriminação: experiências de mulheres HIV positivo nos bairros populares de Maputo, Moçambique*, caderno saúde pública, Rio de Janeiro, 31(3): 565-574, 2015.

ARNFRED, S., *Notas sobre gênero e modernização em Moçambique*, Dossier: corpos, trajectórias e valores: perspectivas de gênero, famílias e reprodução social em contextos africanos. Cadernos Pagu (45), São Paulo, 2015.

BAGAGLI, Beatriz P., *Cisgênero nos discursos feministas: uma palavra tão defendida, tão atacada, mas tão pouco entendida*, editora IEL - Unicamp, Campinas, 2018.

BARTHE, Yannick, *Elementos para uma sociologia da vitimização*, Rio de Janeiro, 2017.

BAUMAN, Z., *Confiança e Medo nas Cidades*, Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

BECK, Ulrich, *A Sociedade de risco mundial: em busca da segurança perdida*, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, 2015.

BECKER, H., *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*, Editora HUCITEC, 2 ed., São Paulo, 1994.

BECKER, H., *Outsider: Estudos da Sociologia do Desvio*, ZAHAR, Rio de Janeiro, 2000.

- BITTNER, Egon, *Aspectos do trabalho policial*, Edusp, São Paulo, 2017.
- BOURDIEU, P., *Razões Práticas: sobre a Teoria da acção*, Petrópolis, 1998.
- CASTELO-BRANCO, N., *Economia Extractiva e Desafios de Industrialização em Moçambique*, IESE, Maputo, 2010.
- CAVOUR, Renata C., JABLONSKI, B., *Mulheres de família: papéis e identidades da prostituta no contexto familiar*. - Dissertação de Mestrado -, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011.
- CASIMIRO, Isabel Maria, *Paz na terra, guerra em casa*, serie Brasil e África: coleção pesquisas 1, Pernambuco, Editora UPFE, 2014.
- CARDOSO, Sónia, *Demografia africana: o caso da fecundidade em Moçambique*, Revista Análise Social, Volume XLII, Lisboa, 2007, 485-514.
- CRUZ, DENISE FERREIRA DA COSTA, *seguindo as tramas da beleza: cabelos na centralidade estético-corporal na cidade de Maputo*. Dossier: corpos, trajectórias e valores: perspectivas de género, famílias e reprodução social em contextos africanos. Cadernos Pagu (45), São Paulo, 2015.
- CRAVEIRINHA, José, *KARINGANA UA KARINGANA*, Alcance Editores, Maputo, 2008.
- CRAVEIRINHA, José, *In Xigubo*, s/e, s/l, 1959.
- CABRAL, A. C. P., *Dicionário de nomes geográficos de Moçambique – Sua origem* -, empresa Moderna, Lourenço Marques, 1975.
- CARLOS, Ana F. A., *A cidade*, 9 ed., editora Contexto, São Paulo, 2018
- COLLING, Ana Maria, e TEDESCHI, Losandro António (Organizadores), *Dicionário Crítico de Género*, Editora UFGD, 2 ed., Universidade Federal da Grande Dourado, 2019.
- CHICHANGO, Ancha Alfeu, *Relacionamentos e práticas de sexo transaccional entre um grupo de estudantes numa residência universitária em Maputo*, UEM, Maputo, 2017.

CORDEIRO, Sara Patrícia Tomé da Silva, *Prostituição Feminina de Rua: Escutar e Atuar: Papel do Técnico d'O Ninho na Intervenção com Mulheres Prostitutas*, Belo Horizonte, 2012.

DAHRENDORF, R., *Ensaio de Teoria da Sociedade*, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1974.

Da SILVA, E. F., et al, *O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade*, Universidade Estadual da Paraíba, 2010.

ESTAVELA, A. J., e SEIDL, E. M. F., *Vulnerabilidades de gênero, praticas culturais e infecção pelo HIV/Sida em Maputo*, UNIVERSIDADE DE BRASILIA, 2014.

FERNANDES, C., RANGEL, E., DÍAZ-BENÍTEZ M., e ZAMPIROLI., O., *As porosidades do consentimento. Pensando afetos e relações de intimidade: Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latino-americana*, 2020

FERNANDES, C., resenha do livro de ZELIZER, Viviana: *a negociação da intimidade*, Museu Nacional da UFRJ, Rio de Janeiro, s/d.

FOUCAULT, M., *História da Sexualidade*, editora Afrontamento, Porto, 1990.

FOUCAULT, Michel, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, 42 ed., Petrópolis, Rio de Janeiro, 2014.

GARFINKEL, H., *A Etnometodologia*; São-paulo; Petrópolis editora, Brasil, 1998.

GIDDENS A., e SUTTON, P., *Conceitos essenciais da Sociologia*, Unesp, São Paulo, 2015.

GIDDENS, A., *As Consequências da Modernidade*, Unesp, São Paulo, 1991.

GO, Julian (Department of Sociology of Boston University – Boston – EUA), *Bourdieu, Argélia e a Perspectiva Pós-Colonial*, Revista Contemporânea 8, n.1, UFScar – Brasil, 2018.

GONÇALVES, A., *Modernidades Moçambicanas e Educação: da crise de referências ao vazio de sentido*, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2018.

GUIMARÃES, António Sérgio Alfredo, *Como trabalhar com "raça" em Sociologia*, revista Educação e Pesquisa - USP, São Paulo, 2003.

GOFFMAN, Erving, *o Interacionalismo Simbólico*, Editora Papyrus, Lisboa, 2002.

GUNE, Emídio, *Análise Social, vol. XLIII (2.): Momentos Liminares: dinâmica e significado no uso do preservativo*, 297 – 318, Maputo, 2008.

GROES-GREEN, Christian, *Exploração ou gratidão? Patronagem íntima e a gramática moral das trocas sexuais econômicas entre jovens curtidoras e europeus mais velhos, expatriados, em Maputo – Moçambique*, cadernos Puagu (47), 2016.

GOFFMAN, E., *Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Zahar, Rio de Janeiro, 1963.

HALL, Stuart, *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11. ed., Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006

HOBBSAWN, Éric., *Nações e nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade*, 1990.

JOSSIAS, E., *Autoridades locais em Moçambique: dinâmicas e processos de sua articulação*, Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 16 à 18 de 2004.

JÚNIOR, Jorge Leite, *A Utilidade das Palavras*, Boletim Coletividades, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 05/06/2020.

LALÁ, A.; THEIMER, A. *Como limpar as nódoas do processo democrático? Os desafios da transição e democratização em Moçambique (1990-2003)*. Maputo: Konrad-Adenauer-Stifung, 2003.

LAVRADOR, Benvinda, *Masculino/feminino: mitos e utopias em Yara, a virgem da babilônia*, Departamento de estudos Ibéricos e Latino-americanos da Universidade de Cocody-Abidjan, Costa de Marfim, s/d.

LEONARDO, R., ATHAYDE, T., POCAHY, F., *O conceito de cisgeneralidade e a produção de deslocamentos nas políticas feministas contemporâneas*, Universidade do Rio de Janeiro, 2015.

LOWENKRON, Laura, *(Menor)idade e consentimento sexual em uma decisão do STF*, Doutoranda em Antropologia Social – Museu Nacional/UFRJ, 2015.

LOPES, Natânia, *Sentidos e Fantasias sobre o “luxo” na Prostituição de “Alto Escalão” Carioca*, Rio de Janeiro, 2021.

MARTINS, Paulo Henrique, e BENZAQUEN, Júlia Figueiredo, *uma proposta de matriz metodológica para os estudos descoloniais*, Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE, volume II, N° 11, s/d.

MARX, K., *O Manifesto comunista*, Livraria imprensa, 7ed., Maputo, 2014.

MAUSS, M., *Ensaio sobre a dádiva*, Porto Alegre, 1965.

MALOA, J. M., *A emergência da criminalidade urbana violenta na sociedade moçambicana pós-colonial*, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

MATEBENI, Zethu, *perspectivas do sul sobre gênero e sexualidades: uma intervenção queer*, São Paulo, versão onLine, 2017.

MISSE, Michel, *Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido"*, Lua Nova, São Paulo, 2010.

MENESES, Maria Paula, *Mulheres insubmissas?: mudanças e conflitos no Norte de Moçambique*, CES universidade de Coimbra, Portugal, 2008.

MENDÉZ, María Luisa, e GAYO, Modesto, *Upper Middle Class Social Reproduction: Wealth, Schooling, and Residential Choice in Chile*, Palgrave macmillan, Santiago, 2019.

MAHUMANA, A., *Afirmção da identidade na prática da prostituição na rua do Bagamoyo, na cidade de Maputo*, UEM, 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, *"Imigração subterrânea": prostitutas brasileiras em Maputo*, Navegar - vol. 3 - nº 4, 2017.

MUCHANGA, José Luís Magaço, *Rua dos Macondes, um epicentro do HIV/Sida? : - um estudo sociológico sobre a prostituição de rua na cidade de Tete*, UEM, Maputo, 2011.

MUIANGA, B., *Risco e Saúde no contexto do VIH/Sida, o caso da prostituição na Baixa da Cidade de Maputo*, UEM, Maputo, 2009.

MOUTINHO, L., *Sugar relationships: sexo, afeto e consumo na África do Sul e no Brasil*, Revista Estudos Feministas, vol. 27, nr. 3, Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

NCOMO, Barnabé L., *Uria Simango: Um Homem, uma Causa*, Maputo, 2012.

NEVES, R., (Rita Neves é Professora e investigadora da ULHT), *Estudos pós-coloniais: um paradigma de globalização*. Revista babilônia nº 6/7, 2009, pag. 231-239.

NEWIT, M., *História de Moçambique*, Europa-América Ltda, Lisboa, 2012.

PASINI, Elisiani, *Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa*, cadernos pagu (25 ed.), 2005.

PATRÃO, Ana Luisa, *Características psicométricas da Self-Elseem Scale em mulheres moçambicanas em risco*, Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde, Portugal, 2014.

PELÚCIO, L., *Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer*, Revista contemporânea: Dossiê Saberes Subalterno, 2012.

PELÚCIO, Larissa, e MISKOLCI, Richard, *A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes*, Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana, n.1, 2009.

PISCITELLI, Adriana *gênero no mercado do sexo*, Revista PaGu, Brasil, 2016.

PEDRO, Vânia Manuel, et al, *Percepções e Experiência dos homens sobre o planeamento familiar (PF) no Sul de Moçambique*, Physis Revista de Saúde Colectiva, Rio de Janeiro, 2016.

PERREIRA, Ana Cristina, *Das margens para o ecrã: mulheres moçambicanas na ficção cinematográfica moçambicana*, Lisboa, 2017.

QUIVY, Raymond, e CAMPENHOUD, Luck Von, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa, 2005.

RIBEIRO, Gabriel Mithá, *é pena seres mulato: Ensaio sobre relações raciais*, Instituto universitário de Lisboa, Lisboa, pág, 24, 2021.

RIBEIRO, Fátima, *Uma abordagem do tema da prostituição na poesia de Jose Craveirinha*, AMOLP, Maputo, 1995.

ROCHA, Aurélio António Nunes (coord.), et al, *Maputo: Cidade das Acácias*, Alcance, Maputo, 2009.

ROCHER, G., *Introduction à la Sociologie générale*, Editorial Presença, 4ed., Lisboa, 1989.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE - GOVERNO DA CIDADE DE MAPUTO,
*PLANO DE ACÇÃO PROVINCIAL PARA A REDUÇÃO DA DESNUTRIÇÃO
CRÓNICA – CIDADE DE MAPUTO*, 2015

SERRA, C., *Novos Combatentes pela Mentalidade Sociológica*, imprensa universitária da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1997.

SILVA, Maurício, *crítica pós colonial*, In: Revista Crítica Pós-Colonial: Panorama de Leituras Contemporâneas, Rio de Janeiro, 2015.

SCHUTZ, A., *Fenomenologia e Relações Sociais*. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1970.

SEGATA (org.), e RIFIOTIS, Theofilus, *Políticas etnográficas no campo da moral*, UFRGS editora, Porto Alegre, 2019.

SILVA, A., e BLANCHETTE, T., *Amor, um real por minuto: a prostituição como actividade econômica no Brasil urbano*, Rio de Janeiro, s/d.

SIXPENSE, J. B., e MUTISSE, A., *Infância e adolescência em Moçambique*, volume 5, s/e, s/l, 2008.

SOARES, Eduardo, *Segurança Pública: presente e futuro*, Rio de Janeiro, 2006.

SOARES, Eduardo, *Meu casaco de general: quinhentos dias no front da segurança pública do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2000.

TINTA, José Elias C., *A vida atrás dos riscos: uma análise antropológica da prática da prostituição na cidade de Maputo*, UEM, 2013.

TOURAIN, A., *What is Democracy*, Papirus, 1994.

UGUELEGUELE, Vasco Adão Sitei, *a reprodução do mercado da prostituição feminina: caso do “bills bar” no bairro de Albazine (2015-2017)*, Maputo, 2019.

VALÁ, Salim, C., *Economia moçambicana numa encruzilhada ?*, Maputo, 2019.

WEBER, M., *Conceitos básicos de Sociologia*, 3 ed., Papyrus editora, Lisboa, 1998.

WEBER, M., *Conceitos básicos de Sociologia*, 5ed., Centauro editora, São Paulo, 2002.

OUTRAS REFERÊNCIAS DE CONSULTA:

<http://redesida.web.ua.pt/ver.asp?id=26&tipo=2>, (consultado pelas 04horas, do dia 21/03/2020, fuso horário de Brasília).

<https://www.psi.org/country/mozambique/#about>, (consultado em 16/11/2019, pelas 14horas, horário de Brasília).

<http://www.salacriminal.com/home/a-criminologia-da-nao-cidade-uma-critica-a-escola-de-chicago>, (ambas consultas efectuadas nos dias 12/11/2019, e 11/03/2020 pelas 20h, e 22 horas – respectivamente -, pelo horário de Brasília).

<http://cncs.co.mz/sobre-nos/>, consultado nos dias 18/11/2019, e 20/03/2020 (ambas consultas efectuadas pelas 17horas, horário de Brasília).

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/01/120118_prostituicao_df_is, (consultado pelas 11 horas – horário de Brasília, do dia 18/04/2020).

<http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/mocambique/04-tipo-somatico-raca/quadro-12-populacao-por-tipo-somatico-origem-segundo-area-de-residencia-idade-e-sexo-mocambique-2017.xlsx/view>, (Consultado pelas 08 horas – horário de Brasília, do dia 13/04/2020).

Jornal NOTÍCIAS, HIV/Sida em alta nas trabalhadoras de sexo, edição do dia 22 de Outubro do ano de 2019, Maputo, página 7.

Jornal NOTÍCIAS, Aponta Francisco Mbofana, Director Executivo do CNCS, Moçambique pode controlar a Sida ate 2030, edição do dia 02 de Dezembro do ano de 2019, Maputo, página 2.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_jornais_e_revistas_de_Moçambique.

(Consultado pelas 12horas, do dia 19 de Novembro de 2019, pelo horário de Brasília).

<http://www.salacriminal.com/home/a-criminologia-da-nao-cidade-uma-critica-a-escola-de-chicago>. (Consultado pelas 15h, do dia 20 de Março de 2020, horário de Brasília).

https://ppl.gal/josé_craveirinha_o_grande_escritor_de_moçambique/ (consultado às 12horas do dia 09.06.2021).

<https://www.youtube.com/watch?v=7K4El-KotMc>. (consultado pelas 12horas –do dia 11/06/2020, horário de Brasília,).

Código Penal de Moçambique, Lei n° 35/2014, de 31 de Dezembro de 2016, Colecção universitária, Maputo, 2016.

_____ *Constituição da República de Moçambique, Imprensa Nacional de Moçambique, Maputo, 2008.*

_____ *Instituto Nacional de Saúde, Inquérito Nacional de Prevalência, Riscos comportamentais e Informação sobre o HIV/Sida em Moçambique, Maputo, 2009.*

_____ *Federação Internacional dos Direitos Humanos, Direito das mulheres em Moçambique: pôr fim às práticas ilegais, Liga Moçambicana dos Direitos Humanos, Maputo, 2007.*

_____ *Palestra subordinada ao tema: Mais Leniente com elas? Os determinantes das decisões do tráfico de drogas, organizada pelo PPGS-UFSscar, Maio de 2021, (ver podcast no canal do Youtube).*

_____ República de Moçambique (Ministério do Género, Criança, e Acção social), *Perfil de género de Moçambique*, Maputo, 2016.

_____ *Relatório de avaliação de necessidades!* Trabalho de sexo e violência em Moçambique, Hands Off, s/l, 2016.

Lei 05/1983, de 17 de Abril, Imprensa Nacional de Moçambique, Maputo, 1983.

- *Resolução número 50/AM/2010 de 15 dezembro: Estatuto Orgânico dos Serviços Técnicos e Administrativos do Município de Maputo e o Quadro de Pessoal:*

_____ MUNICÍPIO DE MAPUTO, ASSEMBLEIA MUNICIPAL, Resolução N° 19/2000, de 15 de Junho.

_____ MUNICÍPIO DE MAPUTO, ASSEMBLEIA MUNICIPAL, Resolução N° 50/AM/2010, de 15 de Junho.

<https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=21&c=mz&l=pt>. (consultado em 13/11/2019, pelas 13horas, horário de Brasília).

<http://www.iese.ac.mz/sobre-iese/> (consultado em 16/12/2019, pelas 11horas, horário de Brasília).

<http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/maputo-cidade/quadro-4-populacao-por-idade-segundo-nacionalidade-e-sexo-maputo-cidade-2017.xlsx/view>. (consultado em 13/12/2019, pelas 10horas, horário de Brasília).

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Capulana>. (consultado em 17/12/2019, pelas 11horas, horário de Brasília).

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sommerschild>. (consultado em 16/06/2019, pelas 11horas, horário de Brasília).

<https://www.worldbank.org/pt/country/mozambique/publication/mozambique-economic-update-less-poverty-but-more-inequality>. (consultado em 06/12/2019, pelas 11horas, horário de Brasília).

<http://opais.sapo.mz/parlamentares-da-sadc-debatem-mudancas-climaticas-mitigacao-e-adaptacao>. (consultado em 16/12/2019, pelas 18horas, horário de Brasília).

https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_de_Mo%C3%A7ambique, (consultado em 16/09/2019, pelas 04 horas, horário de Brasília).

<https://pt.justcnw.com/superficie/quilometros-quadrados-hectares/>. (consultado em 06/07/2020, pelas 11horas, horário de Brasília).

<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/28/nos-somosinvisiveistrabalhadoras-sexuais-afetadas-pelo-coronavirus.htm>. (consultado em 29/06/2020, pelas 11horas, horário de Brasília).

<http://cnscs.co.mz/sobre-nos/>.(consultado em 06/06/2020, pelas 11horas, horário de Brasília).

<https://meusalario.org/mocambique/lei-de-trabalho/o-trabalho-domestico.-o-que-e-trabalho-domestico/trabalho-domestico-em-mocambique>. (consultado em 10/05/2020, pelas 11horas, horário de Brasília).

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150105_estadoislamico_estados_hb. (consultado em 12/06/2020, pelas 11horas, horário de Brasília).

<https://oglobo.globo.com/mundo/papa-diz-que-camisinha-aceitavel-em-certas-ocasioes-2923615>. (consultado em 01/06/2020, pelas 11horas, horário de Brasília).

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Matola>. (consultado em 02/06/2020, pelas 11horas, horário de Brasília).

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ramad%C3%A3o>. (02/08/2019, 16h, horário de Brasília).

ANEXO

POEMAS DO ESCRITOR MOÇAMBICANO *JOSÉ CRAVEIRINHA*:

Mulata Margarida

Eu tenho uma lírica poesia,
nos cinquenta escudos do meu ordenado
que me dão quinze minutos de sinceridade
na cama da mulata que abortou
e pagou a parteira
com o relógio suíço do marinheiro inglês

Mulata margarida
Da carreira do machimbombo treze
De cabelo desfrisado com ferro e brilhantina
Fio de ouro com medalha de um misericordioso
Deus nosso Senhor do patrão
E tu Joaquim chofer do táxi castanho
Sabem que eu sou bom freguês
Três dias apenas depois do fim do mês.
E corpo moreno de mulata Margarida.

É vestido de náilon que senhor de cantina pagou
é quinhenta de chá
arroz e molho de amendoim

de Zeca Macubana que herdou olhos azuis
das românticas noites
de jazz nos bares da rua Araújo
enquanto a cinta elástica suspende
o ovário descaído.

E eu sei poesia
quando levo comigo a pureza
da mulata Margarida
na sua décima quinta blenorragia

Poesia extraída *In Xigubo*, (Maio de 1959)

Felismina

Com música
e jogo de luzes como nos circos
desabotoa-te lentamente, Felismina
desabotoa-te ao cúmulo das regras do cabaré
desabotoa-te Felismina.

Aqui na cidade
a cada milímetro do teu descaramento
vais evoluindo alvejada a focos na barriga
vais evoluindo cada vez mais nua
vais evoluindo com música e tudo

vais evoluindo de mamana mal vestida
em bem despedida artista de strip-tease,
Com música da Europa
e jogo de luzes na tua nudez
vais evoluindo sem um único livro
vais evoluindo dentro deste circo
vais evoluindo Felismina !

A Buzinadela do táxi

Existe
em nós esta espécie de nova sesta
que não permite cerrar de sono autêntico as pálpebras
ou sendo uma ferrugem delapida-nos mais os negros
diamantes foscos de insónias antiqüíssimas
no duro chão bem arenoso das aringas.

E os narizes anticorrosivos
tresandam a brilhantina comum de muitos na almofada
e na sina de artífice moderna Rita Mamas-Texas
à buzinadela do táxi temperado o arroz insosso
da madrugada ela reage preta célula fotoelétrica
desde o asco intenso de amargura
até à ficha das pernas.

Prato de arroz

Bagos

Fazem jorrar motins de unhas
do clã de meninos à volta de um amuleto
em bom português chamado prato de arroz
menu exclusivo destas nossas mães
no esquema das virilhas cobrando
o salário em vigor na lei
do colchão em ajustes
crônicos de pernas
com pernas.

Ah, cambada de uma espécie
de meninos nesta feliz forma de entrar
a fundo na vida sem ao menos a percepção bem
cão de vivê-la
ou gozar de longe como nos fica todas as noites isto tudo
como um caju verde crestando-nos o lábio.

Mas abortar

o meio minuto em que sai filho
não elimina de vez a razão dos sexos insindicalizados
nem enche de arroz as bordas

deste prazo.

Histórias das Lagoas

Aqui

vida está na Lua

quando noite escura silêncio faz canção

e velho cajueiro assobiando ventos de boogie

também é marinheiro esperando

Leta Conceição.

Aqui

vida está na hora de Lua

Está na ante privada sala comum de cajueiro

está no vazio que chegou ou não.

Vem não vem marinheiro

coitado filho de Leta

coitada mãe de sua mãe

coitada janela acesa na barraca das lagoas

de coitada Leta Conceição.

Ode à Teresinha

Teresinha:

Teu rosto imaturo

com mais esses olhos munhuanenses

e o iniciado sentimento de amargura

no semi-cinismo triste das tuas gargalhadas
e nos teus amulados cabelos ainda os laçarotes
cor-de-rosa nas tranças e por cima a boina branca
de um marinheiro enjoado nos sete mares de uma garrafa.

E na tua hipótese de busco
os futuros seios dois mamilos nas costelas
e por fim essa maneira de andar como a Joana
e à gestação das violas do "Bar Luso" as violáceas
olheiras excitantes da convalescença do filho
de três meses parturiado ao décimo oitavo
uísque-e-soda ginecológico
antes da meia-noite.

Ah, Teresinha
nos teus lábios
ao bater da porta altas horas
tão prematura em vez da palavra "Mamã"
a tua voz infantil: - Tem gente.

Teresinha:
agora as tuas inconfessáveis carícias
afamadas a cinqüenta escudos de "três pratos"
e na vigília dos fregueses um de cada vez tu mesma
a cruzar e descruzar as pernas osseomaniacas
ainda com saudades de baloiços saltando no compasso

vertiginoso de um *rock'n roll* bestial
às mãos sacanas do António chulo.
Sim
tu minha Teresinha já tua voz rouca
de nicotina e álcool escabrosos nomes
inconcebíveis gritando até corar a noite
tu prostitutazinha virginal dos serralheiros
soldadores
tripulantes
recrutas sem cheta
terceiros oficiais e informadores
todos ávidos da evolução técnica mas impúbere
do teu ângulo azul-escuro de anjo na cama
namorados que levam de cada idílio contigo
e cosmopolita recordação das tuas gonorréias
e na posse da tua afamada inocência experiente
o lento ritmo moçambicano de nádegas
os olhos no céu de chapas de unitex
e dois vestidos e um saiote no Verão em pleno
bandeiras hasteadas atrás da porta no inverno
minha tipa dos táxis da Rua Salazar
com toda a percentagem para o Silva.

Oh, Teresinha

Borboleta gira dos recantos da meia-noite
caramba! Já teu sangue imune aos antibióticos
camarada do Pacheco da viola tangida com dois dedos
cortados pelo ciúme nazi de uma serra eléctrica
tu companheira da Paulina com hilos
inflamados no pulmão direito no samba
pois a Teresinha as tuas mãos sábias de todos
os segredos peculiares dos marítimos estrangeiros
na minha máscula e nervosa mão grande como um País
e descansa no meu ombro cansado de cansar-se até não
se cansar mais a tua cabeça desfrisada a ferro
e soletra palavra por palavra este poema inscrito
em português minha irmãzinha das noitadas
madrugatórias na tua terra Teresinha.

Sim, Teresinha

tu menina encartada de mulher da vida aos treze anos
engatada a assobios "tsuí-tsuíuuu" na rua
histórica e relaxada putéfia dizem os choferes
impura e bebedanas da ponta dos dedos aos pulmões
mas fértil como o leite dos mamilos deste Sol
adubo infantil nas machambas dos bares da Rua Araújo,
e ao romântico_xipefo da Lua nos zincos da Munhuana
tu reinventando as maldições terríveis dos xipócués

vem comigo Teresinha, vem comigo

e drogada ou desdrogada

reabita a Mafalala.

Poesias extraídas *In KARINGANA UA KARINGANA.*